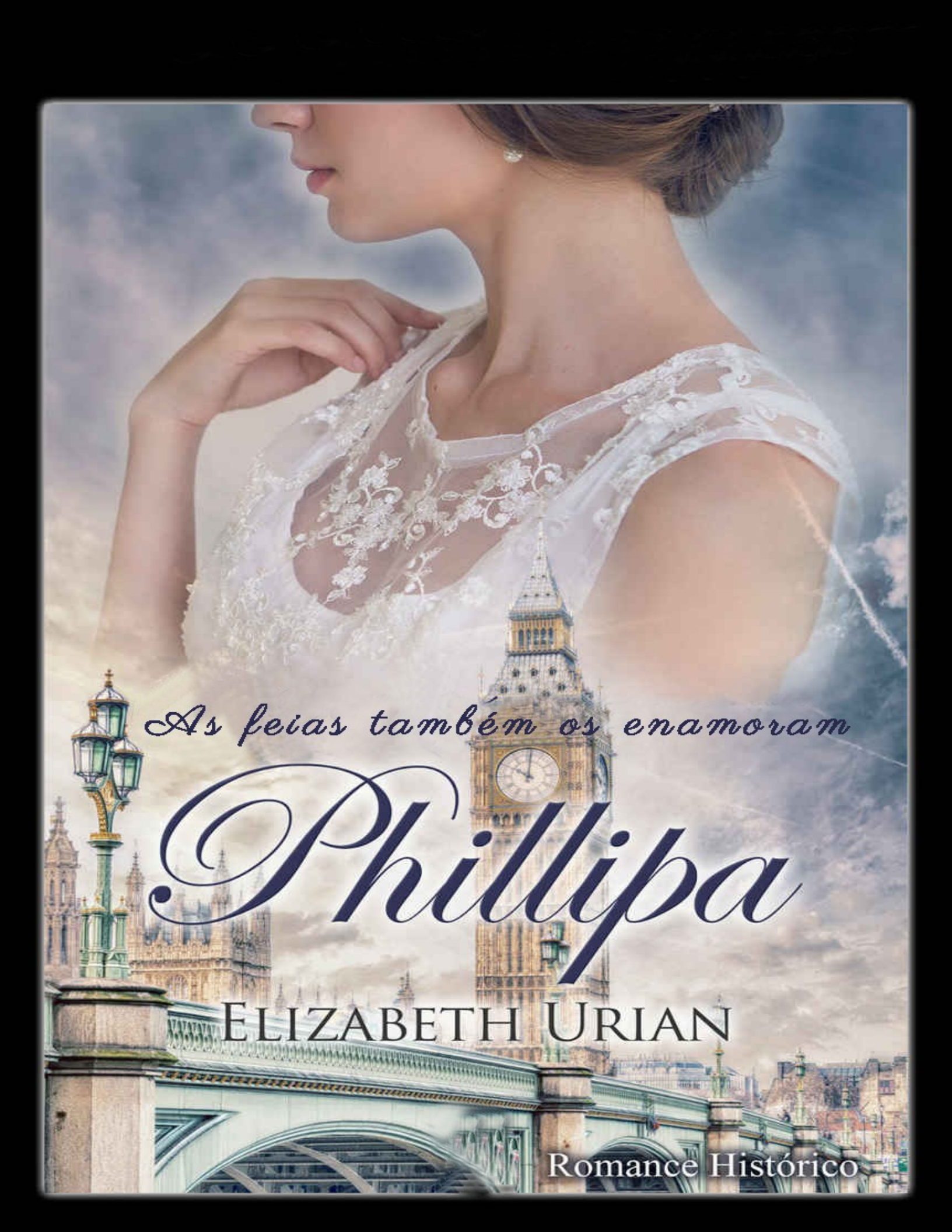




As feias também os enamoram

Phillipa

ELIZABETH URIAN

Romance Histórico



Phillipa

(As feias também os enamoram 5)

Elizabeth Urian

Sinopse

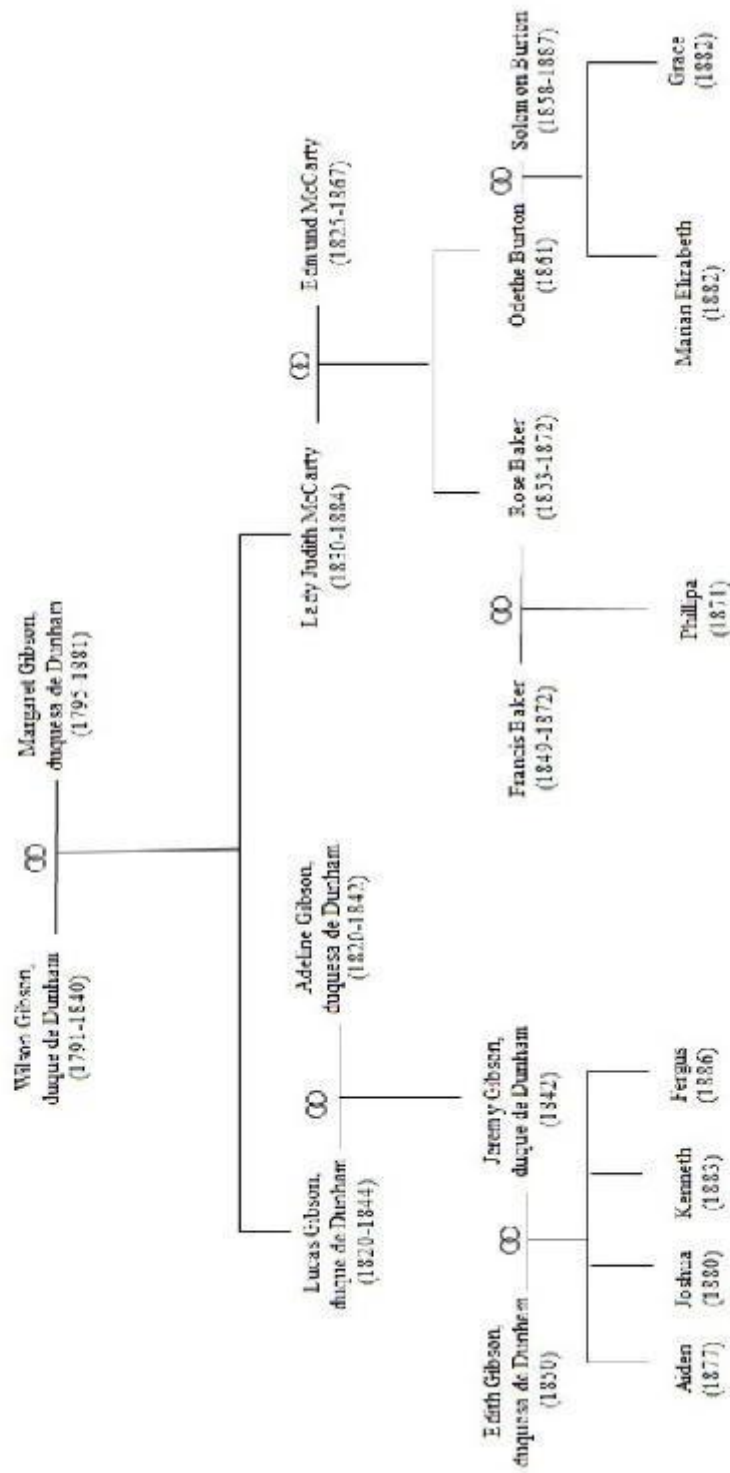
Depois de nos envolver nas histórias de Camile, Deirdre, Edith e Leonor, Elizabeth Urian nos traz a história de Phillipa.

Phillipa não é como a maioria das mulheres de Londres que vêm de famílias nobres. Ela é feia, mas nunca se importou, porque, quando jovem, sabia o que queria e se esforçava muito para consegui-lo, mesmo que isso a afastasse dos padrões sociais habituais.

Agora ela é enfermeira, não se limitando a ajudar os menos favorecidos com obras de caridade, mas transformou sua profissão em um modo de vida. Além de trabalhar em um hospital, ela também percorre os piores bairros de Londres, tentando ajudar aqueles que vivem neles, por isso precisa da ajuda de um protetor.

Após um incidente, sua família age sobre o assunto e lhe impõe Sebastian Field, que a segue por todos os lugares, sobrecarregando-a com regras que restringem sua liberdade, levando-os a confrontar seus diferentes pontos de vista.

E enquanto cada um deles aprende a ceder, Sebastian se revela como um homem que vê além das aparências e que a entende e a admira. Quando os sentimentos aparecem, ambos devem ter cuidado, porque os perigos se escondem onde menos esperam.



Prólogo

Londres, 1888.

— Phillipa, tenha a gentileza de se sentar. Quero falar com você. — As palavras soaram com muita doçura, tal como costumava dirigir-se a ela. Não foi isso que chamou sua atenção, mas sim a formalidade com a qual a convocaram ao escritório.

Sua pele se eriçou.

A jovem olhou primeiro para seu tio Jeremy, em seguida, voltou o rosto às suas tias Edith e Odethe. Ambas as mulheres descansavam no sofá de mogno vermelho, de um tom muito semelhante ao papel pintado que cobria as paredes do escritório. Às suas costas, uma grande estante cheia de livros de encadernação antiga dominava o local, composto por móveis escuros e uma lareira de mármore branco com ornamentos dourados, e ressaltava como peça central.

Ela não se deixou impressionar por aquela elegância. Estava habituada a ela.

— O que ocorre?

— Nada de ruim — respondeu seu tutor. — Só pensei que lhe faria bem contar com a presença de suas tias.

Apesar dele segurar sua mão direita e estreitá-la com afeto, isso não aplacou suas dúvidas.

— É claro — disse ela ainda desconcertada, pois desconhecia o motivo pelo qual a chamaram logo depois do desjejum.

Phillipa se acomodou em uma das poltronas e ele o fez atrás da antiga mesa de escritório. Esperou que ele começasse.

— Na semana passada tive uma conversa muito interessante com lorde Northey, cuja família procede de Dorset. Ele é o herdeiro do condado. — Phillipa assentiu a modo de resposta, não muito segura de onde ele pretendia chegar. Para ela, o cavalheiro em questão não era mais que outro dos aristocratas com os quais costumava encontrar nas reuniões que sua família a arrastava em plena temporada social. — Ao parecer, deixou nele uma ótima impressão.

Phillipa demorou a assimilar as palavras e quando finalmente o fez não pode evitar a suspeita.

— Eu? Não será por minha beleza... — brincou, já que se considerava uma jovem em falta disso. Seu rosto não era só anódino, mas também carecia de qualquer traço que a fizesse minimamente formosa.

Ela se aceitava tal como era. Com aquela brincadeira só pretendia que todos rissem e assim, relaxar o ambiente, se bem que sua tia Edith lhe lançou um duro olhar de reprovação.

— Cada um é como é — assinalou a duquesa. — A beleza se encontra na alma.

— E está em poder de cada um apreciar esse traço — replicou o marido, olhando-a com devoção. — Eu o fiz com sua tia e desde então sou o homem mais afortunado do mundo.

— Mas bem que lhe custou perceber — declarou Phillipa, que conhecia sua história perfeitamente. Encantava-se ao escutar o modo em que ambos haviam chegado a se apaixonar, passando do ódio a um sentimento que parecia crescer dia a dia.

— Por sorte, reagi antes de cometer um erro irreversível e atuei sem consequências. Jamais poderei estar mais agradecido por minha querida Edith me corresponder.

Sua esposa o obsequiou com um sorriso carregado de adoração que fez com que Phillipa suspirasse de inveja.

Sua apresentação na sociedade não havia despertado muito revoo entre os possíveis e aceitáveis candidatos — um detalhe que nem esperava. — Ademais, o duque de Dunham se encarregava de manter a distância os lordes interessados apenas em seu dote, por isso suas opções eram poucas — o que era uma excelente notícia, já que não estava preparada para se casar. Todavia, isso sem dúvida, não significava que não pudesse sonhar de vez em quando em se apaixonar e viver uma vida cheia de amor e felicidade.

— Jeremy, conte a Phillipa sobre a visita de Lorde Northley — pediu Odethe.

Não foi grosseira, nem tão pouco gentil. A mulher costumava se comportar com demasiada solenidade e com

uma ponta de severidade até mesmo quando estava rodeada pela família. Só estava com vinte e sete anos, apesar de aparentar mais devido a sua expressão séria, seu penteado demasiado tenso e por seu vestido negro. Odethe Burton continuava usando um luto rigoroso mesmo após ter passado mais de um ano desde o falecimento de seu esposo.

— Obviamente, prima. Por acaso acredita que vou me esquecer do pedido de casamento?

Surpreendida, Phillipa sentiu o calor abandonando seu corpo. Suas pernas fraquejaram, inclusive sentada. Custou a ela articular a voz, se bem que ao final foi incapaz de terminar a pergunta.

— Está dizendo que...?

Seu tio assentiu com um sorriso pintado nos lábios.

— Lorde Northley disse que vocês não parece uma jovem tola. Ao que parece esteve falando sobre a epidemia de cólera que atingiu Londres na metade do século e de como isso mudou as medidas higiênicas na cidade.

— Santo Céu! — A exclamação de tia Odethe fez com que todos os olhares recaíssem nela. A mulher parecia horrorizada. — Essa não é uma conversa apropriada para uma dama — advertiu.

— Embora devo dizer que não seja um assunto muito agradável — opinou o cabeça da família com prudência, — nossa querida Phillipa carrega algumas inquietudes que nada tem a ver com os bordados.

— Porque você permite — reclamou sua prima com certa frieza. — Você a anima muito com suas leituras.

— Preferiria que eu a proibisse?

— Não vou me casar com ele — anunciou Phillipa rapidamente para evitar uma discussão desnecessária. — Agradeço lorde Northley pelo seu interesse, mas não o farei. Titio, você me prometeu que após a minha apresentação poderia começar as aulas na escola de enfermagem.

— Como? — Odethe reagiu no ato. — É a primeira vez que escuto semelhante despropósito.

«Por isso mesmo ocultei de você», pensou Phillipa.

— Quero ser enfermeira — anunciou com absoluta clareza, convicção e com a cabeça alta, o que lhe valeu um olhar reprovador.

— Não estou muito seguro de querer isso para ti, Phillipa.

Ante semelhante declaração de intenções por parte do duque, Phillipa lhe lançou uma expressão carregada de reprovação antes de se levantar e começar a andar pela biblioteca como um animal enjaulado. Nos últimos meses havia suportado a voragem dos preparativos de sua apresentação em sociedade porque sabia que depois ela poderia fazer o que na realidade desejava.

A jovem se deteve a um passo da mesa do escritório.

— Tio, o senhor me deu a sua palavra.

— Não pode permitir! — interveio Odethe com vigor. — Phillipa pertence a uma família decente. Seu bisavô foi duque. Seu primo Jeremy, é um duque. O que dirão nossos conhecidos? Pensou em sua reputação?

— Reputação? — Repetiu Phillipa virando-se para ela com os olhos muito abertos. Não estava surpreendida pela

beligerância que sua tia demonstrava, tão apegada às convenções sociais como estava, mas não podia tolerar que ela convencesse a única pessoa que poderia acabar com todos os seus sonhos. — Exercer a profissão de enfermeira licenciada não é uma desonra, mas sim uma profissão decente. Quero ajudar aos mais necessitados.

— Poderá fazê-lo quando estiver casada. As obras de caridade são uma distração apropriada para uma dama — defendeu sua tia Odethe.

— Isso não é o que eu desejo.

— Phillipa, você possui um pedido de casamento formal. Deve se casar.

— Não — contestou com obstinação. — Não o farei nem que me arraste à igreja.

Odethe lançou um gemido.

— Insolente!

Phillipa não fez caso.

— Florence Nightingale foi uma jovem de boa família, e em vez de se casar e ter filhos como se esperava dela, foi à guerra da Criméia para depois fundar sua escola de enfermeiras — replicou.

— Foi essa mulher quem meteu semelhante idéia na sua cabeça? — Perguntou, indignada, enquanto enrugava o cenho.

Phillipa suspirou exasperada. Por acaso sua tia permanecia cega ao mundo? Então teve que se lembrar que nos últimos anos ela havia passado por muito: perdeu a sua mãe, seu esposo, e agora devia se ocupar sozinha de suas duas filhas, as gêmeas Marian Elizabeth e Grace.

Tratou de não levar em conta seus protestos e se explicou com toda delicadeza.

— Isso não pode acontecer porque nem sequer a conheço em pessoa. Acontece que li muito sobre ela e sua história me inspira. Eu quero fazer meu próprio caminho, embora o primeiro passo seja ingressar na escola de enfermeiras do Saint Thomas's Hospital.

Odethe não reagiu com a mesma delicadeza que Phillipa mostrava.

— Não me importa absolutamente quem seja ou o que fez essa Florence! — Fez gestos com as mãos e tirou um lenço para secar o suor do rosto. — Jeremy?

O duque olhou de uma para outra para finalmente pousar os olhos sobre sua esposa. Ele deu o seu apoio com um sutil assentimento de cabeça.

— Odethe, creio que pode se retirar. Eu me encarregarei.
Ela se negou redondamente a partir.

— Obviamente que não. Não vai me excluir desta decisão. Ela tem somente dezessete anos; não pode fazer caso de suas delirantes fantasias.

— Recordo-lhe que eu sou seu tutor. Corresponde a mim dar a última palavra.

Sua resposta conseguiu irá-la.

— E eu lhe recordo que ela é mais sobrinha minha que sua — argumentou retalhadora, com as costas bem tensas e o queixo levantado.

Jeremy, na realidade, não era tio, mas sim, primo de sua mãe a quem seu pai, que faleceu quando ela era pequena,

decidiu que seria seu tutor juntamente com Odethe. Sem dúvida, Phillipa sempre a havia chamado de tia.

— Está bem, está bem — intercedeu Edith com doçura. — Odethe, entendo que esteja preocupada, mas acaso não confia no bom senso de Jeremy?

— Sim, o faço. Ele abriu as portas de sua casa às minhas filhas e a mim após o falecimento de meu querido Solomon. Só tenho medo de que seu juízo seja alterado pelos sentimentos que tem por Phillipa. Nunca negou nada a ela.

Aquilo era terrivelmente verdade. Desde a morte da avó de Phillipa, ele a havia tratado como se fosse sua própria filha, a amava da mesma forma que a seu primogênito Aiden ou, aos que nascessem depois: Joshua, Kenneth e Fergus. Jeremy se interessava pelos estudos da jovem, manejava seu dote, para aumentá-lo, mantinham estimulantes conversas enquanto passeavam juntos por Stanbury Manor e quando jogavam xadrez. Havia se acostumado tanto a ela, a seus abraços e a seus sorrisos, que era difícil aceitar a idéia de deixá-la ir.

Jeremy massageou sua nuca com cansaço, meditando bem suas opções. Num primeiro momento pensou que a oferta de lorde Northley era uma notícia esplêndida. Sem dúvida, aquilo significava que Phillipa se casaria e se afastaria para sempre de sua proteção.

Aquele pensamento conseguiu fazer com que seu estômago ardesse. Sua sobrinha não estava preparada para isso, mas ser enfermeira? Era esse seu destino? É claro que não; ela merecia algo melhor.

— Tio, cumprirá com sua palavra ou vai me fazer infeliz?
— Pressionou Phillipa com um tom suplicante ao qual era difícil resistir.

— E então, Jeremy, qual será a sua resposta? Permitirá o capricho ou assumirá seu papel de tutor como corresponde?

Jeremy Gibson, duque de Dunham, engoliu a saliva. Fosse qual fosse sua decisão, terminaria se encontrando em problemas.

Capítulo 1

1898

— A irmã Milton a acompanhará à sala de repouso.

Com um olhar de entendimento e um pequeno e perceptível movimento de cabeça, a enfermeira segurou a cintura de Betsy e ambas saíram da sala de curativos deixando atrás de si, a porta aberta.

Phillipa suspirou cansada e se negou a adivinhar o quanto era tarde.

— Poderia ter sido pior.

A voz de Martin a sobressaltou. Ela o olhou e tentou esboçar um sorriso.

Sim, poderia ter sido pior. Como por exemplo: que Betsy houvesse acabado morta em vez de apenas apresentar feridas superficiais no braço.

— Doutor?

Um policial surgiu na sala e eliminou a possibilidade de que pudesse responder.

— É apenas uma ferida superficial que curará em pouco tempo — informou Martin com voz muito profissional,

aproximando-se dele.

«Sim, disso não demoraria a se recuperar», pensou Phillipa. O que duvidava era que jamais Betsy esquecesse o rosto irado de um de seus clientes enquanto tentava acabar com a vida dela.

— Mas a senhorita decidiu ficar conosco um tempo para que atendamos suas outras, hum... doenças.

Os três sabiam a que se referia, mas o agente teve o bom senso de apenas assentir.

— Talvez seja o melhor.

E era, é claro. Para todos.

— Acompanho-lhe à saída, então — ofereceu-se Martin. Por enquanto, seu trabalho estava concluído, embora não seu turno.

O agente de polícia o deteve com um gesto.

— Não se incomode, doutor, conheço o caminho.

— Insisto. Importa-se, enfermeira Baker? — perguntou Martin, sempre pendente do protocolo quando não estavam a sós.

— Em absoluto, podem ir. Ainda tenho trabalho a fazer.

— Lançou um significativo olhar à maca e a mesa cheia de bandagens, baldes com água ensanguentada e utensílios de curativos que precisava limpar e esterilizar.

Ambos se despediram e desapareceram, deixando atrás de si o silêncio que ela tanto valorizava e que a envolveu como uma cálida e confortável manta.

Enquanto lavava as mãos com meticulosidade se lembrava de todo o seu bom trabalho. E não porque

necessitava; Phillipa amava ser enfermeira. Não era só um trabalho, mas sim parte indefinível dela mesma há muitos anos. Além disso, essa noite, não havia somente ajudado a curar um braço machucado. Seus esforços haviam dado fruto finalmente e Betsy havia aceitado se internar para que a ajudasse a tratar a sífilis da qual padecia, motivo pelo qual o cliente da prostituta, depois de descobrir, tentou assassiná-la num ataque de ira.

Colocou o instrumental na sala de esterilização, onde permaneceu mais de meia hora até que o teve tudo limpo e devolvido ao seu lugar original. A roupa iria direto para um cesto que recolheriam logo pela manhã. Só faltava devolver alguns unguentos e frascos de cristal com medicamento e poderia dar por concluída sua jornada.

Sua jornada. Há horas que deveria tê-la terminado. Nesse momento deveria estar em sua casa, sob os lençóis e sonhando em salvar mais vidas. Sem dúvida, ninguém a esperava lá, já não. Parte de sua vida e sua motivação se encontrava entre essas paredes, corredores e salas que faziam parte do hospital St. George Women's Charity. Graças ao esforço de seu esposo e dela mesma, o sonho de ambos havia se tornado realidade.

«Embora Charles tivesse vivido o suficiente para vê-lo com seus próprios olhos». Phillipa esboçou uma careta ao pensar.

Algumas coisas haviam ido tal como ela havia imaginado. Outras, nem tanto. Apesar das dificuldades, era enfermeira-chefe por mérito próprio. Graças ao financiamento

de Jeremy Gibson — duque de Dunham, — a uma considerável fração de seu dote e ao incansável trabalho em conjunto com seu falecido marido, havia criado esse hospital para mulheres, situado não muito longe da zona portuária londrina.

Ali ninguém sabia da relação que a unia a seu tio, nem porque ela pertencia à junta diretiva. É claro, estava inteirada do muito que se especulava sobre isso, mas Phillipa preferia não dar muita importância aos falatórios.

Por isso havia lutado tanto, por um lugar assim, ao qual pertencer e no qual poderia ajudar. E enquanto percorria os silenciosos corredores deu uma olhada rápida ao seu vestuário.

«O hábito faz o monge», pensou.

Pois nesse caso, o seu a identificava, sem dúvida nenhuma, como enfermeira. Vestia sua impoluta touca branca, a camisa de riscas azuis com punhos e gola engomados e a saia da mesma cor, protegida por um avental branco que naquela hora não apresentava o seu melhor aspecto. Com essa indumentária, não era possível não perceber qual era o seu trabalho. Embora não costumasse usá-lo para passear pelos bairros e distritos mais pobres como Whitechapel, Limehouse ou Poplar, assim como nas zonas dos portos e molhes.

Sua missão era ensinar às mulheres a forma de prevenir as enfermidades, principalmente as sexuais. Queria que elas soubessem como se defender e melhorassem os métodos de higiene insalubres e contagiosos. Que tivessem o

discernimento suficiente para se protegerem, assim como também os seus filhos e familiares. Mas havia uma doença em especial que derrubava todos os seus esforços: a sífilis.

Todo o seu empenho era dedicado as suas vítimas. É claro que não era uma tarefa simples, embora Phillipa não esperasse que fosse. Sem ir mais longe, nessa mesma noite conseguiu um milagre ao conseguir que Betsy permitisse que ela a ajudasse. Sim, com seu trabalho conseguia conscientizar e salvar algumas vidas, tudo valeria a pena.

Passou por uma sala de administração e, pouco depois, foi para uma das salas de repouso. Parou para escutar.

Silêncio absoluto.

Saboreou esse momento porque sabia que, em poucas horas, a rotina e a atividade diária faria da sala um buliço constante. Só de imaginár sorriu. Ela não demoraria em estar ali novamente. Isso se não se encontrasse percorrendo a parte mais empobrecida da cidade.

A dois passos de seu destino, e como costume, Phillipa procurou o molho de chaves em busca da qual necessitava para abrir a sala onde guardavam os medicamentos, unguentos e diferentes poções do hospital. Sem sequer olhar podia escolher com acerto a chave adequada.

Acelerou o passo e se deteve no mesmo instante.

Do lugar onde se encontrava via a porta entreaberta, um detalhe completamente incomum e estranho. Havia algumas regras básicas no hospital que obrigava toda enfermeira a cumprir. Uma delas era a de fechar as salas com chave, sobretudo se contivessem material delicado e valioso.

Havia sido ela quem fora buscar os remédios? Pensou. Não, não havia sido assim. Phillipa arrumava a sala de curativos enquanto Martin se preparava.

A irmã Milton. Sim, ela havia se descuidado, será? Sim, o mais certo, mas devia procurá-la para repreendê-la por essa imperdoável falha. Não em vão ela era a chefe das enfermeiras.

Acelerou o passo. A carga já pesava no braço esquerdo.

Parou outra vez quando estava a um passo da porta.

Vacilou. Ouviu algum barulho dentro da sala.

O coração se acelerou por um instante enquanto pensava nas opções. Era demasiado tarde para que alguma enfermeira do turno da noite revolvesse entre as estantes que continham os múltiplos frascos cheios de soluções e xaropes, mas talvez...

Empurrou a porta tratando de não fazer ruído. Certamente havia uma explicação perfeitamente normal.

Mas não havia.

Em questão de segundos, tanto Phillipa quanto o intruso ficaram paralisados. Ela, no marco da porta; ele, curvado sobre um saco onde estava colocando frascos de aspecto delicado.

A tênue luz que iluminava o corredor se refletiu num rosto conhecido que a observava com olhar frenético.

— Ronnie? — Ele continuava sem dizer nada, estático. — O que está fazendo aqui?

A pergunta era desnecessária, se bem que foi a única coisa que ocorreu a Phillipa.

Talvez devesse se sentir um pouco assustada, — e estava — embora prevalecessem alguns sentimentos muito maiores que ameaçavam devorá-la: traição, decepção e fracasso.

Ronnie era um projeto pessoal de seu esposo que ela se assegurou de continuar. Tratava-se de um jovem de quase vinte anos que ele tirou da rua para dar uma nova oportunidade. Um ladrão de pouca monta que preparou e reformou para um trabalho digno e respeitável. Apesar de sua morte, Charles havia conseguido, ou isso ela acreditava até então.

Apoiada na fé que seu esposo colocava nele, Phillipa conseguiu um posto de maqueiro para ele no hospital. Até esse mesmo momento, havia parecido um jovem disposto a trabalhar duro para ganhar um salário de forma honrada.

— Ronnie — repetiu. — O que...?

— Eu não queria — interrompeu ele com certa vacilação na voz, — mas necessitava...

— É dinheiro? Disso que se trata? — perguntou ela. — Se for o caso, deveria ter falado comigo.

O tremor das mãos dele moveu o saco e seu interior fez barulho. Foi nesse momento que viu com clareza as estantes abertas e quase vazias.

Tratou de argumentar com ele.

— Isso está errado, Ronnie. Isso que pegou é propriedade do hospital para ajudar as mulheres necessitadas.

— Eu preciso.

Aquilo poderia querer dizer qualquer coisa.

— Está enfermo? Alguém que você conhece? Se for assim, podemos tratar de ajudá-lo, não é necessário que o... — ia dizer «roube», mas preferiu mudar um pouco o termo — pegue emprestado.

Adiantou um passo e ele pegou a carga. Ela tratava de transmitir serenidade, talvez assim pudesses argumentar com ele.

— Preciso ir. Tenho que sair. — O tremor em suas mãos aumentou.

Phillipa se debatia entre o medo e a necessidade de impedir que ele levasse centenas de libras envoltas num saco.

— Ronnie, seja sensato. Não pode levar isso — advertiu, para depois mudar de tática. — Sei que você não queria e não estou chateada. — Aproximou-se um pouco mais, até quase tocá-lo, esticando a mão ao saco. — Podemos deixar isso aqui e falar com tranquilidade...

— Não!

O grito a pegou de surpresa, ele soltou o saco para agarrar seus pulsos.

Phillipa não pode esconder um gemido entre a surpresa e a dor. Ronnie a segurava com dureza. Sentia suas mãos como garras de ferro em seus delicados membros e evitavam a circulação do sangue.

— Po...por favor. — Não sabia o que estava suplicando, mas cada vez sentia mais medo daqueles olhos fixos nela, beirando a loucura.

— Não deixarei que me impeça de levar o que é meu!

— Não é seu! — ele replicou sem saber que era melhor ficar calada. — A polícia o deterá por isto e poderá ser preso. Por acaso não entende?

— Ninguém me prenderá! — vociferou. — Eu juro. Nem você e nem ninguém.

A soltou de repente, empurrando-a, o que a fez cair de costas. Phillipa sentiu o golpe duro do chão, mas não se permitiu perder os sentidos.

— Tranquilo, Ronnie, acalme-se. — Tentou acalmá-lo, mas se dava conta de que era um empreendimento destinado ao fracasso.

Pensou na possibilidade de se levantar e começar a correr, talvez até mesmo se arrastar para o exterior da sala.

Como se Ronnie fosse capaz de decifrar seus pensamentos, ou talvez tivesse se cansado de suas tentativas de tranquilizá-lo, se lançou para cima dela, mas Phillipa, movida por um instinto, lançou uma perna ao ar enquanto gritava. O som lastimoso e masculino lhe indicou que havia acertado ele. Não se importava onde desde que lhe permitisse se safar.

— Alguém me ajude!

Naquele momento o pânico já impregnava cada poro de sua pele e uma parte dela suplicava em silêncio que alguém tivesse ouvido seus gritos, talvez Frank, que, com toda certeza, matava o tempo sentado na recepção do hospital conversando com Mildred, a enfermeira de recepção, tivesse ouvido algo.

Sem olhar para trás, tratou de se levantar, mas uma mão a pegou pelo tornozelo e a jogou ao chão novamente.

— Ninguém me deterá! — grunhiu Ronnie novamente.

Arrastou-a um palmo e Phillipa cometeu o erro de girar a cabeça para olhá-lo. Os olhos de ambos se encontraram e ela soube que devia gritar mais.

— Socorroooooo!!!

De imediato, as mãos toscas e duras do homem alcançaram seu pescoço e ela sentiu, pela primeira vez em sua vida, como o ar a abandonava. Sem dúvida, foi apenas por um instante, porque, em seguida, se encontrou livre e tratando de respirar a mais insignificante partícula de ar que pudesse.

Mãos suaves a deixaram, sentada, contra a parede enquanto outra lhe acariciava o cabelo. Atreveu-se a dar uma olhada e contemplou Ronnie no chão, vermelho de ira, imobilizado por Martin e por outro doutor.

Com um fundo suspiro, fechou os olhos, celebrou que tudo houvesse terminado e um só pensamento se instalou em seu cérebro.

«Deus, espero que meu tio não saiba».

Nessa mesma hora, em Glasgow.

A chuva, o frio e a umidade não o atrapalhavam. Não podiam. Possuía uma missão e a cumpriria, pois bem sabia

da importância do que aconteceria na sociedade se não interviesse.

Escondeu-se mais contra a parede numa tentativa de evitar que a água o molhasse completamente, embora fosse inevitável. Justo atrás estava o guarda-chuva, mas era importante não utilizá-lo; não queria que o vissem. De fato, preferia assim. O repicar da água e os ocasionais trovões eram propícios ao êxito de sua tarefa. Não havia ninguém nas ruas que pudesses intervir, por isso havia se escondido num portal, o bastante afastado da luz para evitar ser detectado se por casualidade passasse um veículo, ou, alguém bastante louco para se aventurar nessa noite de cão.

Suas mãos enluvadas se moveram em seus bolsos, e uma delas tocou o frasquinho de cristal no fundo, reconfortando-o. O líquido que ele continha estava no estado final de desenvolvimento e era tão precioso para ele como se fosse um filho para uma mãe. Ele havia investido horas de trabalho, de sonhos e parte de suas esperanças. Quase dois anos de estudos que culminavam nessa prova crucial. Os ratos e milagres animais não lhe serviam. Necessitava de uma pessoa viva e o mais sã, possível, para testá-lo, para saber dos resultados, mesmo que fosse longe. Era sua grande obra e estava disposto a fazer o que precisasse para levá-la a cabo. E, finalmente, nessa noite, daria o passo definitivo.

Pensou em escolher um lugar qualquer, ao azar, mas depois, a lógica se impôs. O mais essencial era não utilizar Londres como cenário. Por isso Glasgow lhe pareceu tão oportuno. Estava longe e ninguém seria capaz de relacioná-lo

com a cidade que o viu nascer e crescer. Embora não fosse só por isso. O fato de conhecê-la permitia a ele certas liberdades e experiências que em outro local do país não seria impossível, mas sim, complicado.

É claro, precisou mentir no local de trabalho alegando a morte de um familiar muito próximo, e, por este motivo havia passado o último mês instalado na sala de uma pensão modesta. Nesse período, voltou a familiarizar-se com as ruas, visto que a cidade havia mudado naqueles anos de ausência.

Depois disso, o próximo passo foi escolher quem acolheria o cálice da salvação. Alguns se atreveriam a tratá-lo como vítima, mas se equivocariam. Esse sujeito teria a honra de ser o primeiro; aquele que começaria tudo. Quando chegasse ao seu fim e compreendesse, todos iriam adorá-lo. Iriam querer saber sobre seu sacrifício. Também quem ele fora e como chegara até ali.

Precisava ser uma mulher, é claro. Elas davam a vida e ele, tirava. Deus podia ficar satisfeito. A opção mais plausível havia sido uma prostituta, mas logo a descartou. Inicialmente era indispensável fazê-lo bem. Logo teriam oportunidade de serem escolhidas, embora mais adiante. Aquelas mulheres estavam cheias de doenças que podiam colocar em dúvida o primeiro e definitivo resultado. Necessitava uma, o bastante jovem para resistir ao embate da solução que lhe administraria, e também o bastante madura para que o corpo a traísse.

Para ele era a parte mais miserável da cidade, e ele se concentrou nas ruas que havia pisado há mais de trinta anos.

Nelas habitavam pessoas modestas, como seus pais, lutando dia a dia para sobreviver num mundo cruel e inóspito, trazendo crianças ao mundo sem certeza de que pudessem chegar à vida adulta.

A casualidade fizera que topasse com ela e soube no mesmo instante que ela seria a adequada. Pelo que sabia, era uma mãe solteira que trabalhava sem descanso como costureira para dar de comer a seu único filho e para outra mulher, — bem podia se tratar de uma irmã de tão parecidas — ele havia comprovado suas rotinas e sempre eram as mesmas. Saía cedo, voltava justo quando o relógio tocava as três e saía novamente uma hora e meia, depois. Não pisava ali fora até exatamente às onze e quinze da noite, o que logo aconteceria. A igreja que ficava numa rua mais ao norte havia soado a hora em ponto há pouco tempo.

Como se houvesse chamad-a com o pensamento, ouviu alguns passos rápidos que se aproximavam. Em outras circunstâncias, nem ele, nem outro ser humano teriam percebido, devido a incessante chuva, mas esteve esperando-a e aguçando o ouvido. Só precisava surpreendê-la no momento preciso. Não precisava de nada, nesse dia. A água seria sua aliada.

Quando a sombra passou ao seu lado, o homem se balançou sobre a não tão desprevenida figura feminina. O guarda-chuva se desprende da mão quando se abriu num reflexo, e a mulher correu para tentar de recuperá-lo. pois podia utilizá-lo como arma. Ambos sabiam que gritar era um ato inútil, pois ninguém a ouviria — embora se assim fosse,

ela poderia receber auxílio caso alguém ouvisse. — Lutaram sob o aguaceiro: ele tratando de dominá-la e ela resistindo com todas as suas forças. Sem dúvida, a mulher, miúda e esgotada pela dura jornada, não era rival para ele, mas mesmo assim não deixou de lutar, nem por um instante, por sua vida.

Arrastou-a até o portal que o havia abrigado até então.

— Shhh. Shhh. — Ele sussurrou junto ao ouvido dela enquanto seu braço prendia os dela e a segurava alguns palmos acima do solo. Com a mão livre tapava sua boca. — Não quero lhe fazer mal.

Como era de se esperar, ela não acreditou e continuou insistindo em dar chutes para tentar se livrar dele, em vão. Sem nenhuma firmeza sob seus pés, era muito improvável consegui-lo. Mesmo assim, como se tratava de uma sobrevivente, buscou nas poucas forças que lhe restavam, e conseguiu alcançar, por milagre, a faca que sempre guardava sob suas roupas para esses casos, e que poucas vezes precisou utilizar. Investiu às cegas e conseguiu.

O gemido de dor soou alto e claro, mas a noite não acompanhava aquele milagroso golpe de sorte. O homem, ficou irado e lançou um murro na boca do estômago feminino, e ela se dobrou em duas, até quase perder os sentidos. O homem apalpou-se na parte superior das coxas e arrancou a arma sem piedade. Por sorte, as camadas de roupa haviam mitigado a profundidade, mas só poderia saber com certeza quando se examinasse na solidão de sua sala alugada. Com o domínio da situação recuperado, comprovou que a mulher

estava consciente, já que não podia administrar a ela o líquido de outro modo. Caso contrário, chegaria aos pulmões e elase afogaria.

— Espero que esteja satisfeita — sussurrou. — Não acreditou quando lhe disse que não queria matá-la e me feriu sem necessidade. Agora pagará por isso.

Com a mão livre, tateou a mulher, que se remexeu com asco quando sentiu as mãos em suas coxas. Longe de querer abusar dela em algum sentido físico, o homem meteu a mão para tirar a bolsinha que, estava certo, que ela mantinha atada à liga. Sabia que as costureiras recebiam o pagamento do trabalho diariamente, porque sua mãe também foi costureira e ela também escondia seu dinheiro na liga.

— Não. — A súplica chegou amortecida.

— Essa é a recompensa por todo o trabalho que me deu.

A verdade era outra. Não necessitava do dinheiro dessa pobre infeliz. Era uma desculpa. Quando a liberasse, queria que a mulher se concentrasse no dinheiro perdido em vez do que ele pretendia fazer em seguida. Como não teria sentido para ela, poderia passar despercebido quando procurasse as autoridades, coisa pouco provável. Não obstante, não queria se arriscar.

Às cegas tocou o frasquinho em seu bolso e tirou a tampa com o dedo. Agachado junto a seu corpo, a obrigou a abrir a boca e a fez engolir o líquido. Ela se remexeu e teve ânsias, mas o homem continuou segurando-a com firmeza e rezando para que ela não vomitasse o medicamento. Quando teve certeza de que havia conseguido seu objetivo, falou:

— Agora vou soltá-la, mas você será boazinha, não é verdade? — Esperou que ela assentisse. — Tenho uma pequena pistola em meu bolso — o que era uma completa mentira — e, além disso, sua faca. Se quando eu a soltar você não partir correndo, e se atrever-se a olhar para mim, sequer uma vez, morrerá de verdade. Acredita em mim?

Ela voltou a assentir, e ele se sentiu magnânimo quando a liberou.

Elea observou correr rua abaixo esquecendo até mesmo o guarda-chuva que jazia aberto ao seu lado. Com paciência voltou a fechar o frasco e o guardou. Assegurou-se de que não havia ninguém à vista, embora isso já não o preocupava muito. Afinal era noite e a chuva dificultava qualquer tipo de reconhecimento. Abriu seu próprio guarda-chuva e caminhou de volta ao seu refúgio com um pequeno incômodo na coxa.

Sem dúvida, enquanto se afastava, sabia que nem tudo estava terminado naquela cidade. Ainda precisava se manter vigilante por alguns dias a mais e seguir a evolução da mulher.

Cinco dias depois deixou Glasgow para sempre com uma certeza e o coração mais leve. A costureira havia morrido.

Capítulo 2

Da cama, sem chegar a se levantar, massageou os pulsos doloridos por causa da força empregada por Ronnie, sem saber que hora era, visto que as cortinas estavam fechadas. Só as fracas chamas no carvão da lareira lhe permitiam ver os esboços da sala. Apesar de seus temores iniciais, conseguiu conciliar o sono assim que sua cabeça tocou o travesseiro, esquecendo o ocorrido durante algumas horas.

Naquele momento se sentia descansada e com a mente lúcida, mas em seu interior havia se instalado um temor desconhecido até então. Apesar disso, havia assegurado que se encontrava bem, em especial ao seu tio, que era o mais preocupado de todos. Não era tão tola para menosprezar o incidente da noite anterior, já que num momento de pânico chegou a crer que o rapaz terminaria matando-a, embora tenha sido durante alguns segundos. Sem dúvida, disse a si mesmo que o ataque não serviria para assustá-la o suficiente para jogar por terra seu trabalho.

Havia demorado séculos para conhecer as ruas, as famílias e os problemas nos quais estas se viam envolvidas. Sabia onde se encontravam as tabernas repletas de

estivadores e as prostitutas mais populares. Não obstante, seu trabalho não era mais fácil agora do que quando começou. As pessoas eram esquivas e custavam a confiar nela, até mesmo às mulheres mais necessitadas de sua ajuda. É claro, parte do problema radicava na condição social da própria Phillipa e as que não a viam como uma igual. Para o *East End* não era mais do que uma enfermeira viúva e feia, mas não era difícil reconhecer sua educação pelo modo de falar e de se expressar.

Phillipa podia ter se convertido em carne de canhão para vulgares rateiros ou para ladrões que assaltavam a ponta de navalha, muito mais agressivos. Por ele, desde o princípio, seu tio Jeremy se assegurou de mantê-la escoltada. Além disso, sabia que ele pagava um valor a polícia para que fizessem as suas rondas pelos lugares que ela frequentava. Jamais ele havia admitido, mas Phillipa o conhecia o suficientemente bem para saber que não lhe permitiria realizar suas saídas sem garantias.

— É hora de se levantar — disse em voz alta para se animar. — Ainda há muito por fazer. — Possuía obrigações que não ignoraria, nem sequer naquele dia. As ações de Ronnie não podiam paralisá-la.

Saiu da cama, se escondendo imediatamente em sua bata de lã cor de rosa, um presente que se deu certo dia num alarde de vaidade, pois era confeccionada com babados, rendas e um cinto de seda. Phillipa era prática na maior parte de seu guarda roupa, que adequava a sua profissão, com formas simples e cores sóbrias. As blusas e as saias eram

pensadas para que ela conseguisse se mover pela cidade e pelos molhes sem medo. Um claro exemplo disso eram seus sapatos: feios, mas confortáveis. Não obstante, apesar de seu gosto pouco apurado, possuía alguns vestidos da melhor qualidade para não desgostar sua tia Odethe durante as reuniões familiares, visto que ela acreditava que uma mulher de sua posição devia se esmerar na aparência.

Com a ajuda de sua donzela ficou preparada em pouco tempo e, embora o horário do desejum já tivesse acabado, pediu que lhe preparassem um chá bem quente e algum alimento para não ficar de estômago vazio. Necessitava recuperar suas forças para encarar as próximas horas: o ambiente continuava sendo frio e lhe esperava uma boa caminhada.

Olhou-se no espelho de corpo inteiro antes de abandonar a sala. As maçãs do rosto haviam perdido a cor e sob seus olhos se observavam ruguinhas que atribuiu ao susto recebido.

Começou a descer as escadas que iam até o andar de baixo com ar decidido, se deteve quando estava na metade. Viu um desconhecido apoiado numa das paredes do estreito hall de entrada que, ao escutá-la, levantou o rosto e ficou olhando-a. Phillipa voltou a descer e o imitou, observando de cima abaixo seu traje cinza, composto de calça, camisa e casaco mais escuro, onde estava pendurada uma corrente de ouro com relógio que, com total certeza, teria guardado no bolso. A camisa branca estava engomada e a gravata bem arrumada.

Ela nunca julgava as pessoas por sua aparência e menos ainda quando Deus se encarregava de lhe recordar diariamente que jamais seria bela. Mas ela só precisava se olhar ao espelho. Tão pouco o fazia a respeito da classe social, visto que como enfermeira devia tratar a todos por igual, sem importar se se tratasse de um mendigo ou de um rei. Sem dúvida, ela não pode evitar pensar na qualidade das roupas do desconhecido, que não era ruim, embora tão pouco fosse da melhor.

Chegou à conclusão de que se tratava de um policial que vinha verificar o testemunho dado na noite anterior. Então, por que nenhuma de suas serventes a havia avisado?

— Quem é você? — «E o que faz em minha casa?», ela quis acrescentar, mas a boa educação a fez repensar.

— Bom dia, senhora Baker, meu nome é Sebastian Field.
— Acompanhou as palavras com uma inclinação de cabeça. — É um prazer estar a seu serviço.

Nada de sargento ou inspetor. A curiosidade de Phillipa aumentou e foi então que sua mente pareceu começar a raciocinar com clareza: havia dito «serviço»?

— Não me lembro de tê-lo contratado — asseverou rebuscando em sua memória.

— Pelo que sei, o fizeram pela senhora. Frank foi despedido e eu agora ocupo o lugar dele.

A voz soou tão profunda quanto segura. Tanto, que Phillipa não pode evitar fixar o olhar em sua boca, parecendo dura e firme. Sem poder evitar estremeceu e não precisamente de medo, mas sim porque se tratava de um

homem atraente, de rosto curtido, cabelo bem penteado e olhar penetrante.

Repreendeu-se por pensar assim. Muita grosseria e insensatez.

— Ninguém tem o poder de agir em meu nome.

Se pareceu brusca foi porque não desejava perder-se em seus olhos cristalinos, o que estava tentada a fazer. Ela não era uma moça tola que se deixava levar pelo romantismo. Nem muito menos uma incauta a quem seduziam mediante uma promessa de paixão. Ao contrário, sua viuvez a havia afastado dos sentimentos que ocorriam entre um homem e uma mulher para se concentrarem meramente em suas atividades de enfermeira.

Para ser sincera consigo mesmo, nunca havia experimentado semelhantes sentimentos. Sua relação com Charles havia consistido no carinho e na admiração mútua. Com seu esposo compartilhou uma relação morna e satisfatória que nada teve a ver com mariposas voando no estômago.

— Sinto dizer, senhora, que o duque de Dunham acredita que pode fazê-lo.

— Foi o meu tio? — Ela perguntou boquiaberta. Apenas haviam passado algumas horas desde o incidente e já estava intervindo novamente. — Embora não sei por que me surpreendo tanto. Ele leva a minha segurança a sério. — Andar sempre escoltada havia sido um requisito obrigatório antes dela aceitar fazer parte do hospital St. George Women's Charity.

O pigarro do desconhecido a tirou de seus pensamentos.

— Ao que parecer com bom critério, — acrescentou. — Teria a amabilidade de me explicar o que houve à noite?

Phillipa não gostou do seu tom de superioridade; e muito menos quando viu que já o haviam informado disso.

— Foi um caso isolado, caso esteja interessado em saber. — Embora duvidasse. Parecia que ele já havia tirado suas próprias conclusões. — Frank sabe quais são as suas obrigações.

— A mim não me pareceu. Ficou dormindo, senhora Baker; um dos maiores pecados que se possa cometer nesta profissão.

Phillipa não pode fazer outra coisa que defendê-lo. Frank estava com ela perto de cinco anos e nesse tempo sempre a havia respeitado.

— É um bom homem.

— Não duvido, se bem não seja isso o que me preocupa. Pelo que me contaram, não é difícil deduzir que a senhora gosta de ter o controle da situação — fez uma pausa. — Comigo será diferente.

— É uma ameaça?

— Não, não é. Estou deixando claro como será. A partir de agora, eu dito as normas, não a senhora.

Aquela última frase tocou um de seus pontos sensíveis, conseguindo alterá-la.

— Ofende-me!

— Sinto ferir sua sensibilidade. Seu tio me contratou para mantê-la com vida e juro por Deus que é isso mesmo

que eu vou fazer.

— Não acha que está exagerando? Encontro-me perfeitamente bem. Além disso — acrescentou, — não se esqueça a quem deve sua lealdade. Trabalhará para mim. — Phillipa se aproximou do senhor Field com fingido ar resoluto tratando de aparentar que dominava a conversa. Não podia deixar que isso escapasse das suas mãos. Como uma partida de xadrez precisava afiançar boa posição. Ela havia enfrentado dezenas de vezes homens pouco interessados ao diálogo só pelo mero fato de tratar com uma mulher, a seus olhos, um ser de condição inferior. Médicos, cirurgiões, estivadores ou marinheiros. Não importava sua classe social, nem sua educação. Ao contrário, Charles sempre a tratou como igual, aceitando suas idéias como se fossem próprias. — Não vou obedecê-lo sem mais nem menos, por mais autoritário que se mostre.

Durante alguns segundos, ele não moveu nem um músculo antes de dizer:

— Embora esteja a seu serviço, foi o duque de Dunham quem me contratou e ele me prometeu que posso agir com total liberdade. Então se eu digo não, é não; por mais que você se empenhe e sapateie.

— Eu não sapateio! Ademais, meu tio não possui nenhum direito de fazer isto. Não sou uma menina e já faz tempo que ele deixou de ser o meu tutor. Líder da família ou não, nego-me a consentir que manipule minha vida a seu desejo.

— Só deseja mantê-la a salvo — ele argumentou conciliador, antes que as coisas saíssem do controle. Aquela apresentação não havia começado com bom pé, mas ainda estava a tempo de melhorar. Sebastian não costumava discutir com seus clientes.

— Obrigando-me a suportar sua presença?

Se até então o rosto do senhor Field havia se mantido praticamente imutável, o modo tão pouco agradável que ela utilizou para se referir a ele conseguiu que tensionasse a mandíbula.

— Tão mal lhe pareço?

— É claro que sim! — Estava perante um insolente insuportável, um grosseiro sem modos e um orgulhoso com descaramento suficiente para por sua vida ao contrário, isso ela não permitiria. — Não tenho porque aceitar isso. E mais, exijo que saia de minha casa e diga ao meu tio que não pode continuar com o trabalho.

Contra todo prognóstico, Sebastian Field deixou escapar um sorriso brincalhão. Tanta beligerância lhe irritava e divertia ao mesmo tempo.

Phillipa o detestou ainda mais.

— E qual motivo apresentarei para ele, exatamente? Estou convencido de que lorde Dunham gostará de saber. Preciso alegar alguma razão indiscutível ou bastará dizer que a senhora é muito teimosa e caprichosa para aceitar a minha presença como seu protetor?

O rosto de Phillipa perdeu a cor.

— Isso não!

Estava segura que seu tio Jeremy se aborreceria se acreditasse que era por sua culpa.

— Então...? — a desafiou.

— Pode argumentar que suas aspirações são maiores ou que deve proteger alguém mais importante.

O sorriso do senhor Field se escancarou.

— Então devo mentir pela senhora.

— Só um pouco — pediu Phillipa. — Eu o recompensarei com algumas moedas — e se apressou a acrescentar: — e se não for suficiente, sempre poderemos negociar mais.

Ele se inclinou à frente e cravou seus olhos nela.

— Sua oferta poderia acarretar sérios problemas. Nunca, jamais, deve prometer mais dinheiro a um desconhecido... porque poderia não ter o suficiente.

Ante a advertência, Phillipa engoliu a saliva. Ele tinha razão, mas não era isso o que a inquietava de verdade, mas sim o modo como ele a observava. Isso conseguia agitar seu interior.

— Aceitará?

— Nem por todo o ouro do reino, — ele declarou com calma, jogando o corpo para trás. — Nunca renuncio as minhas obrigações.

— Eu não sou sua obrigação — afirmou um tanto incomodada.

— É claro que é. Tendo em conta que o duque de Dunham solicitou o melhor homem e lorde Hansberg pensou em mim, senhora Baker, deveria se sentir aliviada.

Não estava. Phillipa havia compreendido que com aquele homem autoritário seguindo-a a todo lugar, ela não teria a mesma liberdade de movimentos que gozava com Frank e isso era mais que um mero inconveniente.

Em vez de enfrentá-lo diretamente, desta vez tratou de convencê-lo.

— Seja sensato. Você e eu jamais nos daremos bem.

— Jamais é muito tempo — acrescentou ele com calma.

— Não podemos estar sempre discutindo sobre quem tem mais razão.

— Prefiro que as coisas sejam ao meu modo.

— É claro que prefere — expôs Phillipa, convencida. — E eu estou acostumada a seguir meu próprio critério. Assim o mais provável é que ambos terminemos nos odiando.

O senhor Field encolheu os ombros.

— Isso não deve preocupá-la: tal sentimento não interferirá em meu trabalho.

— Oh, obrigada! — Sinto-me mais tranquila sabendo que jamais me jogaria ao Tâmis.

— Então, assunto esclarecido. — Sacudiu a cabeça e tirou o relógio do bolso para consultar a hora. — Quais são seus planos para hoje?

«Desfazer-me de você», seria sua primeira resposta. Por sorte, conseguiu reprimir-se. Em vez disso falou a si mesmo que era uma mulher cabal e prática, por isso seria ruim que ele mostrasse seu valor, por pouco disposta que estivesse.

— Tomar meu desejo — ela respondeu, acompanhando suas palavras com um fugaz sorriso. Em seguida se dirigiu a

sala de refeição sem se importar se o senhor Field a seguia ou ficava toda manhã ali de pé.

«Poderia dar a ele uma oportunidade», pensou enquanto afundava uma colher no centro do ovo.

«Não será necessário acostumar-se a ele», pensou dando um mordida à tostada. Quando seu tio deixar de ficar tão assustado e todos compreenderem que sua vida não estava em constante perigo, enviariam o senhor Field para proteger outros e ela pediria que Frank voltasse.

«Hansberg atenderá as razões», argumentou com sua consciência antes de terminar a xícara de chá carregada de açúcar. Afinal, Frank também trabalhava para o marquês.

Phillipa limpou os lábios com o guardanapo e olhou o prato vazio. Parecia que discutir com o senhor Field lhe havia aberto o apetite, porque havia terminado comendo mais do que o pretendido.

Foi buscar seu casaco longo de cor verde escuro, que combinava com a saia, e o abotoou até em cima. Pegou o material que necessitava para trabalhar e comunicou ao senhor Field que partiriam.

— Necessitamos de uma carruagem de aluguel.

Ele não discutiu, mas não perdeu tempo na rua e procurou conseguir uma, o mais rápido possível.

Durante os primeiros minutos, ambos permaneceram em silêncio. Phillipa se acomodou no assento acolchoado e se entreteve olhando pelo vidro da janela, fazendo ver que não a alterava, em absoluto, a presença desse homem. Mas a realidade era bem diferente: era perfeitamente consciente de

sua proximidade, de seus olhares atentos ou dos toques fortuitos.

Demasiado perturbador para sua própria tranquilidade... e para seu gosto. Frank nunca havia despertado nela reações que pudessem considerar genuinamente femininas. Ao lado dele ela se sentia à vontade e protegida, nada mais. Ao contrário, aquele homem conseguia deixá-la alerta, ao mesmo tempo em que a fazia consciente de sua atração.

— Sei por seu tio que parte de seu trabalho é realizado nos molhes — escutou-o dizer mais tarde. — Gostaria que me explicasse em que consiste exatamente.

Sebastian a observou enquanto a senhora Baker voltava o rosto para ele e o olhava com uma expressão de desconfiança.

Riu para dentro. Seria difícil se dar bem com essa mulher. Normalmente, as pessoas que pagavam por sua proteção se sentia agradecida por tê-lo ao lado, velando por sua integridade física. Sem dúvida, ela se mostrava taciturna.

— Pensei que se dedicaria a me proteger e observar.

— Só por hoje — esclareceu. — Como está mais exposta do que no próprio hospital, quero ter uma idéia dos perigos potenciais. — Phillipa permaneceu calada. — E então? — insistiu ele.

— Não desejo aborrecê-lo.

— Não aborrecerá — ele respondeu com paciência.

— Oprimi-lo, então?

— Senhora Baker, necessito um pouco de sua colaboração se quisermos que esta relação funcione.

Phillipa enrugou o nariz, evidenciando seu desacordo.

— Aí está o problema: eu estou esperando que Frank regresse.

Sebastian pensou que ela não era só taciturna; ao que parecia, teimosa também.

— Não voltará. E não necessito explicar novamente o porquê.

Sua atitude não melhorou.

— Ele conhece meus costumes e a zona pela qual costumo me mover. Não sei de onde meu tio, mas diga-me: já pisou alguma vez em *East End*?

— É um lugar pouco recomendável à senhora — ele disse sem chegar a contestar sua pergunta.

— Porque sou mulher?

— Porque é de outra classe social — argumentou com parcimônia.

Phillipa apertou os lábios e não disse nada, pois não estava de acordo com aquela afirmação. Pensou que não possuía motivo para discutir, porque ele não entenderia o que significavam para ela aqueles lugares onde as pessoas viviam apinhadas em míseras vivendas, sem uma mínima salubridade e com escassas chances de progredir.

Diante de seu silêncio, o senhor Field optou por continuar:

— Como você não parece muito disposta a me explicar seus afazeres lá, e ainda não conheço as ruas habituais pelas quais se move, hoje lhe exigirei que não se separe nem um momento de mim.

Phillipa virou o rosto e o olhou com fixamente.

— Exigir? Quer dizer: pedir.

— Isso não está aberto a negociação, senhora Baker — declarou ele com um frio olhar. — Só existe um caminho que a leva a continuar.

Dos lábios de Phillipa brotou uma exclamação de genuína indignação. Ao que parecia, o tato não era uma qualidade que destacava no caráter do senhor Field.

— Que expressão tão pouco afortunada. Não sou uma vaca — respondeu ela. — Não sei com que tipo de pessoas está acostumado a tratar... — «Com gente refinada parece que não», pensou ela.

O senhor Field se desculpou acompanhando-a com uma inclinação de cabeça.

— Sinto muito. Uma desafortunada escolha de palavras, mas o significado é o mesmo: seguirá minhas normas de pés juntos.

Phillipa suspirou.

— Se conforma com pouco, não é verdade?

Ele deixou passar por cima seu sarcasmo e retomou a conversa:

— Não tenho tempo de escolher minhas palavras com cuidado. Isso é um jogo de naipes com o qual se entretém depois da cena, senhora Baker. É perigoso por inúmeros motivos. Então lhe peço com todo o respeito possível que não me ponha à prova. Repito: a senhora não se separará de mim em nenhum momento. Se eu digo que não fale com alguém em especial, não o fará, e ao menor gesto de insubordinação

da sua parte, partiremos. Se surgir algum contra tempo, partiremos também.

O brilho de advertência que desprendiam de seus olhos indicou a Phillipa que ele não brincava, em absoluto. Embora também fosse consciente de que aquele homem autoritário não estava levando em conta suas opiniões, nem seus desejos.

— Não, escute-me você — disse começando seu discurso. — Não sou tão tola para ignorar os perigos destas ruas. Por isso concordei em estar acompanhada de um homem armado, como suponho que você está. — Ele não precisou responder; Phillipa já sabia a resposta. Seria uma autêntica insensatez pretender protegê-la sem levar consigo pelo menos uma pistola. — Também sei que deverá tomar precauções, como por exemplo: resguardar a identidade de minha família. Ninguém nestes distritos sabe que meu tio é o duque de Dunham. Para eles, não sou mais que uma incômoda enfermeira do St. George Women's Charity. Minha presença não os agrada, porque lhes recorda, entre outras coisas, seus pecados sexuais. — O senhor Field arregalou um pouco os olhos mediante aquelas palavras tão impróprias em uma dama, mas a deixou continuar. — Ninguém deve saber — ressaltou com ênfase, — porque de outro modo seria impossível realizar meu trabalho.

— Sequestrá-la para pedir uma grande quantia de resgate seria uma tentação demasiado forte para deixar passar — concordou ele.

Phillipa assentiu com um seco movimento de cabeça.

— De fato. Se hoje decidi vir numa carruagem de aluguel não é por capricho. Eu faço sempre, assim evito suspeitas ou que assaltem o meu próprio cocheiro enquanto ele me espera.

Ele a olhou fixamente.

— E o pessoal do hospital?

Para Sebastian era necessário conhecer quantos estavam a par do parentesco, porque em algum momento a informação poderia ser vital.

— Somente Hárvey Crouch, o administrador sabe — ela esclareceu. — Ele e eu não nos damos bem, mas manterá o segredo se deseja continuar conservando a posição no hospital.

— E os demais? Não existe nem uma suspeita?

— Não é nenhum segredo a boa relação que mantenho com lorde Dunham, mas ele é nosso principal benfeitor. Um duque, nem mais nem menos, então ninguém se atreverá a difundir rumores de nenhum tipo. — Nem sequer os cirurgiões e os médicos, com os quais ela costumava manter acaloradas discussões. — E quanto a minha presença na junta diretiva, todos acham que se deve a uma honra adquirida após a morte de meu esposo, visto que ele foi o principal impulsor do St. George Women's Charity.

Sebastian ficou por um momento calado para refletir sobre aquilo. A primeira luz do amanhecer, Hansberg o havia convocado a seu escritório para informá-lo sobre as mudanças imediatas que ocorreriam: devia deixar de prestar seus serviços para lorde Lodge, em favor de outro companheiro, para se concentrar na viúva, cujo estilo de vida

a colocava em constante perigo. Essas foram suas exatas palavras. E embora fosse Hansberg quem pagava seu salário — e portanto, quem estava no comando, — ele pensou que devia de se tratar de uma mulher importante, pois ele foi avisado em cima da hora.

Escutar sobre uma enfermeira do East End fez com que sua curiosidade aumentasse, mais que nada, porque este não era o tipo de trabalho que costumavam encarregá-lo. Sem dúvida, em meio aquela estranha conversa apareceu o duque de Dunham, embora as peças demorassem a se encaixar.

O duque e o marquês eram amigos há muitos anos, faziam negócios juntos e ambos faziam parte de um grupo de ricos e aristocratas que compunha a junta diretiva de um hospital do qual ele nunca ouvira falar. Foi surpreendente escutar de suas próprias bocas que Phillipa Baker, chefe de enfermeiras do tal hospital, era, na realidade, a sobrinha de Lorde Dunham, que naquela mesma noite havia sofrido uma tentativa de assassinato e, que nem por todo o ouro do mundo conseguiriam tirá-la dali. Por isso necessitavam de sua ajuda.

Talvez a Sebastian não agradasse a repentina decisão, se bem que não teve mais remédio do que acatar a ordem.

— Seu tio está de acordo em manter as aparências?

Ela encolheu ligeiramente os ombros.

— Não foi premeditado, pois quando comecei a sair às ruas depois de enviudar, o fato de ninguém relacionar meu sobrenome de casada com a família Gibson resultou ser uma benção.

Fez-se um silêncio. Ela falava de sua atual condição com naturalidade e não usava nenhum tipo de luto, pelo que deduziu que o falecimento do marido devia ter ocorrido alguns anos antes.

Como seria o senhor Baker: amável e tranquilo ou talvez vaidoso e egoísta? Que tipo de relação poderia existir entre eles, com uma esposa e uma mulher tão beligerante? Haviam sido felizes ou se tratava de um matrimônio de acordo? Perguntou a si mesmo, mostrando uma curiosidade pela vida íntima dela, que não deveria ter.

Sebastian achava que ela era muito jovem para ser uma viúva. Todavia teria muitos anos pela frente e a solidão a faria repensar um novo matrimônio. Estava convencido de que seu tio poderia encontrar um cavalheiro de boa posição para alegrar as noites mais frias e os verões mais calorosos.

«Mas não é da sua conta isso», precisou se repreender com dureza. Não o pagavam para fazer especulações, mas sim para protegê-la.

Justamente nesse momento, a carruagem parou e Sebastian suspirou, agradecido de se ver liberado de tais pensamentos.

— Acabou o tempo. Chegamos. — Sebastian saiu da carruagem, deu uma rápida olhada à rua, rodeou o veículo e abriu a porta do lado de Phillipa para ajudá-la a descer.

Ela vacilou um instante antes de aceitar sua mão, mas nesse momento, o senhor Field lhe sorria serenamente e Phillipa se deixou seduzir por ele.

«Deveria sorrir mais e reclamar menos», ela disse para si mesmo. Isso melhorava a aparência dele.

— Obrigada — murmurou com a cabeça baixa. Não sabia por que, mas o contato entre ambos lhe produziu uma sensação agradável e temia que suas faces terminassem adquirindo uma cor rosada.

— Não esqueça nossa conversa — recordou-lhe então. — Não se afaste de mim e cumpra todas as minhas ordens.

Evidentemente, o encanto dissolveu-se no ato.

Capítulo 3

A carruagem havia parado algumas esquinas mais ao leste de onde se encontrava o St. George Women's Charity, uma zona pela qual costumava andar quando tinha um pouco de tempo. Ela soltou a mão do senhor Field e aspirou o ar, carregado de fuligem e fumaça. Ademais, o odor a urina de cavalo se misturava em suas narinas, mas Phillipa não tinha tempo para ser fraca. Pisou no barro — entremeado com esterco — acumulado nas laterais da rua e pagou o cocheiro.

— Vamos — solicitou o senhor Field, esquecendo-se das bobagens que povoavam a sua cabeça, pensamentos pouco recomendáveis sobre ela. — Deve começar o quanto antes.

Sebastian a viu se mover com desenvoltura com um pacote de papel marrom entre as mãos. Estava amarrado com um simples cordão. A cada passo, seus quadris se balançavam num vai e vem preciso que atraiu sua atenção e que o distraía da vigilância.

Devia reconhecer que a senhora Baker não era uma mulher bela de se admirar. Sua cútis rosada e suas maçãs altas conferiam caráter a seu rosto, se bem que todo o conjunto não era favorecedor. Ademais, carecia da

sofisticação e pretensões próprias das damas de sua posição. Vestia-se com bastante simplicidade, segundo pudera observar; sem excessos. E em vez de dedicar seu tempo a tomar o chá com as amigas de seu tio, o duque, sua vida parecia ser regida por seu empenho em ajudar as classes mais desprotegidas.

Possuía alma e garra, o que era muito mais bonito. Pelo menos para ele.

— Segure isto para mim.

Phillipa lhe entregou o pacote e inspecionou a área que havia escolhido: uma pracinha com mercado cheia de bancas de verduras, carne, pescado fresco e salgado, pães, flores e utensílios diversos. O buliço entre comerciantes e clientes era intenso e lhe dificultava sua própria tarefa, por isso entrou por uma das ruelas adjacentes.

— O que é isso? — Perguntou Sebastian antes dela tirar o cordão e desdobrar cuidadosamente o papel em uma esquina.

Phillipa sorriu, mostrando o conteúdo. Tratava-se de alguns folhetos nos quais se podia ler a palavra «sífilis» bem grande, escrito com tinta negra. A palavra era acompanhada de um desenho de uma prostituta e seu cliente. A morte com guardiã, bem próxima.

— É uma ferramenta de trabalho. A maioria das pessoas é analfabeta, mas o conteúdo é explícito. Tenham cuidado com a sífilis! — Ela gritou de repente a viva voz, brandindo um folheto ao ar. — Tenham cuidado com a sífilis! — Algumas pessoas ficaram olhando durante alguns segundos, embora

em geral a ignorassem. — Vão ao hospital St. George Women's Charity!

Primeiro Sebastian a olhou com expressão de horror, dada sua pouca descrição; depois com desgosto. Não lhe parecia apropriado que uma mulher de sua posição estivesse gritando como uma taberneira qualquer. Quando um homem carregando um saco derrubou-o em frente aos sapatos de Phillipa, o sangue começou a ferver de indignação. Deu um passo à frente disposto a acertar um murro e a ensinar bons modos, mas para seu próprio assombro, ela viu suas intenções e colocou uma mão sobre seu peito para detê-lo.

— Não importa — disse-lhe em voz baixa e tranquilizadora.

Sebastian contemplou sua pequena mão enluvada, que se mantinha firme. Pouco a pouco foi subindo o olhar até que seus olhos se cruzaram com os dela.

— A mim sim. Esse homem desprendia ódio.

— E acha que é o único? Estou acostumada.

— Não quero que você se acostume — rebateu ele. — São uns porcos mal agradecidos.

— Obrigada.

Sebastian franziu o cenho.

— Por que faz isso?

Ele a viu respirar fundo.

— Ninguém disse que esta é uma tarefa simples. É muito árdua e causa muita indiferença. Agradeço-lhe por sair em minha proteção... e por parar a tempo. Não desejo começar nenhum conflito.

Sebastian aceitou suas palavras com uma inclinação de cabeça e deixou que ela fizesse o seu trabalho como sabia. Depois de uma hora percorrendo a mesma rua acima e abaixo, sendo ignorada e escutando as queixas dos comerciantes por sua presença, se deu conta de que continuava com a mesma segurança que havia mostrado desde o princípio.

«Esta mulher tem garra».

Alguém passou ao seu lado e Phillipa correu atrás até alcançá-lo, como já havia feito anteriormente. Sebastian foi ao seu encalço.

— Eh! Eh! — Com seus gritos conseguiu que ele se detivesse. Tratava-se de um rapaz jovem, talvez não mais de dezoito anos, com espinhas no rosto. — Tome. — Entregou-lhe um folheto que ele ficou olhando sem entender. — A sífilis é contagiosa, principalmente pelo contato sexual.

O tom de Phillipa era sereno e seguro, como se tratasse de uma professora dando aula. Porém, isso não evitou que o jovem avermelhasse até a raiz do cabelo.

— Não preciso dele, — disse tratando de devolver o papel.

— Deve ter cuidado com a sífilis — prosseguiu ela. — Não deve negligenciá-la.

— Disse que não preciso.

Phillipa abriu a boca para acrescentar alguma outra explicação, embora já não tivesse tempo. O jovem não desejava que o vissem falando com aquela mulher estranha que gritava coisas sobre a sífilis, então saiu tão rápido quanto suas pernas permitiram.

Sebastian cochichou.

— O espantou rápido. Com ele já são cinco.

Ela lhe lançou um olhar feroz.

— Não diminuirei o meu empenho.

— Por que escolheu todos esses jovens?

— Porque estão na flor da idade. Alguns não parecem mais do que meninos e, sem dúvida, já tem esposa e filhos. Quanto antes eles souberem dos perigos a que estão expostos, melhor para todos.

— Não será fácil.

Ela o olhou por um momento.

— Eles só fugiram. Quando me aproximo dos molhes a reação dos homens é muito pior, para não falar de quando trato de aconselhar as prostitutas em frente às tabernas...

Sebastian contemplou-a com uma expressão de estupefação ressaltada no rosto.

— Também faz isso? — Ela assentiu. — Ficou louca? Sabe quanto isso é perigoso?

— E sabe você do quanto a sífilis é perigosa? — contra atacou ela, com o mesmo argumento.

O protetor franziu o cenho e se aproximou um pouco de Phillipa.

— Tem muito interesse nisto.

Ela encolheu os ombros.

— Pode parecer uma enfermidade silenciosa, pelo menos à princípio, mas causa estragos. Ademais, as pessoas hesitam em buscar ajuda.

— Por quê?

— Porque é tachada como uma enfermidade imoral. Imagine a cadeia de acontecimentos: uma noite, um marinheiro ou estivador visita a taverna mais próxima e depois paga algumas moedas a uma prostituta para que lhe proporcione um pouco de prazer. Resulta que a prostituta padece de sífilis e o homem regressa à sua casa contagiando a sua esposa.

— Por isso a enfermidade se relaciona com a luxúria e a libertinagem.

— Exato — afirmou satisfeita porque ele a entendeu. — A infidelidade que é o ato de copular impuramente causa vergonha no afetado. Alguns até mesmo acreditam que é um mal que merecem por seus pecados. Quando buscam ajuda já pouco se pode fazer.

— Compreendo.

Phillipa ordenou os folhetos e se dirigiu outra vez aos transeuntes.

— A sífilis é contagiosa principalmente por contato sexual! — Ela gritou para ser escutada. — A sífilis é contagiosa principalmente por contato sexual! — Seu trabalho podia parecer pouco reconhecido, se bem sentia que era necessário. Talvez entre vinte pessoas somente uma lhe fez caso, mas ela já consideraria uma vitória. — Outra causa que se deve ter em conta — disse seguindo com sua explicação — é que uma mulher grávida e com sífilis pode transmitir a enfermidade a seu filho antes de nascer, ou até mesmo no parto. Os riscos são grandes: morte prematura do bebê ou pode até mesmo terminar desenvolvendo cegueira, surdez, deformidades...

Durante seus anos como membro de infantaria no Exército britânico de Sua Majestade, Sebastian havia escutado falar da enfermidade, assim como das doenças associadas a esse mal. Os soldados estavam tão expostos quanto os marinheiros e os estivadores, embora na realidade nunca tivera plena consciência dos riscos.

Isso o fez se dar conta do valor que continha o trabalho da senhora Baker. Era uma pena que não o reconhecessem.

— O que pode fazer para remediar?

Sua expressão não o fez conceber muitas esperanças.

— As mulheres devem permanecer no hospital até a sua cura total. Em nossa seção de enfermidades contagiosas as tratamos com sais de mercúrio e iodeto de potássio. Nas duas primeiras fases é difícil de detectar, já que os sintomas podem ser confundidos com outras enfermidades. E o caso das mulheres é muito mais complicado, pois em sua maioria não há sinais externos visíveis. Quando buscam ajuda já é muito tarde. — Sebastian engoliu saliva. Ela enfrentava todos os dias à morte e apesar disso continuava oferecendo esperança. Se não a tivesse, não estaria ali. — Sabe? Pensava em pregar um pouco mais, mas tive uma idéia melhor — ela soltou de improviso.

— Pregar?

Phillipa sorriu.

— Escutou bem. Não existe um termo que defina meu trabalho nos distritos, mas uma vez alguém me disse que eu parecia um pregador captando adeptos à igreja, então agora eu chamo para pregar. — Sebastian assentiu e ela pensou que

era o momento adequado para deixar aquelas ruas e mostrá-lhe a outra parte. — Acompanhe-me. Desejo que compreenda mais a fundo o que faço — ela disse a modo de explicação enquanto se encaminhava ao seu novo destino.

A paisagem de casas baixas e comércios foi mudando até se converter num longo e maciço muro de pedras que seguia por toda a rua. O ir e vir das carroças carregadas com mercadorias era cada vez maior.

— Estamos no porto — ele murmurou reconhecendo o lugar.

— Estes são os molhes de Londres, um intrincado conjunto de docas conectadas entre si mediante canais.

— Costuma vir por aqui?

Phillipa assentiu.

— Com bastante frequência. Também visito os distritos de Limehouse e Poplar, onde se encontram os molhes das Índias Orientais.

— E o que é que a atrai tanto a este lugar?

— O mesmo que aos marinheiros: as tavernas. — Sebastian arregalou os olhos e Phillipa estalou a língua, divertida. — Esta área está cheia de tavernas, onde chegam os marinheiros e estivadores. A bebida e a diversão estão bem presentes, assim como a presença de prostitutas.

— Deixe-me adivinhar: vai às tavernas para prevení-los do contágio da sífilis.

— Parece que você me compreendeu — disse orgulhosa de seu comentário.

Sebastian pensava de outro modo bem diferente.

— Não há modo de dizer com delicadeza: você perdeu o juízo — ele disse com secura, fulminando-a com o olhar.

Ela se deteve e o contemplou durante longos segundos com os lábios franzidos.

— Não é a primeira vez que escuto isto. — E por isso não se sentia ofendida, absolutamente.

Phillipa era uma viúva respeitável, íntegra e independente. Não necessitava de sua permissão nem de nenhum outro homem para pregar em frente às tavernas.

— Não se dá conta do quanto isso é perigoso? Esses homens estão bêbados e podem interpretar os seus gestos como uma provocação. Frank não deveria consentir.

— Agradeço sua preocupação — murmurou com educação, mas sem se impressionar. Sabia que ficar irada ou lançar uma réplica mordaz somente serviria para se ver envolvida em uma nova luta.

Ele não se sentiu muito satisfeito com a resposta. Na realidade, conhecia-a pouco, mas a julgava como uma mulher inteligente. Era chefe das enfermeiras num hospital para mulheres; um trabalho pensado para alguém com dotes de comando, organizado e sério, que soubesse manter a cabeça sobre os ombros. Apesar disso, alguns de seus atos não respaldavam esses pensamentos: ela se aventurava muito por algumas ruas perigosas e com muita frequência experimentava o destino. E no final do dia podia terminar pagando bem caro por sua ousadia.

«Comigo não acontecerá», prometeu a si mesmo. Ele a protegeria.

— E isso é tudo o que me responderá?

— Alegre-se, está diante de uma mulher submissa.

Sebastian passou por alto seu tom leviano e exclamou:

— É um blefe! A senhora é muito complicada e teimosa para se comportar desse modo.

Phillipa levantou uma sobrancelha.

— Então prefere que me rebele diante de sua autoridade?

— Algumas coisas são inevitáveis, como por exemplo: que o sol nasça, todas as manhãs — assinalou com ênfase.

Phillipa conteve um sorriso. Não contava que o senhor Field tivesse uma ponta de alma poética.

— Isso é um sim ou um não? — insistiu.

Sebastian deu um passo até ela com um semblante duro. Não pretendia assustá-la, mas sim impor seu domínio com sua simples presença, visto que seu corpo era maior e mais forte. Porém, não pode evitar se sentir fascinado por seu tranquilo olhar. Phillipa não se mostrava absolutamente incomodada, por mais que a aproximação fosse inapropriada. Afinal de contas, ele não era mais que um empregado.

— Está me repreendendo?

Phillipa levou uma mão ao peito num exagerado gesto dramático.

— Jamais me atreveria.

Lançou-lhe um sorriso sutil e prosseguiu seu caminho, deixando Sebastian para trás sussurrando incoerências.

Para alcançá-la, precisou dar uma dezena de passos bem grandes enquanto ela chegava à frente de uma das robustas portas de madeira, abertas, que permitiam o acesso ao

interior dos molhes. O trânsito era intenso e um par de guardas supervisionavam as entradas e saídas. De improviso, Phillipa pegou-o pelo braço, vigiando com certo disfarce os guardas, e fez um gesto com a mão livre para que passassem junto ao muro.

Ir com o senhor Field, um rosto desconhecido naquele lugar, facilitava que ela passasse despercebida.

— Às vezes escapo para dentro — ela confessou, o que lhe valeu um olhar reprovador de Sebastian.

Apesar da evidente censura não a deteve.

— É isso o que estamos fazendo? — Porque ela continuava conduzindo-o até os molhes.

Sebastian levantou a cabeça e contemplou a paisagem que havia em frente a seus olhos: uma série de longas edificações — construídas de tijolos e de quatro andares de altura — conectados a armazéns menores por pontes.

Ali o movimento era maior. As gruas serviam para descarregar as mercadorias pesadas dos grandes navios. As barcas se moviam com facilidade pela água e os estivadores se valiam de rampas e carrinhos para transportar os produtos enquanto dezenas e dezenas de barris cheios de vinho e licor destilado forte, como brandy, genebra e rum, se acumulavam na esplanada junto aos armazéns.

— Só uma pequena parte dos estivadores conta com trabalho regular. Os demais se concentram dia após dia nos molhes esperando a chegada de um barco que lhes permita trabalhar durante algumas horas.

Quando isso acontecia, estavam expostos à periculosidade: a queda da carga causava lesões severas, até mesmo a morte. Ademais, os salários eram baixos, o que ocasionava conflitos e roubos de importações exóticas de grande valor como pedras preciosas e marfim africano ou tabaco e especiarias da Índia; todas elas mercadorias muito valorizadas.

— Vi um homem ser condenado por cinco semanas de trabalhos forçados por roubar somente uma garrafa de licor, isto que o juiz foi benévolo. Imagino que por roubar nos molhes as penas sejam maiores.

Phillipa sacudiu a cabeça, tratando de não pensar naquilo, nem de relacioná-lo com o juiz que julgaria Ronnie, por tentar matá-la.

— Diante de tantas misérias, os homens, cansados, terminam se consolando com a bebida e com as prostitutas, que se obrigaram a vender seu corpo por míseras moedas. Elas são em sua maioria as que terminam contagiando-os com a sífilis e a gonorréia, mas, não se pode estigmatizar essas mulheres, mas sim ajudá-las.

— Você é muito altruísta — declarou Sebastian com uma chispa de admiração nos olhos. Uma dama de sua posição devia ter melhores coisas para fazer do que percorrer as ruas tratando de salvar a quem não desejava ser salvo.

Phillipa sentiu uma leve pontada em seu coração que não deixou transparecer.

— Pensei que havia perdido o juízo — murmurou ela, recordando suas palavras.

Sebastian a obsequiou com um sorriso, mostrando uma faceta muito mais amável e compreensiva.

— Altruísta e imprudente em partes iguais — disse com sarcasmo e ela lhe devolveu o sorriso, mas com certo recato. — Não deve ser fácil o peso que descansa sobre seus ombros e que você mesma colocou aí. Isso é de admirar.

— Detectei um «mas» atrás dessas palavras — asseverou com astúcia.

A pergunta nunca teve resposta, porque pelo canto do olho Phillipa viu um dos guardas do porto se aproximar, e o encanto do momento se quebrou, como se fosse uma frágil bolha de sabão.

— Senhora Baker — escutou ele dizer, —, sabe que a senhora não tem permissão de entrar nos molhes.

Ela se afastou do senhor Field e dirigiu toda sua atenção ao homem que estava falando, tratando de mostrar seu lado mais amável, como se não estivesse desobedecendo nenhuma norma.

— Foi só por um momento. Eu juro.

Levantou as mãos, mostrando as palmas em um sinal que pretendia mostrar sinceridade.

O homem, de mais de cinquenta anos, era alto e desarmado, com uma barba espessa que cobria o queixo e parte de sua face. De todos os guardas, Phillipa teve sorte, porque se tratava do mais compreensivo.

Ele sacudiu a cabeça, sem terminar de convencer-se.

— Não quero problemas.

— Não os terá — ela lhe assegurou.

— Sabe de sobra o revoo que se forma quando os homens a vêem.

— Não gostam do que tenho a dizer. Já sei.

O guarda entornou os olhos.

— São estranhas? Você e suas coisas... — titubeou, enquanto tirava um lenço de um dos bolsos da calça e enxugava o suor da testa com ele, olhando ao redor. — Cai-me bem, senhora Baker — ele disse em voz baixa, como se temesse que o escutassem. — Sua intenção de ajudar às mulheres que precisam é boa, mas este não é um bom lugar para fazer isto.

— Porque é território de homens. — Protegiam-se uns aos outros, considerando-a uma intrometida.

— Ninguém gosta que gritem seus defeitos defronte aos demais.

— As doenças venéreas não podem ser consideradas um defeito — ela se defendeu. — Causam mortes. Se não me querem aqui é porque não suportam que eu exponha suas vergonhas, nem que suas mulheres saibam de suas faltas conjugais.

O guarda revirou seu olhar.

— Baixe a voz. Não se lembra do que aconteceu da última vez?

Sebastian detectou certo temor na voz do homem e isso o deixou em alerta.

— E o que foi que aconteceu?

— Nada — respondeu Phillipa de imediato. — Um simples mal entendido.

Sendo seu acompanhante um homem tão protetor, percebeu que não conseguiria se livrar de dar explicações.

Como assim nada?

— Ela se viu envolvida em algum conflito? — perguntou diretamente ao guarda. Sua expressão havia ficado dura e ameaçadora.

Este olhou de um a outro, pensando em sua resposta.

— Kevin Lance havia chegado para trabalhar ébrio — começou a explicar, tenso... — Não sabia quem estava acompanhando a senhora Baker, só que intimidava. — Então é que melhor terminar o quanto antes e partam. — ...encontrar à senhora Baker pregando foi a desculpa que necessitou para desafogar-se.

— De quê?

— Sua mulher o abandonou e ele me culpa disso — interveio ela com frieza. Era melhor contar com suas próprias palavras. — Acredita que meti a ideia na cabeça dela.

— E foi assim?

Phillipa se indignou com seu tom acusatório, lutando contra a crescente raiva que começava a brotar dentro dela.

— Eu não lhe disse que seu esposo charfudava com todas as moças de High Street! Nem sequer sabia. Simplesmente fiquei amiga de Alice. Quando ela me pediu ajuda para encontrar um trabalho em Manchester, fiz o necessário para que se cumprissem seus desejos.

— Não devia ter se intrometido no casamento — ele sentenciou com uma atitude de superioridade.

— Nem sequer quando dias após dias víamos hematomas em seu rosto?

Phillipa havia curado cortes nos lábios dela e mitigado a dor dos golpes com unguentos. Mesmo assim, que se afastasse de seu esposo não foi mais que uma insinuação de sua parte, sendo consciente que Alice sempre parecia disposta a perdoá-lo. Quando a mudança chegou, ela só precisou mover alguns fios para que a mulher se afastasse de Londres com as crianças.

Pelo que sabia, agora ela estava muito melhor, por isso não sentia nenhuma culpa.

Phillipa apreciou uma sutil mudança no rosto do senhor Field, um sinal de compreensão, mas foi tão breve que depois pensou que havia sido fruto de sua imaginação, já que, novamente, ele a estava julgando com severidade.

Com qual direito? Pensou com uma fúria.

— Como reagiu o marido?

— Tratou de agredi-la — apontou sucintamente o guarda.

— Deu-me um bofetão — disse ela, recordando a marca roxa que lhe deixou o golpe. Sem a rápida intervenção de Frank, possivelmente não se houvesse conformado só com isso. — O comportamento dele não tem desculpa, sem dúvida, mas foi a mim a quem proibiram a entrada. — Uma injustiça enorme, pensou. — um homem como esse não merece mais que meu desprezo. Então que não tente, senhor Field, por a culpa em mim.

Sebastian respirou profundamente e a tomou pelo braço, sobressaltando-a. Apesar da roupa que a protegia, os dedos

dele se cravaram na carne, e ela sentia como se fossem grilhões.

— Nós vamos embora daqui agora — ordenou. — Gosta muito de agitar o vespeiro.

— Você não manda em mim — disse sem perder a compostura, enquanto tratava de desfazer-se dele e de seus olhos verdes que voltavam a olhá-la com a mesma animosidade que no início.

— Nós iremos por bem ou por mal.

— Que tipo de pessoa é você? — Ela perguntou visivelmente decepcionada.

Por um momento, pensou que o senhor Field compreendia qual era sua missão, mas havia terminado caindo de bruços contra o sujo solo.

Ele era como os demais.

Com uma amarga sensação no estômago pensou que se comesse uma luta nos mesmos moldes, não jogaria a seu favor. O guarda estava desejando que partissem e não encontraria apoio em mais ninguém. Disse a si mesmo que devia ser astuta e encontrar um modo de desfazer-se dele de uma vez por todas.

Assim já era hora de pensar em um plano para isso.

— Um, dois, três e quatro. Perfeito.

Com um cuidado desmesurado, o homem havia deixado cair gotas do ingrediente secreto no recipiente que continha

uma inócua solução, enquanto no mostrador da frente, uma dezena de milagrosos frascos de cristal esperavam para serem preenchidos com o líquido resultante. Neles, a mistura já não seria tão inofensiva. Ali radicava sua genialidade. Só quatro gotas a mais e havia passado de medicamento para um instrumento de matar.

Sorriu exultante.

Ele era brilhante. Brilhante! Um ser sem paradigma. Alguém que se atrevia misturar substâncias e investigar enquanto os demais se dedicavam a estudar grandes livros repletos de teorias que nunca chegavam à prática. De que servia, então ao mundo, pessoas como eles, superiores no âmbito intelectual de todas as formas possíveis se nem sequer se arriscavam mais além das aulas da universidade? Ainda trazia presente os olhares furtivos, os cenhos franzidos ou a franca animosidade.

Quando ele mostrar-lhes os esmagadores resultados, não poderiam ficar indiferentes, nem mesmo aqueles que em Oxford o haviam olhado com receio e até mesmo com um ar de superioridade.

E haviam se atrevido a despedi-lo! Eles, que só serviam para ocupar escritórios com manuscritos e diplomas cheios de pó em vez de servir a seu país com questões das quais dependia a sobrevivência da humanidade! Fervia de raiva em pensar.

Havia se sentido tão orgulhoso no dia que entrou para trabalhar em Oxford. A princípio lhe haviam aberto as portas e tudo eram palmadas nas costas, mas os anos não passaram

e começaram a rotular suas oratórias de “loucuras de um demente”. O decano mandou chamá-lo mais de uma dezena de vezes para que abandonasse a postura radical e o que ele chamava «declarações perturbadoras» que levantavam receio entre seus colegas. Logo começaram a ir mais além, e analisaram o que realizava no departamento quando ele se negou a utilizar somente cadáveres para os experimentos. De nada serviu seus argumentos válidos acerca da idoneidade de provar seus ensaios em pessoas vivas. Pouco depois foi despedido sob a alegação de que praticava experimentos pouco ortodoxos, questionáveis e nada éticos. Não se incomodou em enfrentá-los rotulando-os de moralistas, nem que já havia utilizado pessoas pobres ou sem família para realizar as provas. Cadáveres? Não poderia estar mais equivocados. Isso não podia demonstrar os resultados *in loco*. Preciasavam possuir sangue frio e uma verdadeira vocação para fazer o que precisasse fazer.

Era um solitário que não precisava de distrações em seu trabalho. Não era casado, nem sentia necessidade de se ver unido a uma simples mulher. Elas só eram capazes de usar vestidos bonitos, ter filhos e decorar o lar para visitas. Ele, ao contrário, utilizava a casa herdada de seus pais para conservar a vida que desejava. Embora em seu trabalho se permitia fazer milagrosos ensaios e provas, utilizava sua casa para realizar os experimentos mais arriscados. No sótão havia instalado um laboratório e se sentia orgulhoso dele.

Deu uma volta sobre si mesmo para admirar a área. Esteve montando esse laboratório durante os anos que

trabalhou em Oxford. Tudo graças aos honorários ou com parte do orçamento destinado ao departamento no qual havia trabalhado. Agora gozava do melhor para obter as provas, teorias e estudos que tanto lhe faziam falta, sem o olhar inquisitivo e acusador das pessoas. Seus três fiéis serventes eram proibidos de ultrapassar a porta que permanecia fechada com fechaduras e cadeados. Ali havia orquestrado o grande plano e havia aperfeiçoado a solução que havia culminado na primeira morte: a da costureira.

Foi incapaz de determinar qual efeito o líquido ingerido teve sobre a boa mulher, mas o certo era que se sentia moderadamente satisfeito.

Em seu regresso a Londres havia mudado a dose para só uma gota para torná-lo mais eficiente. Agora só faltava acondicioná-la nos frasquinhos que esperavam ali adiante e prová-lo novamente. Não obstante, na próxima vez não se arriscaria tanto. Seria discreto e iria com mais cuidado.

Esperava ter um grande êxito.

Capítulo 4

A sólida porta de cor verde se fechou e a senhora Baker desapareceu atrás dela.

Sebastian suspirou e esfregou a testa. Que belo trabalho Hansberg havia encarregado a ele. Num só dia havia ficado confirmado: aquela mulher seria pior que uma pedra no sapato, que uma mola quebrada, que um... Vá, vá, o pior que havia encontrado em muito tempo.

Quis indicar ao cocheiro a direção de seu alojamento em Holborn, mas pensou melhor e deu o da residência de Hansberg em Londres. Enquanto se reclinava no assento tratando de clarear sua mente, concluiu que devia ter uma conversa com ele.

Quando o fizeram entrar no escritório, deduziu que a família do marquês devia estar jantando. «O mesmo que ele deveria estar fazendo», pensou. Não obstante, dada a, digamos, «dificuldade» do trabalho que ele lhe havia encomendado, longe de sentir remorsos por interromper sua ceia, sentiu certa complacência.

É claro, Hansberg devia ter intuído, já que, por vingança, o fez esperar uns bons quinze minutos. E sim, talvez

costumasse fazer galanteios de um humor moderado, mas estava ponto de ir buscá-lo pessoalmente, quando a porta se abriu.

— Diria que algo muito grave deve ter acontecido para você vir à minha casa a estas horas — soltou a modo de saudação. — Não podia esperar até amanhã?

Sebastian não estava de humor para apreciar o habitual tom altaneiro de Hansberg.

— Dado o interessante dia que desfrutei diria que não, não podia.

— Ela lhe causou problemas? — perguntou enquanto se sentava em uma poltrona ao lado do fogo e lhe oferecendo assento.

— Problemas? Talvez, deixe-me pensar. Não, não o fez se excluir a crua franqueza dela ao me dar a entender que não me quer ao seu lado, a tentativa de me subornar para que deixe o trabalho, de me levar para a pior área de Londres enquanto grita como uma verdureira sobre sífilis e enquanto se mete em lugares que nem deveria saber que existem. Não, tudo foi como uma seda.

Reclinou-se na poltrona enquanto batiam à porta e entrava um servente com uma bandeja.

— Tomei a liberdade de pedir um petisco — disse o marquês.

Era muito mais que isso, considerou Sebastian. Sobretudo quando continha um prato com uma fumegante carne em molho, uma fatia de pão, frutas banhadas em creme e uma jarra com vinho. Todo um banquete.

— Obrigado. — E começou a comer sem dissimulação enquanto o servente partia. Entre um bocado e outro, contou cada hora do dia passado com Phillipa Baker.

— Apostaria todo o salário de um ano — continuou — que, quando a deixei em casa, correu como uma alma perseguida pelo diabo à residência do duque de Dunham para tratar de desfazer-se de mim.

— Não fique inquieto, ela não conseguirá.

— Acredite-me, não estou. Como bem disse o duque, preocupa-se muito com a segurança da senhora Baker. E não me estranha. Não me estranha em absoluto. — Afastou a bandeja, saciado. — Será complicado protegê-la num ambiente tão hostil.

— Mas pode fazê-lo — afirmou o outro, seguro.

— É claro que posso, para isso me escolheu. — Não refletia petulância, mas sim um fato constatado.

— Interrompo?

Nenhum dos dois havia ouvido chamar à porta. Ambos se levantaram quando entrou a esposa de Hansberg com o servente atrás carregando uma bandeja de chá.

— Você nunca interrompe, querida.

Era insólito ver um sorriso franco num homem que era famoso por seu estoicismo e sangue frio. Um *expert* em ocultar suas emoções.

Era um claro reflexo do amor que compartilhava com a marquesa.

— Lady Hansberg alegre-me em vê-la. Tão encantadora como sempre.

— E você tão galante também, senhor Field. Não queria incomodar, mas pensei que depois da ceia lhe apeteceria uma boa xícara de chá.

— Muita consideração da sua parte, Helen.

— Também trouxe para você, não se alarme. — Deu indicações ao criado para que retirasse a outra bandeja. Serviu ela mesmo o chá. — É com leite e açúcar, não é verdade?

Sebastian assentiu, surpreso de que ela se lembrasse. Aceitou a xícara que ela lhe ofereceu.

— Lamento ter perturbado sua ceia. — Foi a única coisa que se sentiu capaz de dizer enquanto ela enchia outra xícara para seu marido.

— Oh!, quando o anunciaram, já havíamos terminado.

Sebastian olhou com uma sobrancelha levantada à Hansberg, que não parecia absolutamente afetado por deixá-lo esperando sem motivo algum.

— Não demorarei — disse ele para sua mulher.

— Oh!, não se preocupe, me entretereirei lendo. — Ela lhe deu um beijo na face, uma mostra de afeto público nada habitual entre a nobreza. — Espero que não demore tanto tempo em nos visitar novamente, senhor Field.

— É claro que não — confirmou.

Deixou-os a sós, cada um bebendo de sua xícara.

— Pensou como irá monitorá-la? — perguntou Hansberg a respeito de Phillipa Baker.

Naquele momento era difícil planejar algo, explicou. Devia conhecer melhor os passos da enfermeira antes de

estabelecer algumas pautas e planejar o dia a dia. Costumava ser bastante organizado e sabia que era o que melhor funcionava. Não obstante, era consciente de que ela dificultaria as coisas de uma forma ou outra. Quando voltaram ao hospital ele lhe havia dado um olhar superior, mas necessitaria muito mais que isso para mantê-la a salvo.

— Exigirei, isso sim, o regulamento do hospital. Quero ter controladas as entradas e saídas. Precisarás dizer-lhe e à Vossa excelência que preciso também conhecer cada um dos que trabalham lá.

— Sem surpresas — assentiu Hansberg. Sabia como ele funcionava perante cada novo cliente.

— Em efeito. Creio que a própria senhora Baker será uma caixa de surpresas por si só. Não necessito mais. — Esticou o pescoço e o massageou. Agora que havia relaxado, a tensão se deixava notar. Não estava cansado, mas lhe faltava atividade física e não sabia se sua nova ocupação lhe permitiria praticar o quanto necessitava para estar em plena forma.

— Irá ao acampamento, suponho. Creio que precisa.

O acampamento ao qual Hansberg fazia referência era uma propriedade que o marquês possuía nas proximidades de Londres. A casa e o amplo terreno circundante serviam a todos os que estavam a seu serviço para se exercitar e treinar em diferentes disciplinas. Ali se exercitava a musculatura, praticava esgrima e boxe com alguns de seus companheiros, ou simplesmente correr. Reconhecia que Hansberg havia montado um negócio lucrativo com o serviço de escolta e

proteção. A nobreza e as pessoas de certa posição endinheirada pareciam ter muitos inimigos.

— Não acredito. Precisaria madrugar muito ou talvez chegar tarde ao meu novo emprego. Duvido que a senhora Baker me espere. Irei depois de amanhã ou quando conseguir estabelecer algumas normas com ela.

— Parece-me que necessitará de algumas doses de boa sorte.

— Alegra-me que lhe pareça divertido, Hansberg — resmungou ao ver surgir nos lábios dele um tênue sorriso, — mas não, o que acontecerá não será devido à boa sorte, mas sim ao fruto de um bom planejamento e organização — informou. «Embora eu tenha previsão que será difícil».

— Você ordena e ela obedece.

— Sim, na essência sim, mas não pense que não percebo o sarcasmo em suas palavras. — Levantou-se disposto a partir. O dia havia sido longo. — Só espero que me diga que tenho carta branca.

— No que se refere a segurança dela, sim, Sebastian, você a tem.

Isso era o que necessitava saber, e se sentiu aliviado de que assim fosse. Precisava de todo seu engenho e esperteza para mantê-la a salvo. Mesmo assim, notou certa precisão de palavras. Estava advertindo-o sobre algo mais? Sem dúvida, seu cérebro não possuía mais ânimo que o de chegar em casa e se deslizar sob os lençóis. Com a luz do novo dia analisaria detidamente o sentido oculto que pudessem ter, e, talvez, de

passagem, o momento irracional vivido com ela nos molhes, quando a havia achado de certo modo atraente.

«Não, não, por aí não». Já previa suficientes problemas para acrescentar um a mais. Phillipa Baker não o atraia em absoluto e isso era tudo.

— Nesse caso creio que darei por finalizada minha intempestiva visita.

O marquês também se levantou.

— Sempre será bem vindo, já sabe. Esperarei seus informes.

— O terá. Asseguro-lhe que terá.

— Boa noite, senhora Baker.

O mordomo do duque de Dunham a deixou passar sem que ela houvesse dito uma palavra e sem comprovar se seria bem recebida.

Os privilégios da família nunca mudavam.

— Sua Graça se encontra?

Não perguntava por perguntar. A cortesia do servente permaneceria embora nenhum membro da família estivesse em casa.

— Em seu escritório. Permita-me anunciar a sua chegada e depois verei se pode recebê-la. — Embora ambos soubessem que assim seria, não seria demais conservar o protocolo, razão pela qual recolheu sua capa, chapéu, luvas e bolsa. — Sua Graça a duquesa está na biblioteca.

— Irei saudá-la antes, então.

O acompanhou até onde lhe havia indicado e entrou depois do servente informar a sua chegada.

A duquesa se levantou de um salto quando ouviu seu nome e a recebeu com um enorme sorriso de braços abertos.

— Phillipa, que surpresa!

Tratava-se de uma encantadora mulher madura e de energia incansável. Talvez não fosse uma beleza, nem seu rosto um reflexo passado de uma formosura sem par, mas Phillipa adorava a magra mulher que sempre havia lhe dado afeto.

— Espero não incomodar, Edith.

— É claro que não! Sua visita sempre é bem vinda já sabe. — Abraçou-a. — Como estás?

Phillipa entendeu que estava ao par, como era lógico, do que havia ocorrido na madrugada passada.

— Bem, não se preocupe. Foi um incidente isolado.

— Não minimize os fatos, querida. Poderia ter acontecido uma desgraça. É claro que não comentamos com a Odethe, mas ela saberá cedo ou tarde.

Sim, a reação de sua tia não seria agradável. Ela nunca havia visto com bons olhos seu trabalho de enfermeira e isso só reafirmaria sua intransigente postura.

— Eu direi a ela. — Embora só de imaginar lhe produzisse dor de cabeça.

— Pensamos assim, seu tio e eu. Mas onde estão meus modos? Sente-se. A que devemos a honra?

De repente se envergonhou de dizer em voz alta.

— Preciso falar com tio Jeremy.

Olhou-a por um instante.

— Hum. Não parece que seja algo bom.

Edith era bastante perceptiva a respeito dela. Sentiu-se examinada e tentou não ruborizar.

— Só é um pequeno detalhe que preciso discutir com ele.

— Pequeno, é?

Bom, Phillipa não havia meditado o suficiente, mas levava muito claro o que desejava e o que não. De fato, havia decidido justamente quando o senhor Field a havia deixado na entrada de sua casa. O homem havia se negado a dar por concluída sua jornada até vê-la sã e salva atrás das portas de seu lar, mas logo depois, e sem tempo de tirar o vestido de enfermeira, havia pedido sua carruagem para se dirigir até a casa de seu tio. E não é que ele não houvesse feito bem seu trabalho, mas o considerava excessivo. Queria normalidade e duvidava que a presença de seu novo protetor desse isso a ela.

— Isto, é...

— Phillipa?

«Salva».

— Olá, tio.

Ela lhe deu um afetuoso beijo na face.

— Não a esperávamos. — O que traduzido significava: «O que aconteceu?»

— Parece que quer discutir com você certo pequeno detalhe — interveio Edith, levantando-se. — Será melhor que os deixe a sós.

— Oh!, não. Não é necessário que saia. Só é que... — «Coragem, Phillipa. Faça valer seus direitos» — Creio que tenha se extrapolado em seu afã por me proteger.

— Como assim? — perguntou o duque de Dunham com um levantamento de sobrancelhas e com a autoridade própria daquele que acredita que suas ações são infalíveis devido ao título que ostenta.

Phillipa respirou fundo e se preparou para a alegação que improvisava.

— Não vejo necessidade de trocar Frank pelo senhor Field, por mais que o senhor pense que seja.

— Mas é que o é. — Retrucou o duque.

— Pois bem, me alegro, mas o que trato de dizer é que as coisas são desproporcionais. O que ocorreu ontem à noite foi um erro que poderia ter acontecido com Frank ou outro no cargo.

— Não é o que Hansberg me assegurou. Ademais, Frank precisa, de alguma maneira, um toque de atenção.

Isso inquietou Phillipa de imediato.

— O que quer dizer?

— O que você entendeu. O incidente da madrugada passada nos deu uma valiosa lição.

— Mas o senhor Field...

— Quem é o senhor Field? — perguntou Edith rompendo um duelo de vontades.

— O novo protetor de Phillipa. É o melhor...

— O melhor em quê? — interrompeu a aludida.

— No que faz — ele respondeu sem especificar. — Só precisa saber que ele trabalha para Hansberg e isso é melhor do que qualquer garantia.

— Frank também trabalha para ele — ela replicou com acidez. — Além disso, o que ele faz para que seja o melhor? Dando ordens ou desgostando a todo o mundo?

— Phillipa... — advertiu seu tio com desagrado. — Cuide dos seus modos. Hansberg me garantiu que Field é seu melhor homem, e confio nele quando me assegura que nada, nem ninguém, voltará a lhe fazer dano.

A inquietude que ele mostrava por sua segurança mostrava o quanto gostava dela. Phillipa não podia mais que enternecer-se por ele, mas se negava a ser arrastada pelas boas intenções dele.

— Por favor — suplicou. A súplica poderia servir.

Mas Jeremy Gibson negou com pesar.

— Sinto muito. Sua vida é muito importante para mim. Não transigirei com isto.

Fez-se um pesado silêncio. Nem ela, nem seu tio queriam dar o braço a torcer. Ambos compendiam as razões um do outro, mas também acreditavam que a postura própria era adequada.

— O que lhe parece cear conosco?

A pergunta, como sempre, provinha da conciliadora Edith.

Os dois a olharam como se houvesse falado um idioma que não entendiam.

— Comida em família, tranquilidade e boa conversa? — Ela ressaltou em um tom inocente que conseguiu que o duque relaxasse e lhe sorrisse.

— Sim, suponho que podemos. Não parece um plano ruim. O que lhe parece, Phillipa?

— Aceito encantada ao convite, mas...

— Sim, sim, nós sabemos — interveio Edith resignada, — mas deixemos isso para depois da sobremesa, parece bem?

Decidiram mudar o ambiente quando sua tia Odethe apareceu. Edith aproveitou a presença para se aproximar da cozinha, certa de que na presença dela não se falaria do assunto.

Phillipa entendia muito bem.

Minutos depois suas primas se uniram a eles, as gêmeas: Grace e Marian Elizabeth, orgulhos de sua tia Odethe. As jovens estavam com dezesseis anos e eram tudo o que Phillipa não foi nessa mesma idade. Um pouco tolas, mas joviais e sem malícia, eram as belezas da família. Sua mãe as preparou para convertê-las em damas intocáveis e futuras esposas de respeitáveis lordes. Possuíam tudo a seu favor e a aparência lhes abriria as portas. Não é que ela própria ou, mesmo a duquesa, houvessem feito mal. A história de amor entre Jeremy e Edith era lendária na família e muito romântica. A dela não era tanto, mas havia contado com Charles, que a quis e respeitou até a sua morte.

As abraçou e conversou com elas até que apareceram Kenneth e Fergus, os filhos mais novos de Jeremy e Edith. Quanto aos dois maiores, haviam fixado sua residência no

Eton. Os quatro varões, de idades compreendidas entre os doze e vinte e um anos, eram a alegria dos duques, mas era inevitável que os deixassem loucos, assim como também ao resto da família.

Edith adorava os quatro. Também sabia que era a prima favorita deles; não em vão «era um pouco mais velha que todos eles, além disso, era a mulher que vivia a vida que queria», segundo suas próprias palavras.

Não havia nada como ser jovem e idealizar a vida dos demais.

É claro, a ceia foi de tudo menos sossegada. Sem dúvida, estava acostumada e lhe encantava. Boa parte de sua vida havia vivido entre essas paredes e rodeada de todos os seus familiares, pelo que, às vezes, quando ceava na solidão de seu lar, sentia falta do buliço que formavam, de uma boa conversa ou das risadas informais. A presença dos mais jovens evitou assuntos espinhosos e ninguém ousou falar de trabalho, tema que aborrecia Odethe. Limitaram-se a comentar anedotas sobre o resto da família, amizades próximas ou fofocas que alguns deles não deveriam saber. Também fizeram uma avalanche de perguntas que Phillipa respondia e esquivava tão bem quanto sabia. Foi no meio da sobremesa, já relaxada, quando cometeu um erro. Reconheceu quando abriu a boca, já que, sem poder remediar, enlaçou a conversa com a saída daquele dia.

— Não creio que o senhor Field saiba onde foi parar. Não parou de repetir que os molhes não são lugares para uma dama.

— E é justamente o que eu digo sempre — interveio Odethe, — embora pareça que ninguém se importa com o que opino. Quem é esse senhor Field, se pode saber? E por que a acompanhava?

Phillipa viu como o casal cruzava os olhares e instava a seus filhos a desaparecerem.

— Eu creio que faz uma noite estupenda para jogarmos charadas — soltou Kenneth.

— Charadas? Justo agora, no meio da sobremesa? — perguntou Grace.

— Sim, me encantam as charadas.

— Desde quando? — Marian Elizabeth o olhou com suspeita.

— Desde agora mesmo.

Então os dois jovens levaram as suas primas, que não deixaram de lamentar-se por não poder terminar sua sobremesa.

Uma vez a sós, Phillipa suspirou. Agora não havia mais alternativas que contar a verdade.

— É meu novo protetor, tia.

Ela olhou sem compreender.

— Espero que não comece uma nova moda semelhante à de mudar o guarda roupa, querida. Jeremy não pode gastar mal o dinheiro com pessoas que lhe protejam de suas particularidades. — Assim era mais ou menos como Odethe defendia que uma dama trabalhasse. — Ao menos este é perspicaz. Que mal tinha o outro?

A pergunta não era capciosa nem pretendia mostrar favoritismo algum. De fato, Odethe nunca havia encontrado com Frank. Apenas mostrava curiosidade.

Phillipa desejou não precisar contar nada a sua tia, mas pensou que talvez pudesse ocultar certos detalhes. Tudo por um bem maior.

— Jeremy decidiu que Frank não é mais apto depois do que aconteceu na noite passada.

Sua tia olhou-a enquanto deslizava a colher na sobremesa de canela.

— Estou esperando que continue explicando, querida sobrinha.

— Pois resulta que topei com um ladrão no hospital e que, quando eu quis impedir o roubo, ele tentou me atacar.

Agora sim havia captado toda sua atenção e isso porque só havia sido uma explicação superficial.

— Alguém tentou atacá-la? — Era uma pergunta retórica.
— na noite passada? Faz vinte e quatro horas?

— Sim. — Phillipa começou suar e se perguntou por que Jeremy não intervia.

— E por que até agora ninguém fez referência de me informar sobre isso? — Lançou um olhar acusatório ao resto dos comensais, mas somente Phillipa sentiu o látego da culpa.

— Não queríamos preocupá-la de forma desnecessária — interveio Jeremy.

Phillipa o teria beijado por isso.

— Oh!, é claro, quanta consideração. — Afastou a sobremesa sem terminar e limpou com suavidade a boca com um guardanapo de linho. Era evidente para todos o quanto ela estava furiosa.

— Odethe, por favor, não se altere. — Edith pousou sua mão na da outra mulher. — Phillipa queria contar ela mesma. — o que era verdade. — Só esperávamos o momento adequado. Por isso ficou para a ceia.

Phillipa agradeceu em silêncio a pequena mentira.

— O que ele lhe fez?

— Nada importante tia. Como pode ver por você mesma, estou bem, de verdade.

— Agora admitirá, ao menos, que eu tinha razão todas e cada uma das vezes nas quais disse o quanto é perigoso o que você faz no hospital. Espero que desista desse absurdo e faça o que se espera de você.

Ela precisou contar até cinco para não responder com uma grosseria da qual depois se arrependeria. Com ela sempre havia sido assim. Sem dúvida, não podia reprová-la em nada. Odethe era dessas mulheres que Phillipa nunca havia suportado. Muito dependente dos falatórios, da etiqueta e das tradições. Transigia em muitas de suas exigências e não respondia como merecia, era porque as unia um laço de afeto que anulava o resto. É claro, havia vezes nas quais colocava à prova sua resistência e boa vontade, como quando quis ser enfermeira, mas não levava em conta.

Às vezes a olhava e via o que seu aspecto transmitia: uma mulher inteligente, forte e cheia de vida. Possuía feições

suaves e um sorriso bonito quando se decidia mostrá-lo. Aos seus cinquenta e dois anos, ainda conservava uma invejável figura e se vestia sempre com elegância. Tudo nela convidava a pensar que poderia voltar a dar uma oportunidade ao amor. De fato, considerava que onze anos de viúvez eram mais que suficientes. E não é que Phillipa acreditasse que uma mulher ficasse melhor com um homem ao lado. Nem sempre era assim. Entretanto, Odethe havia nascido para ser esposa, mãe e levar as rédeas de seu próprio lar, justamente o contrário do que acontecia agora, vivendo sob a proteção de seu primo: o duque.

Apesar de tudo, quem era ela para julgar aos demais? Acaso não havia lutado com unhas e dentes para viver a vida que desejava? Nunca havia compartilhado confidências com sua tia. Talvez essa situação fosse o que ela buscava, talvez esperando as bodas de suas filhas para terminar vivendo com uma delas.

— Não nego que pode chegar a ser perigoso — asseverou com diplomacia. Ignorou o levantamento das sobrancelhas que sabia que Jeremy faria, — mas é um fato fortuito e isolado, nada mais. Poderia ter acontecido em qualquer outro lugar. Não sei, poderia estar em uma livraria e de repente me ver envolta num ataque.

— Ninguém seria tão mentecapto para assaltar um comércio respeitável — refutou Odethe, — mas esse trabalho que você considera o mais importante em sua vida é perigoso. Trata com pessoas da rua todos os dias e se expõe, vá saber,

a quais perigos quando sai por aí sozinha, se misturando com essa...

— Essa gente não vive na miséria por prazer, tia, acredite — ela lhe recordou imediatamente.

— Não, tenho certeza disso. Recordo-lhe que sou membro da Liga da Caridade e que tento ajudar aos mais desfavorecidos sempre que se apresenta ocasião.

Fazer uma coleta para poder dar um prato de sopa e uma manta uma vez a cada seis meses, ou jogar um penique em uma lata quando passeava por Covent Garden não era o que Phillipa entendia por caridade, mas se absteve de dizer em voz alta. Queria oferecer a Odethe explicações, não brigar com ela ou ferir sua sensibilidade.

— O que tento lhe dizer, tia, é que cada uma de nós trata de ajudar aos demais, só que de um modo distinto.

— Mas se colocar em perigo dia sim e dia também...

— Odethe — interveio Jeremy novamente, — ser enfermeira é parte de nossa Phillipa, goste você ou não.

— Sim, eu entendo. O que me custa a compreender é como dirige esse hospital para que alguém queira lhe machucar.

— Está sendo injusta. — Quis dizer também «exagerada», mas não podia. De fato, sua tia possuía razão, embora lhe custasse admitir.

— Se é o que prefere pensar. — Encolheu os ombros. — Imagino um hospital vazio, exceto por suas «pacientes» — que acreditaram no que acontecia com elas, — corredores

solitários e o mínimo de pessoal. Preciso me perguntar onde estava esse Frank.

— Nunca havia acontecido nada... — Tentou desculpá-lo, embora se desse conta cada vez mais daquilo que Jeremy havia tratado de explicar.

— Até acontecer — sentenciou Odethe com acidez. — Neste caso prefiro que não me conte o que esse Frank fazzia enquanto você estava com problemas, mas imagino. — Se voltou para Jeremy. — Nisto também o culpo. Como cabeça da família, espero muito mais eficiência de sua parte. Se esse homem não estava capacitado para salvaguardar a integridade física de nossa Phillipa, você devia saber.

— Odethe! — exclamou indignada Edith.

— Não, querida — ele levantou a mão para deter os protestos irados que ela estava à ponto de lançar em sua defesa, — ela tem razão. Culpo-me pelo que aconteceu. Embora não se preocupe, Hansberg recebeu o meu descontentamento.

— Talvez Frank devesse estar mais atento, mas está levando as coisas ao extremo. Trata-se de pessoas.

— Não se a obrigação dele é a sua segurança e a sua vida, Phillipa.

O tom duro de Jeremy lhe fechou a boca.

— Bem — Odethe assentiu, — parece que nisso estamos de acordo. Agora falemos desse... Como disse que se chama?

— Sebastian Field — pronunciou a contra gosto.

— É um bom profissional, espero. — Não perguntava à ela.

— O melhor. Garantiram-me. Será sua sombra até que ela feche a porta de sua casa.

Odethe logo ficou apaziguada, mas Phillipa se sentia em desvantagem e protestou uma vez mais.

— Insisto que isso é um exagero. Vocês não fazem uma ideia do que é ter alguém vigiando seus passos todo o bendito dia. Você me compreende, não é verdade, Edith? — Necessitava ter, no mínimo, uma aliada ali.

Sem dúvida, recebeu uma careta de desculpa.

— Isso é o que acontece quando insiste em exercer sua santa vontade sem considerar os perigos que pode chegar a ter — disse Odethe. — Até mesmo às instâncias dos que mais a amam.

Phillipa os olhou um tanto incrédula. Parecia como se, de repente, questionassem suas decisões de vida, quando sempre a haviam apoiado e incentivado a isto. Talvez não Odethe, mas os duques sim. Sentiu que os olhos umedeceram e que sua garganta fechava.

— Por favor, querida, não pense que é uma forma de controlá-la ou recriminar o formidável trabalho que desempenha. — Edith se levantou e se aproximou da poltrona contígua a sua. Pegou suas mãos com carinho. — Trata-se de protegê-la a qualquer preço.

As palavras e o evidente afeto em sua voz a acalmaram. Precisou de alguns minutos em silêncio para conseguir controlar as emoções que ameaçavam transbordar.

— Não vai respeitar meus desejos? — Ela insistiu quando se sentiu capaz de falar. Não valia a pena perguntar.

— Sinto muito, mas Sebastian Field fica — confirmou Jeremy.

E Phillipa contemplou a firmeza de três pares de olhos. Pela primeira vez, seus tios estavam de acordo.

Bem, podia ser tão teimosa como eles. Afinal de contas, eram familiares, não?

Capítulo 5

— Não sairá pelo telhado, não é? — Perguntou Martin com humor, observando uma animada Phillipa, que parecia ter encontrado a solução de seus problemas.

Ela fez um gesto de silêncio com o dedo, sem se atrever a olhar à outra parte da sala de refeições às enfermeiras e doutores, num canto, junto a uma das lareiras, onde se encontrava o senhor Field, sentado em uma poltrona, enquanto observava, atento, todas as idas e vindas.

Phillipa tomou uma colherada de caldo antes de responder.

— Sentiria uma profunda satisfação se Frank regressasse — disse com absoluta sinceridade.

— Não pode ser tão grave sua relação com o senhor Field. Deveria conversar com ele quando estiver calma e chegar a um acordo — aconselhou ele.

— Impossível — argumentou Phillipa, olhando para o seu amigo.

Martin Rafferty era um grande apoio no hospital. Ele não a via como uma ameaça, nem tão pouco impunha sua vontade pelo simples fato de ter nascido varão. Muito ao

contrário: tratava-a com o devido respeito, a defendia se fosse preciso diante dos outros doutores e levava em conta suas opiniões, tanto a nível profissional, quanto pessoal. Além disso, apoiava-a em seus trabalhos informativos quando Phillipa saía para pregar.

Com respeito a isso, Phillipa sabia que contava com ele de forma incondicional. Por isso não hesitava em solicitar sua presença — inclusive em horários intempestivos — se necessitasse de seus serviços como médico. Nas ruas, com aquelas pessoas, por vezes surgiam contratempos. Quando a opção do St. George Women's Charity não era factível, sempre terminava recorrendo a seu amigo. Martin havia costurado feridas e curado lesões quando ela havia solicitado, sem pedir nada em troca. Nem sequer uma explicação.

No que se refere à intimidade, ambos haviam traçado uma linha invisível que não ultrapassavam, exceto quando tivessem um problema que necessitasse conselho, como era o caso no momento. Não que Phillipa necessitasse na realidade — já havia tomado uma decisão a respeito; — só desejava que alguém apoiasse.

— Não estou de acordo — declarou ele. — Pelo que parece, o senhor Field é uma pessoa civilizada. — Pelo menos, isso lhe pareceu quando o conheceu nessa mesma manhã.

— As aparências enganam — ela replicou com ressentimento. — Não atenderá minhas razões porque está convencido de que em cada esquina, de cada rua, há um perigo cercando-me.

— Não é demais tomar precauções — ele disse em tom conciliador.

Phillipa enrugou a testa.

— De que lado você está?

— Do seu — ele se apressou a responder, esboçando um carinhoso sorriso que terminou contagiando-a.

De certo modo, considerava Martin como um irmão. Ninguém precisava dizer que era tão feio quanto ela embora em versão masculina. Amava-o de um modo fraternal. Ele sempre possuía um conselho, a mão, embora Phillipa não houvesse pedido. E, é claro, nem sempre estavam de acordo.

Contemplando seu rosto, ela lançou um suspiro.

Apesar de ser uma viúva jovem, ela não pensava em voltar a se casar. Seu matrimônio com Charles havia sido calmo, mas ela jamais encontraria outro homem com aquela afinidade. Ao contrário, o solícito e afável Martin, um médico proveniente de uma boa família, educado e com excelentes logros acadêmicos, merecia conhecer um pouco dessa felicidade; que alguém o valorizasse além de suas habilidades com os enfermos. Ele necessitava de uma mulher que apreciasse todos seus traços e que não se importasse, em absoluto, que ele não fosse um homem bonito, pelo menos quanto à aparência.

Phillipa se alegraria muito por ele se isso acontecesse.

— Sei o que você está pensando — ela disse com ar de entendida, como se conhecesse cada um dos segredos que escondia a mente de Martin.

Ele a olhou com olhos interrogativos.

— De verdade?

Phillipa assentiu.

— Não sou uma mulher de má fé, mas considera que isto não é mais do que uma birra.

— Não disse tal coisa — ele se desculpou.

— Não é necessário que o faça. — Phillipa afastou o prato de caldo e começou a brincar com uma maçã. — Estou há anos fazendo o que considero oportuno, lutando contra a incompreensão masculina que não aceita ordens nem conselhos de uma mulher.

— Eu não sou assim — ele murmurou.

Phillipa esboçou um cáldo sorriso enquanto seu olhar descia à maçã, que fazia rodar de uma mão a outra.

— Eu sei. Mas deve entender que o senhor Field não levará em conta minha vontade. — Fez uma breve pausa. — Deixará que eu saia para pregar. Mas sendo restrito em cada um de meus movimentos. Não é justo — se queixou.

— Bom, se tão mal estão as coisas, por que não fala diretamente com a agência onde o contrataram?

Phillipa mordeu o lábio. Martin era seu amigo, mas desconhecia sua relação com o duque de Dunham, era impossível explicar que ele estava com as mãos atadas. Embora confiasse cegamente nele e sabia que nunca revelaria tal segredo, havia prometido não dizer nada. Isso a fazia se sentir culpada por deixá-lo a margem naquele aspecto. Sem dúvida, havia se acostumado a ter separadas aquelas duas partes de sua vida.

Odiando precisar mentir, Phillipa inventou uma explicação à medida.

— São da opinião de que Frank não cumpriu com seu dever.

Martin tossiu.

— Estou completamente de acordo. Estava dormindo — ele lhe recordou com desagrado, porque sabia que não era o que Phillipa queria escutar naquele momento.

— Se o senhor Field cometer algum descuido imperdoável, terei argumentos a meu favor para solicitar a reincorporação de Frank — lhe explicou.

— Por isso quer escapar pelo telhado — brincou ele.

— Oh!, a medida não seria tão drástica — disse Phillipa, sorrindo.

Tivera tempo para meditar sobre aquilo profundamente, chegando à conclusão de que se conseguisse se livrar durante alguns minutos da constante presença do senhor Field, que estava ao seu redor como um falcão, e aproveitasse para escapar e sair para pregar, seria como dar com as portas no nariz dele. Faria chegar tal informação ao seu tio, ou, melhor ainda, a Hansberg, demonstrando que ele também possuía limitações em sua proteção.

— Mmmm. Que demônios está pensando, agora mesmo? Porque você está com uma expressão malévola. — Martin fez a observação, alegre. — Compadeço-me do senhor Field.

Phillipa abriu bem os olhos antes de explodir em gargalhadas.

Sua reação fez com que Sebastian se levantasse de golpe e se aproximasse. quando se deu conta de que só se tratava de uma gargalhada e de que Phillipa não corria perigo algum, parou na metade da sala, o que lhe valeu alguns olhares curiosos de outras enfermeiras, que terminaram sussurrando entre elas.

Sebastian estava acostumado às mudanças bruscas e inesperadas e sabia que nunca era demais prestar à devida atenção, por isso não se preocupava que o taxassem de exagerado.

Voltava ao seu lugar de vigilância quando Phillipa, que até então não havia se dado conta de nada, se voltou para seu lado e ficou olhando-o com curiosidade.

— Deseja alguma coisa, senhor Field? — perguntou com um tom tão tenso quanto as cordas de um violino.

As enfermeiras, ávidas por fofocas, não perderam nenhum detalhe.

Por um momento se fez silêncio. Enquanto, Phillipa o contemplava com o queixo levantado, ficou patente no ambiente que ele não era mais do que um maldito incômodo.

Sebastian apertou os lábios com desgosto. Ele podia ser obtusa o quanto quisesse, mas pelo menos merecia um trato cortês e respeito em frente ao pessoal daquele hospital. Ao contrário, desde esta manhã, havia apanhado-os se mostrando desdenhosos com sua presença sem nenhum tipo de dissimulação.

Sebastian negou com a cabeça.

— Tudo bem — disse contido. Já sabia que ela seria uma mulher difícil, então ele devia se armar de paciência.

— Então, o que faz aí de pé? Regresse ao seu lugar — ela murmurou despachando-o com a mão.

«Está se vingando», Sebastian disse a si mesmo. «Ontem eu dei ordens para ela e hoje ela está tentando inverter a ordem». Porque reclamar no meio de todos aqueles desconhecidos não o deixaria nada bem e ela sabia.

Guardou um sorriso para si enquanto fazia o que ela lhe pedia. Afinal, essa não seria a tônica que marcaria sua relação e muito em breve a senhora Baker comprovaria.

Observando como ela relaxava e prosseguia sua conversa com aquele médico carente de qualquer interesse físico, precisou se lembrar que aquele combate não havia terminado ainda.

— Isso não foi um comportamento exemplar — disse Martin para Phillipa alguns segundos depois.

Ela se ruborizou.

— Não é para tanto — justificou.

— É claro que sim. Não é próprio de você, nem a forma como disse e nem o que disse — assinalou, fazendo referência ao seu comportamento.

— Só recordei de qual é o lugar dele. Não pode fustigar-me por isso — ela disse, obstinada.

O doutor se inclinou à frente.

— Compreendo que seja dura com suas enfermeiras quando cometem erros, ou que brigue com os médicos e os cirurgiões para afiançar sua situação como chefe.

— Luto também por elas. — Phillipa não permitia que as tratassem como um simples adorno ou como um objeto inútil. Todas as enfermeiras possuíam titulação, e seu trabalho no hospital era tão fundamental quanto o dos demais.

— Eu sei e apesar disso você nunca menosprezaria ninguém. Por que acaba de fazer? Algumas delas estão nesta sala e testemunharam tudo.

— O senhor Field merecia — argumentou a seu favor.

— Não acredito.

— Martin, ele começou primeiro. Ontem se mostrou muito impositivo...

Ainda sentia ferver o sangue quando recordava seu comportamento nos molhes.

— Ambos possuem visões distintas de qual é o seu trabalho. Necessitam chegar a um consenso. Ele não pode proibi-la de tudo, por mais que trate de evitar riscos...

— Exato!

— Mas você tão pouco pode se mostrar tão obstinada. Escolha com sabedoria qual batalha quer ganhar e quais tarefas são mais importantes. Se por exemplo o senhor Field não considera oportuno que discursar em frente às tavernas e de noite, concentre-se em outros lugares que ele veja com melhores olhos.

Phillipa suspirou.

— Sei que seus conselhos são bons, mas posso me arranjar sozinha.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição e não voltaram a falar do assunto durante os minutos seguintes nos

quais desfrutaram da mútua companhia. Quando Phillipa terminou de levar um pouco de comida ao estômago, ficou em pé, sacudiu a saia do vestido de enfermeira e disse a Martin que precisava prosseguir com suas obrigações.

Deixou a calidez do refeitório com o senhor Field ao seu encalço. Sabia que era a hora. Se desejasse começar com seu plano, precisava ser rápida.

Durante os anos em que esteve ao seu serviço, Frank deixava que Phillipa transitasse pelo hospital com liberdade. De vez em quando fazia rondas, e a procurava para comprovar que tudo corria bem, conversavam por um momento antes de regressar ao banco da recepção, onde ele passava horas sentado. Ela gostava do arranjo, porque na realidade só precisava dele durante suas saídas, então agradecia por sua liberdade.

Com o senhor Field era diferente.

Para Phillipa lhe parecia que ele a perseguia como um cão que teve quando criança, um presente de sua bisavó Margaret. Tratava-se de um adorável e gracioso animalzinho com o qual era fácil ter carinho. Ao contrário, Sebastian Field era uma constante dor de cabeça.

Desde aquela manhã que ele colocou os pés no hospital, havia se negado a ficar sentado. Ofendido, lhe advertiu que não era dos que descuidava de suas responsabilidades. E sem dúvida, considerava que ela, sim. Por essa razão não a deixou sozinha durante a hora em que ela esteve revisando sua correspondência, escrevendo cartas resposta ou revisando informes do turno da noite. Tão pouco o fez durante a reunião

matutina com as enfermeiras — embora todas estivessem incômodas com a presença dele — e muito menos, ficou para trás quando Phillipa, cobrindo uma das enfermeiras que faltou, se ocupou da cura de pacientes com queimaduras, por mais desagradável que pudesses parecer aos olhos não acostumados.

Ele não disse nada, só ficou em pé, como se fosse uma coluna com séculos de antiguidade que pertencia ao mobiliário.

A gota d'água que acabou com sua paciência ocorreu quando começou a supervisão da limpeza em uma das salas. As enfermeiras deviam lavar corpos antes de trocar os lençóis e esfregar o chão, isso era embaraçoso, para não dizer pouco ético e uma violação da intimidade, que um homem estivesse presente e observasse certas partes da anatomia feminina.

Terminaram discutindo e agora se repetiria, mas por outra causa.

Como Martin poderia dizer para chegar a um acordo? Com aquele homem tudo era impossível.

Phillipa se deteve no meio do corredor e o encarou enquanto levantava um dedo ameaçador.

— Agora me dirijo à sala de operações, onde assistirei a um dos cirurgões.

Sebastian assentiu.

— É claro, deve atender suas obrigações. Eu não interferirei.

Phillipa o olhou com suspeita.

— Significa que me deixará em paz?

Reteve o fôlego na garganta, à espera.

Sebastian inclinou o rosto para frente, lançando-lhe um olhar penetrante.

— Se o que quer dizer por «deixar em paz» é “então espere em outro lugar”, minha resposta é: claro que não. Entrarei com você.

Phillipa lançou um profundo suspiro.

— O St. George Women’s Charity não é um hospital universitário, portanto não é permitido observar as operações. Só o pessoal médico tem acesso.

— Por quê? — quis saber ele.

Phillipa o contemplou com uma mescla de emoções.

— Céu Santo, nossa missão não é ensinar, mas sim curar — lhe explicou. — Por isso só permitimos a presença de cirurgiões e enfermeiras que os assistem. Tê-lo na sala pode atrapalhar nosso trabalho. Compreende? Não vou colocar em risco a vida do paciente.

Incompreensivelmente, ele não protestou.

— Está bem — disse somente.

Ela o olhou com receio.

— Está de acordo comigo?

— Incomoda-se que eu esteja?

— Por que me responde com outra pergunta? — assinalou Phillipa, embora ela fizesse o mesmo. — Não tenho tempo a perder com bobagens e muito menos com uma operação a qual devo ajudar.

Sebastian esboçou um sorriso fugaz e fez uma ligeira reverência.

— Vou atrás de você. Deus permita que não chegue com atraso.

— Mas não entrará na sala de operações — ela afirmou com intransigência.

Esperou paciente que o senhor Field confirmasse, evitando topar com seu olhar. Não que ele fosse adivinhar suas intenções com apenas uma olhada, mas era bastante astuto. Melhor não tentar a sorte.

— Isso já me disse.

— E você continua sem me responder.

Para que tudo saísse segundo o planejado, o senhor Field devia permanecer à espera no corredor que conduzia as salas de operações enquanto ela fingia ajudar os cirurgiões. Só se tratava de um estratagema, porque uma vez dentro, Phillipa sairia pela outra porta, a que dava às escadas de serviço, e assim conseguiria escapar da opressiva vigilância.

— Eurespondi — afirmou ele. — Juro solenemente que me mantereí fora da sala de operações.

Aquele tom a incomodou.

— Não é necessário que se mostre tão condescendente — ela lhe espetou, convencida cada vez mais de suas possibilidades.

Chegaram à sala de operações antes da paciente e Phillipa se despediu do senhor Field sem aparente entusiasmo. Sem dúvida, em seu interior começava a ferver certa expectativa pela emoção que supunha deixá-lo para trás e libertar-se de sua vigilância.

Não se entretteve muito conversando com as irmãs Simpson e Levy. Primeiro, porque sua presença havia sido motivo de surpresa e preferiu evitar perguntas incômodas. Ela não costumava auxiliar às operações, nem sequer quando eram improvisadas. Segundo, porque ambas estavam atarefadas com a distribuição das bandejas de instrumental cirúrgico, esterilizado previamente com ácido carbônico.

Saudou o cirurgião que devia aplicar o clorofórmio com uma inclinação de cabeça e partiu o mais apressada que pode, sabendo que a agilidade era sua maior aliada.

— Fugindo? — Perguntou uma voz às suas costas quando dobrou a esquina que conduzia ao corredor onde se encontrava seu escritório.

Phillipa ficou imóvel. Não necessitava se virar para saber de quem se tratava. Nesse instante, seu coração começou a bombear sangue com uma rapidez inusitada. Não havia demorado mais do que cinco minutos para percorrer aquele corredor pela área de serviço. Como ele podia tê-la alcançado?

Sentiu-se mal pela decepção e precisou se lembrar de que não estava cometendo nenhum crime.

Virou-se para encarar o homem que a contemplava com pouca cordialidade.

— Senhor Field, não esperava em frente à sala de operações? — disse numa tentativa de aparentar normalidade.

Ele assentiu.

— Durante alguns segundos — respondeu antes de ficar em silêncio.

Phillipa, incômoda, fez tudo o que estava em suas mãos para que ele não suspeitasse de suas intenções. Mas então se recordou que ele havia dito «fugindo», então na realidade ele sabia.

— Vou buscar material médico à operação.

Sebastian estudou seu rosto com atenção, advertindo com o brilho dos olhos que ela não podia enganá-lo.

— Para isso se necessita da chefe das enfermeiras?

Phillipa captou o tom de ironia e apesar disso manteve a compostura.

— Se me permite... — disse numa tentativa de prosseguir seu caminho.

É claro que ele permitiu. Não obstante, não teve possibilidade de escapar, visto que o senhor Field só necessitou de duas passadas para ficar ao seu lado, disposto a acompanhá-la onde fosse necessário para buscar o material, mesmo que ele precisasse dar a volta ao mundo.

Phillipa pensou que, estranhamente, ele não parecia aborrecido.

— Para onde nos dirigimos? — perguntou dando ênfase no «nos», embora fosse evidente que seu escritório estava ali mesmo.

Disfarçando um sentimento de hostilidade que ameaçava aflorar, estudou as suas possibilidades: o que devia fazer? Porque buscar um material qualquer sem esterilização para colocá-lo na sala de operações, somente para dissimular, ficava descartado.

Sentiu-se em uma armadilha e lhe lançou um olhar circunspecto.

— Pode me esperar em meu escritório?

— Não.

Phillipa suspirou.

— Preciso alguns minutos a sós. — Para repensar sobre seu plano, disse a si mesmo. Porque tudo havia ido ao lixo.

Já não podia ir sozinha para pregar e, muito menos, lutar pelo regresso de Frank. Haveria mais oportunidades, oh!, sim. Mas naquele momento não desejava pensar nelas.

— Para que possa escapar? — Sebastian levantou uma sobrancelha. — Dei uma chance a você que não soube aproveitar; seria um néscio se lhe desse mais.

Phillipa quis ser cortante, embora também desejasse terminar com as brigas.

— Prometo-lhe que não o farei.

Ele entrecerrou os olhos.

— Consegue se dar conta de que neste momento sua palavra não vale muito? Pelo menos ao que se refere a mim — ele expôs com tranquilidade. — Estava disposta a me deixar esperando durante sabe-se lá quanto tempo.

— Como soube?

— Intuição, talvez — respondeu enigmático, sem dar mais explicações.

Isso despertou a curiosidade de Phillipa.

— Não querará dizer: casualidade?

Sebastian sorriu do mesmo modo que o faria um lobo diante de sua presa.

— Você é uma mulher inteligente. Estaria disposta a jogar? — Phillipa encolheu os ombros e ele interpretou como um gesto de insegurança. Sorriu, tirou um florim do bolso de sua calça e o mostrou com a palma da mão aberta. — é suficiente ou gostaria de aumentar a aposta?

Seus olhos eram avaliadores, pelo que Phillipa disse a si mesmo que não seria bom tentar o diabo.

— Não gosto de apostas — ela declarou com toda dignidade da qual foi capaz.

— É isso ou teme... perder? — perguntou ele, rindo baixinho.

Desconhecia o modo como ele havia feito, mas não havia dúvida de que o senhor Field estava a par de suas intenções. Não a surpreendera *in fraganti* por mera casualidade, tal como havia dito ela.

— Sei quando devo agir e quando me retirar.

— Então admite que tenho razão: pretendia fugir.

Naquelas alturas não fazia sentido seguir negando tais evidências e ainda mais quando ela já aceitava. Sem dúvida, Phillipa não conseguiria continuar agarrando-se a sua história, mesmo que só um pouco.

— Diz como se eu fosse uma fugitiva. Minha intenção era boa.

A sonora gargalhada do senhor Field a fez ruborizar.

— Ora! Vamos! — riu ele. — Eusabia que você passaria aqui para buscar sua capa. Se não fosse por esse pequeno detalhe, você já estaria longe do hospital.

— Livre de sua presença — grunhiu ela.

Sebastian expandiu seu sorriso, contemplando, divertido, a expressão frustrada da senhora Baker. Havia acertado no alvo ao rezear suas intenções. Uma sorte.

Ele não chegou a replicar visto que lhe sobreveio uma sensação estranha; de certo modo, de timidez.

Surpreendeu-se.

Ele era um homem aberto e, embora precavido, nunca havia sentido que não teria nada a dizer. E não era que naquele momento não o tivesse, apenas que se abrisse a boca para explicar como havia suspeitado dela, terminaria oferecendo mais do que devia à inteligência da senhora Baker e estaria em sérios problemas.

Que houvesse descoberto seu jogo não significava que ela não fosse imaginativa e resolutiva; mas simplesmente que Sebastian levava vantagem. Notava uma força nela, uma valentia, que contava com toda sua admiração. Era dedicada demais e não pedia mais do que ser ouvida. Havia constituído uma vida longe dos bailes e da ociosidade dos de sua classe para se dedicar aos demais.

«Por que esse sentimento, tão repentino?» Ele se perguntou. Phillipa Baker não deslumbrava por sua beleza. Ademais, possuía um caráter arisco quando algo a contrariava. O que possuía de especial essa mulher que em pouco mais de um dia conseguiu arrancar dele elogios sinceros?

«Seus olhos». Não era seu tom que se destacasse, de uma suave cor verde, mas sim a força e a determinação que habitavam neles.

Por um momento esqueceu que ambos se encontravam na metade do corredor e qualquer um poderia vê-los. A atmosfera ficou íntima e o olhar de Sebastian pousou na doce curva do pescoço feminino. Sua parte racional soava vozes dentro de sua cabeça que ele não entendia, visto que com isso só conseguiria complicar as coisas. E isso o reteve durante alguns segundos, até que ela inclinou o rosto, abriu bem os olhos e... simplesmente esperou seu movimento.

Por seu lado, Phillipa notou como as partes de seu corpo adquiriam certa rigidez, permanecendo atenta ao senhor Field. Pareceu que a atitude autoritária que ele exercia sobre ela havia dado passagem à outra mais próxima e íntima. Uma parte dela, da rigidez, ela tomou como uma invasão. Sem dúvida, como mulher que era e exposta ao encanto masculino ela observou novamente sua boca, tal como havia feito em sua casa.

Suas mãos tremeram ligeiramente, notando o ar pesado.

A voz da razão lhe devolveu a sensatez que necessitava para por coisas em seu devido lugar e afastar qualquer sinal de sentimentalismo para com ele. Não podia se permitir ter pensamentos sobre sua boca, por mais levianos que fossem, e muito menos começar a albergar esperanças. Ela era Phillipa Baker, uma prática, eficiente e feia viúva com poucas ilusões, exceto ajudar os mais humildes. Então não precisava de um homem para complicar sua vida. E sem dúvida, o senhor Field parecia esse tipo.

— Bem — disse se erguendo. — Se não vai esperar em meu escritório, não o faça.

Phillipa se negou redondamente a olhá-lo e continuar pensando naquilo. Encaminhou-se definitivamente à pequena sala onde estava situado seu escritório e decidiu se esconder atrás da papelada. O inventário e as dezenas de cartas de enfermeiras solicitando um visto de trabalho no hospital serviriam para esse fim, já que o trabalho conseguia distraí-la.

A morte continuava surpreendendo-o. Por mais que buscasse ou por mais que investigasse, ela possuía uma forma muito curiosa de desafiá-lo. Às vezes era tranquila e previsível como um amanhecer. Outras, assemelhava-se a névoa espessa que não deixa ver o que estava à sua frente e lhe envolvia com ela. Em ocasiões crua e violenta, mas sempre especial e única.

Adorava a morte. Entusiasmava-se em analisá-la. Comovia-lhe presenciá-la.

Com isso não pretendia dar a entender que gostasse de matar, mas sim, de tê-la muito presente. Afinal, morte e vida se esvaíam pela mão.

Levantou do seu lugar privilegiado e se adiantou somente alguns passos. As mãos lhe ardiam de tanta euforia.

O lençol havia desaparecido como correspondia e pode contemplar sua obra, o efeito do conhecimento e o poder que lhe caracterizavam.

Percorreu depressa o braço já frio até chegar ao pulso. Nada.

Olhou novamente o corpo maltratado pelo tempo e pelo abuso. Os peitos murchos e macilentos e um púbis com poucos pelos não provocavam mais do que indiferença. Mesmo assim, afastou com delicadeza a franja que o atrapalhava de ver a imagem completa. Não era formosa, nem sequer bonita, mas isso não era importante. O valioso desse corpo era o que continham suas veias. Seu sangue. Mas ninguém suspeitara porque ele havia sido cuidadoso, procedendo com cautela para avançar num plano magistral que agora fazia parte de um todo.

Finalmente havia chegado a hora de ver de perto os estragos de sua genialidade. Dessa vez era uma prostituta por que que iriam sentir falta dela? Mesmo que tivesse família não demorariam em esquecê-la. Nem sequer as autoridades se interessariam. Todo aquele que visitava lugares como esse só abandonava uma vida de miséria ou outras almas miseráveis que não demorariam a serem engolidas pela voraz maré.

Olhou-a novamente e se sentiu vencedor. Havia avançado tanto... Esse era o salto definitivo que lhe permitiria completar sua grande obra. Ninguém contava com suficiente interesse e coragem para levar a termo aquele ambicioso projeto que equilibraria a balança. E como de nada serviam as leis inglesas precisava fazer a seu modo. Deter-se agora estava completamente descartado.

Como o amanhecer estava próximo, não pretendia dilatar mais o momento. O pessoal diurno não demoraria a se

apresentar, e ele só pretendia contemplá-la enquanto observava informações vitais. Não costumava chegar tão cedo, mas seu emprego possuía vantagens. Podia vir de madrugada e ninguém suspeitaria dele. No máximo, achariam que se tratava de excentricidades próprias de um homem de sua posição. Ademais, fazê-lo contava com um duplo objetivo. Na solidão própria das horas que precediam o dia, pode encontrar a pessoa idônea para ser a receptora de tão transcendental passo. Acabara por ser Mary; uma simples Mary entre tantas que havia. Primeiro ele havia se assegurado de que ela gozasse de uma saúde razoável — nada que depois não pudesses ser a causa de sua mais que presumível curta vida. Quando teve certeza, administrou nela a solução em forma de xarope em uma das tantas, mas curtas, visitas ao seu ambiente de trabalho. Fazê-lo não apresentou nenhuma dificuldade. Só precisou ter um pouco de cuidado.

Havia demorado menos de oito dias para regressar, embora desta vez já nada se podia fazer por ela. A única coisa que faltava, era saber quais os sintomas ela apresentara mas, como sempre, nisso ele estava com sorte. Por isso havia aparecido antes. Queria ler o que havia na papeleta deixada aos pés dela antes que a levassem, depois isso dificultaria sua tarefa.

— Vamos ver, deixa-me ler estas linhas. — Pegou e leu. Nada destacável. Morreu por falência respiratória. Encontraram-na estirada no chão e nada puderam fazer por ela. Seguiu com o dedo cada palavra até chegar a um detalhe precioso e muito interessante. — «As pessoas mais próximas

atribuem uma repentina melhoria um dia antes de sua morte»
— ele recitou.

Interessante. Muito interessante. Resultava curioso e um detalhe a levar em conta.

Voltou a olhá-la e soube que sua função já estava acabada.

— Agora pode descansar em paz.

A-sefastou sem pensar mais nela e concentrou-se nos próximos passos. Agora só devia assegurar-se de que os demais casos estivessem longe do foco original; ou ao menos os seguintes.

Os sapatos não ressoavam nos reluzentes e sombrios corredores. Ninguém o havia visto entrar ou sair. As pessoas ali não seriam capazes de imaginar o alcance de sua influência. Enquanto isso ele iria um passo mais além.

Sua felicidade era grande.

Capítulo 6

«E novamente à rua, com ele».

Olhou a ambos os lados da *Comercial Road East* e acomodou a gola no pescoço para se resguardar melhor do frio e da densa umidade que, conforme se aproximavam dos molhes, se incrementava e ficava mais espessa.

Esperou o senhor Field na calçada sem tentar escapar por algumas ruas que ele não dominava mas não demoraria a conhecer. Dia a dia havia se familiarizado melhor com seus métodos e havia percebido o bem que podia chegar a realizar seu trabalho. Era consciente, possuía boa memória visual e um grande sentido de orientação. Se fosse outro, teria afirmado com certeza que, quando a deixava em casa, ele passeava pelos bairros pobres de Londres a fim de conhecer cada palmo de terreno que percorria com ela. Era absurdo, e sentia certo receio ao comprovar o quão bem ele se adaptava às ruas e as pessoas que ela havia demorado tanto a controlar. Era fácil recordar os primeiros passeios, a dificuldade para fazê-los escutar o que ela dizia ou abrir as portas. Demorou quase um ano para memorizar a rota que devia seguir em cada bairro.

Enquanto seu protetor pagava o cocheiro, Phillipa apertou a alça da maleta e puxava a capa longa para se proteger bem do frio que parecia ter piorado naquele momento.

Apesar de sua negativa inicial e as reticências, ele agora estava mais conformado e pouco a pouco se transformava em uma agradável companhia. Tão pouco era questão de se enganar. O senhor Field continuava sendo tão autoritário quanto no início, mas haviam chegado a uma espécie de trégua que ela preferia julgar como um comum acordo. Durante quase quatro semanas haviam estabelecido um padrão e seguido uma rotina que servia a ambos para se adaptar um ao outro. Ela deixara clara sua postura. Não alteraria seus costumes, nem deixaria de fazer seu trabalho. Em troca, se deixaria proteger da melhor forma que ele considerasse. De fato, nessas semanas em que haviam passado juntos a maior parte do dia, seus métodos de vigilância, eram quase imperceptíveis e a preocupação em saber de seu paradeiro ou sua férrea proteção quando saiam às ruas já não era tão pesada. No hospital podia até mesmo ter momentos a sós ou em companhia das demais enfermeiras. Os primeiros dias não haviam sido assim. Agora ele se limitava a permanecer vigilante no outro lado da porta sempre que ela estava a sós, ou com membros destacados do hospital como médicos ou enfermeiras.

— Pronto. Podemos ir.

O senhor Field se aproximou tanto dela que Phillipa sentiu o calor que emanava de seu corpo mesmo através de

todas as camadas de roupa. Sem prévio aviso ruborizou.

— Entregue a maleta. Agora eu a levarei.

Phillipa passou a maleta a ele. Pigarreou numa tentativa de dissimular e virou o rosto para o outro lado da rua para seguir o deslocamento do cocheiro e assim evitar que ele percebesse a sua perturbação. Incomodava-lhe se sentir assim, tão diferente do início e cada vez mais consciente dele em todos os aspectos. Era verdade que desde o primeiro momento ele já lhe havia parecido um homem bonito, com o ar de autoridade que era comum nas pessoas de classe mais elevada, como seu tio. Não obstante, o fator destoante que a havia feito olhá-lo mais detidamente e que havia agitado seu lado de mulher que estava adormecido, havia sido «aquele» momento no hospital, quando notou o aroma masculino e se sentiu consciente, pela primeira vez em muitos anos, como mulher.

A sensação de borboletas e encolhimento de estômago estava aparecendo com mais frequência. Nesse momento, por exemplo, acabava de senti-la. Sem dúvida, também começava a acompanhá-la uma sensação de frustração, devido, em parte, à atitude distante que o senhor Field mostrava para com ela. Estava atento a cada movimento dela? É claro, mas estava relacionado com seu trabalho, em protegê-la e evitar que ela se metesse em situações comprometidas e delicadas que ameaçassem sua integridade.

Quanto ao momento de intimidade no hospital, não voltou a se repetir. Nenhuma aproximação indevida e nem

excitante que a fizesse se remexer por dentro e nada do que ele voltou a dizer a fez sentir-se viva.

Há quanto tempo havia ocorrido aquilo? Perguntou-se enquanto avançava um par de ruas até à prefeitura de Limehouse. Por acaso havia ocorrido alguma vez? Não havia dado muita importância ao fato enquanto esteve casada. For consciente desde o início do tipo de relação que teria com Charles e jamais havia se questionado se faltava algo mais. Mas a emoção que começava a sentir minutos antes de vê-lo a cada dia, e a sensação de flutuar ao seu lado era nova e apaixonante.

Se ao menos não estivesse sozinha naquilo...

Mas é claro, nunca lhe havia importado muito não ser uma mulher desejada por um homem ou até mesmo ser beijada.

Seu marido a beijara é claro. Era até compreensível ter chegado ao grau máximo de intimidade entre um homem e uma mulher, sem a necessidade do enamoramento que costumava ser associado a ela, e que Phillipa observara toda sua vida em sua volta.

Sem dúvida, isso a incomodava. Somente agora sentia que lhe faltava algo, que havia perdido muito tempo se concentrando em sua afeição pela enfermagem para prestar atenção a isso que todos chamavam de «paixão».

Havia enlouquecido? Como podia uma mulher de sua idade ter esses pensamentos? Era uma mulher madura e simples; uma mulher da ciência e com os pés no chão que

não deveria se deixar levar pelas emoções e nem por pensamentos luxuriosos.

— Está muito silenciosa esta manhã.

Esteve a ponto de tropeçar com seus próprios pés ao ouvir a voz masculina enquanto afastava aqueles desconcertantes pensamentos, mas o rápido braço dele não demorou a segurá-la e evitar, assim, que protagonizasse uma cena vexatória.

Arrumou o chapéu tentando encontrar algum comentário inconsequente para dizer. Desse modo talvez deixasse de se sentir como uma grande tola.

— Foi só um... hum... trabalho. — Custou a recordar-se por que estava ali. — Estou me organizando.

Ele a olhou assentindo com a cabeça, mas Phillipa sentiu que ele não acreditou nela. Em um raro ataque de loucura, pensou que ele podia ler sua mente e conhecer os pensamentos absurdos que a assediavam.

Evitaram uma poça d'água na calçada e seguiram adiante. Mantinham-se bem juntos, lado a lado, para evitar os inevitáveis salpicos de barro que as pesadas rodas dos veículos lançavam ao se aproximarem da beira da calçada. Nesse exato momento, uma carroça de grandes dimensões passou muito perto e girou — justamente em frente e em muita velocidade — ia à rua que os separava da prefeitura de Limehouse. Por sorte estava livre de carga e o movimento foi apenas perigoso para os poucos transeuntes que passavam por ali.

— São uns insensatos — disse o senhor Field, que se afastou com rapidez para evitar que o barro espirrasse neles e no mesmo momento ficou diante de Phillipa para protegê-la.

— Não vou discutir. — Phillipa ignorou o prazer que sentia ao tê-lo tão próximo. Podia até sentir o aroma de sua colônia?

Estavam a poucas ruas de distância do porto. Muitos dos homens de Limehouse trabalhavam no molhe das Índias Ocidentais e era frequente ver carretas transitando.

— Bem. Diga-me, senhora Baker, quais são os planos para hoje? — Perguntou o senhor Field cruzando e passando na frente da prefeitura, onde um par de colunas duplas guardavam a entrada.

Phillipa sabia que não necessitava explicar isso a ele. Cada vez que saíam, o senhor Field lhe pedia um informe verbal do que lhe esperava. Gostava de ir preparado. Ao seu modo de ver, perguntar isso novamente *in loco* era mais uma forma de memorizar cada passo que dariam e não deixar nada ao acaso.

— Vamos realizar visitas rotineiras para três mulheres afetadas pela sífilis.

— E que não querem vê-la em seus lares, imagino.

— Supõe bem, senhor Field — respondeu com acidez diante da falta de sensibilidade que ele mostrava.

Ambos sabiam que elas não eram casos isolados. A maioria, das mulheres, não aceitava ajuda. Nem elas e nem seus maridos queriam que ela os procurasse para oferecer os seus serviços de enfermeira; serviços que melhorariam sua

saúde e qualidade de vida. E, embora fosse por um curto período de tempo, teve certeza de que ele não pode deixar de notar a reação desproporcional que eles mostravam quando ela se apresentava diante de suas portas, nem a forma como ela tentava não se deixar afetar por eles.

— Suponho que não se aborreceu com a minha pergunta. Não era minha intenção incomodá-la.

Phillipa não esperava sua rápida retificação e o olhou de lado. Pensou em lançar-lhe, igualmente, uma pequena vingança por ter se comportado como um grosseiro e sem consideração, mas deixou passar. Havia certos momentos que pensava que ele a provocava propositalmente. Se fosse o caso, preferia decepcioná-lo.

Viraram à direita e rumaram à Three Colt St. enquanto seguiam por uma estreita calçada daquela parte da rua. À altura da igreja de St. Ann tocou o braço dele para chamar sua atenção. Por um momento, o senhor Field ficou olhando a mão enluvada e Phillipa notou um formigamento instantâneo nos dedos ao perceber. Retirou a mão imediatamente, como se a queimasse.

«Por Deus! O que ele estará pensando?»

Era um simples toque, nada do outro mundo, mas até esse momento não o havia tocado por iniciativa própria. Pareceria ruim?

— Devemos parar por um momento. — Desejou que a voz não saísse tão trêmula. — Devo visitar uma senhora ali mesmo. — Assinalou a loja de comestíveis do outro lado da rua.

Sebastian preferiu não fazer caso da presteza com a qual ela havia afastado a mão. De fato, estava seguro de que ela pensava que ele era um puritano para ficar abobado por um simples contato. Havia se perguntado que ela pensou que estavam geladas. Certamente que sim. Quando chegavam ao hospital, as luvas eram a primeira coisa que ela tirava. Havia aprendido o modo como ela as fricionava para depois aproximá-las da boca e exalar calor nelas.

Sentiu-se incômodo quando, como se do nada, se perguntou o que sentiria ao receber aquele ligeiro sopro. Estaria quente? Talvez lhe fizesse cócegas?

— Alguém novo? — Apressou-se para tentar eliminar da mente semelhantes perguntas.

Phillipa negou.

— Alguns velhos conhecidos. Toda a família se sustenta do negócio que vê ali. Nela trabalham o pai, e o filho mais velho. Houve uma autêntica desgraça.

— A que se refere?

— O rapaz trabalhava nos molhes quando fez falta. Era um ingresso monetário que vinha muito bem, mas há quase dois anos, se não recordo mal, caiu de uma altura considerável enquanto descarregava um barco.

— Deduzo que se salvou.

— Sim. — Phillipa fez um gesto com a cabeça e com visível tristeza. — Mas tenho certeza de que desejaria ter morrido. Sua mãe não me disse com palavras, mas creio que o jovem se sente uma carga.

— Não entendo o que pode ter de trágico em se salvar.

Phillipa o olhou em silêncio e, pela primeira vez, Sebastian se remexeu incômodo.

— Se apenas houvesse ficado nisso... Ao cair ele, também derrubou a carga, em cima de seu braço. O destroçou e já ninguém o contrata ante a impossibilidade de utilizá-lo.

Sebastian assentiu. Entendia o que ela pretendia dizer. Aos olhos da sociedade era um inválido a mais. Em sua vida como soldado havia visto mais de um homem com deficiências físicas graves. Alguns deles poderiam conseguir trabalhar da mesma forma que aqueles com todos os membros inteiros. Eles os chamavam «questão de atitude».

— E o que poderá fazer uma enfermeira por ele?

— Quase nada, na verdade.

Sebastian se surpreendeu com seu tom aflito, o que demonstrava que ela costumava ajudar aos demais não só com o ofício, mas também como parte essencial de si mesma.

Deu uma olhada na rua e a instou a cruzar depressa. Detiveram-se bem em frente à vitrine do comércio.

— Em suas circunstâncias, o máximo que posso fazer por ele é ensinar sua mãe a melhor forma de massageá-lo no braço — esclareceu em voz baixa ante o levantamento da sobrancelha masculina. — Costuma sentir muita dor. A umidade não ajuda os ossos e nem os nervos. Ademais, sabe o quanto me encontro limitada perante essas situações. Só posso observar a distância, para dizer de algum modo. Encontrarei um novo creme com uma fórmula melhorada que ajude a mitigar a dor ou dar indicações sobre como devem fazer os movimentos sobre o braço para distender os poucos

nervos não afetados. É o máximo que a dignidade dessa família pode alcançar. — Lançou um suspiro contrito. — Se tivesse outra posição social, teria recomendado, embora já não esteja na moda, passar uma temporada entre as águas termais de Bath. Talvez também, que se mudasse para o campo ou fora do país; para um lugar onde o clima seja muito mais benigno.

Cortou a conversa quando puseram um pé no interior do comércio.

— Bom dia, senhora Baker! — A efusiva saudação provinha do senhor Collier, um vendedor magro com pouco agasalho e com o seu inseparável avental branco. Nesse instante entregava um pacote envolto para uma mulher de meia idade que olhou para eles e saiu da loja. — Tenha um bom dia, senhora Myers! — Centrou sua atenção neles e saiu do balcão. — Alegro-me em vê-la. Faz quase três meses que não nos tem honrado com sua presença.

— Daniel!

«Bom, pelo menos aqui há alguém que celebra sua visita», pensou Sebastian enquanto a olhava devolver a saudação. O modo como estendia e falava, lhe sustentava as mãos com efusividade, e a alegria, estampada, em seu rosto denotava um grande respeito.

Da parte dos fundos da loja apareceu um rapaz que devia rondar os vinte e cinco anos. Sebastian foi capaz de captar um brilho de emoção nos olhos dele quando a viu, e como desaparecia no mesmo instante que percebeu sua

presença e deduziu que era o novo acompanhante. Em seguida se ergueu e levantou os ombros.

«Está enamorado dela».

O que não lhe parecia descabido. A espécie masculina, por mais superficiais que possam parecer não se fixa somente num físico impressionante. Em certas ocasiões, o afeto, a atenção e o respeito são suficientes para que fiquem rendidos aos pés de uma mulher.

Apesar do cálido recebimento, os dois homens lançavam olhares desconfiados em sua direção, gesto que Phillipa não pode deixar de notar.

— Oh!, desculpem-me, que mal educada sou! Permitam apresentar lhes o senhor Field.

— Frank foi despedido? — perguntou o pai.

— Eu? Oh, não... — a viu titubear. — Surgiram certos assuntos pessoais que o impedem de continuar trabalhando.

Sebastian preferiu desligar-se da conversa e os deixou falar enquanto passava o olhar pelas estantes repletas até o teto, disfarçadamente, quis ver o braço do filho, mas era difícil fazê-lo porque ele o escondia — suspeitava que de forma consciente — estava quase atrás do corpo. Só se via um braço caído afundado em uma manga longa de camisa. O punho, um pouco mais amplo que o habitual, parecia esconder a mão em sua totalidade.

— Minha mãe e minha avó se alegram de que tenha voltado — ouviu Daniel dizer.

— Vamos? — Convidou a senhora Baker.

Um tanto desconcertado, Sebastian seguiu Phillipa enquanto os Collier ficavam para atender os clientes que acabavam de entrar. Entraram por trás da loja, que estava repleta de caixas abertas, e subiram por uma escada semi-escondida e mal iluminada.

— Para onde vamos?

Phillipa se voltou e esboçou o que lhe pareceu um sorriso.

— Sente que não domina o terreno, senhor Field?

— Você sabe muito bem que assim é — asseverou entre dentes. — Tenha bondade de se explicar.

— Vamos subir à casa da família. Acima estão as mulheres, que é quem viemos visitar.

— Disse que vinha pelo filho.

— Não. Se pensar direito, verá que não disse tal coisa.

E continuou subindo sem se importar se ele a seguia ou não.

— Senhora Collier? Honora? — Chamou Phillipa assim que colocou os pés no piso superior.

De uma sala saiu uma mulher que não parecia muito mais velha exceto pelas mechas brancas que salpicavam seu cabelo castanho. Quando sorriu, ao reconhecer à senhora Baker, as ruguinhas que se formaram sob os olhos, longe de envelhecê-la, rejuvenesceram-na.

— Pensava que havia se esquecido de nós — disse, embora ficasse claro para todos que não pensava assim, de verdade. Deu uma rápida olhada para Sebastian, mas

disfarçou melhor que seu marido e filho e não perguntou nada.

Sebastian gostava de mulheres discretas e esta o agradou imediatamente.

— Isso nunca, — respondeu com um sorriso amável e sincero que foi correspondido. — Apresento-lhe o senhor Sebastian.

Após as devidas formalidades, a senhora Collier pareceu recordar os bons modos.

— Mas sentem-se, por favor. Tenho certeza que lhes apetece uma xícara de chá — ofereceu com segurança enquanto se aproximava do canto oeste, onde o lar permanecia aquecido. No fogo, havia uma chaleira de latão que a mulher pegou com um pano.

— Temo que hoje não ficarei por muito tempo — disse Phillipa, rechaçando a xícara. — Tenho muito trabalho.

Sebastian, ao contrário, se permitiu aceitar. Assim mitigava o possível rechaço da senhora Baker.

Sentaram-se justamente no centro da cozinha. A mesa estava em bom estado e possuía quatro cadeiras ao redor. Dali era impossível perder algum detalhe.

— Trouxe-lhes algumas coisinhas, — anunciou a enfermeira enquanto a senhora Collier enchia uma xícara com o mesmo cuidado que poderia utilizar a dama mais elegante.

— Oh! Você sempre tão amável. — Colocou a xícara em seu respectivo pires em frente a Sebastian. — Leite e açúcar?

Sebastian, acostumado a não dispor sempre desses adereços, havia se habituado a bebê-lo puro.

— Assim está perfeito. — Ele deu um gole no chá para demonstrar. Era bom e estava quente. Sorriu.

Satisfeita por sua resposta, a mulher devolveu a chaleira ao seu lugar junto ao fogão.

— Como se encontra hoje? — perguntou Phillipa, recuperando novamente a palavra e centrando-se em seu trabalho.

— Melhor. Passou uma boa noite e quis comer um pouco de mingau.

A senhora Baker se levantou para alcançar a maleta que Sebastian levava a seus pés, pelo que, mais rápido de reflexos, ele a entregou. Em seguida a viu tirar do interior um pote escuro e um frasco.

— Para as chagas e a dor.

Como era habitual, a mulher ficou tensa, se debatendo entre o agradecimento e a recusa, um sentimento que Sebastian começava a reconhecer, e que via nas pessoas que não chegavam a ser totalmente pobres, mas que não podiam se permitir ter todos os medicamentos que alguns cuidados médicos requeriam. Nessas ocasiões — uma das poucas, talvez, — via a enfermeira mentir com total descaramento. Dizia que o hospital terminava jogando alguns restos ou excessos que ela aproveitava para repartir. A verdade absoluta era muito diferente, e ele acabara por fazê-la confessar. Ela comprava e pagava de seu bolso. De outro modo não o aceitariam.

— Obrigada. — A gratidão venceu e a mulher esboçou um sorriso contido. — Se quiser vê-la, ela se alegrará muito.

A senhora Baker se levantou e avançou alguns passos, para parar no mesmo instante e girar-se para olhá-lo, o que lhe satisfazia. Isso queria dizer que ela já começava a interiorizar seu *modus operandi*, já que era um fato habitual que ele se adiantasse para inspecionar o desconhecido para «evitar maus maiores».

— Esperarei aqui — respondeu Sebastian com um curto assentimento de cabeça e com a xícara em sua mão direita.

Percebeu com clareza seu alívio e a viu desaparecer atrás de uma porta. Atento, ao pouco que se ouvia dos murmúrios que produziam as três pessoas, relaxou tudo o que pode. Neste trabalho, dar as coisas por seguras era arriscado. Devia estar preparado para o caso de alguém aparecer. Esse era, de fato, um dos poucos lares que havia pisado, na companhia da enfermeira, que parecia decente e que não albergava perigo algum.

«Embora não se possa estar nunca seguro cem por cento».

Só precisava pensar no próprio hospital. Não era lá, por acaso, onde a vida da enfermeira havia corrido risco? Era irônico que houvesse acontecido naquele lugar quando passava, dias após dias, pelos bairros mais pobres, problemáticos e perigosos.

A visita não durou muito e Sebastian agradeceu por isso. Quando saíram novamente à rua, saíram um pouco mais carregados. Os Collier eram gente orgulhosa que, ao não

serem capazes de pagar os serviços da senhora Baker, lhe ofereciam uma peça de presunto e outro pacote a mais, cujo conteúdo ele ignorava.

— Suponho que isso seja habitual — asseverou Sebastian.

Phillipa assentiu.

— Fui incapaz de convencê-los de que não é necessário. É assim em cada ocasião. Compreendem que não vou a sua casa para receber algo em troca, embora isso não mude o resultado. Sentem-se melhor se me compensam. Não são os únicos.

Sebastian não achava isso descabido.

— E o que você faz com isto?

— Reparto, é claro. Eu não preciso, e há outros pacientes que visito que não tem condições de comprar nem um toucinho.

Essa afirmação tão lógica e simples o deteve de repente. Ficou olhando-a enquanto em seu interior nascia um sentimento forte, entre a admiração e o respeito.

— O que houve? — Perguntou ela quando se virou e percebeu o seu olhar.

— Nada.

— Pois esse «nada» o deixou muito fascinado.

Sebastian a viu fazer uma careta quando acabou de falar e ficou consciente da interpretação errônea que ela podia dar às suas palavras. Quis sorrir, mas se reprimiu.

— Só pensava em sua generosidade.

— Minha generosidade? — Se via confusa, mas adorável com seu cenho franzido.

— Exato. Sua capacidade de se doar aos demais me assombra.

— Não é nada pelo qual assombrar-se. É questão de ser prática. Não poderia comer a quantidade de coisas que recebo.

— Agora está minimizando seu valor. Não esperava isso de você.

— Não o faço — defendeu-se. — Só acontece que não quero que chegue a pensar que sou uma santa.

Segundos depois, a gargalhada masculina ressoou em seus ouvidos. Sebastian foi incapaz de reprimi-la e obteve como recompensa o olhar irado de vários transeuntes e a evidente irritação da enfermeira, que começou a dar golpezinhos com o pé e ficou com os braços na cintura .

— Não sei onde vê a graça.

Sebastian a olhou com um sorriso na boca e olhos brilhantes.

— Pegou-me desprevenido, só isso. Posso assegurar que, apesar de considerá-la uma mulher altruísta, não passou pela cabeça que pudesse se assemelhar a uma santa em nenhum momento. Dou fé de que não é.

Consciente de que sua irritação inicial havia dado passo a uma indignação maior, Sebastian a viu dar a volta e seguir rua abaixo, deixando-o plantado. Não podia reprová-la.

Suspirou resignado e a seguiu.

Capítulo 7

Não demorou para alcançá-la, mas Phillipa não fez caso quando o teve a seu lado. Estava imersa, nas típicas tarefas de um dia qualquer ao meio dia. Negócios abertos e crianças brincando em uma esquina ou apoiadas na parede, olhando as pessoas e imitando aos adultos. Também estavam mulheres, umas que conversavam com a presença constante de um acompanhante, enquanto que outras apuravam o passo com as compras às costas. Somava-se ao buliço o inconfundível som do trem, que neste momento desfilava pelos trilhos, a ponto de parar na estação de Limehouse, algumas ruas mais adiante, no cruzamento com Bate Street. Como todas, era uma rua de contrastes, onde lares de classe abastada podiam chegar a roçar às que viviam na mais absoluta miséria.

Se alguém observasse os comércios veria as diferenças evidentes. Só faltava conseguir ler os letreiros. Aqui e nas ruas próximas havia muitos escritos em chinês — uma comunidade concreta que ali, em Limehouse, possuía um peso importante.

Phillipa também os visitava. Entre eles havia de tudo, como em todo lugar.

— Está aborrecida?

Certamente o senhor Field não deixaria de atormentá-la se não lhe respondesse.

— Não, não estou.

— Mente.

Isso a fez olhá-lo com atenção.

— E por que mentiria a você? — O encolhimento de ombros masculinos decepcionou-a um pouco. — Creio que gosta de me provocar — ela acrescentou.

— E com isso estou tentando o demônio, eu sei. Não, não franza o cenho. Estava brincando.

— Está de bom humor hoje, pelo que vejo.

— E você não?

— Tem que me responder sempre com outra pergunta? Você me incomoda com isso.

— Você acaba de fazer o mesmo. Está bem, está bem — a aplacou quando ela foi protestar.

Phillipa pegou o braço dele para cruzar a rua novamente. A sua direita ficava Narrow Street, à mesma altura dos portos. Ao longo dessa rua viviam três mulheres com sífilis. Mulheres difíceis que se negavam a solicitar ajuda, ou deixar que ela a prestasse. Cada passo com elas era uma luta de vontades que a desmoralizava. Nem elas, nem muito menos seus maridos, a queriam rondando por ali. Apesar disso, Phillipa não se rendia.

— Prevê problemas?

O senhor Field havia abandonado já seu gesto relaxado para adotar uma atitude alerta mediante a rua ampla — necessária para um correto transporte das mercadorias, — os edifícios de tijolos — escuros, feios e que mostravam um aspecto deprimente — e o muro do lado esquerdo — que os separava da zona dos molhes e que abarcava todo Narrow Street. — Ele se deu conta também de que seus músculos começavam a ficar tensos, como resposta, o que assinalou que ainda segurava o braço dele. Soltoou-se a contra gosto.

— Espero que não.

— Senhora Baker...

Por um segundo, Phillipa sentiu falta de Frank. Ele se limitava a estar a seu lado; sem atitudes hostis, perguntas molestas ou advertências. Com o senhor Field tudo era mais complicado. Tudo. Mas, se tivesse a oportunidade de substituí-lo pelo outro, não o faria. Sua irritante forma de fazer as coisas já não a desgostava tanto.

— Leva tudo muito a sério, senhor Field. — Embora pareça, não pretendia aborrecê-lo.

Ele deteve seu passo e Phillipa teve que fazer o mesmo.

— E agora, o quê?

— Pensei que havia deixado claras as coisas. Algumas estão fora de qualquer discussão.

— Eu sei e o entendo. Mas me aborrece um pouco essa atitude rude que assume. Faz eu me sentir tola.

Isso o surpreendeu, ela podia ver.

— Tola senhora Baker? Em que sentido? E me diga rápido porque não quero manter uma conversa, seja do tipo

que for justamente em Narrow Street.

— Me refiro a que parece que lhe agrada lançar-me as mesmas advertências uma e outra vez. E, se por acaso não compreendi que isto não é Hyde Park em cada uma de minhas muitas idas e vindas a Limehouse sem você, lhe asseguro que, com o primeiro sermão que me deu, compreendi o bastante.

Sebastian apertou os dentes e procurou não dizer nada. Era óbvio que ela não pretendia provocá-lo, e menos ainda, nesse momento. Só tentava explicar-lhe seu ponto de vista. Queria responder como devia, embora esse não fosse o momento nem o lugar, assim fez um esforço para não parecer alterado e repetiu a pergunta que lhe havia feito.

— E com um sim ou um não bastará — ele acrescentou.

Agora mesmo não lhe importava se se mostrava ofendida. Depois ele lidaria com sua raiva na segurança do hospital.

— Não, senhor Field — enfatizou o «senhor» com força, — não se prevê problemas. Eu sou a primeira que não os deseja. De fato, sei com toda certeza que os respectivos maridos das mulheres que visitaremos estão nos molhes. Satisfeito?

Ela gostava de provocá-lo. Era isso ou possuía uma impertinência que era incapaz de controlar.

— Sim, satisfeito. Andemos — ordenou e puxou seu braço livre.

Seu destino estava um pouco mais adiante, em uma pequena e estreita rua molhada que apresentava um aspecto mais sombrio do que a que haviam deixado para trás. Ali, a

umidade era tão espessa que parecia ser impossível que fosse meio dia.

Andavam depressa pela calçada evitando um escorregão — a nenhum dos dois apetecia se machucar e precisar permanecer ali, obrigados. — Os sapatos de ambos ressoavam e conseguiam uma inquietante sonoridade que matava o sufocante silêncio. Parecia incrível que estivessem a apenas dois passos de Narrow Street, onde o som dos molhes lhes havia enchido os ouvidos.

A primeira parada foi realizada junto a uma fachada de aspecto miserável. De fato, a rua apresentava um aspecto idêntico: uma maré de tijolos velhos que se dividia, a cada, poucos passos com uma porta junto a uma janela coroada por outra mais no piso superior — alguma delas fechadas. — Nada mais. Tudo igual. Casa depois de casa.

Nenhum dos dois disse algo quando Phillipa chamou à primeira porta.

Silêncio, como em toda à rua.

Sebastian não disse nada porque já esteve ali uma vez e comprovou como iam as coisas.

Voltaram a chamar e esperaram.

— Quem é? — Perguntaram através da porta.

Phillipa não estranhou que não abrissem a porta. De fato, era o normal.

— Sou a enfermeira Baker. Vim visitá-la.

Silêncio novamente. Desta vez mais prolongado. Esperou.

— Vá embora!

A brutalidade a sobressaltou por um instante, não pela veemência, mas sim porque havia sido muito repentino.

— Anne...

— Já lhe disse que não a queria aqui! Parta e não volte nunca mais!

Armada de paciência, Phillipa continuou tentando durante o que pareceu uma eternidade, embora talvez só fossem alguns poucos minutos. Experimentou todas as súplicas que lhe ocorreram, — tudo através de uma porta fechada, é claro, — mas sem êxito algum.

— Vamos à próxima. — Agradeceu que o senhor Field não fizera nenhum tipo de comentário e se limitou a assentir.

Desta vez tão pouco teve muito êxito, embora a mulher tivesse tido a cortesia de abrir a porta. Sua negativa era firme. Negou-se a admitir que estava enferma e a interrompia toda vez que tratava de pronunciar em voz alta «sífilis» para conscientizá-la da realidade. Quando ameaçou Phillipa de avisar seu marido, Sebastian interveio e a levou embora. A mulher nem sequer se interessou, porque fechou a porta no mesmo instante de um só golpe.

— Isso é um abuso! — Tentava se soltar do braço de aço daquele homem.

— Não. Só juízo.

— Posso andar sozinha — asseverou entre dentes. Se alguém se aproximasse de uma porta ou janela, não queria que a vissem com esse aspecto tão pouco profissional e sendo arrastada por aquele homem. Precisava manter a dignidade.

O senhor Field a soltou imediatamente. A inércia e o peso da maleta, por mais leve que fosse fizeram-na balançar. Apoiou-se depressa na parede molhada que não servia muito como firme apoio. Por sorte conseguiu manter-se de pé em vez de fazer o ridículo como temia.

Disfarçadamente, secou a mão úmida na capa e a alisou com dignidade sob o atento e exasperante olhar de seu protetor. Quando ficou pronta seguiu adiante sem meias palavras. A última, e supunha, infrutífera visita, estava situada ao final da rua, onde se estreitava por alguns edifícios que apenas deixavam ver o céu. E, por onde entrava a luz diurna.

A porta se abriu logo que se identificou. Um rosto conhecido para Phillipa se mostrou apenas para comprovar que era ela. Expôs meio corpo e olhou mais além, por onde haviam vindo. Não se via nenhuma alma.

— Entrem.

Sebastian hesitou por um momento suspeitando se era acertado. Por um momento, quase desejou que essa mulher houvesse sido como as duas anteriores. Nem sequer teve tempo de responder ao inadvertido gesto da senhora Baker, que com o olhar lançou uma pergunta muda pedindo permissão.

Entrou junto com ela e o que viu o encheu de consternação. Em comparação, a vivenda dos Collier era um luxo. O chão era de uma mescla indefinível que não alcançava perceber devido à escassa iluminação de uma vela depositada em uma mesa velha e, supunha invadida por cupim. O aroma

interior era o inconfundível cheiro de mofo e umidade num estado avançado. Sebastian achava que respirar naquele ambiente não podia ser benéfico para nenhum dos habitantes da casa. Rezava para que não houvesse crianças ali, embora duvidasse, já que atrás de uma cortina se percebia um cama de casal onde imaginou que o casal dormia.

— Meu marido me proibiu de recebê-la — foram essas as boas vindas que receberam.

Ali, de pé ao lado da porta, Sebastian olhou à mulher magra ao extremo e com pouco cabelo. Pareciam mechas coladas aleatoriamente. Não sabia o que a enfermeira responderia.

— Mas nos recebeu. Isso indica algo.

— Ele continua me dizendo que não tenho nada, que são apenas mentiras inventadas por você e aqueles médicos ignorantes.

Obviando as palavras ofensivas, Phillipa lhe tocou o braço num gesto de compreensão.

— Mas você já não acredita nisso — ela declarou.

A mulher concordou com a cabeça.

— Tenho feridas na maior parte do meu corpo. — Olhou de esguelha para Sebastian. Seu rosto maltratado pela vida mostrava vergonha. — Aconteceu tal e como você disse. Agora, apesar de tê-la, a febre, as dores e o cansaço já quase desapareceram.

Phillipa assentiu.

— Deve ir ao hospital para se tratar.

— Mas não posso! Se John descobrir...

— E se eu dissesse que trouxe uma coisa para você, teria algum lugar para esconder onde ele não seja capaz de encontrar?

A mulher abriu os olhos e assentiu com veemência. Sebastian compreendeu a esperança que estava estampada em seu rosto.

Durante a meia hora seguinte se limitou a contemplar os medicamentos que Phillipa lhe entregou, assim como boa parte da comida que lhes haviam dado os Collier como pagamento pelos serviços prestados. A mulher esteve atenta a todas às indicações que ela lhe dava e só se envergonhou de ser incapaz de recompensar a enfermeira de algum modo. Ele sabia, sem nenhuma sombra de dúvidas, que poder prestar ajuda era suficiente pagamento para ela.

Quando saíram à rua, quase parecia de noite.

— O tempo está muito nublado — vaticinou Sebastian. — Melhor nos apressarmos.

Não falaram nada mais até voltarem a colocar os pés em Narrow Street. Voltar a ver, embora apenas a névoa e um céu encoberto, os deixou aliviados. Phillipa era capaz de admitir que aquele lugar a deixava nervosa, mas havia lugares muito piores. Enquanto o senhor Field, não parecia ter sido alterado pela visita. Em honra da verdade devia aceitar que seu comportamento era admirável. Frank não aceitava tão bem. Na maioria das vezes preferia a instabilidade da rua a entrar em algum lar de pessoas pobres e enfermas.

— Ela está morrendo, eu suponho, — comentou ele enquanto empreendia a viagem de volta.

— Não ainda — respondeu enquanto acomodava o passo ao dele. A face masculina refletia incredulidade. — Sim, sei o aspecto que tem, embora a sífilis não seja a única culpada. A falta de higiene e alimento também tem muito a ver. É o que trato de ensinar às mulheres. Muitas delas viveriam mais e melhor se seguissem algumas simples regras. Purojuízo.

— Pelo que vejo escasseia nesta zona da cidade. Seu marido, por exemplo. O conhece?

— Não tive o prazer — marcou as palavras.

— Entendo que não seja uma boa peça.

— Nenhum deles é. Todos são culpados. Contagiam suas esposas e se atrevem a culpar aqueles que fazem esforço por curá-los.

— Tem ignorância eu suponho.

— Ignorância? — Necessidade, seria melhor. Por acaso se sentem culpados? Eu acho que não, em absoluto. Ainda tenho aqui — apontou a cabeça — o que ele lhe disse para justificar suas irresponsabilidades.

— Acaba de despertar minha curiosidade, senhora Baker.

— Pois terei muito gosto em satisfazê-la. Quando as feridas apareceram, aquele homem ruim lhe disse que não era culpa sua, mas sim da mulher.

— Que original.

— É claro, os homens nunca se equivocam. Sempre somos nós as culpadas de qualquer pecado.

— Está generalizando — ele lhe advertiu.

Consciente de que começava a dar lição de moral, Phillipa tratou de centrar-se.

— É verdade, desculpe. As feridas que haviam aparecido no... — No mesmo instante, e para seu mais completo assombro, se ruborizou ao ter que colocar em palavras.

— Dizia?

— Isto, é...

— As chagas. — Ajudou Sebastian, que por um momento foi capaz de imaginar o apuro pelo qual passava a enfermeira.

— Sim, as feridas. Aparecem na parte exterior do órgão sexual feminino. — Por Deus, sentia arder as orelhas. Que coisa mais tola! — Como ia dizendo, seu marido se atreveu a dizer que isso não era devido a nenhum contágio, mas sim um castigo divino.

— Ah!, a religião. Um recurso fácil.

— Mas efetivo. Não pode fazer idéia de quantas vezes enfrento a isso nesta profissão.

— Posso fazer uma idéia. De fato, as pessoas a usam desde o início dos tempos. A que era devido o castigo? Que pecado havia cometido a pobre esposa?

Voltaram a estar em Three Colt St. e Phillipa duvidou sobre prosseguir. Perguntava-se como haviam chegado a falar sobre isso. Bem, ela não era nenhuma covarde. Já que havia começado, melhor terminar de contar.

— O pouco interesse que havia em seus encontros íntimos era a desculpa. Segundo ele, ela não cumpria com seus deveres de esposa ao não satisfazê-lo como lhe correspondia.

— Típico também, eu temo. — Virou-se para ela. — E então, já está disposta à ir? — Ele perguntou.

Nesse mesmo instante se limitava observar a rua acima e abaixo com um rosto inexpressivo e Phillipa se sentiu mal em precisar pressioná-lo um pouco mais.

O homem deve ter notado algum indicativo em seu silêncio, porque disse:

— Não, já vejo que não — suspirou com cansaço. — E diga-me, para onde vamos agora?

Quando Phillipa lhe deu o nome da rua, seu protetor abriu os olhos com incredulidade e a fulminou com o olhar.

— Não!

Conseguiu não se amedrontar por seu tom.

— Deixe-me...

— Disse que não, senhora Baker. Não coloque a prova a minha paciência. Aquele lugar não só não é lugar para você mas, também, que ademais, não a querem lá de nenhum modo.

— Estou acostumada com isso — replicou, embora se sentisse mal ao fazê-lo. Ele tinha toda razão. Não havia motivo para ir, mas Phillipa não podia evitar se preocupar com Lily e seu bebê.

Sebastian via a resolução no rosto feminino e mal disse para seu interior. Que essa mulher tinha na cabeça? Por que gostava de se arriscar desse modo?

— Ou seja, que não se importa com a ameaça que o marido lançou contra você.

— É claro que me importo — se indignou. — Não sou uma cabeça oca como parece crer.

Pois o demonstrava muito mal, ele pensou, embora não o disse. Sebastian a havia acompanhado nos finais de sua primeira semana. Não estava muito longe de onde se encontravam neste momento. De fato, a pouco mais de uma rua e meia.

Só se tratava de uma visita de cortesia, lhe disse nessa ocasião. Levava um pouco de comida e passava para visitar o bebê que ela havia dado a luz poucas semanas antes, então Sebastian não viu nada mal nisso. Até que entraram na rua. As casas não pareciam mais velhas do que as outras que havia visto, as poucas pessoas que encontraram não se vestiam pior. Era o ambiente que se respirava; não só de miséria, mas sim de desespero absoluto, o qual, para Sebastian, se definia em uma só palavra: delinquência. Ah, mas não da típica, não daquela que podiam encontrar em algumas partes de Londres onde um menino roubava uma maçã, não. Ali se gerava o pior da cidade. Soube pela pose dos homens que estavam apoiados na parede com atitude despreocupada e que não lhes tiravam olhar de cima, pela seriedade com que uma mulher olhou-os de uma janela enquanto esvaziava o conteúdo de urina por ela, quase por cima de suas cabeças.

Sebastian parecia mais tenso do que uma corda. Quis tirá-la arrastada dali, mas quando se deu conta de onde estavam ela já estava chamando a uma porta.

Não foi uma visita curta. A mulher se encontrava mal e estava com febre. Por sorte, bastou uma inspeção rápida da parte da enfermeira para afirmar que o bebê estava saudável.

Também abriu a janela e lhe preparou um caldo com o pouco que possuíam e o que eles haviam trazido. Deu à mulher duas colheradas de um dos medicamentos que havia levado e fez cataplasmas; uma para a parte da testa e outra para o peito. Sebastian a viu débil, e nervosa. Só atinava a dizer: «se meu marido...» «Como está meu filho?» o bebê foi bom. Passou a visita toda dormindo.

Como não se podia fazer mais por ela, Sebastian a convenceu de que já era hora de partir. Não gostou de como, apesar da febre, a mulher fixava à vista na porta com ansiedade. Só quando estiveram longe e lhe perguntou o motivo, e ela lhe confessou que, na anterior visita coincidiu com o marido e este a ameaçou de dar chicotadas nela até que perdesse os sentidos na próxima vez que a encontrasse em sua casa.

E agora, novamente, como se não fosse suficiente com que a rua fosse problemática, pretendia que a levasse lá com aquela ameaça pendurada sobre sua cabeça.

— Não vamos por a pele em risco por uma mulher que com certeza, deve estar recuperada de um resfriado comum.

Phillipa não podia crer na teimosia daquele homem. Ele a fazia se sentir uma juvenzinha sem cérebro com uma petição absurda e carente de juízo. Não lhe apetecia ter que se impor no meio da rua, mas devia fazê-lo.

— É meu trabalho, senhor Field, meu trabalho! Não tento desafiá-lo e muito menos desobedecer as suas ordens. Também compreendo que nem sempre é fácil e que trata de

me proteger. Mesmo assim, irei, com sua aceitação ou sem ela.

Olharam-se de frente, como dois adversários a ponto de iniciar uma batalha sem trégua. Phillipa não pensava em ceder nesse aspecto. Se ele era seu protetor, que fizesse o seu trabalho: protegê-la.

Sebastian, por sua parte, lutava contra duas partes de si mesmo: uma que entendia a postura dela e que devia deixá-la realizar seu trabalho e outra que puxava muito forte em sentido contrário. Queria carregá-la no ombro e afastá-la dali para sempre.

— Está bem. — Cedeu a contra gosto, mas com suavidade. — Eu a acompanharei, embora isto não me agrade nada e vamos proceder do modo que eu indique ser melhor.

Ela assentiu e a Sebastian não pareceu que se orgulhava de seu triunfo, mas sim que mostrava alívio e agradecimento.

— Muito obrigada — ela disse.

Bem, isso confirmava e o desarmava ao mesmo tempo, assim ele, durante cinco minutos lhe deu indicações e ordens à direita e à esquerda.

— E se eu lhe disser que devemos ir, — soltou finalizando a alegação, — é isso mesmo; sem discussões nem reclamações. E no caso de me ouvir gritar «corra!», você o fará sem perguntas. Estamos entendidos?

— Perfeitamente.

— Bem — disse nem um pouco apaziguado, — logo comprovaremos. Vamos.

Percorreram o caminho em silêncio, um ao lado do outro. Deixaram para trás as fachadas de casas mais ou menos respeitáveis e entraram numa rua imunda. Era curioso que não estivesse longe do mundo. Dali se podiam ouvir os sons típicos do trem ou dos comércios de ruas adjacentes a esta, embora o efeito não fosse nada tranquilizador, mas sim totalmente ao contrário.

Desta vez não havia ninguém no exterior, somente um cão magro que roía seu osso, de forma incansável. Não obstante, Sebastian sentia que as portas e janelas possuíam olhos e ouvidos, como se estivessem esperando um sinal para se lançarem sobre eles.

Ao contrário das demais, a calçada era pequena. Devido a isso parecia um lodaçal, mescla de barro, urina e sujeira. Ao menos, a vez anterior estava seca, mas agora teriam que sujar seus sapatos naquela imundície. Sebastian olhou com nostalgia e concluiu que não sobreviveriam a isso.

— Não se afaste de mim — disse baixinho.

Não esperou para ver se ela assentia. Caminhou com passos curtos e seguros sem deixar de olhar a direita e a esquerda. Conforme se aproximavam, o ruído indefinível que percebeu desde o início se tornava mais claro e potente. Não demorou a reconhecê-lo como o pranto de uma criança, embora não um normal. Quando se detiveram em frente à porta era indiscutível o pranto histérico e ronco do soluço.

— Vem daqui — constatou, embora não fosse necessário. A senhora Baker havia notado tão bem quanto ele. O cenho

franzido que ela mostrava, e a preocupação refletida em cada parte de seu rosto assim o confirmava.

Ele a viu chamar com firmeza. Com o repentino som, o pranto infantil se extinguiu imediatamente.

Phillipa voltou a chamar, mas o pranto retornou com mais força. Preocupada, esperou que alguém abrisse a porta. Olhou para ambos lados, mas tudo estava deserto. Não havia mais remédio que chamar a atenção.

Capítulo 8

— Senhora Helps! — Chamou com mais insistência. — Sou a enfermeira Baker. Abra, por favor.

— Deixe que eu chamo.

Sebastian a afastou com suavidade e sua voz grave soou por toda rua. Ninguém em seu juízo perfeito poderia ignorar sua presença. Ela estremeceu sem querer.

— Não há ninguém em casa — afirmou constatando o óbvio. — Deveríamos ir embora.

Phillipa o olhou, incrédula, e já ia responder com dureza, mas não o fez. Viu que ele não estava convencido. Ela estava muito preocupada porque ninguém abria, quando era evidente que a criança estava ali.

— Aqui acontece algo grave.

— Ou isso, ou sabem que você voltou e é uma forma indireta de dizer que não querem recebê-la.

— Basta de absurdos, senhor Field!

— É uma possibilidade — se defendeu o homem.

Phillipa se afastou da fachada e tratou de olhar para cima. Perguntou-se se olhasse pela janela serviria de algo.

Estava cheia de fuligem e deixava passar pouca luz diurna. Aproximou para comprovar.

Não, nada.

Começava a ficar frenética. A criança continuava chorando e não ocorria a ela o que fazer exceto colocar a porta abaixo, embora já imaginasse o que diria o senhor Field se sugerisse isso. Deu a volta ao redor dele e o viu se afastando numa postura atípica, semelhante à de um animal a ponto de investir.

A porta veio abaixo com um pouco de dificuldade. Com o ímpeto, Sebastian havia caído ao chão. Ele se levantou, tossiu devido ao pó que havia levantado e tentou tirá-lo da roupa como pode. Olhou e viu que as dobradiças estavam dobradas e que havia destruído a porta em sua totalidade.

— Senhora Helps? — Phillipa chamou passando por cima da madeira.

— Tenha cuidado. — Ele se adiantou para ajudá-la.

Ambos a viram no mesmo momento. Estava num canto, meio caída sobre a cama em uma posição pouco natural e com roupa que parecia um camisão.

Não tiveram dúvidas de que a mulher estava morta. Se não indicava a quietude de seu corpo, seus olhos abertos e vazios sim, o faziam.

O gemido os sobressaltou e Phillipa reagiu se movendo como resposta.

Ela se aproximou de um berço e ele a seguiu.

— Oh!, pobre criança — sussurrou com lástima na voz.

Sebastian enrugou o nariz ao perceber o odor. O menino estava envolto em fezes. A quanto tempo estava assim?

— Passe-me a maleta, senhor Field. Ou melhor, abra-a e me passe o que eu pedir. Também necessito água; se possível, quente.

Sebastian obedeceu sem reclamar e ignorou o corpo sem vida da mulher, tal e como ela fazia. Enquanto isso pensava com rapidez e explorava as diferentes opções. Nenhuma o agradava. A mulher estava morta. Pela ausência de odor e sem sinais visíveis de violência, estimava que o falecimento havia sucedido há poucas horas antes e de causas naturais. Era lógico pensar que havia ocorrido entre o amanhecer e aquela hora, — momento em que o marido devia ter saído para o trabalho — e muito antes de sua chegada, visto o estado do bebê. Deviam avisar às autoridades, mas isso poderia ser um problema. Não podiam deixar o menino nem tão pouco levá-lo e Sebastian não pensava deixar a senhora Baker ali sozinha, com o bebê, a mercê de qualquer um. Isso estava descartado.

— Tome.

No fogão havia apenas brasas. Sebastian as removeu e colocou mais carvão. Usou a água que restava de uma jarra e buscou um utensílio onde colocá-la. O sussurro da enfermeira não havia cessado. Falava com a criatura e este só emitia choramingos alternados com os gemidos.

— Apresse-se. Conformo-me com água limpa. Deve doer muito suas nádegas e devo limpá-lo imediatamente.

— Já vou, já vou.

Logo que ele lhe passou uma caneca com água ela pôs mãos à obra. Com uma eficiência que já havia observado, desprende o bebê das roupas apertadas. Com cuidado, o limpou bem. Foram necessárias três canecos para deixá-lo em boas condições.

— Oh, meu milagre do céu, como deve doer. — A ouviu dizer.

Sebastian olhou por cima de seu ombro. Tinha razão. O ânus, nádegas e parte de suas coxas estavam num vermelho vivo. Tantas horas com as fezes tocando sua frágil carne o haviam escaldado completamente.

A enfermeira o secou com ligeiros toques e mesmo assim faziam a criança estremecer e por fim o cobriu com o lençol novamente.

Ele a viu endireitar-se e buscar com o olhar por toda a casa.

— O que busca?

— O lugar onde guardam roupas limpas.

— Acredita que é necessário?

— A porta está quebrada e passa corrente de ar. Por mais que o fogo esquente a casa, o que menos necessita é pegar friagem. Vigie-o.

Lançou-se a procurar em uma caixa e Sebastian se aproximou do berço, onde o menino gemia novamente ao se sentir abandonado.

— Shhhh, carinho, shhhh.

Tratou de acalmá-lo, mas este começou a se remexer inquieto, então, inseguro, passou a mão pela cabeça da

criança, num gesto que havia visto algumas das babás que passeavam pelos parques da cidade fazerem.

Pareceu funcionar. Passava sua grande mão pela pequena cabecinha e deslizava o dedo pela face. Surpreendeu-se e deu um pulo quando sentiu as mãozinhas rodeando-o e chupando-o com fruição.

— Eh!, senhora Baker.

— Mmmm?

— Creio que ele tem fome.

Ela se aproximou e um sorriso enternecido apareceu em seu rosto.

— Oh!, é normal. Também temos que nos ocupar disso. Segure-o.

Phillipa passou o bebê a seu protetor. Estava limpo, mas não saciado. Se bem que quando se acomodou nos cálidos braços masculinos, esgotado de tanto chorar, adormeceu no mesmo instante. Ela o compreendia perfeitamente. Sem querer, também havia se imaginado envolta neles. Sentiu que enrubescia novamente ao recordar e se virou à defunta senhora Helps para evitar perguntas incômodas.

— Vamos lá.

Encheu-se de coragem para se aproximar. A morte não era estranha para ela. Trabalhando num hospital era inevitável. Mesmo assim, impactava. Apenas para proporcionar certo respeito. Com a cabeça fria observou a postura e o *rigor mortis* e se perguntou o que teria causado a morte da mulher. Vivendo entre essa pobreza poderia ser devido a qualquer coisa.

Deu-se conta por pura casualidade. Estava no outro lado da cama, entre ela e a parede. Aproximou e quase precisou ficar em cima da senhora Helps para alcançá-lo.

— O que está fazendo? — perguntou num sussurro o senhor Field.

— Um momento — respondeu estirando o braço e ignorando o corpo sob ela. — Já peguei.

Levantou-se e elevou o pequeno frasco escuro para examiná-lo. A luz que entrava pela porta lhe deixou ver que ainda continha alguma solução líquida em seu interior, embora pouca.

— O que é? — perguntou ele.

Phillipa se limitou a encolher os ombros, mas sentia uma suspeita.

— Creio que é a última coisa que ela tomou antes de morrer. Nem sequer conseguiu se levantar após tomar.

— Isso é muita especulação, não acha?

Era possível, embora não admitiu em voz alta. Ela o destampou e cheirou. A mistura não era conhecida. Devido a uma suspeita que não era capaz de explicar, Phillipa meteu o frasco em sua maleta e a fechou.

— O que está fazendo?

Ela não respondeu e se aproximou dele, decidida.

— Me passe o menino.

Confuso por um instante, ele fez o que ela ordenou. Assim que ela o pegou saiu à rua com ele.

— Para onde vai agora? — Sebastian amaldiçoou em voz baixa. — Esta mulher vai me matar — sussurrou ele. Pegou a

maleta e a seguiu. Alcançou-a justamente quando ela chamava à porta da frente.

Definitivamente iria matá-la; com suas próprias mãos.

Para surpresa de ambos, a porta se abriu quase de imediato. Apareceu uma mulher de idade avançada embora indefinível. A pobreza fazia esses efeitos nas pessoas. Podiam rondar os cinquenta e aparentar vinte a mais se conseguissem sobreviver.

— Finalmente o fizeram se calar — asseverou com um inconfundível e marcado acento típico dos bairros pobres do East End.

— Boa tarde, sou a enfermeira Baker. — Phillipa nunca perdia a educação.

— Sei quem você é. Não deixa de dar a cara chamando as portas que não querem recebê-la.

Ela ignorou o comentário de forma deliberada.

— Lamento informá-la que sua vizinha morreu.

— Já imaginava — asseverou após alguns segundos de silêncio enquanto desviava o olhar à porta destroçada.

Phillipa aproveitou a predisposição da mulher para fazer algumas perguntas que ela não teve problemas em responder. Estimou que a senhora Helps havia falecido, ao menos, duas horas antes, tempo no qual o bebê havia começado seu pranto descontrolado. Também soube que esteve bastante enferma, assim pode deduzir que seu estado foi piorando desde a última vez que ela esteve ali. Sem dúvida, o próximo comentário da mulher a surpreendeu.

— ...Havia melhorado — ela dizia. — De fato, ontem mesmo estivemos falando aqui mesmo — apontou o centro da rua.

— Ela disse que se encontrava bem?

— Há, sim. Foi ela mesmo que comentou que havia se recuperado pela arte da magia, embora depois me confessou que foi devido a um remédio.

Isso colocou os sentidos de Phillipa em alerta.

— Qual remédio?

— Não faço nem idéia, — ela confessou encolhendo os ombros. — Só sei que disse que, desde que seu marido o trouxe faz alguns dias, havia começado a se sentir muito melhor. Ontem estava como se nada tivesse e agora, pum! — Estalou os dedos.

— Senhora Baker, vamos.

Phillipa não afastou o olhar da mulher e ignorou a voz do senhor Field. Estava a ponto de chegar a algo, ela sabia. Era tudo tão estranho...

— Um momento.

— Agora — ele insistiu.

O tom premente e imperativo não lhe passou despercebido e lhe lançou um olhar de exasperação com a intenção de alertá-lo de que não precisava se mostrar tão autoritário. Ele estava mais tenso do que uma corda e a incomodou quando a pegou pelo braço para puxá-la.

— Senhor Field! — falou. E foi então quando o viu vindo pela rua. Phillipa sentiu que um medo desconhecido a percorria.

Desesperada e com a garra de Sebastian ainda apertando-a, olhou para todos os lados. Ainda levava o bebê. Num gesto instintivo entregou-o para a vizinha a fim de fugir, mas como gato velho e intuitivo que era, a mulher, ao ver o que acontecia retrocedeu com uma rapidez que muitos desejariam para si, fechou a porta com toda força.

Não tinham escapatória.

Sebastian estava iracundo, embora também muito preocupado. Não necessitava de muita inteligência para elucidar a identidade do homem que se aproximava a grandes passadas. Ele o havia visto quando virava a esquina. Habitado a valorizar as reações das pessoas — embora fosse longe, — havia se precavido no mesmo instante de como havia detido o passo e fixava o olhar neles. Estudou num segundo o quadro que ofereciam e não sentiu boas sensações. Quando voltou a andar, foi com mais velocidade e determinação, não houve dúvida para ele de que se tratava do marido da falecida senhora Helps.

«Foi ele quem a ameaçou em dar chicotadas se voltasse a vê-la».

Sopesando as opções viu que não havia muitas, não com criança às costas; o qual, além de tudo, não era seu. Se a enfermeira houvesse conseguido passá-lo à vizinha, talvez tivessem tido uma oportunidade de começar a correr e assim evitar um enfrentamento que não augurava nada de bom.

— Que demônios está fazendo com meu filho nos braços?

O vozeirão masculino ressoou por toda a rua e sentiu que a senhora Baker ficava tensa sob o forte agarre de seu braço. Mal havia se dado conta de que a segurava. Soltou-a e ela foi para trás dele, o que lhe indicava com suma clareza o quanto ela se sentia insegura.

Estupendo. Simplesmente estupendo.

De fato, ele esteve esperando essa cena. Não essa em concreto, mas sim uma semelhante. Considerava um milagre que tivesse demorado um mês para ocorrer.

Analizou o seu adversário, visto que não duvidava que ele fosse. Era um palmo mais alto que o próprio Sebastian e duas vezes mais amplo. Embora sua corpulência costumasse enganar o adversário — algo que sempre aproveitava em seu benefício, — devia levar conta os braços do homem, destacados sob a jaqueta. No caso de uma briga corpo a corpo, estava muito claro que devia atuar como se estivesse num *ring* e esquivá-lo como pudesse.

— Senhor Helps, permita-me apresentar-me. — Tomou a dianteira para centrar assim a ira do homem nele e não na senhora Baker.

— A mim não me importa quem você é! Só sei que essa mulherzinha tem o meu filho nos braços depois que eu deixei claro que não queria ver seu feio rosto rondando a minha casa.

Sebastian apertou os dentes tratando de conservar a calma. Não beneficiaria a ninguém que saltasse por um

insulto que ela lhe havia assegurado estava acostumada a ouvir. Ao menos, não agora.

— Senhor Helps...

— Fique quieta! — espetou Sebastian imediatamente. É claro, ela não podia ficar a margem e deixar que ele solucionasse. Não podia manter sua boca fechada.

Sentiu-a paralisar as suas costas. Era incrível como ele conseguia estar consciente de cada mínimo movimento dela.

— Mas...

— Phillipa, pelo amor de Deus — bramou.

Alheio à tensão que havia entre eles, o senhor Helps avançou um passo, ameaçador. Apontando com o dedo.

— Estou farto de você e de suas conversas. Vive metendo estupidezes na cabeça da minha mulher e vou a...

— Senhor Helps, conserve a calma! — Cobriu completamente o corpo de Phillipa. — Sentimos termos nos intrometido, mas há uma coisa que deve saber — apontou à casa.

Ao ver a porta destroçada, o homem abriu os olhos para entrecherrá-los em seguida.

— Que merda fizeram em minha casa e onde está minha mulher? Lily? — gritou. — Saia agora mesmo!

— Sua mulher não pode escutá-lo. Lamento dizer que ela faleceu.

Por um instante, o gesto de incompreensão inundou o rosto do homem. Sebastian supôs que devia simplificar seu vocabulário.

— Morreu — ele explicou. — Já estava morta quando chegamos.

— Mas que demônio?

Antes de conseguir detê-lo já havia entrado em casa. O grito de raiva e dor se produziram no mesmo instante, pois aquele infeliz amava sua esposa.

O bebê começou a se mover entre seus braços quando o senhor Field se voltou para ela.

— Coloque-se em um canto — disse ele em voz baixa — e não se mova dali, aconteça o que acontecer.

Não sentia vontade de discutir, nem de contradizê-lo, assim ela fez o que ele ordenou.

Estremeceu quando ouviu o som de algo que se despedaçava dentro da casa. Depois silêncio.

— Maldita enfermeira, irei afastá-la como a uma barata! — gritou o homem ao fim de um instante.

Phillipa sentiu o peso da ira que desprendia do homem. Não era a causadora da morte da esposa, mas imaginava que a culparia por isso. Era o que indicava sua expressão quando saiu novamente ao exterior.

Seus olhares se cruzaram, embora ela tentasse evitá-lo. Isso o incendiou mais e foi até ela, mas seu protetor cruzou em seu caminho.

— Ela não tem culpa. — Ouviu-lhe tentando argumentar, mas Phillipa sabia que não o conseguiria.

— Olhe, mequetrefe três por quarto, se não se afastar agora mesmo, o farei em pedaços.

— Pode tentar. — Não parecia preocupado, embora ela percebesse a tensão que sobressaía de seu corpo e em suas palavras ditas rapidamente. — Creio, sem dúvida, que deveria se concentrar em sua família em vez de nós.

Mas não o convenceu. Phillipa viu como o estivador tirava a jaqueta com frieza enquanto Sebastian se mexia e fazia o mesmo com seu casacão; ele, com grande parcimônia. Lutariam e por culpa dela, ela se sentia culpada. Havia forçado muito a corda de seu trabalho de enfermeira para se ver reduzida a uma vulgar e perigosa surra ali naquela rua.

«Senhor, proteja-o». Se acontecesse alguma coisa, não me perdoaria.

«Com Frank sentiria o mesmo», disse para si mesmo, embora uma voz interior que não desejava acreditar totalmente, disse que seus sentimentos eram diferentes.

O primeiro a atacar foi o senhor Helps, ao mesmo tempo em que o filho despertava em seus braços e se lançava para Phillipa numa tentativa de que ela o pegasse no colo. A partir daí ocorreram golpes que seu protetor nunca havia recebido, e, embora temesse que pudessem fazer picadinho dele, ele se arranjava bastante bem para esquivá-los. Parecia que até lhe resultava fácil. Mantinha os pés em constante movimento e inclinava o corpo o tempo todo à frente e para trás. Se não fosse pela precária situação e porque detestava as lutas, Phillipa poderia ter apreciado o espectáculo, mesmo sendo cheio de insultos dirigidos, em parte, a ela própria. Sebastian Field era um exemplar masculino digno de admirar.

Não controlou o tempo, mas o bebê estava começando a impacientar-se tanto quanto ela. Seu protetor estava fazendo um trabalho excelente se defendendo da selvageria do seu oponente. Ambos ergueram as mangas, mas em honra à verdade, só um lhe resultava fascinante com sua camisa meio enrugada, o cabelo dourado despenteado enquanto uma mecha ondeava e a transpiração fazia ato de presença.

Ora, ele era um espetáculo e não o esqueceria com facilidade.

A porta ao lado voltou a se abrir e apareceu a mesma vizinha. Olhava a briga e sorria com seus dentes amarelos.

— Isso sim são homens — falou satisfeita.

Phillipa elevou os olhos ao céu tratando de se armar de paciência. Foi então que percebeu que a rua não estava tão vazia quanto antes. Havia alguns homens apoiados nas janelas de suas casas e mulheres paradas nas poucas e sujas janelas.

Haviam saído para contemplar a demonstração de força!
Cambada de ignorantes desconsiderados.

A exclamação contida da mulher fez com que voltasse a atenção novamente aos homens. O senhor Helps havia conseguido colocar contra a parede o seu protetor e agora o derrubava ao chão a base de socos que ele não podia evitar.

Sem sequer pensar e sem dar tempo de reagir, deixou o bebê nos braços da surpreendida vizinha e cruzou a rua.

— Solte-o, seu sem vergonha — increspou.

— Phillipa, se afaste de uma vez! — gritou Sebastian.

Ela não deu crédito a sua ordem. Estavam-lhe dando uma boa surra e ainda queria que ficasse afastada como uma delicada dama. Pois não, não ficaria olhando.

Lançou-se às costas do estivador e lhe golpeou e arranhou com todas as suas forças.

Surpreendido por sua ousadia, o homem parou a briga.

— Você — asseverou nervoso. — Você que provocou tudo. — Tratou de se livrar dela e a afastou com uma sacudida que a lançou à parede.

— Auch!! — exclamou quando bateu com a cabeça nela.

Não fechou os olhos e o olhou furiosa, mas então, Sebastian já havia se levantado e se lançado sobre o senhor Helps sem piedade atirando-o ao chão emporcalhado. Ela o viu dar muitos golpes na face e no estômago, tão contundentes, que Phillipa esperava que conseguisse aplacá-lo.

E assim foi. Aproximou-se quando não percebeu movimento por parte do homem.

— Você está bem?

Permanecia em cima do estivador e o ouviu grunhir em resposta. Levantou o olhar para ela e Phillipa ficou extasiada durante alguns segundos. Por Deus, que homem mais encantador era o seu protetor!

Enrubescida de repente, não disse nada até que ele falou. Atormentava-se cada vez que pensava nele de modo apreciativo. Sebastian podia interpretá-la mal.

«De verdade? Mal interpretá-la?».

Tratou de ignorar a insana e burlona voz da razão e repetiu.

— Você está bem?

Ele assentiu e se retirou de cima do homem.

— Phillipa, o que havíamos combinado?

— Não vou dar explicações sobre isso. — Ela se defendeu.

— Precisava de ajuda.

Afastou-se um pouco e falou ao senhor Helps, que se mantinha no chão com um olho aberto.

— Sinto que não simpatiza comigo. Meu trabalho é ajudar os demais e isso é o que faço, goste ou não. Quando chegamos, seu filho estava chorando há horas, a vizinha pode confirmar, então deveria nos agradecer por termos entrado à força para atendê-lo. Estava em más condições e estava há horas sem comer. Também sinto muito por sua esposa. Era uma boa mulher e me agradava. Eu o compensarei pela porta quebrada.

Havia decidido que demoraria uma boa temporada a aparecer por ali.

— Agradeço o esforço — gritou ele. — Vá e leve as suas boas intenções. Por aqui não a necessitamos para nada.

— Vamos, Phillipa.

Sebastian lhe tocou o braço.

— A maleta. — Ela lançou-se por cima do homem e pegou a maleta e o casaco, que repousava em cima do mesmo. Deu o braço a ele para ajudá-lo a se levantar, o que foi aceito prontamente.

A rua voltou a ficar vazia livre da presença das pessoas que estiveram contemplando o desenlace. Ninguém queria presenciar a humilhação de alguns dos seus.

Saíram da rua tal e qual haviam entrado, em silêncio; e assim permaneceram até que Sebastian encontrou uma carruagem de aluguel para voltarem ao hospital.

Phillipa deu um suspiro quando olhou pela janela. Pela primeira vez, o tráfego lhe pareceu maravilhoso.

— Obrigada — agradeceu sem olhar para ele.

— É o meu trabalho, Phillipa.

Isso não a agradou nem um pouco, mas decidiu que não era o momento apropriado para meditar sobre aquilo.

— Creio que hoje tenha se excedido em suas obrigações.

Ela o viu esboçar um sorriso que nada possuía de plácido.

— Reconheço que você sabe como levar um homem ao limite.

Desta vez ela conseguiu controlar o rubor ante o possível e pouco provável duplo sentido do comentário. Tão pouco replicaria. Hoje havia mudado algumas coisas.

O trajeto até o hospital lhe pareceu mais curto. Quando ele a ajudou a descer tratou de olhá-lo nos olhos, mas lhe pareceu que a ignorava, o que constituía uma soberana estupidez. Nem ela mesma sabia o que buscava nele ou se, saberia o que dizer se encontrasse. Sentia-se um tanto estranha.

— O que fará com o que encontrou?

Phillipa já não se surpreendeu de que ele recordasse o detalhe.

— Vou pedir para que o analisem; depois de trocar esses sapatos, é claro.

Pela primeira vez desde que abandonaram a rua da discórdia, Sebastian sorriu.

— Creio que eu farei o mesmo. Minhas calças e sapatos ficaram imprestáveis. — Olhou. Estavam cheios de manchas, barro seco e sabe-se lá o que mais.

— Utilize meu escritório para fazê-lo enquanto vou ao laboratório — ela ofereceu.

— E você?

— Utilizarei a sala de descanso das enfermeiras.

— Eu a encontrarei lá?

Não havia tom de desconfiança, só uma pergunta natural. Ou isso ela esperava.

E enquanto lhe confirmava que lá estaria, entrou no edifício para se dirigir ao laboratório. Chamou e pouco depois ouviu a chave girar. A porta foi aberta e apareceu o químico do hospital.

— Enfermeira Baker, entre, entre.

Phillipa se aventurou no interior daquela sala onde o homem preparava soluções, bálsamos, tinturas, sais e xaropes que serviam para curar ou paliar as enfermidades de seus pacientes. Havia três estantes de madeira maciça cheios de frascos, potes de cristal e um par de balanças. Num canto havia potes da mesma cor escura igual ao que ela levava na mão.

— Boa tarde, senhor Shaw. Lamento incomodá-lo.

— Em absoluto. Você nunca incomoda. — Ele lhe ofereceu um assento com a mão, que ela recusou. — Meu trabalho é recluso e me deixa muito tempo sozinho e sempre é bem vinda a presença de outra pessoa com quem falar. Em que posso ajudá-la?

Phillipa lhe mostrou o frasco.

— Gostaria que pudesse me dizer os componentes que ele contém.

Em seus olhos surgiu a curiosidade.

— E a que é devido? Se posso perguntar. É uma petição um tanto... atípica.

— Compreendo. Também sei que tem muito trabalho, mas gostaria que pudesse me fazer este favor. — Disse entregando o frasco.

— Faço sim, mas me explique onde o encontrou.

— Eu o encontrei em uma das casas de Limehouse, numa das ruas mais pobres. A mulher acabara de falecer. Suspeito que esteve tomando esta solução antes de morrer.

— Mmmm, curioso, muito curioso. — Coçou o queixo e analisou o pote tal e como Phillipa havia feito.

— De fato há mais. Não sei onde o conseguiram, não tive oportunidade de perguntar ao marido. A única coisa que sei é que não o compraram em um boticário, já que careciam de recursos para fazê-lo e o cabeça de família o considerava uma perda de dinheiro.

— Oh!, de verdade?

Phillipa se entusiasmou pelo interesse que despertava no químico e assentiu.

— É claro, sei que eu não o administrei; nem um médico, dado o caso. Por isso lhe agradeceria por sua ajuda. Tenho uma suspeita sobre isso.

— Bem, o que comenta é muito curioso e interessante. — Deixou o pote num canto. — Suponho que não se importará de esperar um pouco.

— Compreendo que tem muito trabalho.

— Assim é, mas assim que eu tiver noticias a farei saber imediatamente.

Phillipa sorriu aliviada e se despediu. Necessitava se trocar.

Capítulo 9

A cena era cotidiana naquela manhã no escritório de Phillipa. Sebastian estava reclinado em mangas de camisa, dobradas até o cotovelo, lendo um livro enquanto ela redigia os informes. Haviam permanecido assim ao menos por uma hora, desfrutando de um cômodo silêncio, do agradável calor que proporcionava a lareira e da mútua companhia.

A rotina havia se instalado entre ambos também no hospital. — Pouco a pouco haviam estabelecido uma dinâmica que os agradava e que os afastava de seus papéis como protetor e protegida. Essa mudança era tanto inesperada quanto agradável.

Phillipa se levantava com mais brio que de costume, ansiando o momento em que a maçaneta da porta ressoaria no vestíbulo e que indicaria que Sebastian estava ali. Havia deixado de sentir que a solidão lhe pesava tanto. A constante presença do homem a reconfortava além dos limites que se negava a valorizar, mais além de sua vida no trabalho. Dizia-se que era normal se sentir assim, embora com Frank desconhecesse aquela exceção e aquela ânsia. A cada jornada que passavaos dias lhe pareciam mais luminosos e curtos,

seu trabalho mais leve e sua volta para casa mais sombria do que de costume. Também havia os milagres, significativos detalhes, que indicavam como Sebastian estava afetando a sua vida. Agora se surpreendia cuidando de seu aspecto quando antes lhe importava bem pouco devido a sua óbvia natureza física. Fazia um penteado um pouco mais à moda — embora fosse menos prático e lhe fizesse perder mais tempo diante do espelho, — alguns quantos beliscões nas faces para dar mais cor — negava-se utilizar algum produto — ou apenas umas gotas de perfume. — Deus não gostaria que ele pudesse notar isso e chegar a pensar o inconcebível. — Talvez admitisse que, nas vezes em que haviam se visto fora de seu horário de trabalho, Phillipa havia buscado em seu guarda roupa o vestido e chapéu mais elegantes e apropriados. Continuava conservando algumas gotas de vaidade feminina e se negava que a visse sempre com seu traje de enfermeira ou as roupas que utilizava nas «visitas».

Ele, por sua parte, quase não havia modificado sua aparência. Talvez tivesse se esmerado no traje e na loção que utilizava, mas somente isso. Sentia que os dias a seu lado ficaram mais completos. Esforçava-se para ser pontual — um detalhe que sabia ser importante para Phillipa — e tentava não voltar a ser muito rigoroso quanto à sua segurança. Divertia-se falando com ela e escutava atento as explicações sobre o trabalho dela. Aproveitava cada oportunidade que se apresentava para tocá-la, fosse no cotovelo para ajudá-la à subir ou descer de uma carruagem, para chamar sua atenção ou, simplesmente para senti-la. Em algumas ocasiões se

aproximava com a máxima dissimulação para sentir o aroma agradável da fragrância que ela desprendia. Era curioso que não deixasse de notá-lo inclusive quando já não estava com ela. Deitado em sua cama de Holborn, Sebastian não só podia evocar o aroma de Phillipa, mas também juraria que o levava junto com ele. E sua imagem... Inclusive com os olhos fechados podia descrever cada detalhe de seu rosto. O evocava uma e mil vezes na solidão de sua casa. Phillipa concentrada enquanto realizava uma cura, com o cenho franzido formando pequenas e adoráveis ruguinhas na testa, sorrindo e com os olhos brilhantes quando conseguia um objetivo... E, maldição, tudo nela o agradava. Tudo.

«A luz da manhã a deixa mais bela», pensou em certo momento que ela parecia envolvida com suas notas.

«Seus braços parecem tão fortes e seguros», pensou Phillipa.

«Sua dedicação é admirável».

«Sinto-me segura».

«Estou cativado».

Entre olhares furtivos e sorrisos — detalhes que já começavam a resultar habituais, — ambos deixaram que a manhã deslizesse até o meio dia desfrutando da presença do outro.

Quando chamaram à porta, ambos se sobressaltaram ao mesmo tempo, mas ele foi o primeiro a reagir e se levantar com mais presteza.

Abriu a porta justamente quando a mulher do outro lado levantava a mão novamente para voltar a bater.

— Oh! — Ela lançou um minúsculo gritinho e o olhou com surpresa.

Sebastian deduziu que não esperava que um desconhecido abrisse a porta.

— Em que posso ajudá-la? — Perguntou com amabilidade.

A mulher pareceu se recuperar com rapidez e o olhou de cima abaixo com um sorriso especulativo.

— Estou procurando a enfermeira Baker — disse com a mão no peito. — Por um momento pensei que havia me confundido.

— Em absoluto, ela esta aqui. Senhora Baker, a procuram. — Abriu a porta em sua totalidade para que visse a Phillipa, rodeando a mesa.

— Querida! — Disse abandonando a analítica observação que esteve fazendo sobre Sebastian para se lançar ao interior e abraçar Phillipa.

Ele fechou novamente a porta com suavidade e permaneceu num segundo plano.

— Quanto me alegro de vê-la, Camile. Não sabia que chegaria tão cedo.

— Cedo? Parece que a papelada a absorveu completamente. O doutor Rafferty já me havia advertido. Começamos em dez minutos.

Phillipa se sobressaltou e olhou para o relógio para confirmar a hora.

— Deus santo já são doze horas! Já estão todos?

— É claro, querida. Só falta você.

— Necessitarei de apenas um momento. Preciso levar alguns documentos e me arrumar.

O que Phillipa considerava se arrumar não era necessário, embora Sebastian não pensasse dizê em dizer. Talvez a touca não estivesse tão reta como no início da jornada nem os cabelos tão presos, mas ela continuava adorável.

Como para confirmar seus pensamentos, a outra mulher se desfez das palavras com a mão. Devia superar os cinquenta anos e apresentava uma figura curvilínea coberta por um vestido e chapéu muito elegantes. A única coisa, talvez, que chamava a atenção, era um rosto onde a beleza brilhava por sua ausência.

— Direi aos demais, então. Já sabe como ficam os homens quando os fazem esperar. — Dirigiu-se à saída e Sebastian se apressou em abrir a porta. — Cavalheiro...

— Senhora...

Em poucos segundos voltaram a ficar a sós.

— Perdi a noção do tempo — afirmou Phillipa com feição preocupada e procurando algo entre os papeis.

— Ambos fizemos. Não é verdade?

Phillipa havia comentado sobre aquela reunião na semana anterior, embora sem especificar dia, nem hora. Também havia mencionado que era a reunião que se celebrava uma vez ao ano e na qual comparecia toda a junta diretiva do hospital.

— Exato. Não, não é necessário que mude o traje de enfermeira — murmurou em seguida para si mesmo enquanto

se olhava com rapidez no espelho de pé que estava em um canto. Depois lançou uma olhada rápida para onde ele se encontrava. — Nem sequer fui capaz de apresentá-los. Sou um desastre.

Ela? Um desastre? Era um absurdo sequer pensar naquilo. Nunca havia visto alguém tão organizado e metódico como ela quanto aos seus afazeres.

— Não se inquiete. Se estiver preocupada por isso, sempre pode remediar mais tarde.

Phillipa pareceu notar o sarcasmo de suas palavras e o olhou de lado com aquele meio sorriso ao qual ele estava se acostumando com uma alarmante rapidez.

— Acredita que se pode escapar do inquisitivo escrutínio, dela está completamente errado.

Visto o estudado escrutínio ao qual havia sido submetido em apenas alguns segundos, Sebastian não podia deixar de acreditar. Baixou as mangas e abotoou os punhos. Melhor parecer profissional e colocar o casaco, embora só tivessem que ir até a esquina contrária do hospital.

— Vamos?

Phillipa assentiu, agarrou um bloco de papéis que necessitaria e saiu do escritório com ele atrás de seus passos. Ele gostava de segui-la e, por mais incrível que fosse, gostava muito vê-la bambolear os quadris enquanto apertava o passo.

Quando se aproximaram da sala de reuniões, Sebastian divisou a tal Camile junto com outras duas damas de idade parecida.

«Bem — pensou quando as viu, — nenhuma delas se destaca por sua formosura». “Nem sequer possuem um rosto favorecido que torne possível um benevolente comentário sobre o passar do tempo».

Seria esse o aspecto que ofereceria Phillipa em sua meia idade? E por que era incapaz de sentir mais que curiosidade de comprovar?

— Phillipa! — gritaram as outras duas em coro.

As enfermeiras se abraçaram com um enorme sorriso e com evidente afeto.

— Estão maravilhosas. — Disse a elas.

— Nós? — Riu a única loira do grupo. — Com nossa idade, a única coisa que podemos dizer é que nos alegamos de continuar aguentando. — As outras assentiram com grandes sorrisos, o que desmentia as palavras. — Muitos gostariam de ter novamente sua idade e sua voluntariedade.

— Eu a noto mais bonita, não acham, garotas? — Afirmou a mais baixinha.

— Imaginações de vocês. — Enrubesceu um pouco sob o olhar das três mulheres que a olhavam com afeto.

— Absolutamente. — Camile entrecerrou os olhos e a olhou de cima abaixo. — Noto-a mais serena, assim como com um brilho especial no rosto que não possuía antes.

Sebastian olhou para Phillipa, que por sua vez lhe lançou um olhar de canto de olho carregado de perturbação. Entendeu que ela não estava acostumada aos elogios, pelo que anotou dedicar-lhe alguns num futuro próximo. Não acreditava que fizesse mal a nenhum dos dois; a ele dizer e a

ela escutá-lo e acreditar. Ademais, ele também pensava que ela estava mais bonita. Talvez fosse uma apreciação parcial ou muito subjetiva, mas havia momentos nos quais se surpreendia advertindo-o.

Ela lhe respondeu com um sorriso, fato que não passou despercebido.

— Bem, querida, espero que agora seja capaz de fazer as devidas apresentações.

A cor das faces de Phillipa aumentaram de intensidade devido à pequena provocação de Camile.

— Tem razão, me pegou desprevenida naquela hora. Senhoras, este é o senhor Field, meu protetor. — Se voltou para ele. — Senhor Field, permita que lhe apresente as minhas honradas tias — apelativo que pareceu encantar às mulheres, — a senhora Camille Bishop, lady Deirdre McDougall, e a senhora Leonor Wells.

Sebastian inclinou a cabeça e beijou a mão das três, fosse qual fosse o nível hierárquico que ostentavam.

— Então tem um novo protetor, é? — Perguntou a que respondia pelo nome de Deirdre. — A que é devida essa mudança? Se não recordo mal sempre lha acompanhava o tal de Frank.

O incômodo de Phillipa foi evidente para todos, mas Sebastian deixou de lado, sentindo que não lhe correspondia envolver-se. Afinal era apenas um empregado.

— Houve um incidente que fez com que tio Jeremy tomasse medidas. — As três permaneciam em expectativa, mas Phillipa não quis expor, novamente, o sucedido naquela

noite. — Depois contarei com mais calma. Agora mesmo devem estar se perguntando por que demoramos tanto.

Como a desculpa era válida as mulheres a aceitaram tranquilas. Sem dúvida, enquanto abriam a porta da sala, uma delas fez um comentário que a surpreendeu:

— Só posso dizer que ganhou muito com a mudança.

As demais assentiram com expressões de malícia, o que fez com que Sebastian tivesse que conter o sorriso e que Phillipa tossisse incomodada.

— Esperarei aqui. — Ele se limitou a dizer.

— Não é necessário — assegurou ela. — as reuniões sempre são longas.

— Não importa. — Afinal, não tinha nada mais a fazer. Esperar ali dava no mesmo, estivesse onde estivesse.

Phillipa assentiu, lhe lançou um rápido olhar e desapareceu atrás da porta, fechando-a atrás de si. Já no interior, suspirou e se apoiou nela, agradecendo que a coisa não houvesse ido mais longe. A curiosidade das três mulheres poderia deixá-la em uma situação tão incômoda que não seria capaz de olhar Sebastian na cara por semanas.

Sentados e esperando-as na grande mesa de madeira escura que presidia a sala estavam já, os três homens que faziam parte da junta do hospital. Seu tio Jeremy presidia uma ponta e a sua direita se encontrava o marquês de Hansberg. O homem de sua esquerda era Harvey Crouch, o administrador do hospital, e o único que não havia participado com capital. Embora fosse um homem que ela apenas suportava — sentimento que parecia ser mútuo, — ao

ser o administrador não havia mais remédio que assistir às reuniões anuais.

— Começávamos a nos perguntar quando teria a intenção de honrar-nos com sua presença — declarou o duque de Dunham.

— Não reclame tanto, Jeremy. Só nos limitamos a conhecer o novo protetor de Phillipa — alegou Leonor de bom humor.

Todos ignoraram o grunhido que ele soltou e as mulheres tomaram assento.

Menos o senhor Crouch, a todos os presentes lhes unia um fio que com o tempo havia se transformado em amizade. Phillipa sentia curiosidade, com a forma como a vida cruzava caminhos. É claro, que seu tio houvesse participado na criação do hospital era compreensível visto o parentesco que o unia a própria Phillipa. A pressão que exercia nela e seu falecido marido colocou a primeira pedra que constituiria aquela junta. Ele era o elo comum entre todos.

Como deduziram a princípio, o hospital não era viável com a única participação dos dois, então Jeremy convenceu a parte da nobreza que conhecia da câmara dos lordes. Assim acabou convencendo Hansberg, um dos poucos que havia se mostrado receptivo ao projeto. Quanto às mulheres, o motivo de tê-las ali era o laço de amizade. Seus tios, os duques, tinham como melhores amigos: Leonor — ali presente — e a seu marido, por isso foi fácil convencê-los a se envolver mesmo vivendo do outro lado do Atlântico. Depois de pensar, Jeremy convidou Camile, uma antiga conhecida da qual,

tempos depois, Phillipa descobriu que havia sido uma candidata para se casar com ele. Quando ela aceitou, Deirdre foi uma opção inevitável visto à forte amizade que a unia a esta última.

Desse modo havia se formado esta junta tão peculiar e heterogênea, que acabaria sendo uma das mais unidas e comprometida com a causa.

Durante mais de uma hora, o administrador apresentou cifras de gastos e benefícios. Foram feitas perguntas sobre aquilo e até mesmo sobre as doações que o hospital recebia — o que acontecia com bastante frequência — e que devia ser anotado e refletido nas contas anuais. Quando tudo ficou claro, felicitaram-no pelo excelente trabalho e este abandonou a sala.

— Deixando de lado os sentimentos que possamos ter por esse homem — comentou Deirdre se referindo à antipatia entre ele e Phillipa e que todos conheciam, — é indiscutível que foi um acerto contratá-lo.

— Veio muito bem recomendado — apontou Hansberg, reclinado em sua poltrona. — Foi impossível não sugerir sua contratação.

Fazia anos isso, quase desde o início. Para Phillipa podiam desagradar muitas coisas naquele homem, mas não o zelo com o que desempenhava o seu trabalho.

— Bem — tossiu para chamar a atenção sobre ela, — creio que agora deveríamos discutir sobre outro assunto que deveria reter nosso interesse. — Todos a olharam. — Trata-se de um hospital em Poplar...

— Phillipa... — interveio seu tio, — já falamos disso.

— Não, só você falou. Ou, ao menos, me deixou comentar e o descartou completamente sem nem sequer me deixar apresentar dados que validariam o meu interesse.

— Isso não é verdade. — Ele se reclinou na poltrona aveludada e a olhou com o cenho franzido. — Eu lhe disse que seria muito caro e que, por mais atraente que pudesse parecer, não interessaria a ninguém.

— E eu lhe respondi que era muito déspota da sua parte afirmar algo assim sem termos perguntado.

— Do que estão falando, garotos? — Deirdre os interrompeu e se fez o eco do desconcerto dos demais.

— Ande, conte logo, se tanto necessitas — respondeu o duque de Dunham com um tom sofrido.

Phillipa se levantou rapidamente e se apressou a repartir parte dos documentos que pegara no escritório, e que levava semanas reunindo para tal ocasião.

— Trata-se de um hospital, em Poplar.

— Outro?

Jeremy lançou a sua sobrinha seu típico olhar de «não lhe disse» ante a pergunta do marquês.

— Sim, «outro» — disse ela com estudada indiferença. Por sorte, as mulheres ainda não haviam se pronunciado a respeito. Voltou a se sentar. — O St. Catherine's eu descobri que não consegue se manter e que estão pensando em fechar suas portas.

— E qual interesse acredita que pode ter então para nós, querida? — Perguntou a sempre reflexiva Leonor.

Não se sentiu desprevenida porque esperava pela pergunta. Havia passado muitas horas refletindo sobre isso.

— Principalmente porque é um hospital que atende, não só as mulheres, mas também crianças e homens. — Imaginava o que eles pensavam. Ela, que havia insistido na necessidade de que este hospital fosse só para mulheres, agora queria ampliar aos demais. Explicou. — Minha experiência me diz que será mais benéfico a todos.

— Benéfico para quem? — perguntou Hansberg.

— Para todos — asseverou sem nenhuma dúvida.

— Pensou em que talvez seja melhor aceitá-los aqui que dirigir outro mais?

Phillipa também havia considerado a pergunta de Camile, pelo que respondeu com segurança.

— Absolutamente. O St. George está pensado para mulheres. Adaptá-lo seria uma perda de tempo e dinheiro. O melhor de St. Catherine's é que já está construído. Eu o visitei e está em ótimas condições. Admito que estão desesperados com a falta de recursos, dinheiro, pessoal e uma lista interminável de coisas mais, mas pensei com a cabeça fria e me parece uma oportunidade que não deveríamos desperdiçar. — Todos permaneciam em silêncio. — Vamos, olhem está tudo ali.

Phillipa não se permitiu ser pessimista. Embora sua principal missão fossem as mulheres, havia acabado por aprender que ter os homens ao lado ajudava muito. As crianças também eram o ponto mais frágil da cadeia e acreditava que tinha o dever de ajudá-los o quanto pudesse.

— Querida — disse Leonor após alguns minutos de silêncio, — sabe que não se pode ajudar a todo mundo, não é verdade?

Assentiu.

— Não é isso. Tão pouco me lançarei a cada nova oportunidade que veja, nem pedirei que me sigam. Sou mais realista que isso. Não obstante...

— Poderia funcionar — asseverou Deirdre.

— Embora teria mais trabalho. — Declarou Camile em voz alta.

— Estou de acordo. Sei que a princípio será assim, mas depois pode chegar a funcionar sozinho. Não estou dizendo que eu vá exercer de enfermeira em ambos locais; Deus sabe que não poderia com tanto. O que trato de dizer é que Poplar necessita outro hospital como este: bem dirigido e eficaz. Se nos envolvermos e atuarmos como junta diretiva, podemos conseguir.

— Está bem — concordou o duque com um suspiro, — se todos estiverem de acordo, posso começar a fazer averiguações.

Todos assentiram e Phillipa teve vontade de saltar e dançar. Mesmo assim, conteve o sorriso de vitória. Sabia que, quando seu tio pusesse um pé no St. Catherine's, lhe daria razão.

Os dois homens se levantaram. Hansberg em especial estava com pressa. Na qualidade de diplomático deveria ir por alguns dias à França, onde sua presença era requerida.

Despediram-se das damas.

Deixaram a porta aberta e viu como seu tio Jeremy falava com Sebastian. Precisou fazer um esforço para não olhá-lo e prestar atenção ao que diziam as mulheres.

— O que dizia sobre Brandon? — Perguntou a Leonor, que parecia não se cansar nunca de explicar as proezas de seu filho mais novo.

— Cada vez me resulta mais óbvio o muito que se parece com seu pai — repetiu para ela. — Tem um encanto nato. Esta manhã conseguiu que Jonathan concordasse em levá-lo com ele. Já imaginaram? Ele fazendo negócios com o menino ao seu lado.

— Não é tão criança — aludiu Phillipa.

— Sim, eu sei — suspirou. — Ocorre que é o menor dos três e resisto a vê-lo convertido num homem.

Foram saindo.

Phillipa voltou a olhar e Sebastian estava sozinho novamente. Ele olhou para Phillipa querendo sorrir em resposta.

Deirdre, que não havia perdido nada do intercâmbio, falou com a voz mais neutra que foi capaz de fazer.

— Tenho uma fome voraz, o que me lembra de falar sobre o jantar, Phillipa. Atrasaremos alguns dias devido à ausência de Hansberg. Leonor pode alongar sua estadia e eu também. Parece-lhe bem?

Saíram ao corredor.

— O jantar? Oh!, sim, é claro. Sempre é mais divertido se estamos todos.

— Já sabe que sempre é em minha casa. Isso não mudará. Só me faltará enviar a confirmação do dia. Você também está convidado, senhor Field — disse como por acaso. Não fez caso das expressões de estranheza de suas amigas. Depois explicaria quando tivesse oportunidade.

— Oh! — Phillipa não soube o que dizer. De fato, apesar da surpresa, sentiu uma repentina e imperiosa necessidade de que ele fosse.

— Agradeço o convite. — Sebastian, por sua parte, se mostrou comedido e não refletiu a surpresa por ter sido incluído. — Embora não sei se seja muito apropriado.

— Por quê?

A pergunta ia dirigida a ele, mas foi Phillipa quem respondeu.

— Bem, não creio que seja necessário que me proteja estando rodeada de família e amigos. — Com essa afirmação quis deixar claro que ela não havia propiciado a proposta.

— Quem está falando de trabalho, querida? Não é uma ceia íntima, nem nada parecido como bem sabe. Ademais, não se sentirá sozinho; estará você e já conhece a alguns de nossos amigos. Não espero uma resposta imediata — acrescentou olhando ao homem, — então pense nisso, temos tempo.

Sem querer pressionar mais, se despediram rapidamente e os deixaram a sós. Durante alguns segundos nenhum dos dois disse nada. O convite continuava presente entre eles.

— Creio que eu também tenho fome — anunciou Phillipa.
— Deveríamos ir almoçar.

Sebastian assentiu.

— Depois de você.

Enquanto voltavam para o seu escritório, Phillipa se sentia incômoda. Antes almoçava na sala de refeições das enfermeiras e doutores, mas já há um tempo, o fazia na privacidade de seu escritório e sempre em companhia de Sebastian, porque havia começado a sentir a necessidade de tê-lo mais com ela, sem o trabalho no meio. Agora se perguntava se se estabeleceria um incômodo subjacente que se via incapaz de eliminar devido a Deirdre.

— Seria tão amável de me explicar a que vem isso? — Ele lhe perguntou tão logo fecharam a porta e estiveram afastados dos ouvidos curiosos de doutores e enfermeiras.

Phillipa respirou fundo, agradecendo e maldizendo ao mesmo tempo a falta de traquejo.

— Não sei a verdade. — Sentou-se junto a sua mesa e o olhou fixamente para que visse nela a mesma confusão que o invadia. — Estou tão surpreendida quanto você.

Não lhe disse, no entanto, que desejava que ele aceitasse, embora não fosse conveniente.

— É um jantar formal?

— Oh!, é claro que não. Na realidade, só se trata dos membros da junta, com maridos e esposas.

— Então é como a reunião à que acaba de assistir, mas menos formal. Não sei o que poderia fazer eu em meio a todos vocês.

— Está equivocado. Verá, Deirdre a celebra a cada ano em sua residência de Dover Street. Embora residam na

Escócia, creio que seu pai a presenteou com uma casa para as ocasiões nas quais viajavam para Londres. É mais um pretexto para nos reunirmos que se converteu em uma celebração agradável.

Sebastian sabia que não era correto, nem conveniente misturar o trabalho com sua vida pessoal. Saber, sem dúvida, era muito diferente de aceitar. Por um pequeníssimo segundo imaginou o que sentiria ao ir a essa ceia como acompanhante de Phillipa, embora fosse de um modo platônico. O nó que sentia no estômago deveria ter dado a resposta.

— E o que você pensa que eu deveria fazer? — Ele lhe perguntou, esperando que ela desse um sim ou um não definitivo.

— O que você quer fazer? — Respondeu ela por sua vez.

Levantou as sobrancelhas quando se deu conta de que lhe havia respondido com outra pergunta, mas ela se negou a dar seu braço a torcer.

— Não quero incomodá-la e nem impor a minha presença, — ele argumentou tentando saber o que devia decidir.

— Como poderia fazê-lo? Sinto que temos cruzado uma barreira e que temos entabulado uma amizade. Não acha assim?

Amizade? Aquele qualificativo o pegara desprevenido.

— Uh.... Sim, amigos — respondeu, pressionado por seu insistente olhar.

Parecia ter dito o correto, porque ela esboçou um sorriso satisfeito.

— Nesse caso, como amigos que somos, pode aceitar me acompanhar, não é verdade?

Sebastian assentiu. Mesmo assim, e enquanto voltava a sua rotina, repensou a definição exata de «amizade» e se dar aquele passo resultaria prudente.

Não encontrou resposta para ele.

Capítulo 10

— Não é necessário que me acompanhe. Não vou a sair a pregar, mas sim para comprar um pastelão à ceia. — Sobre seu traje de enfermeira, que já não permanecia impoluto, Phillipa colocou acapa e pegou uma cesta que estava sobre uma mesinha de seu escritório. — Quando regressar, poderemos ir para casa.

Sebastian se levantou com o cenho franzido enquanto descia a perna da calça.

— Não tem uma cozinheira que o faça?

Colocou a poltrona que esteve usando em seu lugar.

— Não como aquele — respondeu ela com um pequeno sorriso nos lábios. — é tão gostoso e aromático...

O estômago de Phillipa grunhiu só de pensar nele, inclusive mesmo faltando mais de três horas à ceia. Decidiu então que compraria outro para que Sebastian o provasse, assim lhe daria razão.

— E onde pensa em ir comprá-lo?

— Em uma pequena loja próxima daqui — lhe explicou. — Não demorarei muito.

— E não lhe parece apropriado que eu vá com você? — perguntou com um toque de humor. — Afinal me pagam para isso.

Phillipa seguiu o jogo, divertida. Gostava que Sebastian mostrasse outras facetas de sua personalidade que nada tinham a ver com a formalidade que parecia mostrar o tempo todo. Sua calidez produzia um efeito benéfico nela.

O ambiente do hospital era sério e profissional. Phillipa, na qualidade de chefe, devia fazer com que suas enfermeiras desempenhassem seus trabalhos com esmero, devia intervir nos conflitos que pudessem surgir, ensinar os métodos de higiene usados no hospital às principiantes e afiançar sua posição frente aos médicos mais déspotas. Ela era o exemplo das demais — sempre sob observação, — e por isso devia se comportar com retidão. E quando fechava as portas de seu lar, estava sozinha. Exceto com os criados, não havia com quem conversar e muito menos com quem rir.

Ela havia escolhido assim, mas de igual modo agradecia os momentos alegres que compartilhava com Sebastian, porque sob a fachada inescrutável e suas honoráveis intenções de protegê-la, se escondia um homem de gostos simples, jovial e amigável.

Quem teria dito quando o conheceu!

Dirigiu-lhe um olhar irônico.

— Ah, sim? Não me havia dado conta.

Ambos trocaram um sorriso.

— Nesse caso, lhe garanto que farei o quanto esteja em minhas mãos para assegurar-me de que as note.

Ela fingiu sentir horror.

— E o que pretende fazer, seguir-me a toda parte? — Perguntou, procurando manter-se séria. — Não falta mais nada! Ninguém em seu perfeito juízo o permitiria.

— E se lhe prometer passar despercebido?

Phillipa pensou que, com o aspecto dele, tal coisa seria altamente improvável. Ela havia comprovado em suas numerosas saídas, porque sempre cruzavam com alguma mulher que lançava olhares sugestivos.

Quando isso ocorria, dizia a si mesma que a ela não importava, em absoluto.

Sebastian pegou a alça da cesta que Phillipa continuava segurando. Não tinha nenhuma intenção, só atuava com desenvoltura. Sem dúvida, ela, distraída, esteve a ponto de perder o equilíbrio. Para não cair sobre ele fixou os calcanhares no chão e com a mão livre segurou-se na maçaneta da porta de seu escritório.

Foi um momento incômodo para os dois isso de estar se olhando sem saber o que dizer, porque aqueles segundos de diversão haviam desaparecido e ambos perceberam.

Phillipa abriu a porta para deixar passar um pouco de ar e assim ter uma desculpa para se afastar, quando topou com uma silhueta que permanecia, silenciosa, desistiu.

Movida por instinto se jogou para trás, chocando contra o corpo duro de Sebastian, que a segurou sem esforço.

— Santo Céu, me deu um susto de morte! — Ela exclamou quando recuperou o fôlego e reconheceu o rosto de Horace Shaw.

O homem cabeceou algumas vezes antes de se desculpar.

— Sinto muito. Vim procurá-la.

— Não é sua culpa, senhor Shaw, — assegurou ela, observando-o com olhos inquisidores. Estive esperando, com certa impaciência, suas notícias. — Tem os resultados?

Horace Shaw guardou, durante alguns segundos, um profundo silêncio. Depois assentiu de forma lenta e metódica.

— Apressei-me, visto que você me disse que era importante.

Phillipa lançou um sorriso, conforme com seu modo de proceder.

— Agradeço-lhe de verdade. Não era minha intenção sobrecarregá-lo com mais trabalho e menos ainda, quando não está relacionado diretamente com o hospital, mas pensei que você seria o homem adequado.

O senhor Shaw pareceu agradecido ao escutar aquilo.

— Fez bem. Fazer um milagre a favor da nossa chefe de enfermeiras não faz mal a ninguém, não acredita?

Phillipa sentiu a sensação de que, por tal favor, aquele homem buscava algo em troca.

— Obrigada, — murmurou ela.

— Não se preocupe, estou a seu serviço. Só espero que não a decepcione.

— Por que o faria?

Aguardou a resposta, em silêncio.

— Realizei todas as provas pertinentes, todos os métodos que conheço e que estão a minha disposição. Após um exame

minucioso cheguei à conclusão de que se trata de um xarope fortificante — esclareceu.

— Um xarope fortificante? — repetiu Phillipa, com efeito, decepcionada. Por sua mente haviam passado distintas hipóteses, mas nenhuma como aquela. — Tem certeza?

Um inofensivo xarope não podia ter terminado com a morte de Lily.

— Efetivamente — afirmou com firmeza. — Já o vi anteriormente. Usa-se para restabelecer o vigor do corpo e excitar o movimento dos humores.

Por isso a vizinha contara que nos últimos dias, Lily havia recobrado a saúde, supôs Phillipa.

— Nada mais?

Necessitava estar totalmente segura.

— O frasco que me deu só continha água espessada com açúcar e extrato de flor de laranjeira, ervas, canela e cravos.

A seu modo de ver, nenhum daqueles ingredientes era perigoso, pensou Phillipa.

— O mistério não está totalmente resolvido. Desgraçadamente, não podemos fazer muito mais.

— Perdão? — Disse o senhor Shaw, sem chegar a compreender.

— O xarope deve ter mascarado a verdadeira enfermidade da senhora Lily — ela esclareceu. — Sem dúvida, diante da negativa de seu esposo de se estudar o corpo, nunca chegaremos a saber o motivo exato da morte.

— Algumas coisas estão nas mãos de Deus — indicou Sebastian, que até então havia se mantido em silêncio. — Não

deve se torturar por isso.

— Em efeito — corroborou o senhor Shaw. — Pouco se pode fazer quando uma morte chega de forma inesperada. Por mais que a ciência e a medicina estejam avançando, ainda existem muitas incógnitas nestes campos. — Aquela explicação era totalmente verdade, visto que ao longo dos anos Phillipa havia presenciado curas que pareciam milagrosas e falecimentos que não pareciam ser regidos por nenhuma lógica acadêmica. Aquele era outro claro exemplo. — Necessitam alguma coisa mais?

Phillipa levantou o rosto e ficou olhando ao senhor Shaw enquanto numerosos pensamentos passavam pela sua cabeça.

— Não, já fez muito.

— Então me retiro. — Fez uma espécie de reverência. — A seu serviço.

Sebastian esperou para ficar a sós com ela. Só então se atreveu a massagear ligeiramente o ombro de Phillipa, pretendendo reconfortá-la.

Ela não se afastou, como caberia de se esperar, mas sim que deixou que ele continuasse. Mas não se atreveu a olhá-lo nos olhos.

— O que está pensando? — Ele lhe perguntou, embora Phillipa sabia que, no fundo, ele conhecia a resposta. No transcurso das semanas havia aprendido a conhecê-la bem e a interpretar boa parte de seus gestos e respostas. Sebastian era um homem observador e passar horas junto a ela lhe

havia dado a oportunidade de analisar suas palavras, seu tom, seus sorrisos e até mesmo os seus silêncios.

— Se houvesse... — respondeu ela, antes que Sebastian a interrompesse.

— Não — negou de forma suave, mas incisivo. — Não permitirei que se sinta culpada.

— Mas devia tê-la visitado antes — protestou com abatimento.

— Não era sua obrigação — rebateu ele. — Sabe quantas pessoas há nesses distritos? Não pode alcançar todo mundo.

— Poderia ter feito mais — afirmou com teimosia. — E agora um bebê ficou órfão de mãe.

Sebastian deixou de massagear seu ombro. Em troca, levantou seu queixo com delicadeza e ficou contemplando o brilho de insegurança que refletiam seus olhos. Phillipa se remexeu inquieta sob seu escrutínio. Possuía a sensação de que Sebastian poderia ler sua alma se quisesse. E o que veria nela? É claro, mais do que desejava mostrar.

— Phillipa, Phillipa — ele a chamou com ternura, enquanto acariciava sua face com o polegar. — Seu trabalho é importante, mas só Deus é onipresente.

Ela entreabriu os lábios, não de forma sugestiva, mas sim, deixando-se levar pelas sensações que Sebastian estava despertando em seu interior: sutis a princípio, mais intensas depois. Suas palavras eram um bálsamo para seu ânimo e sua solidariedade.

«Oh!, Deus. Onde estou me metendo?»

Seu estômago se contraiu. Havia momentos em que desejava mais, assim como se deixar levar até ver onde chegaria com tudo aquilo. Em outros, sentia pânico só de pensar em não ser capaz de manejar alguns sentimentos que não havia experimentado com Charles. Ela possuía um férreo controle sobre sua vida e Sebastian era tão encantador que conseguia jogar por terra os sólidos muros que havia construído ao seu redor.

Se agarrou a alça da cesta com ambas mãos e, pouco a pouco, de um modo dissimulado, colcou-a entre os dois corpos, usando-a de escudo.

— Não acredita que seja minha culpa? — Ela perguntou num sussurro.

Reteve o fôlego durante alguns segundos. Sebastian negou com um movimento de cabeça.

— Definitivamente não. Como poderia?

— É que eu... — vacilou. Phillipa não se considerava fraca de caráter, muito ao contrário. Porém, possuía a desagradável sensação de não ter feito boas coisas com Lily.

Isso remoía sua consciência.

— Vi com meus próprios olhos como lhe interessa e luta pelas mulheres às quais a maioria das pessoas não hesitaria em pisotear se fosse necessário. Estou falando de esposas e mães, a maioria delas tão pobres que carecem de valor à sociedade — argumentou Sebastian. — E o que me diz das prostitutas? Consideradas pouco menos que sujeira da rua. Ao contrário, você as trata como iguais.

— São iguais — elelhe assegurou. — Algumas nascemos com mais oportunidades, outras com menos. É meu dever fazer o que puder para ajudá-las a melhorar sua qualidade de vida. Mas há tanto por fazer!

— E acredita que todo mundo pensa como você? Sinto mencionar, Phillipa: a poucos interessam as misérias dessa gente.

Assentiu, estando de acordo com ele. Seu trabalho era tão ínfimo que não alcançava nada. Apesar das pessoas envolvidas no hospital e suas próprias saídas a pregar pelas ruas, os esforços pouco se viam recompensados. Às vezes, aquele pensamento conseguia dar-lhe o empurrão necessário para prosseguir com otimismo. Outras tantas, via o mundo com um véu negro, espesso, que não lhe permitia distinguir a luz, deixando-a num estado de lúgubre desilusão.

— Não sou tão ingênua — se apressou em esclarecer. — As diferenças de classes são como um abismo entre dois mundos que não podem chegar a se abraçar — explicou com certa resignação. — Eu sei muito bem e por isso trato de construir pontes. É claro, nem todos opinam da mesma forma e em minha família isso mesmo se evidenciou desde o começo.

Sebastian levantou uma sobrancelha, intrigado.

— O que quer dizer? — Ele se interessou.

— Quando minha tia Odethe escutou pela primeira vez que eu desejava me converter em enfermeira, se indignou de tal modo que deixou de falar comigo durante uma semana inteira.

Odethe chegou a se fechar em sua sala durante longas horas para evidenciar seu desacordo, até que se deu conta de que a persuasão, sua intransigente postura ou as ameaças, não serviriam para fazê-la mudar de opinião. Com seu tio foi mais dura, visto que ele havia permitido. Ela o considerou o máximo culpado.

— Fizeram as pazes? Ela reconsiderou?

A pergunta era muito pertinente; a resposta, decepcionante. Sua tia era um osso difícil de roer, tanto naqueles tempos, quanto no presente.

— Não exatamente — respondeu. — Estudar para ser enfermeira mudou o meu modo de ver a vida e todos começaram a perceber. Não me interessava passar o tempo falando de frivolidades com damas de boa família — ela explicou. — Renunciei aos bailes ou a conseguir um marido, segundo ela «decente».

— E isso não agradou sua tia.

Phillipa esboçou uma careta ao recordar suas reações.

— Horrorizou-a ainda mais. Achava uma loucura que alguém de minha posição passasse todo o tempo entre pobres.

Sebastian não pode evitar sorrir, contagiando Phillipa.

— Ela disse isso?

— Isso e mais! — exclamou ela com bom humor. — Seus longos discursos sobre a idoneidade de minha profissão nos deixavam por demais exaustos durante as ceias familiares.

— E quanto ao seu esposo? Ele gostava?

Sebastian notou que de repente o semblante de Phillipa se tornou mais sério.

— Charles gostava de todo mundo e seus excelentes modos lhe abriam muitas portas. Era uma boa pessoa e o melhor médico, sereno e pausado em suas explicações. Talvez não fosse o seu candidato preferido, mas posso lhe assegurar que me casei com a sua permissão.

— Compreendo — disse Sebastian de forma curta. Phillipa não havia alongado muito a explicação sobre seu marido e se deu conta da curiosidade que ele sentia por conhecer essa parte de seu passado. Porém, ele não fez nenhuma tentativa para pressioná-la.

— Isso não significa que minha tia estivesse de acordo com nossos planos de abrir um hospital para mulheres. E mais, se pôs a gritar aos céus. Assim que a diferença de classes da qual falei voltou a ser muito evidente. Sem dúvida, a implicação de meu tio neste projeto é uma mostra de que nem tudo está perdido. Sem a sua aportação econômica, o St. George Women's Charity não seria mais do que uma quimera.

— Foi fácil convencê-lo?

Phillipa suspirou. O sonho de Charles era admirável. Soava bonito só de pensar nele. Por desgraça, conseguir foi uma árdua tarefa, já que apesar de estar casada seu tio Jeremy continuava preocupado de que ela pudesse ficar envolvida com gente pouco recomendável.

— Precisei batalhar por um tempo, — explicou acompanhando suas palavras com meio sorriso. — Por sorte, meu poder de convicção terminou funcionando. E isso é tudo

por agora, Sebastian. Meu pastelão de rins me espera — disse com um tom jovial.

Desta vez, Phillipa saiu à rua com seu traje de enfermeira. Só tirou o gorro, trocou o avental por um limpo, vestiu a capa por cima, colocou as luvas e pegou a cesta. Sebastian a acompanhava oferecendo-lhe uma leve conversa sobre comida com a qual ambos se sentiam cômodos.

O primeiro indício de anormalidade chegou quando passaram em frente a uma taverna que era muito popular. Não oferecia estampa típica de rebuliço. Nada da habitual gritaria desde a rua, nem tão pouco bêbados entrando, saindo e armando alvoroço. Nem sequer prostitutas se movendo com mais sigilo do que de costume devido a hora do dia. A taverna estava fechando suas portas. Não havia nenhum cliente.

Phillipa e Sebastian trocaram um olhar de incompreensão, mas não pararam. Não obstante, quando chegaram ao próximo comércio e observaram como o lojista protegia seus bens com lâminas de madeira, foi óbvio que existia algum ponto de união entre os dois fatos.

Sebastian se aproximou dele e ao outro homem que o ajudava.

— O que está acontecendo? — Perguntou enquanto escrutinava a rua, inexplicavelmente pouco transitada. Nem sequer havia carruagens.

O lojista o olhou por um momento antes de pegar o martelo e prosseguir com seu trabalho.

— Estamos protegendo nosso negócio.

— Por qual motivo? — Quis saber Phillipa e foi então que, ao longe, começaram a escutar o som dos apitos de polícia.

— Está correndo a voz: há distúrbios nos molhes de St. Katharine.

A expressão de Sebastian se tornou tensa.

— Um ataque?

O homem encolheu os ombros, mas o temor flutuava no ar. Se se tratava de um ataque, os distúrbios podiam se estender com a mesma rapidez que a pólvora, causando destroços a sua passagem.

— Ninguém foi avisado no hospital — murmurou Phillipa com preocupação. E só o separavam dos molhes umas poucas ruas.

— Devemos regressar e fechar as portas — declarou Sebastian com decisão. — A polícia deve ter cercado a zona, mas não sabemos se poderá conter os atacantes.

Phillipa mordeu os lábios.

— Não sabemos exatamente de que se trata.

— Vai se arriscar?

Deviam agir rápido.

Phillipa deu meia volta junto com Sebastian para tomar as medidas oportunas: proteger o edifício que albergava o hospital e a todos os que se encontravam dentro. Um ataque podia supor uma explosão forte de violência, assim que tanto o pessoal quanto pacientes estariam melhor protegidos se fossem confinados lá dentro. Só até que tudo passasse.

Naquele instante, um homem jovem chegou correndo, rua acima, até alcançá-los. Era ágil e possuía boa forma

física, embora se deteve para secar o suor de sua testa, enquanto murmurava incoerências. Então, deu meia volta, como se houvesse mudado de opinião, e olhou a Phillipa de cima abaixo.

Sua capa aberta deixava a vista o uniforme.

— É enfermeira? — Ele lhe perguntou com certo tom impertinente, porque havia detido o olhar à altura de seus seios.

Ela assentiu, decidindo ignorar a atitude do rapaz. Afinal, estavam no East End de Londres, não em um salão rodeados de aristocratas.

— Sim.

— Há dois homens feridos por causa da maldita polícia. Tem um bom talho na cabeça. Corra, então!

Sebastian deu um passo à frente até ficar diante de Phillipa com a intenção de protegê-la.

— Corra, um corno!

— Sebastian... — murmurou com voz tranquilizadora. Se havia algum ferido, ela queria ajudar. — Necessito ver as feridas com meus próprios olhos.

— Ande, de atenção, pois — sugeriu o jovem, que usava o «pois» de forma reiterada. — Conheço o caminho.

Seus lábios desenharam um sorriso aberto com o qual pretendia ganhar a confiança, mas terminou mostrando uma dentadura deteriorada que pareceu para Phillipa tão lasciva como seu olhar.

Com os braços cruzados ela fechou a capa.

— Você não está em posição de exigir nada — respondeu Sebastian, bruscamente.

O jovem cuspiu ao chão, desta vez, desafiador.

— Quem acha que é, pois? Que abra as pernas para você não lhe dá direito de mandar nela. Há homens caindo nos molhes.

Phillipa lançou um gemido de exclamação.

— Canalha — resmungou Sebastian entre dentes. — Quem eu sou? Pois saiba que sou o tipo que irá derrubá-lo ao chão de um só golpe se continuar falando de forma tão desrespeitosa. Quer experimentar?

Em outro momento, Phillipa estaria encantada de se ver liberada daquele tipo, sem dúvida, precisava dele para chegar aos molhes. Cada minuto que passasse podia ser vital.

— Onde estão os feridos? — Perguntou com determinação. — Guie-nos.

Estava acostumada a dirigir os demais nos momentos de confusão, então não se sentia assustada para nada. Era quando sua eficiência cobrava mais coragem.

— Não, — replicou Sebastian com determinação.

— Sebastian...

Ele se virou para encará-la.

— Eu disse que não.

— Mas...

— Não está com a sua maleta — tratou de fazê-la ver. — Como pensa curá-los? Ademais, não a quero envolvida em brigas.

Por mais que entendesse as suas razões, Phillipa disse a si mesmo que devia fazer o que sua consciência lhe ditasse.

Esquivou o seu olhar e se dirigiu ao jovem.

— Vá a St. George Women's Charity e pergunte pelo doutor Martin Rafferty — ela lhe ordenou. — Diga que Phillipa precisa deee avise também sobre a confusão. Poderá fazer?

Ele assentiu.

— O que devo fazer com o doutorzinho, pois?

— Onde estão os feridos?

— Na esquina de Dock Street com Smithfield. É onde se formou o barulho.

Conhecia aquelas ruas como a palma de sua mão; não demoraria muito a chegar.

— Leve-o para lá. Eu os estarei esperando.

Quando o jovem partiu correndo ao hospital tal e como Phillipa lhe havia dito, soube que, sem sombra de dúvidas, Sebastian estaria bravo com ela. Não foi seu resfolegar o que a deixou em alerta, mas sim, estar consciente de ter desobedecido suas ordens, desafiando abertamente sua autoridade. Não obstante, não tinha tempo de pensar nisso e muito menos nas consequências.

Ambos andavam sob um pesado silêncio que se via interrompido continuamente pelos constantes apitos. Phillipa abria marcha com passo rápido. Sebastian só a seguia. Quando chegaram a Dock Street comprovaram que a rua inteira estava tomada por dezenas de policiais e que só no outro extremo parecia ter formado uma espécie de muro de contenção enquanto lutavam contra os atacantes.

Phillipa nunca fora testemunha de uma agitação tão grande.

— Deve haver outro modo de descer aos molhes — disse temerosa, sem se mover. Ao contrário, Sebastian parecia manter o sangue frio.

— Não seja néscia. Sabe de sobra que não é seguro.

Eles não eram os únicos que pareciam fora de lugar. Alguns estivadores havia se desentendido na briga e fugiam para suas casas. Outros cidadãos tratavam de não ficar no meio do fogo cruzado entre policiais e os que promoviam a revolta. O que diferenciava Sebastian e Phillipa do resto era o fato de quererem se meter de cheio na boca do lobo.

— Sim, concordo. Mas devo atendê-los.

O comentário conseguiu que Sebastian tensionasse mais a mandíbula, se isso fosse possível.

— O hospital está bem próximo. Deixe-me colocá-la a salvo.

Phillipa levantou o rosto e ficou contemplando-o. O tom que ele havia usado era tão suave e cheio de preocupação que conseguiu comovê-la.

— Eu não sou assim, — declarou. Entretanto, o dever estava à frente de tudo.

— Maldita seja, eu sei, — ele disse para si mesmo, aceitando a derrota. — Por onde quer ir?

Como movida por um empurrão, as pernas de Phillipa foram em direção aos molhes, buscando um modo de chegar a eles, sem que nenhum dos dois sofresse danos. Ao mesmo tempo, tratava de não dar importância à insistente sensação

de desassossego que notava no estômago, dando prioridade à obstinação.

Rua após rua encontraram os acessos bloqueados por carros e cavalos da própria polícia, de tal modo que chegou a pensar que não conseguiriam. Sebastian lhe dava, continuamente, a possibilidade de regressar e ela se negava, embora em seu interior começasse a aceitar a impossibilidade de atender os feridos.

Como última alternativa, e afastando-se cada vez mais do hospital, se dirigiram à Torre de Londres para descer até o rio Tâmisa e os molhes de St. Katharine por aquele lado, quando a maré humana os cercou. A barreira policial esteve apenas contendo-os, até que pouco a pouco se formou uma brecha onde começaram a se infiltrar estivadores armados com pedras e o que encontravam no caminho. Lançaram-se para eles com violência enquanto os policiais tratavam de detê-los com seus cassetetes de madeira.

— É coisa de louco, — ela murmurou vendo a cena que se desenvolvia em frente dos seus olhos. O esforço policial não servia de nada e os golpes e as lutas começaram a se intensificar por ambos os lados.

— Vou tirá-la daqui — escutou Sebastian dizer próximo de sua orelha.

Ele a pegou pela cintura e a fez dar a volta para regressar ao hospital antes de se verem imersos no caos. E ela cedeu; ou quase...

Capítulo 11

A valentia ficou relegada a um canto, dando passagem ao medo. Phillipa finalmente compreendeu que os acontecimentos os sobrepassavam e que ela não podia fazer nada naquele momento de máxima irracionalidade. Os ânimos deviam se acalmar um pouco antes de se conseguir transitar sem por em risco sua integridade física. Sebastian tinha razão: era o momento da retirada.

Estava disposta a fazê-lo. De verdade que o estava. Sem dúvida, de soslaio viu a figura de uma juvenzinha de quinze ou dezesseis anos no meio da rua. Com apenas uma olhada superficial se deu conta de que ela não pertencia ao distrito: sua capa e seu chapéu eram de excelente qualidade, com cores da moda daquela temporada.

Phillipa sentia medo, sim, mas aquela jovem estava aterrorizada. Seu rosto assim o refletia. Permanecia com os olhos arregalados, olhando a seu redor sem saber para onde ir, hipnotizada pela avalanche de estivadores.

Foi incapaz de reagir até que foi muito tarde: o tumulto a engoliu em um segundo.

— Não! — Gritou Phillipa, revolvendo-se entre os braços de Sebastian. Sua voz ficou sepultada por cima do som ensurdecedor que cobria a rua. — Sebastian! Sebastian!

Ele, que não a ouviu e permanecia alheio aos fatos, empurrou-a com suavidade para frente. Phillipa precisou puxar a manga para atrair sua atenção.

— Vamos! — ele disse apressando-a.

Como era incapaz de fazer-se entender, parou Sebastian pondo as mãos sobre seu peito. Ficou na ponta dos pés e aproximou seus lábios a seu ouvido, como havia feito antes ele, para dizer:

— Há uma garota presa ali — disse enquanto que com o dedo apontava o lugar onde a havia visto pela última vez. — Se não a resgatarmos, terminarão esmagando-a.

Phillipa pensou que precisaria rogar para que ele a ajudasse. Porém, a reação de Sebastian a surpreendeu:

— Escute-me com atenção — ele lhe pediu com o semblante sombrio. — É a coisa mais importante que tenho a dizer. Vou buscá-la se me prometer que correrá para o hospital como uma alma que foge do diabo e que não se deterá em nenhuma circunstância. Você fará?

Ela não precisou pensar duas vezes. Assentiu no mesmo momento.

— Sim.

— Corra!

Sebastian permaneceu ali de pé, só até comprovar que Phillipa fazia o que ele pediu. Depois, cruzou a rua até ficar com as costas presas a parede das casas e avançou entre as

peessoas abrindo passo a empurrões, esquivando-se de socos, paus, pedras e garrafas de vidro. Se isso não fosse suficiente, custava ver algo entre tantos corpos apinhados, estivadores e os agentes de polícia, que pareciam haver ficado tão loucos quanto os demais. Enquanto tentava se manter a salvo, tratava de localizar a jovem que Phillipa havia visto, tudo isso lidando com o desassossego de seu interior, produto de tê-la deixado ir sozinha.

Ela era sua responsabilidade, ele disse a si mesmo. E se algo lhe ocorresse? Sem dúvida teria que se ver com um furioso duque de Dunham e com um decepcionado Hansberg.

Se o momento não fosse tão condenadamente inoportuno, teria rido de sua própria estupidez. Não pensava, sequer um segundo, que sua inquietude se devesse ao fato de querer conservar seu posto. Nem sequer tivera medo de se desacreditar diante de dois homens tão poderosos. Na realidade, aquela maldita mulher — feia, mas tão exigente, — lhe importava mais do que estava disposto a admitir.

De repente, sentiu um forte golpe nas costas que não viu de onde vinha. Por um momento, o fez cambalear. Deixou de pensar imediatamente em Phillipa e, apesar da dor que lhe produziu, saltou para um lado, como um gato. Ninguém vinha até ele, só havia sido uma colisão com outro corpo produto do choque que se estava produzindo. Ao se afastar, teve má sorte e suas costas bateram em cheio contra a de outro tipo, que, ao notá-lo, deu a volta e sem tempo de verificar se se tratava

de um de seu bando ou da polícia tratou de dar um murro nele.

— Má sorte, amigo — sussurrou ao esquivar-se. Mas Sebastian não andava distraído pela rua e antes que o homem voltasse a contra atacar, se agachou um pouco e ele mesmo se ocupou de adverti-lo: lhe deu uma enérgica cotovelada no estômago.

Não esperou que a devolvesse. Sebastian se esquivou entre as pessoas sem prestar atenção a seu próprio golpe, que lhe causava algo mais que moléstias. E foi então que viu o corpo feminino refugiado num portal de entrada de carroças; um velho edifício que servia como carpintaria.

Oferecia pouca proteção e a moça, agachada e encolhida, protegia a cabeça com as mãos.

Consciente de que sua aproximação podia não ser bem recebida, evitou tocá-la em todo momento. A última coisa que desejava era ser confundido com um rufião com más intenções. Mas sua proximidade a fez levantar o rosto, olhando-o com olhos verdes que desprendiam um brilho de horror.

Justo como temia.

— Não se aproxime! — gritou ela, olhando a seu redor com desespero. Suas opções eram escassas, porque escapar entre homens ébrios de brutalidade que se agrediam uns aos outros não se apresentava como o mais seguro.

Sebastian resmungou em silêncio e ficou de cócoras, se protegendo onde havia recebido o golpe. Depois, levantou as mãos para que ela não o considerasse uma ameaça.

— Não a machucarei. — Com aquela frase não conseguiu convencê-la de suas honráveis intenções. Precisou se esforçar mais, visto que ela parecia um cervo a ponto de saltar. — Me chamo Sebastian Field e trabalho protegendo uma enfermeira de um hospital que há muito perto daqui — lhe explicou com delicadeza, tratando de apaziguar seus medos.

A jovem continuou sem dizer nada e Sebastian, devido as pontadas, começava a se sentir bastante incômodo. Afastou ao casaco e apalpou sob ele para comprovar que não era uma ferida com sangue. Aliviado, disse a si mesmo que só devia se tratar de um machucado junto às costas que terminaria se convertendo numa considerável contusão.

Diante sua falta de resposta, e se desejava ganhar sua confiança, não havia mais remédio que encher-se de paciência.

— Deixe que eu a leve junto a minha amiga — continuou Sebastian. Ela negou com a cabeça. — Prefere ficar aqui? Não é o lugar mais seguro de Londres, sabe? Parece com o inferno. Deveria estar com seus pais. — Aquela menção conseguiu, por um momento, que parecesse disposta a partir com ele. Mas a expressão de seu rosto voltou a mudar, tornando-se desconfiada. Sebastian pensou no que deveria dizer. — Ensinaaram a você não falar com desconhecidos, certo? — Ela não precisou dizer mais nada para que Sebastian adivinhasse. — Eles a educaram bem.

Seu monólogo foi interrompido quando uma garrafa se chocou contra a parede, fazendo voar os pedaços de vidro. Ela

deu um pulo e gritou assustada. Sebastian aproveitou a distração para segurá-la pelas axilas e levantá-la.

— Sinto muito — ele lhe disse trazendo-a à ferente, — mas nós vamos.

Ela não teve mais remédio que correr.

O vestíbulo do hospital havia começado a se encher de policiais feridos, alguns estivadores detidos, enfermeiras e doutores. O St. George Women's Charity só atendia mulheres, mas aquele era um fato excepcional e não podiam se negar. Phillipa não havia deixado de dar ordens desde a sua chegada, organizando as tarefas, habilitando uma sala para curativos e revisando a gravidade dos que iam chegando.

A atividade era delirante. Sem dúvida, não deixava de pensar e de se preocupar por Sebastian.

— É ultrajante que tenha resultado nisto — murmurou meio para si, meio para o agente ao qual estava atendendo. Com um pano limpava o sangue de sua cabeça para comprovar a profundidade da ferida e decidir se necessitava pontos.

— Malditos sejam os grevistas. — O homem renegou em voz alta para que todos o escutassem. — Eles que começaram. Deveriam condená-los, a todos. Não são mais que escória, enfermeira Baker.

Phillipa não disse nada, não quis se posicionar.

— É mentira! — Rebateu um deles, indignado. Encontrava-se sentado no mesmo banco de madeira no qual o policial permanecia sentado. — O motim do Sindicato da União de Estivadores era pacífico até que as autoridades mandaram ser dissolvido.

— Não possuíam a permissão do porto — assegurou o policial com ar de superioridade moral. A diferença dos demais estavam vestidos com roupas em vez do característico uniforme azul. — Era ilegal.

— Só se tratava de uma reunião para nos informarmos de nossos direitos — se defendeu o estivador. — Os que assistiam só passaram a protestar quando a polícia começou a nos atacar. Estávamos em nosso direito de nos defender.

Tratou de estender o braço para gesticular, mas estava com os pulsos presos e só conseguiu fazer dano ao pulso.

Seu rosto também estava ensanguentado.

— Não se mova — aconselhou Phillipa, — agora mesmo estarei com você.

— Este animal não merece nada mais que golpes — ameaçou o agente, mostrando seu cassetete. Primeiro o balançou no ar, mas ao fim de alguns segundos deu um duro golpe na perna que conseguiu que o homem soltasse um alarido.

Phillipa, fervendo por dentro, lançou o pano no balde de água avermelhada.

— Inspetor! — Ela se queixou com dureza, com as mãos nos quadris. — Não permitirei semelhante comportamento em meu hospital, nem mesmo de um policial de grau superior.

Aqui todos são pacientes. Está claro? — Não lhe deixou responder. Chamou à irmã Hewitt, sua segunda no comando, para que o acompanhasse até onde se encontrava o cirurgião para que ele suturasse a única ferida visível. — E quanto a você, seja prudente, por Deus. Já está numa enrascada suficientemente grande.

— Você está ao lado dele — disse com desagrado, realizando um movimento de cabeça para apontar aos uniformizados, — eu sei.

Ela o olhou com severidade.

— Não estou do lado de ninguém, exceto da calma — objetou Phillipa. — Isto era desnecessário.

— Diga isso a eles!

— Senhor, é necessário usar violência para conseguir fazer valer seus direitos?

Seu argumento não o convenceu em absoluto. Lançou-lhe um olhar ferido.

— Já está nos julgando.

Phillipa suspirou.

— Hoje o que vi não foi nada agradável, acredite. Compreendo e apoio sua luta, porque é necessário que nesses distritos os salários sejam mais altos para poder alimentar todas as famílias. — Fez uma breve pausa antes de prosseguir. — O que desaprovo é a barbárie — disse enrugando os lábios. — E agora, se me permite, devo buscar água limpa.

— Phillipa.

Estava inclinada sobre o balde quando escutou sua voz. Virou-se imediatamente e afogou um soluço de alívio ao comprovar que se tratava de Sebastian. Permanecia ileso!

Sentiu o impulso de se lançar em seus braços e se afundar neles, buscando sua calidez. Seria tão reconfortante, pensou, ser rodeada por ele, fechar os olhos e se deixar levar sem que o tempo nem o lugar importassem. Sem dúvida, tinha tarefas pendentes e havia muitas testemunhas ao seu redor para se atrever a fazê-lo, então terminou se erguendo e adotando uma expressão profissional, deixando suas emoções a margem.

Só então reparou na jovem que se encontrava a seu lado, a mesma que havia visto na rua. Sebastian a mantinha segurando-a pelos ombros.

— Olá — ela a saudou, observando-a com atenção. O casaco de lã possuía um rasgo na altura da manga direita, não havia rastro de seu chapéu, seu cabelo negro estava desalinhado e sua pele havia perdido toda a cor. Como ferida, só apresentava um arranhão na testa. — Sou a enfermeira Baker. Como se chama?

— Perdi o meu sapato — murmurou ela como resposta, olhando para os pés. Só uma meia o cobria.

Sua voz soou tão frágil e seus olhos estavam tão úmidos que Phillipa pensou que se poria a chorar imediatamente.

Devia averiguar de onde havia saído aquela juvenzinha e como havia terminado no meio dos alvoroçadores. Seu sotaque indicava que ela não era da Inglaterra, então

imediatamente se perguntou onde estariam os seus pais ou tutores.

«Mortos de preocupação. Se minha filha houvesse desaparecido, sem dúvidas, eu estaria».

Precisava alertar às autoridades ou comunicar seu paradeiro. Embora alertar devesse ser o primeiro.

— Não se preocupe, preciosa. Solucionaremos — disse com doçura para tranquilizá-la. O ambiente que oferecia o vestíbulo do hospital continuava sendo caótico, assim era melhor tirá-la dali. Dirigiu-se a Sebastian. — Pode levá-la à sala de descanso das enfermeiras, por favor? Será mais acolhedora, levarei um chá quente. Cairá bem.

Ele se limitou a contemplá-la durante alguns segundos, hesitando sobre o que dizer.

— O que aconteceu? — Perguntou ela, ao se dar conta de sua titubeação.

— Phillipa... — Vacilou por um momento. — Você está bem?

Seu estômago deu um salto de emoção. Santo Céumcaia tão bem sua mostra de afeto. Pelo menos a ela lhe parecia que era, porque Sebastian havia deixado de lado a postura protetora que tinha a ver unicamente com seu emprego parecia mais... pessoal.

Ela lhe ofereceu um sorriso.

— Estava preocupado?

— Durante todo o maldito caminho de regresso ao hospital — confessou ele.

Após essa revelação, Phillipa pensou que suas faces arderiam em chamas. Era um prazer escutá-lo dizer aquilo. Sem dúvida, também a fazia sentir-se insegura. Precisou se lembrar que era suficientemente madura para começar a se comportar como uma mocinha que se impressionasse com facilidade diante de um galanteio masculino ou um sinal de preocupação.

Então se tranquilizou antes de falar.

— Pode comprovar por você mesmo que estou perfeitamente bem — ela respondeu.

Ele a olhou de cima abaixo e Phillipa tratou de se desfazer do insistente formigamento que parecia acompanhá-la quando ambos estavam juntos.

Ajeitou a touca com nervosismo.

— Sinto tê-la deixado sozinha.

Phillipa piscou, confusa por ele sentir a necessidade de jogar a culpa nele quando não havia porque senti-la.

— Não pode dizer isso. Eu me empenhei em ir aos molhes apesar de você advertir-me do perigo que era.

— Você queria atender os pacientes.

Phillipa assentiu. De repente, Sebastian parecia ter adotado uma postura diferente.

— E ao final não consegui atendê-los — disse com desânimo. — Então sou eu quem deveria pedir perdão a você. Devido a minha paixão pela enfermagem, o arrastei comigo.

Ela o viu encolher de ombros.

— É parte de meu trabalho.

— Sim — afirmou ela, não se permitindo sentir tristeza. Sabia muito bem qual era seu trabalho. — No caminho do hospital me encontrei com reforços policiais que sufocariam o tumulto. Um pouco antes de sua chegada, me asseguraram que os grevistas estão se dispersando com mais rapidez do que parecia e Martin havia saído à rua com dois maqueiros para se assegurar de que todos os homens sejam atendidos por igual.

Sebastian assentiu, torcendo a boca.

— Foi um caos significativamente violento.

— Pelo que sei, os que compareceram ao motim foram os que começaram tudo, não eram mais de cinquenta homens. Mas a repressiva intervenção da polícia causou um efeito crescente, conseguindo que mais estivadores e trabalhadores do porto se unissem em sua defesa. Quanto a ela... Obrigada por trazê-la — declarou em referência a garota.

Devido a um impulso, Sebastian quase disse que faria qualquer coisa que Phillipa lhe pedisse. Agradecido a Deus, se deteve a tempo. Era uma insensatez deixar que sua língua se expressasse com tanta soltura, sobretudo porque trabalhava para ela. Sua relação só consistia nisso e não podia se permitir mais.

Que diabos se passava com ele? Já havia se exposto muito.

— Não tem porque me agradecer. Nenhum dos dois podia permitir que ela sofresse.

Deixou-a trabalhar e levou a garota à sala de descanso das enfermeiras, tal como Phillipa lhe havia pedido. Teria

gostado de não precisar sair do vestibulo para ficar protegendo Phillipa, mas disse a si mesmo que não teria porque acontecer nada com ela nesse local. Afinal ela estava rodeada de gente; entre eles, policiais.

— Como se chama? — Perguntou à garota alguns minutos depois, após ajudá-la a tirar o casaco e acomodá-la numa cadeira que moveu para perto da lareira.

Ela aproximou suas mãos e seus pés às chamas e o calor do fogo fez com que se esquentasse. Suas faces recuperaram a cor e seu semblante deixou de transparecer medo. Sentia-se a salvo no hospital.

Demorou alguns segundos para responder.

— Meti-me numa confusão — ela declarou com certa timidez, sem chegar a olhá-lo nos olhos.

Sebastian agarrou outra poltrona e se sentou ao seu lado.

— Por que diz isso?

— Minha mãe ficará brava comigo — ela começou a explicar. — Ela não queria que eu fosse ver a Torre de Londres. Insisti muito, tanto, que consegui convencer minha instrutora. — Franziu os lábios com preocupação. — Oh!, Deus. Acredita que a despedirão por minha culpa?

Sebastian não soube o que responder. Era uma irresponsabilidade que a instrutora houvesse agido às costas de seus patrões, mas a garota parecia ter um franco afeto por ela.

— Por que não começamos pelo princípio? Qual é o seu nome?

A jovem se ergueu e se arrumou a saia de seu vestido de cor malva, que parecia não ter sofrido dano algum.

— Claire Emmeline Lefont, embora na realidade ninguém me chame Emmeline. Só colocaram por causa de minha avó.

Sebastian sorriu.

— Encantado de conhecê-la, Claire Lefont — disse sem mencionar seu segundo nome. — É dos Estados Unidos, verdade? — Quanto mais ela falava, mais fácil era reconhecer sua procedência.

Ela assentiu com vigor antes de declarar com orgulho:

— De nova York.

— E o que a trás aqui, juvenzinha?

— Os negócios de meu pai. Tinha algumas reuniões importantes e mamãe pensou que seria bom viajar com ele e conhecer a Inglaterra, embora na realidade não tenhamos visto nada do país, exceto Londres. — Sem se dar conta, Claire foi deixando de lado a timidez que a havia acompanhado desde o princípio e começou a relatar sua história com naturalidade. — Jennifer, minha irmã mais nova, esta manhã se encontrava um pouco enferma, Então só me permitiam sair para passear sem me afastar do hotel.

— Com sua instrutora — apontou Sebastian.

— Eu não sou uma menina, — protestou ela, ainda indignada porque sua mãe lhe havia proibido de sair para explorar a cidade. Estavam em Londres há uma semana e ainda havia muitos lugares para ver.

Sebastian pensou que ela tinha razão. Não, não era uma menina. Sem dúvida, tão pouco podia se considerar uma

mulher. Sua trança meio desfeita, com um laço da mesma cor de seu vestido, lhe dava uma aparência entre os dois mundos.

— Então você decidiu desobedecer. Claire, como convenceu sua instrutora?

— Eu a chantageei — declarou num descuido. Sebastian enrugou a testa, realmente surpreendido. Apesar de vir de uma boa família, aquela jovem não parecia ser mimada e muito menos delinquente. Imediatamente, Claire se deu conta da reação que havia provocado nele e sentiu uma enorme vergonha. O rubor de suas faces se estendeu, também, pelo colo. — Não pretendia fazê-lo, de verdade que não — tratou de se defender. — Estava suplicando-lhe que me deixasse ir à Torre de Londres e após mil negativas saiu assim, sem mais.

Fez um gesto de impotência com as mãos.

— Entendo.

— Vão me castigar durante uma eternidade. — Suspirou, aceitando seu irremediável destino. — Embora eu mereça.

— O que fez não está certo.

A interrupção de Phillipa os sobressaltou. Ao que parecia, esteve escutando parte da conversa na porta.

Sebastian se alegrou por tê-la ali. Ele não se dava muito bem em manejar as joventinhas, e a senhorita Lefont não era uma exceção. Preferia as mulheres da idade de Phillipa, obstinadas até o fundo.

Precisou conter um sorriso só de pensar.

— Eu sei, eu sei — disse arrependida. — Não deveria ter ameaçado ela com... — Mordeu o lábio, indecisa sobre se deveria contar.

— Pode guardar o segredo — a acalmou Phillipa, entregando uma xícara de chá. — mas temo que deva explicar a verdade aos seus pais e ser responsável por seus atos.

Com a cabeça baixa, Claire soprou sobre a xícara e deu um pequeno gole. Ela sempre havia se considerado uma pessoa ajuizada, até mesmo quando pequena; uma menina boa que obedecia sem causar conflitos. Às vezes brigava com Jennifer em algumas brigas inconsequentes, mas era um comportamento normal entre duas irmãs. Sem dúvida, aquela tarde havia se rebelado ante a idéia de dar outro aborrecido passeio pelo parque. Ela desejava visitar a Torre de Londres seduzida pelas histórias passadas que ali haviam ocorrido, embora soubesse que sua mãe não lhe permitiria se afastar do hotel. Então não contou a elas seus planos. Afinal, não considerava que estivesse tão longe.

Sarah, sua instrutora, se scandalizou ao escutar o plano, por isso não teve mais remédio que ameaçá-la de contar que a havia surpreendido tomando o brandy de seu pai em uma xícara que supostamente continha chá. Sarah emudeceu imediatamente e aceitou o que ela lhe pedia. E tudo ia bem até que saíram da Torre Branca. Então Claire se distraiu, se perdeu e terminou em algumas ruas pouco recomendáveis.

Ela merecia tudo o que veio depois. Se aquele cavalheiro não a houvesse resgatado...

Tremeu só de pensar.

— Está anoitecendo — continuou dizendo Phillipa. — Seus pais e sua instrutora devem estar cheios de preocupação.

Encarregar-me-ei de fazer chegar uma nota. Onde se hospedam?

— No Savoy — indicou em voz baixa, pensando em como seria recebida. A sua era a melhor mãe que conhecia, embora isso não significasse que fosse perdoá-la de um castigo.

Sebastian teve uma idéia que podia facilitar as coisas.

— Por que não a levamos nós mesmos? Afinal devo acompanhá-la até sua casa.

— Podemos fazer, porque temo que hoje não jantarei o meu delicioso pastel de rins. — Com tudo o que havia acontecido, era melhor deixá-lo para outra ocasião.

Sebastian a olhou, pensando se ela se sentia decepcionada. Mas ela sorria, o que lhe alegrou e terminou devolvendo-lhe um sorriso.

Era agradável compartilhar momentos como aquele, longe do embaraço que era atender pacientes ou pregar nas ruas. Porque embora a senhorita Lefont estivesse presente na sala, para Sebastian parecia que tinha Phillipa só para ele.

Só então se permitiria relaxar.

— Vamos então?

Sua intenção inicial foi ficar um pouco mais para desfrutar de sua companhia, se bem que se deu conta que ela podia estar cansada e desejar outra coisa, visto que Phillipa havia começado a trabalhar praticamente ao alvorecer e continuava no hospital.

Aquela mulher era incansável e parecia estar comprometida de corpo e alma com seu trabalho.

Pela primeira vez ele se perguntou se esse fato teria a ver com o falecimento de seu esposo. O St. George Women's Charity foi o projeto pessoal dele e talvez fosse o laço que continuava unindo-a a ele.

Aquele pensamento lhe produziu um sentimento de irritação contra o qual lhe foi difícil lutar.

— Ainda há feridos que devem ser atendidos — expôs Phillipa, tirando-o de seus pensamentos. — Apesar de começar a se sentir fatigada, Então pedirei à irmã Hewitt que se ocupe de tudo. Confio nela e em seu bom senso.

— Quanto tempo irá demorar ainda?

Ela vacilou.

— Não sei com certeza, mas prometo não me entreter muito — ela respondeu. — Claire, quer me acompanhar enquanto trabalho?

A jovem terminou seu chá e olhava de um e a outro. Desejava regressar junto a seus pais, mas aquele hospital era muito... interessante.

— Posso? — Ela perguntou com uma ponta de expectativa. Admitia que havia chegado assustada pelo acontecido na rua, pois pensou que a avalanche terminaria esmagando-a ou algo até mesmo pior. Porém, não era medrosa e o sangue não a assustava.

Sebastian levantou as sobrancelhas, surpreso por ela concordar.

— E seu sapato? — Não podia andar pelo St. George Women's Charity meio descalça.

Phillipa tocou o rosto, buscando a solução.

— Encontraremos algum do seu tamanho.

Capítulo 12

Phillipa, com sua habitual eficiência, deu as últimas instruções, falou com suas enfermeiras e com os doutores, modificou os turnos, supervisionou o inventário para reabastecer o material médico e deixou as notas pertinentes para os informes que deveriam fazer no dia seguinte.

Claire e Sebastian iam na sua cola.

Com a certeza do que o hospital se encontrava em boas mãos, sua presença já não foi necessária e finalmente puderam dar por terminada a jornada.

— Devem ficar para jantar conosco — rogou Annette Lefont uma hora depois no salão da suite do hotel Savoy. As autoridades haviam sido advertidas do retorno da jovem e os pais finalmente podiam deixar de se atormentar com o desaparecimento de sua filha. — Por favor.

Phillipa olhou à formosa mulher de traços serenos e, a seu lado, se sentiu terrivelmente feia. E não era só por seu rosto, mas sim por suas vestes. Enquanto ela continuava usando seu velho traje de enfermeira, a mulher estava vestida com um belo vestido de seda verde com renda que a fazia parecer uma rica aristocrata.

Se pelo menos ela fosse desagradável poderia sentir um pouco de antipatia para com ela e se negar com mais veemência. Sem dúvida, as maneiras da mãe de Claire eram cuidadas e se comportava de um modo gentil. Ela havia agradecido uma infimidade de vezes a ajuda prestada a sua filha, Então lhe custava negar.

— Temo que não seja possível — respondeu, não obstante, buscando uma desculpa plausível. Não pensava compartilhar com ninguém as inseguranças que acabava de sentir. Normalmente não lhe importava seu aspecto ou a impressão que causava nos demais. Era como Deus a havia criado e assim aceitava. Essa noite, não.

Se pelo menos estivesse usando algum dos seus vestidos de festa, a negativa morreria em seus próprios lábios. Sem dúvida, recém-saída do hospital e se sentindo suja e cansada, não se atrevia a jantar no restaurante do Savoy com a família Lefont.

— Mas... — protestou a senhora Lefont sem encontrar as palavras justas. — Querido, diga algo.

Com o olhar, buscou o apoio de seu esposo, que permanecia sentado junto a ela em um dos elegantes sofás com um copo de licor na mão. Havia oferecido um à Sebastian, embora ele o tenha recusado.

Depois de relatar a eles o sucedido com Claire com todo requinte de detalhes, a jovem foi enviada ao quarto à espera de uma conversa com seus pais, que se mostraram muito aliviados diante de sua aparição, mas também decepcionados por seu comportamento.

Phillipa não temia por ela. Os Lefont poderiam ser duros em seu castigo, se bem que estava convencida de que seriam justos, visto que como espectadora percebeu o muito que amavam sua filha.

— Não devemos insistir. Temo que esteja colocando a senhora Baker num compromisso — sentenciou, como se estivesse lendo seus pensamentos. — Todos temos passado por muitas emoções. Por que não deixamos o jantar para amanhã?

Annette Lefont sorriu, encantada com aquela solução, porque sabia que seria difícil apresentar algum inconveniente.

— Seria perfeito, não acham? — Disse sem se referir a ninguém em particular. Seus olhos bailavam por todos os rostos com entusiasmo. — Assim, minhas filhas estarão presentes. A febre de Jennifer diminuiu, então amanhã voltará a correr como sempre. Quanto a Claire... tem muito sobre o que refletir, mas tem direito a comer.

Phillipa titubeou enquanto Sebastian cruzou o olhar com o seu, buscando sua resposta. Afinal, era dela a última palavra.

— Eu... — balbuciou.

Com astúcia, a senhora Lefont optou por uma tática persuasiva.

— Para nós seria uma autêntica honra jantar com as pessoas que resgataram nossa filha, devolvendo-a sã e salva. — Seu esposo fez um sinal de assentimento com a cabeça. — Deixem que os recompensemos de algum modo.

— Não é necessário — replicou Phillipa, desta vez com menos determinação. A amabilidade da mulher a estava deixando sem argumentos. — Não estão em dívida conosco. Fizemos o que esteve em nossas mãos.

A senhora Lefont rechaçou seu comentário com um gesto.

— Insisto. Assim poderemos falar com mais tranquilidade sobre como doar uma compensação ao hospital. Como disse que se chamava? — Levantou as sobrancelhas com suavidade, esperando a resposta.

Phillipa piscou surpreendida, como se fosse um fato insólito.

— St. George Women's Charity — disse Sebastian por ela, porque ela demorou a reagir.

Annette Lefont lhe agradeceu pela informação com um generoso sorriso.

— Esse mesmo. O St. George Women's Charity — repetiu até assimilar o nome. — Tudo solucionado.

Não deixaram que Phillipa se negasse, nem a respeito do jantar e nem a respeito da doação. Embora na realidade esse último assunto devia ser concretizado com o administrador do hospital, Hárvey Crouch.

— Sebastian, deveria ter perguntado também para você, antes de aceitar — ela cochichou, quando ambos estavam longe do Savoy. — Não está bem que aceite um jantar em seu nome e que nem sequer tenha a decência de perguntar sua opinião a respeito.

Ele lhe lançou um olhar divertido.

— Não estava em suas mãos. A senhora Lefont pode ser muito persistente.

Na verdade Sebastian não acreditava que seu lugar estivesse naquele jantar, se bem que a ninguém parecia importar que ele só se tratasse de um simples protetor. Eles ignoravam, porque não haviam dito nada.

— Sim. Não havia um modo elegante de recusar.

— Está esgotada, — ele afirmou ao vê-la massagear o pescoço e fechar os olhos durante alguns segundos.

Ela sorriu debilmente.

— Um pouco — murmurou, embora ambos soubessem que não era verdade.

Claire já estava a salvo no Savoy com sua família, por isso Phillipa deveria sentir menos peso sobre seus ombros. Sem dúvida, não era uma mulher que se sucumbisse aos problemas. Ao contrário, eles pareciam atraí-la do mesmo modo que à luz aos insetos.

Sebastian descansou sobre o assento da carruagem enquanto esta se movia pelas ruas de Londres ao amparo das luzes de gás.

— Você trabalha muito — ele comentou com demasiada formalidade, mas sentia a necessidade de se fazer escutar. Phillipa passava muitas horas no hospital, como se não existisse um mundo além dele.

Parecia ter esquecido de que era jovem.

Suspirou.

— Como todos.

Sebastian negou com um movimento de cabeça.

— Não é verdade. Desde que a conheço nunca pegou um par de dias livres e sei que suas enfermeiras tem muito mais que isso.

Ela fez uma careta.

— Esteve perguntando às minhas costas?

Apesar de suas palavras, seu tom não indicou indignação. Na verdade estava muito cansada até mesmo para protestar com contundência, pensou Sebastian.

— Tenho olhos, isso é tudo. — Seus turnos eram mais longos do que os da maioria e se por algum milagre divino decidisse terminar um pouco antes, Phillipa se preparava para sair e pregar, mesmo que não estivesse planejado.

— E o que eu faria com tantos dias livres? Odeio a ideia de ficar em casa e bordar. — A gargalhada de Sebastian flutuou no ar e ela soube no mesmo instante que suas faces havia se tingido de cor rosada. — Disse algo ruim? — Ela lhe perguntou desconcertada.

Ele ficou contemplando-a.

— Absolutamente — ele assegurou. Phillipa não era frívola, indolente nem melindrosa como muitas de sua classe. Tratava-se de uma mulher peculiar; muito honesta até mesmo, para seu próprio bem. Às vezes carecia de sensatez, mas o equilibrava com uma boa dose de racionalidade. Podia estar cansada e menos combativa do que de costume, mas continuava conservando um traço característico nela: autenticidade.

— Se fosse médico agora mesmo, eu lhe prescreveria uma boa comida e um sono reparador. — Enquanto ia falando

esticou seu braço por cima do respaldo do assento e foi se aproximando lentamente dela. — Só que me pergunto se você seria capaz de seguir minhas ordens.

Detendo seu avanço a poucas polegadas de seu rosto, Sebastian saboreou a ideia de tocar sua boca com suavidade para prová-la depois. Era uma autêntica loucura, uma indiscrição, se bem que era um sentimento que lhe custava desterrar de seu corpo e de seu pensamento.

Sua intenção não era ser invasivo, disse a si mesmo, mas sim comprovar qual o sabor dela e como reagiria. Mostraria ira, indignação ou, pelo contrário, se deixaria levar tal como ele desejava? Imaginava ela abrindo os lábios, recebendo-o com calidez e por que não, lançando um ou outro gemido de prazer.

Ela estava tão perto e a tentação era tão poderosa que pensou que seria incapaz de evitá-la. Até que apareceu a voz da razão.

Maldita fosse.

«Não deve!», ela lhe gritou com força. «O que ocorrerá depois de se atrever? Arrependimento? Seja sensato. Sua carreira está em jogo».

Não era apropriado, se bem que Sebastian não acreditava que beijá-la afetasse diretamente a sua carreira, tal como sua mente sugeria. Não havia porque Hansberg saber disso. Mas, a relação entre ambos estava passando por um momento de calma. Havia lhe custado muito ganhar a confiança de Phillipa. Não podia se arriscar a dar um passo atrás. Ou dez, melhor dizendo.

Então afastou a mão e juntou seus lábios num ríctus severo.

— Estamos a ponto de chegar — lhe informou.

Era o máximo que podia aspirar.

Phillipa, por sua parte, aguardou durante alguns segundos o beijo que estava certa que ele lhe daria. Sentia em seu interior uma pequena ânsia que tratava de disfarçar. Não sabia como chamar aquilo com exatidão, embora o calor ameaçasse se propagar, e temesse ficar sem ar.

Quando passaram os segundos e foi óbvio que não ocorreria, visto que Sebastian passou a se concentrar no assento vazio da carruagem, uma onda de decepção a invadiu, tocando seu orgulho. A partir daquele momento, manteve-se calada, tentando buscar uma estratégia com a qual se consolar, repetindo para si mesmo, uma e outra vez que não precisava. Havia passado anos desde a morte de Charles, um tempo no qual não necessitou de nenhum homem. Por que agora seria diferente?

Apesar de tudo, seu humor decaiu a passos gigantescos e quando chegaram à sua casa só foi capaz de se despedir com um apenas audível «adeus». Por alguma razão, se sentia desfraudada e isso lhe causava irritação.

Phillipa passou a mão suavemente pelo corrimão da escada que conduzia ao piso superior, recordando o momento exato em que viu Sebastian pela primeira vez. Apesar de sua postura dominante de então, foi incapaz de negar a ponta de atração que havia crescendo a cada olhar e a cada sorriso.

Lançou um suspiro e se dirigiu para sua sala. Precisava tirar os sapatos e relaxar os pés. Havia perdido o apetite, Então talvez tomasse um longo e relaxante banho.

Aquela noite não teve vontade de ser ordeira. Sentou-se na beira da cama e atirou o sapato direito para um lado e o esquerdo para o outro, caindo ambos em direções opostas sobre o tapete. Também soltou o cabelo e massageou o couro cabeludo. Quando se esticou sobre a confortável colcha, só pretendia descansar um momento, embora a realidade fosse bem diferente: alguns minutos depois ficou profundamente adormecida.

Ficou assim até a manhã seguinte quando despertou por causa dos sons que alguém fazia na sala, uma espécie de frufrú de saias e leves pisadas. Pensando que continuava sonhando, virou-se e se cobriu mais com o lençol, pouco disposta a levantar.

O golpe seco produto da queda de um objeto conseguiu que Phillipa desse um suspiro. Abriu os olhos e levantou, encontrando a sua donzela abaixada, com seu pente na mão.

— Tilly! — exclamou, fazendo com que a garota se endireitasse.

— Bom dia, senhora Baker. — Com cuidado, deixou o pente sobre a penteadeira. — Sinto tê-la despertado.

Phillipa entrecerrou os olhos, adaptando-se com lentidão à luz da manhã.

— Não posso crer que tenha dormido tanto — murmurou com a voz pastosa, enquanto coordenava as ideias. — Que horas são?

— Um pouco mais de nove.

Ela ficou horrorizada só de pensar o quanto era tarde. Quanto tempo havia durado seu sono? Pelo menos doze horas.

— Deus! — Afastou os lençóis de uma só sacudida e ficou de pé. Foi então quando se deu conta do pequeno baú de pele aberto sobre o banco que se encontrava aos pés da cama. — Tilly?

A donzela esfregou as mãos com nervosismo, temendo ter se metido em problemas.

— Sim, senhora Baker?

— O que está acontecendo? — Phillipa se aproximou o suficiente para ver o conteúdo. — Por que tirou o baú e por que minha roupa está nele? — Distinguia uma saia escura, uma jaqueta, algumas meias, uma toalha dobrada com suas iniciais bordadas e um pente fino. Além do mais, por cima de tudo, Tilly havia acomodado uma caixinha de metal com desenhos, que continha um caro frasco de perfume, presente de sua tia Edith no natal passado.

Enrugou a testa.

— Será melhor que se explique — ela lhe exigiu com mais dureza do que costumava, porque a tentativa de roubo de Ronnie havia conseguido que ficasse um tanto desconfiada.

— Verá... eu... — ela hesitou. — Só sigo ordens do senhor Field. Pediu que preparasse o seu traje de montar — ela se apressou a esclarecer.

Santo Céu, ela pensou, o que aquele homem tinha em mente? Havia lhe permitido o excesso de zelo a fim de garantir

sua segurança, mas dar ordens aos serventes não estava dentro da sua alçada.

— Tire tudo do baú. Sou eu quem manda não ele — disse de forma abrupta e com certa impaciência. Então, Phillipa se deu conta de que continuava de mau humor e que sua donzela não tinha culpa. — Sinto muito, Tilly — ela se desculpou. — Onde está o senhor Field?

— Lá embaixo, esperando.

Phillipa não perdeu tempo em calçar os sapatos nem em se arrumar. Com o mesmo traje de enfermeira do dia anterior e o cabelo solto e meio revoltado, desceu para enfrentar o homem que insistia em deixar as coisas difíceis.

Ela o encontrou, como sempre, no vestíbulo. Só que em vez de esperar sentado com serenidade, se movia de um lado para o outro, jogando furtivos olhares à escada.

Quando a viu ele parou no mesmo instante, surpreso com o aspecto que ela mostrava. Phillipa sempre aparecia arrumada, vestida com sobriedade e se comportava com compostura, se bem que naquele momento parecia diferente, mais jovem, mais natural e sobretudo, mais vulnerável. Era como se sua faceta mais severa tivesse sido levada pela suave brisa matutina.

Sebastian engoliu saliva ao sentir uma contração no estômago.

— Bom dia — ele saudou, tratando de que sua voz soasse com normalidade, embora se perguntasse se isso seria possível, dada às circunstâncias. Phillipa lhe intrigava, mas a mulher da escada começava a fasciná-lo.

Sentiu o impulso de cobrir os degraus que faltavam para chegar a ela, enterrar o rosto em seu cabelo, aspirar seu aroma e terminar roubando um beijo. Isso seria definitivamente o céu.

Precisou de todo o domínio possível de si mesmo para se deter.

Phillipa, por sua parte, se sentiu incomodada sob o escrutínio. Sebastian a olhava com intensidade, e não era fruto de sua imaginação. Sem dúvida, esse incômodo não a repelia, mas bem ao contrário, ocasionava-lhe um estremecimento intenso por seu corpo, uma agitação que a empurrava até ele.

Entreabriu os lábios num gesto instintivo e ao mesmo tempo sugestivo. Seria possível seguir por onde pararam na noite passada? Ela se perguntou. Sebastian a desejaria tanto quanto ela o desejava?

Só deviam se aproximar...

Esteve tentada a fazê-lo, só que naquele momento lembrou-se do porquê ela fora ao seu encontro e a indignação se sobrepôs aos demais sentimentos.

— Quem você pensa que é? — ela lhe alfinetou com dureza, pegando Sebastian desprevenido.

Ela o viu abrir a boca, fechá-la e franzir o cenho, enquanto se esforçava para compreender aquele brusco comportamento. Parecia que Phillipa era a mesma do início, quando ainda não o havia aceitado a seu lado.

— Como você disse? — Ele lhe perguntou com tato, pensando no que poderia ter feito para irritá-la tanto.

— Sou eu quem dá as ordens nesta casa, não você — ela explicou. — Compreende? Não pode dizer para minha donzela o que ela deve ou não fazer e muito menos mandá-la ao meu quarto para fazer a mala. E sabe-se lá com que propósito?

Sebastian se desgostou com o tom de voz que ela lhe dirigia. Sentiu absolutamente que não merecia. Porém, tratou de por um pouco de sanidade à situação.

— Pode descer e falar com mais calma? Incomoda-me o falar alto.

Aquele comentário a indignou ainda mais. Os olhos de Phillipa cintilavam o produto de seu arrebatamento.

— Como se atreve! Digo a você o que considero oportuno.

Sebastian inspirou com intensidade e se aproximou dela sem tirar o olhar de cima dela, nem por um segundo. Ela não se moveu de sua posição.

Oh!, não, não pensava em retroceder.

Quando estiveram à mesma altura, cada um batalhou em silêncio num cruzamento de olhares. Sebastian foi o primeiro a falar.

— Pode se acalmar por um momento? — Phillipa ia protestar, mas ele cobriu seus lábios com seu dedo indicador.

— Por favor, deixe-me explicar. Permitirá?

Phillipa sentia todos os nervos de seu corpo tensos pelo toque, Então foi capaz de responder somente com um fraco:

— Sim.

— Está bem. Quero começar com uma desculpa por ter me intrometido, embora em minha defesa tenha dizer que o fiz para o seu próprio bem — declarou, afastando o dedo.

Mesmo se vendo livre, ela se manteve em silêncio e isso o animou a continuar. — Phillipa, quando ontem a deixei em casa estive pensando no que falamos na carruagem: você precisa descansar.

— Eu não... — protestou ela e Sebastian se viu na obrigação de voltar a cobrir seus lábios.

— Maldita mulher — ele resmungou com aspereza, movendo a cabeça. Phillipa abriu os olhos desmesuradamente, mas não se atreveu a interromper, — deixe de ser tão teimosa e escute de uma vez: o hospital não cairá aos pedaços porque decidi se ausentar um dia. Nem tudo dá voltas ao seu redor, sabia?

O dedo de Sebastian ficou suspenso no ar, ameaçando voltar a cair sobre ela se a resposta não o agradasse. Desta vez Phillipa fez caso omissso da advertência.

— Não sou uma egocêntrica — ela indicou com indignação. — É claro que sei que não sou imprescindível.

Ao escutá-la, o semblante de Sebastian mudou: suas feições ficaram mais calmas e foi capaz de esboçar um sorriso brincalhão.

— Finalmente algumas palavras sábias! — ele exclamou. — A prova de que Deus existe!

Phillipa torceu os lábios.

— Está zombando de mim? Isso é uma grosseria.

— Santo Céu Phillipa eu sei que não carece de senso de humor. Por que não o mostra um pouco? Faça-o por mim. — O tom de Sebastian foi tão condenadamente sedutor que conseguiu que Phillipa cedesse, embora fosse brevemente.

— Está bem — ela concedeu. — Você tem razão.

Sebastian apoiou um cotovelo sobre o corrimão e se inclinou um pouco até ela. Encontrava-se um degrau mais abaixo, mas continuava mais alto do que ela.

— Se parar de franzir o cenho poderia chegar a acreditar em você.

— Oh!, que exasperante você é! Asseguro-lhe que estou relaxada e estou com humor. — Embora ela o assegurasse, não parecia nem um pouco. — Agora conte-me por que mandou a minha donzela arrumar as minhas coisas?

— Preparei algo especial para o dia de hoje.

— E o que é? — Ela quis saber imediatamente, adotando uma postura de suspeita.

— Não posso dizer ainda. Estragaria a surpresa.

Isso não a convenceu.

— Preciso saber...

— Ah! — Seu sorriso ficou mais amplo. — Pare de analisar todos os detalhes. Só precisa confiar em mim e lhe prometo que o que tenho planejado não lhe produzirá urticária.

— Dito assim não soa muito atraente.

Sebastian levantou os olhos, exasperado. Aquela mulher era impossível!

— Deixe de me contrariar de uma vez. Só precisa subir e se arrumar e depois tomar o desayuno. Eu escreverei uma breve nota ao hospital informando que você não se encontra bem e que, portanto, hoje não irá trabalhar.

Phillipa ficou de braços abertos, negando.

— Não posso fazer isto. O que pensarão de mim?

Ela jamais tramava mentiras como aquela!

— Que você é de carne e osso? — A pergunta irônica não pretendia receber resposta, Então Sebastian prosseguiu. — Precisa se afastar do hospital e de East End embora seja somente por um dia. Nunca saberão da verdade, Então sua respeitabilidade ficará intacta, se isso é o que a preocupa. Ademais — acrescentou, — chegaremos cedo para jantar esta noite com os Lefont.

Phillipa pensou nisso durante alguns segundos, lutando contra ela própria. Por um lado estava curiosa pelo plano que Sebastian havia tramado às suas costas. Pelo outro, estava em dúvida.

— Bem — disse finalmente, meio a contra gosto.

Para Sebastian aquela simples palavra era uma vitória.

— Isso é um sim?

Phillipa suspirou, claudicando.

— Sim.

O frasco de cristal caiu ao chão quando o braço masculino o roçou sem querer.

— Maldição! — bramou quando viu os pedaços.

Num arrebatado impróprio de um homem como ele, pegou outro e o lançou à outra ponta do laboratório, onde o objeto ficou em pedaços quando tocou a parede.

Suspirou várias vezes numa tentativa de aquietar o ânimo, pois não poderia continuarr trabalhando naquele

ritmo mesmo que fosse necessário.

Como ninguém possuía permissão de entrar em seu refúgio privado, soube também que deveria limpar ele mesmo o estrago. Olhou à fileira de frasquinhos que esperavam para ser preenchidos. O número deles havia aumentado e, durante alguns segundos, lançou neles um olhar de inquietação.

Não! Não devia sentir isso! Só se tratava de uma compreensível frustração. O andamento dos acontecimentos era lógico, assim como também seus sentimentos a respeito dele. Não era mais do que um indivíduo em busca da salvação. Só um para demonstrar ao resto do mundo a importância de seus atos. Como tal, possuía limitações que havia se visto na obrigação de resolver.

Ele descobrira pouco depois da morte da prostituta. Apesar das vantagens de seu emprego, havia entrado em uma espiral que não parecia ter fim. Se extrapolasse, o prenderiam.

Por fim, não teve mais remédio que admitir que não poderia trabalhar naquilo sozinho. Passou dias e noites pensando em como resolver a questão, pois uma ajuda do exterior supunha um risco muito grande para assumir. Não obstante, sua mente privilegiada havia sido capaz de encontrar a solução. Agora contava com uma ajuda imposta pelas circunstâncias e pela necessidade, mas seria ele mesmo quem se manteria na sombra, deixando que fosse o outro quem se expusesse. Evidentemente, não lhe havia explicado a verdade. Havia convencido o homem de tal forma que ele acreditava estar beneficiando-se às expensas suas. Que

imaginasse o que quisesse. Convinha a ele, essa prepotência. Talvez agora pudesse avançar de verdade.

Olhou novamente os frascos alinhados, à espera de saírem ao mundo como portadores de uma nova mudança.

Sorriu. Estava impaciente.

Capítulo 13

— Como conseguiu que nos deixassem passear por Rochester Park? — ela perguntou a Sebastian enquanto ele estendia sua mão para ajudá-la a subir à cela feminina.

O moço de quadra permanecia em silêncio, segurando as rédeas dos dois cavalos e atento a qualquer movimento inesperado dos animais.

Desde sua chegada, Phillipa havia notado como os serventes se esforçavam para que se sentisse cômoda na mansão, proporcionando a mesma atenção que dariam a uma ilustre convidada. Até mesmo lhe prepararam uma bonita sala na qual pudesse vestir seu traje de amazona. Sem dúvida, não conseguia compreender o que relacionava Sebastian com aquele lugar, porque durante a viagem ele havia se empenhado em manter um véu de mistério.

Sentia uma imensa curiosidade.

— Não lhe agrada? — sussurrou ele, olhando-a fixamente.

Phillipa, sem chegar a colocar a bota no estribo, aspirou o ar, observando os arbustos bem cuidados que rodeavam o pátio de pedras, e os canteiros de flores, cheio de cores. Depois sorriu visivelmente impressionada. Aquela fazenda

não podia se comparar com a majestosidade de Stanbury Manor, mas era um lugar precioso e encantador pelo qual cavalgar naquela nublada e fria manhã.

Se a chuva não atrapalhasse.

— Não é o que eu queria dizer — ela esclareceu — mas sim totalmente ao contrário. Estou maravilhada. Só estranho que você...

Phillipa deixou a frase pelo meio e voltou o olhar à dócil égua que lhe haviam designado. Deu um pequeno impulso e subiu sobre ela. Explicaria melhor, mas Sebastian tomou as rédeas de *Sândalo* e lhe entregou as da égua. O moço se retirou com discrição após dizer-lhes o caminho que deviam seguir.

— Sei que não estou em condições de comprar uma propriedade desta dimensão e opulência — disse ele, encabeçando o passeio com seu cavalo de cor caramelo. O ritmo foi tão pausado que Phillipa terminou ficando ao seu lado.

— Não pretendia ofendê-lo — sussurrou ela, a modo de desculpa.

Nem sequer com sua fortuna seria capaz de manter Rochester Park. Como Sebastian poderia?

— Phillipa Baker, eu a conheço o suficiente para saber quais são as suas intenções — declarou ele com tranquilidade, ganhando um sorriso por parte dela. — É incapaz de julgar alguém por ser de outra condição social.

Imediatamente mudou o gesto, enrugando os lábios. Não a agradava que lhe considerassem superior pelo mero fato de

pertencer a uma família na qual seus bisavôs haviam sido duques.

— A única diferença é o dinheiro — ela sentenciou, talvez com demasiada rotundidade, sem fazer nenhuma outra consideração.

— Não acredito. — Sebastian a contradisse sem deixar de olhar para frente. — Também tem educação, as relações e influências, o poder... o leque é muito amplo.

Phillipa agitou a mão, disposta a protestar.

— Estará de acordo comigo de que tudo o que acaba de citar se consegue graças ao dinheiro.

Era a imensa diferença que existia entre estar em uma posição cômoda ou lutar para sobreviver. Ela via dia após dia as pessoas contraírem enfermidades sem levar em conta sua condição social. Alguns deles podiam se permitir melhores tratamentos, mas a morte abarcava a todos por igual.

— O que me diz dos lordes que estão quebrados? Apesar de seus problemas financeiros tem mais oportunidades que um tipo como eu.

— Porque na maioria das vezes possuem um grande patrimônio — ela argumentou. — é verdade que terão mais facilidades de crédito, se bem que isso não os faz melhores pessoas. Percorreu as ruas de East End comigo. Percebeu que muitas, daquelas famílias, têm apenas o suficiente para alimentar seus filhos e apesar disso são generosas com o pouco que possuem? — Phillipa suspirou com abatimento, como se houvesse mantido a mesma conversa milhares de vezes. — O encontro admirável. Todos nós deveríamos

aprender com aquela gente em vez de enrrugar o nariz e pensar que vão nos roubar.

Sebastian lançou uma gargalhada, impressionado pela sua forma de pensar. Embora não devesse estar; ela era uma mulher cheia de ricos matizes.

— Sabe? Você é uma pequena revolucionária. O que diria seu tio se a escutasse falar agora mesmo?

Pouco conhecia o duque de Dunham, suas impressões sobre ele não eram mais que um esboço. Ele havia apoiado Phillipa em seu desejo de se converter uma enfermeira. Sem dúvida, não sabia até que ponto chegava sua compreensão.

— Que posso pensar por mim mesma — ela declarou com orgulho. — Jamais ousaria menosprezar a inteligência das mulheres.

— E por isso mesmo o ama tanto — apontou Sebastian.

Phillipa assentiu enquanto o caminho torcia à direita.

O amor que lhe professava seu tio era infinito. Nem sempre estavam de acordo em tudo, mas ele respeitava suficientemente sua opinião para escutar todos seus argumentos.

— Explique de uma vez por todas como conseguiu que déssemos este passeio a cavalo ou pretende manter o segredo até o fim dos dias?

— Ahhh! — exclamou Sebastian com ênfase, mantendo um sorriso brincalhão em seus lábios. — Você é uma dama muito curiosa.

Ela fingiu se ofender.

— Curiosidade? Somente isto, — murmurou como se não tivesse importância. — Só estava deixando que você se vangloriasse. Deveria ver isto como um gesto de consideração.

Olhou-o durante alguns instantes, revirou os olhos com complicidade e voltou a olhar para o frondoso bosque do qual se aproximavam. O caminho parecia se perder em suas entranhas.

— Rochester Park pertence a lorde Hawthorne — explicou ele.

— Trata-se de um amigo?

Sebastian esteve pensando durante alguns segundos.

— Não teria muito sentido afirmar que lorde Hawthorne e eu somos unidos por uma amizade. Somos algo assim como velhos conhecidos.

A curiosidade de Phillipa aumentou.

— Sem dúvida, ele nos deixa montar por sua propriedade.

Sebastian encolheu os ombros, afastando um ramo próximo a sua cabeça que atrapalhava o passo e que podia ser perigoso. O ritmo dos cavalos era pausado, e depois não teve nenhuma dificuldade.

— Lorde Hawthorne está no norte e seu secretário pessoal sabe que ele me deve alguns favores. Só precisei pedir com amabilidade.

Phillipa entreabriu os lábios, um tanto desconcertada.

— Lorde Hawthorne desconhece nossa visita? — Sebastian assentiu em silêncio e ela sentiu remorsos. — Não é ruim que nos aproveitemos de sua ausência?

— Não se preocupe — ele a tranquilizou. — Não estamos em nenhum aperto. O secretário tem suficiente poder para atuar em seu nome e ele mesmo deu sua autorização. Ademais, lhe garanto que lorde Hawthorne não teria colocado nenhum inconveniente.

Phillipa respirou com certo alívio e se interessou novamente pela relação que unia os dois homens.

— O que existe entre ambos? — Sebastian a olhou por um instante, em silêncio e ela voltou a tentar. — Por que lhe deve favores? — perguntou.

— Isso fica entre ele e eu. — Disse de forma concisa.

— Mas... — protestou ela, para tratar de conhecer toda a história.

Sebastian levantou uma mão e com a palma aberta apontou o bosque, que já começava a rodeá-los.

— Bonita paisagem, não lhe parece?

Phillipa suspirou, consciente de suas intenções.

— Assim não conseguirá que deixe de fazer perguntas — esclareceu caso ele tivesse alguma dúvida.

Ele sorriu.

— Permita-me reservar alguns segredos, concorda? A discrição sempre havia sido parte de meu encanto.

Visivelmente frustrada, Phillipa inspirou intensamente e abandonou o assunto, mas aproveitou a oportunidade. No lombo de sua égua se sentia relaxada. E como bem havia dito Sebastian, a paisagem era bonita, Então bem podia passar o tempo conhecendo-o melhor.

— E quanto a Hansberg? Como e quando começou a trabalhar para ele?

Diante das perguntas, ele deteve seu cavalo durante um segundo, sem chegar a perder o sorriso dos lábios.

— Ora! — ele exclamou. — Você não perde tempo.

Ela não fez caso à ironia.

— Durante estas semanas você teve a oportunidade de me conhecer bem. Sabe onde trabalho, quem é minha família, com quem me relaciono... Não acredita que deveria me corresponder do mesmo modo?

Nenhum dos dois pensou que conhecê-la fosse parte do trabalho de Sebastian.

— Está bem. Suponho que seja justo — lhe concedeu de imediato. — Faz uns oito anos eu me encontrava em Bermudas com meu destacamento, *The Leicestershire Regiment*...

Phillipa ficou com a boca aberta, embora devesse ter imaginado. Esse afã protetor dele, sua desconfiança e sua cautela eram traços que deveria ter aprendido no exército.

— Foi soldado? — Ela perguntou.

Ele assentiu, estudando seu rosto. Buscava algum sinal que indicasse o que ela pensava sobre aquilo, se bem que após se recuperar da primeira impressão a expressão dela se tornou neutra.

— Da infantaria — ele esclareceu. — E antes disso granjeiro.

— Como? — Ela se surpreendeu novamente. Suas sobrancelhas se curvaram num gesto que para Sebastian

pareceu encantador.

De um modo ou de outro, ser soldado ia de acordo com sua personalidade, pensou Phillipa. Granjeiro não. Embora por um instante se permitisse fantasiar com a visão de um jovem e curtido Sebastian, com a pele tostada ao sol, trabalhando a terra com suas próprias mãos...

Sentiu um calor abrasador percorrendo seu corpo. Ele estava observando-a com atenção. Então ela procurou disfarçar, nada disposta a ficar em evidência. Mas a verdade era que, apesar do agradável passeio, Phillipa desejava que ele a beijasse.

Aquela era a pura verdade.

Algumas vezes havia se encontrado, ao falar, olhando seus lábios em vez de seus olhos, se perguntando como seria se Sebastian tomasse a decisão e suas bocas se juntassem.

— Não me imagina lavrando o campo e alimentando aos animais?

«Oh!, Senhor». Agora sim podia, o que era ainda pior. Phillipa começava a desejar algo que pudesse resultar totalmente irrealizável.

Tratou de endereçar a conversa para garantir seu próprio bem-estar mental. Pensar em beijos só conseguiria que durante as noites, desse voltas e mais voltas na cama sem chegar a conciliar o sono.

— Onde você nasceu?

Aquela pergunta não causaria nenhum mal, disse a si mesmo, de repente, mais animada.

— No condado de Wiltshare — respondeu ele. — Aos dezenove anos, após a morte de minha mãe e sem nenhum parente no mundo, vendi a pequena granja, abandonei as terras que me haviam visto crescer e me uni ao Exército Britânico de Vossa majestade. Vamos parar um pouco?

Phillipa assentiu. Deixou que ele descesse primeiro e depois o seguiu.

Com os cavalos pastando tranquilos decidiram seguir o caminho a pé. A princípio, ambos se mantiveram silênciosos, um ao lado do outro, sem se olhar. Phillipa sentia um formigamento de expectativa que tentava controlar. Não obstante, quando Sebastian lhe ofereceu o braço num gesto galante, não conseguiu e nem quis recusar.

— Como disse antes — continuou ele, — coincidi com Hansberg nas Bermudas. O marquês chegou à ilha numa viagem na qualidade de diplomata e os altos comandos me ordenaram acompanhá-lo durante as duas semanas que duraria sua estadia.

— Como está fazendo comigo?

— Algo assim, — ele murmurou de forma evasiva, sem chegar a esclarecer que Hansberg havia recebido naquele ano ameaças de morte e que sua vida corria um sério perigo. O próprio Sebastian o salvou de uma tentativa de assassinato, valendo-se da admiração do marquês. — Antes de partir das Bermudas ele me ofereceu um emprego. Como não foi muito preciso sobre esse assunto, terminei recusando.

Phillipa o olhou com atenção.

— Então?

Sebastian sorriu, rogando em silêncio que tivesse paciência.

— Três meses depois recebi uma carta da Inglaterra escrita de seu punho e letra, mas desta vez sua proposta foi muito mais sedutora.

— E aceitou — terminou Phillipa por ele.

— Sim — afirmou. — Considera-me um mercenário por abandonar o exército desse modo?

Phillipa fez um movimento negativo com a cabeça, sem se soltar em nenhum momento.

— Não penso isso de você, de jeito nenhumem, — declarou. — Antes de tudo deveria se sentir orgulhoso porque Hansberg insistiu em contar com você.

— Isso foi o que me fez decidir. Não só os elogios em si, mas sim que ele me considerava digno de sua confiança. E, é claro, o pagamento foi o melhor aliciante.

— Alegro-me de que tenha aceitado.

Sebastian deteve o passo e a olhou diretamente aos olhos, em uma expressão que Phillipa custou a decifrar.

— Não posso acreditar — disse para si, maravilhado. — Está dizendo que...? É possível que você...? — Moveu a cabeça com incredulidade. — Já não está aborrecida por minha contratação?

Ela demorou um momento em responder, buscando as palavras adequadas.

— Deve entender que Frank estava ao meu serviço há muitos anos — começou dizendo.

— Cometeu erros — expôs ele. — Sua ausência durante o incidente com Ronnie foi indesculpável.

Phillipa suspirou. Não tinha mais remédio que dar razão a ele.

— Eu sei. Seu dever era me manter a salvo e não estava quando eu precisei. Sem dúvida, para mim era importante continuar contando com ele.

— Porque lhe permitia tudo — pontualizou Sebastian, sem vontade de começar uma discussão. Contudo, aquela havia sido a causa de todos os conflitos mantidos com Phillipa: seu exagerado desejo de independência.

Ela deixou que um sorriso tranquilo aflorasse em seus lábios.

— Talvez, — ela murmurou sem terminar de admitir. — E por causa daqueles fatos, terminei ligada a um homem mandão que se empenhava em me contrariar. — Phillipa esteve lutando parte de sua vida contra os padrões estabelecidos na sociedade, tratando de seguir seu próprio critério. Por isso se rebelou ante a imposição de Sebastian. — Só queria lhe dizer que, apesar de tudo, temos nos dado bem.

Ele havia terminado por compreender que seu trabalho era necessário.

— Na maior parte das vezes, embora o início não tenha sido fácil. — Recordava-se bem. — Eu não era seu adversário e, mesmo assim você decidiu não me deixar as coisas fáceis — ele pontuou.

— Estava desgostosa pela troca — desculpou-se ela. — Deve me entender.

Ele assentiu, tendo a imperiosa necessidade de perguntar:

— E agora?

Phillipa o olhou sem entender.

— Agora? — repetiu.

— O que sente agora a respeito de mim?

«Morro para que me beije».

Phillipa inclinou o rosto para o outro lado e o fez ver que contemplava a paisagem numa tentativa de ocultar sua perturbação.

— Eu... pois... — hesitou. — Já não me incomoda tanto.

«Céu Santo, Phillipa, isso é o mais tolo que disse em sua vida», ela se repreendeu de imediato.

A gargalhada de Sebastian ressoou entre as árvores como uma rica e fresca melodia. Para Phillipa pareceu profunda e varonil, até mesmo fascinante. Sem conseguir evitar, se fixou em sua boca e em seus dentes, sabendo bem o que queria.

Por que não havia experimentado semelhantes sensações com Charles? Perguntou-se então com preocupação. Os beijos que compartilharam foram cálidos e amáveis, o que a fazia se sentir a vontade com ele. Talvez, tenha conseguido fazê-la ruborizar em algum momento — sobretudo no início, quando Phillipa era mais jovem e inexperiente, — mas à medida que foi conhecendo-o melhor e se deram conta de que compartilhavam os mesmos ideais, o relacionamento se transformou num sincero respeito e admiração mútua; sentimentos longe do ideal romântico.

Quando se converteu em Phillipa Baker, ficou orgulhosa e convencida de que não havia homem melhor. Charles era paciente com todos: sábio e consciente em seus diagnósticos ou tratamentos, tolerante e entregue às causas perdidas. Todos aqueles aspectos de sua personalidade conseguiram ganhar a admiração de Phillipa. Sem dúvida, ambos pareceram se esquecer da doçura e da paixão e, não se arrependia em absoluto daquele matrimônio, só que ele não a havia deixado preparada para os sentimentos que Sebastian despertava naquele momento.

Quando ele deixou de rir soltou seu braço e com uma mão voltou o rosto de Phillipa para ele.

Seus olhares se cruzaram.

Ela aguardou, esperançosa.

— Alegro de não incomodá-la tanto — escutou ele dizer com uma suavidade à qual estava pouco acostumada, mas que ao mesmo tempo era maravilhosa. Esteve tentada a fechar os olhos e se deixar levar. — Significa muito para mim.

Sua mente se esforçou para responder com um mínimo de coerência.

— Às vezes ainda consegue que eu perca os estribos....

— Como nesta manhã? — replicou ele divertido. — Fervia de indignação.

Phillipa assentiu, recordando a cena do vestibulo. Onde ela acreditava ter se comportado com dignidade para não ser submetida à vontade de Sebastian e terminou admitindo que havia se precipitado em todas as suas conclusões.

— Poderia ter me advertido de suas intenções desde o princípio em vez de enviar Tilly para remexer em minhas coisas — ela se defendeu com uma ponta de ofensa na voz. — Nos teríamos economizado semelhante espetáculo.

— Que seria da vida sem um pouco de diversão?

Phillipa fez caso de seu tom de brincadeira.

— Você é um masoquista — ela sussurrou. — E estou começando a acreditar que me provoca de propósito.

— Oh!, não — negou ele, acompanhando suas palavras com um gesto da cabeça. — Que Deus me salve! Sem dúvida, reconheço que discutir com você tem certos benefícios.

Phillipa entornou os olhos, com suspeita.

— Como quais?

— Que um de nós sabe o que significa conviver com o diabo.

Apesar do tom jocoso de Sebastian, as faces de Phillipa se inflamaram enquanto se erguia do mesmo modo que um pavão real.

— Você um...

Não pode continuar, porque naquele instante, vislumbrou a língua de Sebastian — assomada entre sua boca entreaberta, — que se aproximava dela até conseguir capturar seus lábios. E foi justamente então que sua cabeça deixou de funcionar e seus sentidos entraram em colapso de tal modo que já não lhe importavam nem o tempo, nem o lugar.

O beijo pretendia ser uma carícia suave, um tentador estímulo que ela recordaria durante as próximas horas. Sem dúvida, para ambos se converteu em algo mais. De repente, o

corpo de Phillipa cobrou vida, sentindo sua feminidade. Ela lhe rodeou o pescoço com seus braços, se pegou a ele e lhe respondeu com um frenesi que desconhecia possuir.

Melhor, Phillipa não levou as rédeas, tão pouco se comportou como uma dama ruborizada. A mulher reta e ajuizada que todo mundo conhecia se transformou em alguém novo, mais passional, que reclamava a boca de Sebastian como se fosse um prêmio com o qual se sentia orgulhosa. E quando o beijo se intensificou e sentiu a língua de Sebastian se mover dentro dela, se agarrou mais a ele — se ainda fosse possível, — para se perder num mar de sensações que não havia experimentado antes.

Foi Sebastian quem se separou primeiro, mas ambos repararam que estavam com a respiração entrecortada.

Phillipa notou certa moleza, um instinto de possessão e um enorme vazio quando o contato foi interrompido, porque ela teria prolongado o momento eternamente. Suspirou e o contemplou com uma mescla de timidez e orgulho.

— Você está bem? — Ele lhe perguntou com gentileza.

Ela custou a falar, Então terminou assentindo, unindo ambos num silêncio que não foi nada incômodo.

— Acredita que deveríamos regressar? — Perguntou Phillipa ao fim de um minuto.

— Quer regressar? — perguntou ele, por sua vez.

Seu olhar era tão intenso que notou que o coração se inflamava de emoção. Sem dúvida, quando pudesse se recuperar daquela sensação, hesitaria sobre se respondia dizendo a verdade ou seria sensata, já que Phillipa desejava

permanecer no mesmo lugar e continuar compartilhando beijos. Por Cristo bendito, não conhecia nada mais prazeroso do que aquilo! Não obstante, a voz da razão e a educação recebida a levavam por outro caminho.

Olhou o céu numa tentativa de ordenar suas idéias.

— Poderia chover — disse com certa apatia, porque na realidade se importava bem pouco se fosse se molhar.

— Sim — sussurrou ele, olhando à mesma direção.

Phillipa não percebeu de que Sebastian também não desejava partir.

— Seria bom tomar um chá quente — ela se obrigou a dizer para não parecer tão evidente, se bem que o chá estava bem longe de suas prioridades. Nem estava sedenta nem sentia frio. E muito menos desejava manter uma conversa decorosa e inconsequente com Sebastian.

Seus pensamentos iam muito mais além...

Sebastian baixou o olhar e pousou sobre seus lábios e Phillipa teve a maravilhosa sensação de que ele estava recordando o momento que acabavam de compartilhar.

Notou um reconfortante calorzinho em seu interior.

— Se é o que quer. — Sua voz parecia tão pouco entusiasmada quanto a dela.

— Será o melhor — afirmou ela sem convencimento. Toda ironia com sabor amargo. O beijo havia passado e não havia mais remédio do que esquecê-lo. Phillipa devia confrontar os fatos: aquele fora um caso isolado e Sebastian nunca mais se atreveria a extrapolar daquele modo... embora ela lhe permitisse.

«Não pense mais nele», lhe aconselhou sua voz interior, mas era mais fácil pensar que conseguir. Estava convencida. Guardaria aquele momento durante muito tempo.

Capítulo 14

Quando a carruagem parou em frente a sua casa, Phillipa deixou que Sebastian tomasse a sua mão para descer sem olhá-lo diretamente, cada vez mais consciente dele, de seu forte queixo, de seu suave cabelo, de seus ombros... Desde o beijo, havia se dado conta de que permanecia atenta a seus movimentos e que era incapaz de sossegar seus desejos.

Por um momento, quis fechar os olhos e imaginar que ele voltaria a beijá-la, deixando-se levar como uma corrente d'água, alheia a todas as consequências. Sem dúvida, a voz da razão se impôs e lhe recordou que era o lugar menos apropriado para fazê-lo. Ademais, ela não era uma mulher sonhadora. Permitir que um homem a afetasse desse modo era um sucesso inaudito. Então precisou prometer a si mesmo que iria com cuidado.

Pôs os pés no chão; de um modo literal, embora também físico.

Surpreendeu a ambos por igual que a senhora Walton, a ama de chaves, estivesse esperando-os no vestíbulo com

sinais de preocupação no rosto. Além disso, remexia suas mãos sem cessar.

Phillipa se deteve imediatamente e Sebastian, com a maleta dela na mão, ficou ao seu lado.

— Senhora Baker, a estávamos esperando — disse tão logo a viu. O tom de sua voz fez com que Phillipa ficasse tensa.

— O que houve? — perguntou de imediato enquanto ia empalidecendo. Em sua cabeça já se formavam milhões de conjecturas. — Meus tios?

A ama de chaves a olhou, insegura, para terminar movendo a cabeça.

— Não — murmurou num fio de voz.

— O que ocorre, então? — Ela quis saber, animando-a continuar.

Ela a viu engolir a saliva, numa atitude que não indicava nada de bom.

— Trata-se de Tilly — ela escutou dizer.

Phillipa franziu o cenho. Só um problema do serviço? Então, não entendia a urgência.

— Seja o que for podemos falar mais tarde. Ou amanhã — sugeriu. Porque devia começar a se vestir para a ceia com a família Lefont.

Phillipa esteve pensando num vestido em especial, cujo corte realçava sua figura, e com o qual pretendia impressionar Sebastian.

— Temo que este problema requeira sua atenção imediata, senhora Baker. Não há como não ser direta.

Phillipa assentiu, cedendo ante o inevitável.

— Está bem, conte-me.

Sem dúvida, a ama de chaves não respondeu. A porta que conduzia as escadas do serviço foi aberta e o movimento terminou chamando a atenção de todos.

— Martin? — perguntou Phillipa com estupefação ao reconhecer a figura que se aproximava deles com passo tranquilo. — O que faz aqui...?

— Boa noite, Phillipa. Senhor Field. — Observou a ambos com intensidade, como se perguntando de onde vinham.

Deus, que vergonha! Pensou uma mortificada Phillipa. Ela havia fingido estar enferma e agora ele estava comprovando que não era mais que uma mentira.

— Senhor Rafferty — saudou Sebastian do mais tranquilo, ao que parecia alheio as suas inquietações. — Boa noite.

Phillipa também quis se mostrar cortês. Então se deu conta de que Martin jamais esteve em sua casa. Como teria adivinhado onde ela vivia?

— Martin, não o esperávamos.

— Eu sei, mas a senhora Walton me mandou uma mensagem com um dos criados.

A ama de chaves assentiu corroborando com suas palavras.

— Tilly caiu desmaiada ao chão, — disse a modo de explicação. E não devia dar nenhuma mais, porque fazia anos que Phillipa lhe havia dado o endereço pessoal de Martin para casos em que se precisasse de sua ajuda.

— Suponho que a tenha examinado. A teimosa esteve enferma e não permitiu que a levássemos ao hospital — disse Phillipa com seriedade. — Desta vez me fará caso.

Exigiria que Tilly deixasse de resistir tanto, pois isso não a beneficiava em absoluto. Ademais, Martin era um médico muito bom e atento, Então podia confiar em suas intenções.

— Isso não será necessário — respondeu ele, aproximando-se de onde ela se encontrava. Depois a tomou pelo cotovelo. — Phillipa, escute: Tilly morreu.

Ele lhe deu um suave apertão e a soltou.

O rosto de Phillipa refletiu uma imensa incredulidade e olhou para Martin e à senhora Walton alternadamente.

— Como? — Ela perguntou sem encontrar o sentido. Naquela manhã Tilly estava bem. — Isso não é possível.

— Temo que sim — reafirmou ele. — Quando cheguei já não havia nada a fazer.

De forma imediata, sentiu a mão de Sebastian em suas costas, reconfortando-a. E embora se tratasse de um gesto mais íntimo que o oferecido por Martin, ninguém pareceu se escandalizar.

— Onde ela está?

— Lá em cima — respondeu a ama de chaves.

Os quatro subiram até as dependências do serviço num sombrio silêncio. Tilly não possuía um quarto próprio, por isso a instalaram em um vazio. Desde sua contratação havia combinado com a senhora Walton que seria uma donzela externa, visto que Phillipa se arrumava sozinha na maior parte do tempo, sobretudo a noite e com seus aloucados e

intermináveis turnos de enfermeira. Ademais, odiava a ideia de ter alguém a sua disposição seguindo-a por toda parte, como se ela fosse uma mulher inútil ou dependente. Então Tilly continuava vivendo com sua mãe. Chegava cedo para trabalhar e partia antes do jantar. Talvez fosse um trato estranho, mas as partes estavam de acordo com ele.

Quando Phillipa a viu, cobriu a boca com a mão. Estava acostumada a ver mortos, mas a imagem de Tilly deitada em uma cama com seu vestido de donzela e os olhos fechados que não abriria nunca mais fez com que a emoção a embargasse.

Quem teria dito, naquela manhã, que seria a última vez que a veria com vida?

Dirigiu-se à senhora Walton.

— Alguém avisou a pobre mãe dela? — Uma viúva que contava muitas histórias e que vendia frutas no mercado. Phillipa não a conhecia, mas sabia muito dela devido a Tilly, que havia herdado aquele traço de sua mãe.

Fechou os olhos. Ai Deus!, que terrível notícia.

A ama de chaves negou com um tênue movimento de cabeça. Parecia muito incomodada por se encontrar naquela situação e evitava olhar à cama. Quem podia culpá-la; Tilly era muito jovem para ter aquele fim.

— Esperávamos suas ordens, senhora Baker. Só subimos o seu corpo e chamamos o doutor para que confirmasse sua morte — ela explicou depressa.

Olhou para Martin.

— Está...?

Não havia se aproximado. Podia reconhecer os sinais e sabia com certeza que não se tratava de um desmaio. Sem dúvida, uma parte dela se agarrava a esperança.

— Sim está, — confirmou seu amigo.

Ela engoliu a saliva e tratou de se manter serena, impondo a lógica por cima da emoção.

— Qual pode ser a causa? Uma mulher jovem não desmaiaria assim.

— Mas esteve enferma, senhora Baker. Faltou ao trabalho nos últimos quatro dias da semana passada — lhe recordou a ama de chaves.

— Estava já recuperada — argumentou Phillipa, tratando de recordar todos os detalhes sobre o estado de saúde de Tilly. — Havia recobrado a cor de suas faces, o apetite e o mais importante, as forças.

— Por que não falamos lá fora? — sugeriu Sebastian atento. Podiam manter a conversa num lugar mais cômodo. — No salão, talvez? Para todos iria bem uma xicara de chá; com um pouco de brandy — adicionou.

Phillipa o observou durante alguns segundos, sem vê-lo na realidade.

— Não sei o que fazer neste caso.

No hospital existiam algumas formalidades estabelecidas que todos cumpriam. Quando morreram seus pais e a sua avó, ela era muito jovem para que a deixassem intervir e no caso de Charles... Aquele foi diferente. Seu tio Jeremy e sua tia Edith estiveram sempre ao seu lado, aconselhando-a nos momentos mais difíceis.

— Eu sei — respondeu ele com afeto. — Não se preocupe, estou a seu lado.

Phillipa murmurou um curto «obrigada» e desceram ao salão, onde Martin decidiu permanecer com eles até que se resolvessem todos os detalhes. Afinal eram amigos.

Foi então que os quatro começaram uma discussão sobre quem devia notificar a morte à mãe de Tilly.

— Eu a contratei, então é minha responsabilidade — declarou Phillipa, que acreditava firmemente que era o mais adequado. — Pedirei ao cocheiro que me leve e podemos trazê-la aqui antes de decidir o que fazer. Tenho certeza de que irá querer ver sua filha.

Certas pessoas poderiam chegar a pensar que a sobrinha de um duque não devia se envolver nos assunto do serviço, até mesmo com uma morte. Sem dúvida, Phillipa não era assim. Ela se preocupava com as pessoas que a rodeavam e agia segundo sua consciência lhe ditava. Não era uma obrigação informar à mãe de Tilly, mas sim um dever.

— Eu a acompanharei — anunciou Sebastian para que ninguém tivesse dúvida alguma. — Não é seguro que vá sozinha. Mas antes deveria escrever uma nota se desculpando por não poder ir ao jantar com os Lefont — ele lhe recordou. Aquele compromisso devia ser prorrogado ou cancelado definitivamente. — Encarregar-me-ei de que alguém a leve ao Savoy.

Phillipa assentiu. Sentia-se consolada de contar com ele. E não porque se sentisse mais protegida, embora isso também. Mas porque tê-lo ao seu lado lhe dava forças.

A ama de chaves não ficou de acordo com a resolução que havia se tomado a respeito da mãe de Tilly.

— Se me desculpar senhora Baker, você a contratou, mas ela estava sob as minhas ordens — protestou educadamente. — Eu falei com ela quando solicitou o posto e verifiquei as suas recomendações. Não eram muitas, pois era muito jovem, mas suplicou com esforço. Eu deveria ir.

— É verdade o que diz, embora seja melhor que eu mesmo vá.

Ela havia dado notícias daquele tipo uma dezena de vezes e, embora nunca se acostumassem com isso, sabia como fazê-lo.

A senhora Walton continuou a não estar de acordo.

— Trabalhei com Tilly durante alguns anos. Estreitamente — ela justificou. — Sei que era boa moça e sei, também, que estava reunindo dinheiro para ajudar sua mãe a comprar uma casinha própria. Não se preocupe, saberei consolá-la.

Phillipa hesitou durante um instante. Aquilo fazia sentido, embora uma parte de si se resistisse.

— Talvez deveria deixá-la — opinou Sebastian.

— Estou de acordo — disse Martin.

Aproximou da lareira para contemplar as chamas, cujo calor a reconfortava.

— Senhora Walton, será como você quiser — disse sem se virar. — Pode usar a carruagem. — Era o mais adequado, vistas as circunstâncias, e ninguém colocou nenhuma objeção. Quando a ama de chaves se retirou, Phillipa escreveu

uma nota de desculpa para os Lefont em seguida sua mente se concentrou nas causas do trágico ocorrido. — Martin, suspeita de algo?

Escutou um suspiro, seguido de uma silenciosa reflexão. Ele demorou mais do que o esperado para responder, porque Phillipa sabia que não se arriscaria a afirmar algo do qual não estivesse certo.

Afastou-se da lareira e seus olhares se cruzaram. Sem falar, ambos sabiam o que ela desejava.

— Temo que não — disse finalmente. — Sem um exame mais detalhado é impossível fazê-lo. E todavia

Deixou a frase sem terminar para que ela não concebesse esperanças. Havia múltiplos fatores e causas que podiam explicar sua morte. Abrir seu corpo podia ser um processo inútil.

— Eu explicarei para sua mãe. Se ela nos conceder a permissão, você o fará?

Martin desejava ajudá-la e mais ainda quando confiava tanto nele, mas por vezes Phillipa era muito teimosa. Devia entender que nem sempre se podia indagar sobre as mortes. Algumas coisas eram um mistério e continuariam assim até o fim dos dias.

Decidiu ser prático com a dor alheia.

— É necessário? Isso só a afligirá mais.

Ela não se deu por vencida.

— Será que não tem curiosidade de averiguar o motivo?

Tilly era jovem.

— E esteve enferma — agregou Martin, recordando as palavras da ama de chaves.

Phillipa não desistiria da tentativa de chegar ao fundo da questão. Havia algo naquele assunto, uma sensação que não sabia definir, que lhe incomodava.

— Uma simples febre.

— Que podem esconder uma enfermidade grave — rebateu ele. Ele acariciou o queixo com certo cansaço e se sentou comodamente no sofá. — É um sintoma. Você bem sabe Phillipa.

Não estava de acordo. E, é claro, não poderia evitar rebater o argumento.

— Conhece algum caso em que exista uma recuperação milagrosa?

Após dois golpes na porta apareceu a tímida Sophie carregada com uma bandeja que continha um bule quente, os pratinhos e as xícaras para servir o chá, açúcar, copos para o licor e biscoitos macios. Tratava-se de uma criada que não costumava atender aos convidados, mas aquela era uma ocasião fora do comum.

Fez-se silêncio na sala.

Ela deixou tudo sobre uma mesinha de carvalho e após Phillipa assegurar que eles mesmos se serviriam, fez uma rápida reverência e foi buscar a licoreira de brandy.

— Eu não o chamaria «recuperação milagrosa». — Martin voltou a conversa dentro de um minuto, levantando para alcançar sua xícara. Verteu o chá nela e quatro colheradas

bem carregadas de açúcar. — Às vezes prevalece muito o desejo de melhora.

Phillipa levantou o olhar.

— Está dizendo que ela voltou a trabalhar quando ainda não estava recuperada?

— É uma possibilidade, sim.

— Uma dedução que não admito — declarou ela de forma cortante. — Fui testemunha de sua melhora. Acaso me acha tão tola para não notar?

Martin ficou gelado pela resposta. A língua dela podia ser afiada, ele sabia, mas jamais com ele. Após se recuperar da impressão tratou de acalmar a ofendida Phillipa.

— Não estou dizendo isso, — declarou com uma suavidade própria dele.

— Então, o quê? — Ela insistiu com veemência, esperando uma resposta que a satisfizesse.

— Phillipa, deixe que o doutor Rafferty se explique, por favor — interveio Sebastian, que conhecia seu caráter perfeitamente.

Ele havia escolhido para se sentar em uma cadeira afastada, mas daquela posição vislumbrava perfeitamente todo o salão.

Ela lhe lançou um olhar de censura, embora não replicasse.

— Às vezes... — Martin hesitou, medindo suas palavras. — Às vezes... — repetiu, antes de prosseguir, — o paciente se convence de que está melhor, sobretudo quando sobre ele recaem muitas responsabilidades. Prevalecem mais as cargas

contraídas, e termina enganando o seu próprio corpo. É claro, só se trata de um estado transitório — explicou depois, atento às reações que suas palavras despertavam em Phillipa. — Porém, se você suspeita de outra coisa, não vou me opor. Farei o que você achar necessário.

— Inclusive abrir o corpo?

— Sim. — Martin, por sua parte, silenciou seus próprios receios. Não se encontrava satisfeito com aquela escolha, porque não acreditava que houvesse algo de excepcional na morte daquela moça. Não havia sido cometido nenhum crime, nem nada que o justificasse, salvo a petição de sua amiga. Se o fizesse seria por Phillipa, concluiu. Sem dúvida, havia uma condição inegociável: — Se a família de Tilly consentir — ele lhe advertiu.

Phillipa relaxou visivelmente e seus olhos refletiram um brilho de satisfação. Se a situação não fosse tão tensa e delicada ela teria aplaudido. Sem dúvida, se manteve serena. Não podia deixar passar aquele palpite, disse a si mesmo. Talvez não significasse nada e ela estivesse enganada, mas era melhor ser precavida.

Sebastian, por sua parte, não fez nenhum esforço para seguir a conversa. Deixou o chá para os demais e preferiu um copo de brandy, submergindo-se em seus pensamentos que o haviam perseguido durante todo o caminho de casa.

Na carruagem esteve pensando se devia voltar a beijar Phillipa. Mais do que pensar, debatia consigo mesmo. É claro, ele o desejava, mas havia outros fatores a considerar, como o

quanto ela estava fora de seu alcance e que, portanto, não devia transpassar certos limites.

Depois do beijo que lhe deu sob as árvores, ela não havia apresentado sinais de irritação. Sem dúvida, tão pouco parecia eufórica, como ele estava. Apesar disso, precisou manter suas emoções sob controle até comprovar por si mesmo que não havia estragado a relação que os unia.

Disfarçando que tudo ia bem e que nada havia acontecido entre eles, Sebastian sentiu o irrefreável impulso de saber como estavam as coisas, de se assegurar de não ter metido os pés pelas mãos. Então iniciou conversa com alguma história inócua sobre seus dias no exército. Como se fosse um descuido tratou de pegá-la pela mão para avaliar sua reação, mas para sua maior consternação, ela se fechou, apesar de todas as suas boas intenções.

Não estava tudo perdido, pensou então com certa esperança. Depois de deixar os cavalos nos estábulos, Phillipa e ele haviam tomado chá e alguns bocados num pequeno salão, bonito e acolhedor, para depois fazerem uma extensa visita pela residência principal de Rochester Park, que incluía uma pequena capela do século anterior com afrescos nas paredes e na cúpula. Durante aquelas poucas horas, ela permaneceu atenta às explicações do secretário de lorde Hawthorne, conhecedor da história familiar. Sem dúvida, Sebastian não sentiu rechaço algum, e ele e Phillipa continuavam se mantendo um ao lado do outro, ela obsequiando-o, às vezes, com curtos sorrisos.

Atento a sua postura, a seus gestos e olhares, Sebastian buscou um momento propício para falar com ela. Depois de pensar muito chegou à conclusão de que o melhor era deixar passar e viver da bonita recordação. Momentos depois, voltou a mudar de opinião e se sentiu inclinado por beijá-la novamente.

Essa era sua intenção quando a senhora Walton lhes comunicou a notícia da morte de Tilly.

Com o copo na mão esquerda e a direita sobre seu joelho, se esforçou para deter o constante movimento da perna que delatava seu nervosismo.

«Como pode ser? Não sou um homem inseguro», pensou para seus adentros. As dúvidas jamais o haviam atormentado até aquele momento.

Phillipa era a culpada de todas as suas vacilações.

«Não se deixe vencer por algum sentimento que você não é capaz de entender», aconselhou a si mesmo. O melhor que podia fazer era manejar a situação com calma e meditar profundamente sobre os passos a dar. Só assim seria capaz de decidir se a beijaria novamente, falar com ela sobre o assunto ou enterrá-lo.

Seus instintos, sua mente e seu coração falariam por ele.

Capítulo 15

— Não é justo — escutou falarem a seu lado com certo tom lastimoso. — Era muito jovem para morrer.

Sebastian voltou o rosto e a olhou atentamente.

— Eu sei, embora devamos recordar que foi a vontade de Deus.

Phillipa levantou o queixo enquanto estreitava fortemente o lenço entre suas mãos enluvadas. Durante alguns momentos havia se mantido firme, se bem que houve um momento no qual precisou secar seus olhos. Mais concretamente quando a mãe de Tilly começou a chorar de forma desconsolada.

O cemitério paroquial, coberto de lápides de diferentes tamanhos, se encontrava quase vazio. Tanto os serventes de Phillipa, quanto os amigos e os vizinhos da senhora Halbard, haviam partido após a liturgia religiosa e as palavras de consolo que o sacerdote proferiu, deixando que os coveiros se encarregassem dos restos da defunta.

— Acredita que para ela é um consolo?

Apontou à mãe de Tilly, que observava com atenção como o ataúde era baixado até o lugar onde sua filha

descansaria por toda a eternidade.

— Nunca o será. Mas não há muito mais que possamos fazer.

— Exceto acompanhá-la neste duro momento — a escutou murmurar, se prevenindo do repentino estremecimento que sacudiu seu corpo, que coincidiu com o momento em que os coveiros começaram a jogar terra sobre o féretro.

Sebastian sentiu uma onda de afeto por ela e por sua compaixão. Após comprovar que a aflita senhora Halbard não era capaz nem de sustentar suas pernas, Phillipa havia se responsabilizado por tudo sem que ninguém o pedisse. Para evitar que o corpo da criada fosse lançado em uma fossa comum, assumiu todos os gastos, escolheu o ataúde de madeira, contratou o transporte, combinou a hora do funeral, consolou à mãe e encomendou uma simples lápide de pedra na qual ela poderia chorar nos dias e meses vindouros.

Com o nome de Tilly gravado nela e uma formosa cruz, podia-se ler: «Para sempre».

Assim tão boa era a Phillipa que ele conhecia. E não contente com isso, se empenhava em esperar à senhora Halbard para levá-la até sua casa.

Com um gesto cada vez mais usual nele, Sebastian acariciou as costas dela de forma suave e continuada, conseguindo que Phillipa reagisse de um modo inesperado. Aproximou-se dele e enterrou seu rosto no peito masculino. Isso o deixou cheio de satisfação, e também de júbilo. Beijá-la

era uma sensação maravilhosa, mas tê-la colada ao seu corpo era um sentimento ímpar.

— Ela deveria ter deixado que Martin fizesse um exame — comentou ao fim de alguns minutos. Minutos que para Sebastian foram celestiais. — Teria ficado mais tranquila se soubesse da causa de sua morte.

— A senhora Halbard disse que não — objetou ele, recordando da reação dela. Apesar do tato com que Phillipa o sugeriu, para a mulher aquilo era uma blasfêmia. — Devemos respeitar seus desejos.

— Santo Céu, é difícil. Em meu interior sinto que era o correto.

— O doutor Rafferty já a advertiu que não havia nenhuma segurança. Phillipa, não se torture mais. Deixe-a ir — lhe aconselhou.

Ouviu uma forte inspiração seguida de um suspiro. Sebastian sabia que ela estava refletindo sobre suas palavras.

— Sou muito teimosa?

A pergunta conseguiu que Sebastian sorrisse. Deu-lhe um afetuoso beijo na cabeça e respondeu:

— Muito.

— Isso não é o que eu queria ouvir — declarou ela a modo de protesto, embora Sebastian a notasse muito relaxada para que estivesse aborrecida.

Pegou-a pelos ombros, fazendo-a elevar a cabeça, e cravou o olhar em seus olhos.

— Poderia dizer muito sobre você. — A maior parte é boa, se bem que isso ele reservava para si. — Entendo que suas

intenções são honráveis, porque sente uma espécie de dever para com Tilly, mas convém recordá-la que ela já não está entre nós e é sua mãe quem merece respeito.

A expressão de Phillipa se tornou mais doce.

— Por que precisa ser sempre tão sensato? Seus argumentos são irrefutáveis.

Ele enrugou o cenho.

— Consegui convencê-la?

— Estou notando certo tom de perplexidade, senhor Field — ela disse com uma mescla de formalidade e humor. — Não sei como me sinto a respeito.

— Não pretendia ofendê-la — declarou Sebastian. — Embora deva admitir que quando mete uma idéia na cabeça...

— É difícil me fazer mudar de opinião, — terminou Phillipa por ele. — Sim, eu sei — ela disse, antes de lançar um suspiro.

— Creio que isso se deve ao fato de que está lutando num mundo que não está preparado às mulheres. Quero dizer — pigarreou, — que não as levam em consideração. Você tem muito para oferecer e não suporta se sentir relegada a um papel silencioso. Daí vem a sua determinação.

Phillipa ficou olhando-o durante alguns segundos, estudando seu rosto.

— E isso é ruim? — Ela perguntou com certas dúvidas.

Sebastian negou com a cabeça.

— É claro que não. É decidida e esse é um traço que aprecio muito em você.

— Aprecia — a escutou repetir.

Por um momento, Sebastian acreditou detectar em seu tom uma ponta de decepção.

— Sem dúvida — continuou ele, — há algumas batalhas que você não deveria liderar, ou que não ganhará nunca, embora se empenhe nela.

— É provável que você tenha razão — respondeu ela, acompanhando suas palavras com uma careta. — Em meu interior sinto que é o que devo fazer, Então não deixo que ninguém me detenha. Até você chegar — ela se queixou, — com suas normas e limitações.

Sebastian franziu o cenho.

— Dada a sua tendência a correr riscos, fui bastante benevolente. — Sacudiu a cabeça de um lado para o outro. — Não para de se meter onde não a querem.

A expressão de Phillipa se tornou decidida.

— Quem ajudará aquelas mulheres se eu não fizer?

Ela estava certa naquilo. O problema radicava em que ele o preocupava por sua constante tomada de decisões, que a conduziam a enfrentamentos com doutores que desejavam reafirmar sua posição dominante no hospital, estivadores, prostitutas ou esposos de mau caráter. Então Sebastian se encontrava em uma constante luta entre a admiração que sentia por ela e o temor de que sofresse algum dano.

Nenhum dos dois continuou com uma conversa que haviam mantido em muitas ocasiões, desde o mesmo instante em que se conheceram. Ademais, a senhora Halbard quis regressar para casa, e não demoraram a abandonar o cemitério.

Era difícil confortar uma mãe que acabava de perder sua filha. Apesar das boas intenções, qualquer palavra que saísse de suas bocas, não seria mais do que um consolo insubstancial, um gesto que não a ajudaria a se levantar pelas manhãs. Entãotanto Phillipa quanto ele decidiram que seria melhor se manterem calados até ter algo realmente importante a dizer.

Em meio de um doloroso silêncio, acompanharam à senhora Halbard até a carruagem, de modo que a mulher tivesse quem a sustentasse nos momentos mais difíceis. Pouco mais podiam fazer.

O veículo que os transportava parou em Bethnal Green, uma humilde vizinhança de casas baixas, com cordas de estender a roupa que serpenteavam pelas fachadas, de um lado ao outro da rua. Os meninos corriam sobre o pavimento molhado pelas chuvas noturnas e algumas mulheres conversavam, reunidas nas portas de suas casas.

Detiveram sua animada conversa ao vê-los passar.

Sebastian havia oferecido seu braço à senhora Halbard, cujos lamentos iam diminuindo ao longo da manhã. Enquanto avançavam até a casa, todas as suas vizinhas inclinaram a cabeça em sinal de respeito e murmuraram preces pela alma de Tilly.

A senhora Halbard apenas teve voz para agradecer a elas. Só desejava se deitar em sua cama e fechar os olhos para mitigar sua dor.

— Não podemos deixá-la sozinha — murmurou Phillipa em voz baixa, se aproximando dele, mas com o olhar na mãe

de Tilly. Sem tirar sequer a jaqueta, ela permanecia enrolada como um novelo.

— Entendo que esteja preocupada, mas você não é a responsável pelo que aconteceu — respondeu em voz baixa, também. — Fez tudo o que estava em suas mãos para ajudar.

Ela a viu vacilar.

— Deixe-me alguns minutos. Procurarei uma vizinha disposta a ficar com ela. Pelo menos no dia de hoje.

Quando ela saiu, Sebastian contemplou ao seu redor. Havia um cheiro de umidade e as paredes não estavam nas melhores condições, embora desde que começara a acompanhar Phillipa em suas visitas de enfermeira havia visto casas muito piores. A única janela que dava à rua estava coberta por uma grossa cortina que tentava proteger do frio e, pelo menos, a mãe de Tilly contava com um fogão que parecia usar com frequência, visto que sobre ele repousavam um par de panelas.

Ajoelhou-se e no fim de alguns minutos havia conseguido acender o fogo.

Phillipa regressou quando a casa começava a ficar quente esquentar. Trazia boas notícias ou, pelo menos, uma que lhes daria tranquilidade.

— Sua vizinha Lottie, a que conheci no enterro, me assegurou que cuidará dela.

Ao ouvir aquilo, Sebastian relaxou os ombros.

— Esta solução lhe agrada?

Ela o olhou.

— É claro que sim. Primeiro ela enviará sua filha enquanto ela termina de preparar comida para sua família. Também para a senhora Halbard — acrescentou ao final.

Sebastian assentiu.

— É bom contar com gente amiga disposta a apoiar nos momentos mais difíceis.

A expressão de Phillipa refletiu a satisfação. Quando voltou o rosto à senhora Halbard, se deu conta de que ela havia adormecido.

— Melhor assim — murmurou, antes de começar a olhar ao seu redor e a colocar as coisas em ordem. Inclusive dobrou algumas roupas que se encontravam amontoadas sobre uma poltrona e colocou-as sobre uma mesa de canto com uma toalha de flores gastas.

— Não sabe ficar ociosa, não é verdade? — Perguntou Sebastian com um levantamento de sobrancelhas.

Permanecia apoiado em uma das quatro paredes da casa, controlando todos os movimentos de Phillipa. Deu-se conta de que ela era tão ágil realizando aquelas tarefas quanto no hospital.

— Assim poderão se sentar — disse ela em sua defesa. — Pensa que esse não é um comportamento próprio de alguém de minha posição, equivoco-me?

Sebastian esboçou um sorriso de predador. Se ela pretendia retalhá-lo dialéticamente, teria uma boa surpresa.

— Não — tranquilizou-a. — Depois de todas estas semanas ao seu lado me dou conta de que age como quer,

não segundo o que se espera de você; embora isso signifique deixar-me levá-la a Rochester Park.

Sebastian se maldisse no mesmo instante em que aquelas palavras saíram de sua boca. Era um imbecil, um mentecapto e um homem pouco cavalheiresco. Como podia mencionar em voz alta um acontecimento que a sociedade qualificaria de imoral? Não era para ele, que se deliciou tanto, é claro. Mas continuava sem saber como Phillipa se sentia a respeito.

Quando se deu conta que ela abria e fechava os lábios, embaraçada, não pode evitar o rubor que o atingiu.

— Eu não... — começou a dizer, se bem não soube como terminar. Dissesse o que dissesse já havia metido o pé pelas mãos.

Phillipa se aproximou com as mãos nos quadris e um rictus de raiva no rosto.

— Que demônios significa isso? O que você quer dizer? — Ela perguntou, se bem que o significado estava claro.

Engoliu saliva. Era impossível sair incólume da confusão em que ele havia se metido, sozinho. Então não teve mais remédio que seguir com o comportamento indevido, embora ela o tachasse de patife.

Endireitou-se e colocou suas mãos na cintura de Phillipa, notando a suavidade de seu corpo.

— Digo que comprovei por mim mesmo o quão decidida você pode chegar a ser. E não estou me queixando — enfatizou para que não houvesse dúvidas. — Encantou-me que

respondesse aos meus beijos do modo como fez, demonstrando que é uma mulher apaixonada. Beija realmente bem.

Foi a vez de Phillipa de se ruborizar, mas não fez nenhuma tentativa de se afastar.

— Deus Bendito, como lhe ocorre trazer esse assunto a baila? — Ela perguntou num susurro.

— Não vá se escandalizar agora — ele lhe pediu com voz suave.

Sebastian, que não podia afastar o olhar dela, estava resolvido a não deixar passar a oportunidade de desfrutar de certa intimidade. Então se atreveu a acariciar sua face.

Phillipa deixou escapar um suspiro involuntário. Contudo, reagiu com certa dureza: seu semblante se contraiu e sua voz soou a reprovação.

— Estamos no meio de uma situação que requer decoro.

Sebastian estava convencido de que ela desfrutava das carícias dadas, tanto quanto ele apreciava proporcioná-las, mas percebeu que ela lançava olhares de soslaio à cama. Compreendeu que estava preocupada com que a senhora Halbard pudesse escutá-los.

— Está adormecida — ele lhe assegurou. — Seus segredos estão a salvo.

Não confiou em suas palavras.

— O que pretende?

— Acaso não é óbvio? Não posso, nem desejo resistir a você.

Sebastian estava mais preparado para receber um bofetão após aquela declaração do que à reação que Phillipa

lhe ofereceu. Ela subiu um braço pelas costas dele e acariciou sua nuca com total liberdade, enterrando os lábios em seu pescoço. Uma vez lá, começou a dar sugestivos beijos úmidos e sonoros que chegavam até sua garganta, esquentando sua pele, enquanto a língua exercia um papel destacado.

Sebastian esteve a ponto de se estremecer de prazer e só com aquilo e notou como algumas partes muito concretas de seu corpo começavam a cobrar vida. Em Rochester Park havia comprovado que Phillipa era uma mulher cheia de fogosidade que não se dobrava ante as imposições, nem ficava relegada a um papel de espectadora. Se então reagiu a seu beijo foi porque assim quis, não porque temesse algum dano de sua parte. Sem dúvida, nem em seus melhores sonhos Sebastian havia imaginado que ela tomaria a iniciativa. E se sentiu encantado. Ora se o estava.

Talvez fosse estranho, para olhos alheios, que uma mulher sem um bonito rosto conseguisse fazê-lo estremecer. Pelo contrário, Sebastian achava isso natural, porque dizer que gostava dela, era não fazer justiça à realidade.

Se deixar levar por seus instintos seria um prazer. Desejava beijá-la, sentir o contato de sua pele e se esquecer da Londres que conhecia, a favor de se concentrar nesse lindo corpo. Phillipa estava bem disposta e naquele momento a Sebastian não ocorria nada melhor. Era verdade que o lugar não era o mais adequado, Então deveria se conformar com um beijo. Só um.

Que dano poderiam fazer?

Seus planos foram abaixo quando ela se afastou repentinamente, deixando uma onda gelada em seu corpo. Sebastian a buscou, impaciente para saber o motivo de sua reação, e se deu conta que ela não o estava olhando. Phillipa havia se inclinado para um lado e observava o que parecia ser uma estante cheia de objetos.

— Phillipa? — Ele se perguntou, porque não podia crer que ela preferisse limpar a desfrutar de seus beijos.

— Sebastian, olhe — ela apontou com agitação ao mesmo tempo que o matiz de seu tom de voz o punha em alerta.

Depois disso, ela puxou a manga de sua jaqueta, obrigando-o a prestar atenção.

Entornou os olhos para o lugar onde ela indicava e, num primeiro instante, não compreendeu o que ela pretendia lhe dizer.

Phillipa teve que esclarecer.

Duas horas mais tarde, Sebastian via Phillipa observar o frasco que havia contido o medicamento de Tilly com o cenho franzido, aquele que encontrou quando ambos permaneciam abraçados e se acariciando — o que não era muito lisongeiro para seu ego. — Ela o sustentava com cuidado, como se tratasse de um sagrado cálice. Estava com os pés fortemente cravados no tapete do salão e durante os últimos minutos havia permanecido em silêncio, somente contemplando-o.

Sebastian aproveitou a ocasião para estudar cada uma das expressões que cruzavam por seu rosto. Passado outro minuto sentiu a necessidade de conhecer seus pensamentos.

— Deveria se sentar — ele lhe aconselhou em primeiro lugar. Ela levantou o olhar durante alguns segundos e voltou a se concentrar no objeto que lhe suscitava tanto interesse. — Por mais que se empenhe, ele não vai falar.

Phillipa fez caso omissso do sarcasmo e continuou mantendo a mesma postura de até então.

— Maldito seja, isso é incrível — murmurou para si mesma, fazendo girar o frasco.

— O que é que lhe parece tão incrível?

— Oh!, Sebastian, não pode se tratar de uma mera coincidência — disse convencida. — Sei que há uma relação entre a morte de Tilly e a de Lily Helps.

Sebastian ficou tenso.

— Não pode saber disso com certeza — replicou ele com cautela.

— Intui, então, — enfatizou ela. — Tive um palpite daquela vez e continuo tendo agora.

— Phillipa... — protestou Sebastian.

— Vai negar que os dois frascos são exatamente iguais? — E para que ele não tivesse dúvidas, levantou-o em frente aos seus olhos.

Para Sebastian não era suficiente.

— Sinto lhe desiludir, mas não deve esquecer que o frasco de Lily Helps não era mais que um xarope reconstituente. Horace Shaw o analisou para você. — Ele lhe

lançou um olhar carregado de sabedoria em seguida continuou falando. — Ele identificou cada um dos ingredientes, que não eram perigosos, nem juntos, nem em separado.

— Sem dúvida, os frascos... — insistiu ela.

Sebastian suspirou. Phillipa costumava tirar um monte de conclusões. E nem todas eram corretas.

— São de vidro escuro — admitiu ele. — Nisso estamos de acordo.

— Tem a mesma forma e tamanho. São como duas gotas d'água — afirmou com empenho. — O de Lily Helps ainda está nas mãos do senhor Shaw, se lembra-se bem. Amanhã pedirei que me devolva.

— Deixe de ter ilusões. Está supondo que ele o guardou. Por que deveria fazer isso? Não é mais que um xarope. — Phillipa ia replicar, mas Sebastian a deteve com um gesto. — Se por algum milagre conseguir recuperá-lo, isso continua sem provar nada. Estou seguro de que há dezenas de frascos iguais e, além disso, o de Tilly está vazio. Não pode compará-los.

Ele a viu franzir os lábios o que lhe pareceu um delicioso beicinho.

— Lily tomou um remédio e morreu. Com Tilly ocorreu o mesmo. Só precisamos que ligar os pontos.

— Esta ignorando a razão: está imaginando o que não existe.

— É claro que não — replicou ela, teimosa. Até mesmo levantou o queixo com insolência. — Estou no caminho

correto.

— Não sabemos ao certo de qual enfermidade padeciam. As pessoas morrem continuamente; e ainda mais nesta cidade. É enfermeira, sabe disso melhor que ninguém.

Sebastian atacou seu ponto mais vulnerável e, embora Phillipa tenha se sentido encurralada, soube responder de imediato.

— Eu estou falando de outra coisa.

— Não — negou ele. — Meteu uma ideia louca na cabeça e nem sequer é capaz de escutar. Deixe isso para lá de uma vez.

Ela o olhou com uma ponta de ressentimento. Deixou o frasco em uma mesinha e se sentou frente a ele com os braços sobre seu regaço.

— Isso é o que me aconselha? — Sebastian assentiu, devagar e duvidoso, porque pelo brilho de seus olhos sabia sem lugar a dúvidas que Phillipa apresentaria argumentos. Não se equivocou. — Fato número um: Lily esteve com febre. Tomou um xarope comprado por seu esposo, aparentemente se recuperou e depois terminou morta. — Fez uma pausa antes de acrescentar: — É livre para me interromper quando desejar.

Sebastian estalou a língua, divertido por sua altivez, porque novamente ela pensava ter razão.

— Não estou tão seguro desta «causa-efeito» que estabeleceu. — Os fundamentos das conjecturas de Phillipa eram endelêveis. Sem dúvida, disse a si mesmo que era melhor deixá-la continuar. Por enquanto. — Adiante.

— Desconhecemos onde o senhor Helps comprou o xarope. Se soubéssemos com certeza, seria mais fácil demonstrar.

— Pode ir esquecendo-se de perguntar isso a ele — lhe advertiu com firmeza. — Sua relação com ele encontra-se muito longe de ser cordial.

— Não me tem apreço, eu sei — declarou ela com certo grau de aflição. Então teve uma ideia e seu rosto voltou a recuperar entusiasmo. — Podemos enviar Martin para perguntar-lhe.

Sebastian precisou fazer um esforço para não levantar o tom e resultar grosseiro.

— Podemos?

Desde quando ele estava metido naquele assunto sem sentido? Perguntou-se. Ademais, só a ideia de pedir ajuda ao doutor Rafferty conseguia eliminar qualquer rastro de bom humor que tivesse.

Phillipa assentiu com vigor e, por um segundo, Sebastian acreditou vislumbrar um sorriso em seus lábios.

— É você quem se empenha em fundamentar meus raciocínios.

— Porque não se tratam mais do que especulações por sua parte — enfatizou ele.

Phillipa tratou de convencê-lo.

— Não podemos deixá-lo agora que andamos sobre a pista correta. Martin é um bom amigo e um médico respeitado. Depois você verá, nos fará avançar na investigação.

Sebastian ficou em pé e se aproximou, inclinando-se sobre ela.

— Isto não é nenhuma investigação — anunciou sério. Phillipa Baker era um constante quebra-cabeça, até mesmo quando ambos haviam experimentado uma aproximação. Então a última coisa que desejava era tê-la farejando como um cão de caça. — Vai abandonar esta ideia tola agora mesmo.

Ela se enfureceu.

— O quê? — desafiou-o. — Não tem nenhuma autoridade sobre mim! Ademais, eu não me aproximarei do senhor Helps, Então ele não pode me fazer nenhum dano. — Após a sua irritação inicial, Phillipa pareceu mais relaxada e terminou lançando a ele um olhar implorante. — Será que não compreende? Se ele comprou do mesmo vendedor que a mãe de Tilly, isso demonstrará que o xarope é prejudicial.

Antes de partir, Phillipa havia conseguido averiguar que a senhora Halbard o comprou em uma parada do mercado onde se vendiam todo tipo de remédios. O preço que pediam por ele era muito mais barato do que os de qualquer boticário, por isso ela não pensou duas vezes. E ao que parecia funcionou, porque Tilly se recuperou, segundo ela.

Sebastian apertou os dentes.

— Pensou em como se sentirá a mãe dela se você estiver certa?

— Aliviada — afirmou.

— Culpada — contradisse Sebastian. — Afinal, foi ela quem o comprou.

Aquele argumento a fez hesitar; viu em sua expressão. Não era tão fácil se decidir quando podia prejudicar outras pessoas.

Ela permaneceu calada e Sebastian aproveitou sua indecisão para se sentar no sofá, junto a ela.

— Tem que haver algum erro no preparo do xarope — comentou Phillipa ao fim de alguns segundos. — Se ignorarmos isso acabaremos sendo culpados das mortes que estão por chegar. Há um monte de desconhecidos em perigo, mas também poderia ser alguém próximo a nós ou até mesmo crianças — o que seria pior em todas as situações. — Eu não posso viver com semelhante peso na consciência. E você?

Sebastian iria responder que ela estava certa, que voltaria a ficar bem, mas se distraiu quando sua mão direita começou a cobrar vida. De forma autônoma a levantou até tomar a mão de Phillipa e num impulso virou-a e acariciou a palma. Primeiro foi com a ponta do polegar e depois com os lábios, enquanto buscava lentamente a pele nívea de seu pulso.

Os beijos foram tênues e aveludados. A seu caminho deixavam uma esteira de suspiros por parte de Phillipa, que permanecia imóvel, mas dócil e manejável.

De vez em quando fechava os olhos para se deliciar de cada uma das sensações.

Sebastian separou os lábios da pele de Phillipa e levantou o olhar.

— Se for me deter, que seja agora — pediu ele com a voz afetada.

Phillipa abriu e fechou os olhos, avaliando suas palavras.

— O fará se lhe pedir?

— Que remédio — Ele resmungou baixinho, nada satisfeito ante a perspectiva.

Ao longo dos anos, Sebastian esteve com mulheres, algumas pelo mero fato de satisfazer seus desejos. Não lhe importava se eram carinhosas, se possuíam bom coração ou sequer se interessou por seus sonhos futuros. Tanto elas quanto ele, sabiam que era um mero intercâmbio de prazer. Com outras, ao contrário, deixou de lado a parte mais física e sexual, que implicava corpos suados e beijos famintos. Como militar foi convidado a diferentes jantares e conheceu algumas damas que lhe ofereceram uma estimulante conversa. Sem dúvida, nunca foi mais além.

Phillipa era uma mistura de tudo. Isso e muito mais. Somando o que ele sentiu por aquelas mulheres, nem sequer se aproximava dos sentimentos que ela despertava nele. Porque se interessava por tudo nela: suas opiniões, seu modo de se comportar, sua entrega, até mesmo a sua rebeldia e teimosia. Ademais, era mais que óbvio que a desejava. Se fosse por ele, a levaria naquele mesmo instante à cama, pois sua mente não havia deixado de entesourar o curto momento que passaram na casa da mãe de Tilly.

— Não tem por que fazê-lo — a escutou murmurar, conseguindo que a excitação de Sebastian aumentasse. Sem dúvida, decidiu ser cauteloso.

Examinou seu rosto.

— Tem certeza? — Ele perguntou, para que as dúvidas se dissipassem.

Conteve o folego até que ela lhe pediu:

— Fique um pouco mais.

— Phillipa, sabe que eu...

Ela calou seus protestos colocando um dedo sobre os lábios masculinos enquanto o presenteava com um sorriso.

— Pare de se preocupar. Ontem você não estava preocupado — disse, fazendo alusão às palavras ditas na casa da senhora Halbard.

— Eu a incomodei?

Phillipa ampliou seu sorriso, desta vez se mostrando brincalhona.

— Oh!, sim. Vou demonstrar a você o quanto. Ande tolo, beije-me de uma vez.

— Mulher eu nunca cumpri uma ordem com tanto entusiasmo, nem sequer quando estava no exército.

Ela não pode replicar, visto que a boca de Sebastian invadiu a dela com avidez enquanto suas mãos se afanavam por desfazer seu penteado e assim, soltar o cabelo feminino. Desejava se enredar nele, acariciá-lo, mas se movia com certa torpeza, impaciente como estava.

— Eu o farei — disse Phillipa com diversão, ao se dar conta do estado dele. Tudo o que ele queria era não parar de beijá-la. — Tenho mais experiência.

Sebastian não se importou e aproveitou que ela estava ocupada para acariciar suas costas, sua cintura, seu estômago... Paulatinamente suas mãos foram subindo até

pararem na curva de seus seios, onde começou a massageá-los com suavidade.

Como lhe atrapalhava aquela roupa!

Estava se perguntando como seria tocá-los com total liberdade quando o tênue gemido de Phillipa o surpreendeu. Seu corpo se ascendeu como uma chama e a necessidade dela cresceu de forma considerável. Assim a pegou pela cintura e a colocou escancarada sobre ele, ficando ambos frente a frente. Foi então que seus beijos se tornaram mais ferozes. As línguas se enredaram, Sebastian a puxou para trás pelo cabelo — com suavidade — e começaram a se devorar.

Ele nem sequer havia se dado conta de que estava a ponto de perder o controle.

Transcorreram alguns minutos nos quais não se se escutava no salão mais do que respirações aceleradas e gemidos. Enquanto Phillipa mordiscava o lábio inferior de Sebastian, a saia havia subido devido a posição que se encontrava, mas isso não pareceu incomodá-la, pois se apertava contra o corpo masculino com atrevimento.

Ele quis levá-la ao quarto. Estava a ponto de sugerir isso, convencido de que ela aceitaria, quando uma conversa entre criados no corredor que dava ao salão a fez saltar para trás como uma gazela assustada.

Phillipa se apressou a arrumar a roupa e com seu cabelo fez uma trança, deixando o cabelo o melhor que conseguiu.

Ninguém entrou; nem sequer era a intenção dos criados, mas foi suficiente para que a magia do momento se rompesse. Sebastian sabia que já não poderiam retomar o que haviam

deixado pela metade e se sentiu vazio. Perguntou-se se chegaria o momento de soltar todos os seus desejos.

Com Phillipa nunca se sabia.

Capítulo 16

Deu uma olhada à noite fechada das ruas londrinas através da cortina de veludo verde que cobria as janelas de vidro. A carruagem deslizava ruidosa pelas ruas.

Apoiado em um canto do veículo, não deixava de relembrar o que acontecera no salão de Phillipa. Com os olhos abertos ou fechados, as lembranças e as sensações eram tão vívidas que sentia como se estivesse vivendo novamente. A sensação em seus lábios enquanto os dela, suaves e maleáveis, se adaptavam aos seus; absorver o fôlego alheio; deslizar a língua pela boca... Por um instante todos seus músculos ficaram tensos já que, só de evocá-lo, voltava a desejá-la.

«Relaxe Sebastian».

Era fácil dizer, mas não tanto de conseguir. Ele, que sempre conseguia submeter seu corpo e sua mente a um controle que muitos companheiros invejavam. Se o vissem agora...

Por Deus, só a desejava mais e com mais intensidade. Que loucura. Que bendita loucura! Parecia incrível que sentisse de tal modo a emoção do contato e que o desejo

começara a dominar cada pensamento no que se referia a Phillipa. Havia imaginado como e quando voltaria a acontecer e se ela se mostraria tão voluntariosa.

Que mulher. Como gostava dela; inclusive com o que mais lhe irritava dela. Começava a sentir que, embora desejasse-a com cada fibra de seu corpo, levar sua relação mais além do estritamente profissional não era o mais prudente. De fato, esteve a ponto de apresentar uma desculpa para não ir ao jantar de lady Deirdre McDougall. Ninguém se importaria, nem mesmo Phillipa. Mesmo assim, como homem prático que era, havia terminado por desistir. Uma coisa era não querer enfrentar a certos temas tabú e, outra muito diferente, era não admitir que desejava ir a esse jantar, mas só porque o faria na qualidade de acompanhante. Portanto, aceitou o convite de Phillipa que se comprometeu a informar à anfitriã.

De comum acordo, tanto ela quanto ele decidiram que não seria bem visto irem a casa da cidade dos McDougall no mesmo transporte. Se bem que no dia a dia o faziam, somente tratava-se na qualidade de protegida-empregado. Agora a relação estava dando um suave giro e Sebastian sentia uma sensação desconhecida nas palmas das mãos.

Aproximaram-se de Dover Street e quase a cruzaram em sua totalidade. Ao chegar, se aproximou e viu a outra carruagem que reconheceu como a de Phillipa. Sorriu satisfeito. Como sabia de sua pontualidade e contava com ela, haviam combinado que se encontrariam à frente da casa. Por alguma razão absurda queria entrar com ela de braços dados.

Saltou e se aproximou à porta do outro veículo. Esta se abriu e dela saiu Phillipa, abrigada por uma capa escura cujo capuz lhe cobria a cabeça e parte do rosto.

— Ainda bem que não me atrasei.

— Não, eu também acabo de chegar.

Sebastian estendeu sua mão enluvada e sentiu um estremecimento que lhe percorreu todo o corpo quando a mão feminina, protegida numa luva de seda branca, pousou sobre a dele.

Por acaso não fizera isso mesmo dezenas de vezes a cada dia? Perguntou-se. Por que essa sensação? Por que nesse instante?

Sentindo que não era o melhor momento para especulações e que não chegaria a nenhuma conclusão, Sebastian a ajudou a descer da carruagem. Quando Phillipa pegou em seu braço, teve que fazer um grande esforço para se concentrar.

— Está nervoso?

— Por acaso pareço estar? — Ele replicou.

— Não sei. Tive a impressão de que... Não importa. Se for isso, não se preocupe. Todos eles são pessoas simples. Sentir-se-á muito a vontade.

— Não sei se estar rodeado de duques, marqueses e demais personagens ilustres possa fazer com que me sinta relaxado. — Phillipa havia explicado a ele quem participaria do jantar. — E muito menos qualificá-los de «simples».

— Pois são, asseguro-lhe.

O mordomo que os atendeu se mostrou prestativo. Quando se ofereceu para retirar a capa de Phillipa, Sebastian ficou piscando. Deus, como ela estava formosa!

Sob a luz das lâmpadas parecia uma Deusa pagã que o fez estremecer dos pés a cabeça. Seu cabelo possuía uma ondulação preciosa presa apenas atrás — ou talvez fosse o efeito que pretendia dar, — por que ambos os lados resvalava uma cortina de fios pouco marcados que rodeavam seu rosto e conseguiam deixar o queixo menos pronunciado. Em seu rosto captou um leve rastro de cor nos lábios, e seu vestido... Deus, seu vestido! De uma intensa cor de vinho, com decote reto e linhas que deixavam vislumbrar cada curva que aquela mulher possuía. O caimento da saia franzida e a leve cauda a faziam parecer um cisne alto e majestoso sem mais adorno do que duas rosas grandes da mesma cor, unidas e bordadas no peito. Para arrematar, os ombros e o antebraço estavam cobertos por um pedaço de tule com filigranas prateadas na manga.

— Está linda, — ele assegurou e, de repente, sua boca ficou seca e ele pigarreou.

Phillipa, que pouco podia tirar o olhar daquele homem, se ruborizou, tratando por todos os meios de não acreditar no elogio que parecia tão sincero, mas era difícil. Sebastian era um homem indubitavelmente belo que, seguramente, havia conhecido mulheres belas as quais ela não podia se comparar. Sem dúvida, que ele estivesse ali na qualidade de acompanhante parecia um sonho. E seu aspecto, oh!, lhe provocava constantes palpitações no baixo ventre e fazia com

que as palmas de suas mãos ficassem úmidas. Tudo nele era perfeito. Tudo. Desde seu cabelo loiro, brilhante e penteado para trás, até seu traje de noite, negro como a escuridão que engolia algumas das piores ruas da cidade. Sua camisa e paletó brancos estavam como novos e engomados, enquanto que o laço — da mesma cor — permanecia atado ao pescoço num nó perfeito.

Phillipa sentia o desejo que se expandia até deixá-la tremendo. Jesus, como poderia passar a noite com ele ao seu lado sem se colocar em evidência diante de todos os seus familiares e amigos?

E assim os encontrou a anfitriã, no meio do vestíbulo, admirando-se mutuamente.

— Boa noite, queridos. — Bateu palmas, pretendendo relaxar o ambiente. Phillipa estava segura de que até mesmo ela havia sentido o crepitar entre eles. — Quanto me alegro de que tenham vindo. São os últimos a chegar.

Phillipa recobrou consciência do inapropriado de sua conduta e do quão delatora podia ser, assim procurou esboçar um sorriso. Aproximou-se de Deirdre e Sebastian fez o mesmo, mas não a tocou. Abafou com força a repentina desilusão que sentiu.

Conforme foram se aproximando, as vozes dos demais convidados começaram a se tornar mais nítidas. Olhou-o numa tentativa de oferecer ânimo. Por sorte, ele a viu e esboçou um meio sorriso acompanhado com um movimento de cabeça. Prontamente, Phillipa pensou que, se ele era capaz de enfrentar qualquer contingência em seu trabalho, bem

podia afrontar todos ali e passar uma agradável noite com esse grupo que representava seus mais chegados amigos.

Durante os quinze minutos seguintes, Sebastian foi daqui para lá seguindo Phillipa enquanto esta cumprimentava todos e o apresentava para aqueles que não o conheciam. Durante o percurso ignorou o olhar inquisitivo do Duque e as sobrancelhas levantadas de Hansberg quando o viram como acompanhante de Phillipa. Sabia que não demorariam a abordá-lo para encarar essa questão que não era habitual. Bem, ele estava preparado.

No total havia contado que não eram mais que quinze pessoas, e isso lhe tranquilizou, um pouco. O grupo era composto de três mulheres que havia conhecido no dia da junta, mais uma quarta: a duquesa. E havia que acrescentar seus respectivos esposos, o filho de um deles, os marqueses, a senhora Burton — a faladeira tia Odethe, a qual Phillipa havia mencionado, — as filhas desta e eles próprios.

O que mais sua chamou a atenção pelo insólito foi o jovem de quatorze anos que lhe apresentaram como Brandon Wells. Em seu ombro, havia um pássaro de cor amarela e azul.

— Chama-se Dolores — manifestou o rapaz.

Soube também que não devia mostrar maior surpresa pela forma como Phillipa o olhou, como se esperasse que ele mostrasse a sua estranheza, descontentamento ou algo assim.

— Encantado, Dolores.

— “AMENDOINS, PISTACHES”!

Foi uma experiência assombrosa, de verdade. Ele ouvira falar daqueles animais, mas não teve o prazer de vê-los com seus próprios olhos.

— Está com fome — comentou Brandon Wells a modo de explicação.

— Não é o único — ele respondeu de forma concisa.

— “RATAZANAS e RATOS, ROEDORES MAL CHEIROSOS”!

— Ela sempre fala assim?

— Por desgrça, sim — interveio o pai. — É a digna filha de sua mãe.

Explicaram-lhe que já haviam tido um papagaio como mascote: Georgette. Em uma de suas viagens, todos os Wells se mudaram à América Central, o lugar de nascimento do pássaro. Lá descobriram finalmente que era uma fêmea, como seu dono sempre havia acreditado. Cruzaram-na e de um dos ovos nasceu Dolores, um papagaio tão especial quanto a mãe.

— De imediato — explicou Jonathan Wells — foi um amor instantâneo entre nosso Benjamin e Dolores, tal como sucedeu entre Georgette e eu. O menino a batizou assim e o papagaio só respondia por esse nome. Também tornaram-se inseparáveis até o dia de hoje.

— Impressionante — limitou-se a dizer.

Ao fim de um tempo, Edward Fillon o requereu num aparte. Então Sebastian deixou Phillipa numa conversa muito interessante com Garrett Bishop enquanto ele se dirigia a um canto da sala.

— O que acontece aqui, Sebastian?

Este encolheu de ombros.

— Nada em especial.

— De verdade? — O marquês suavizou sua voz de um modo que ele conhecia bem. — Tenha a amabilidade de me ilustrar isso.

Não omitiu nenhum detalhe do acontecido, embora não fosse necessário. Não havia nada para ocultar. Isso sim, seus pensamentos e emoções não concerniam a ninguém, Então calou-se.

— Phillipa me disse que eu deveria aceitar e o fiz.

— Phillipa disse? — Parecia que acabava de se dar conta do tratamento próximo entre ambos.

— Exato. E não fique com essa expressão. Sei muito bem onde é o meu lugar, mas inclusive você deve me conceder que o contato diário torna a proximidade possível.

— É curioso que o diga, pois nunca o vi tutelar seus protegidos por nenhuma razão.

Ele fora pego e os dois sabiam. Sebastian havia acabado com suas próprias desculpas.

— É o tipo de trabalho. Eu a tirei de situações difíceis. — Embora, depois que o disse, veio a sua mente outras tantas muito piores que abarcavam diferentes clientes aos que havia protegido. — Ademais — se defendeu irascível, — não vejo o que tem de mal ter aceitado. Só é um jantar.

Hansberg lhe dirigiu um longo olhar que acabou por incomodar Sebastian.

— Tem razão — disse finalmente, bem devagar. — É seu tempo livre e pode fazer o que lhe agrada. A única coisa que

lhe peço é que tenha cuidado.

Diante da advertência, o coração de Sebastian deu uma pequena sacudida. A quem o marquês tentava proteger?

— Eu terei, embora não tenha com o que se preocupar. — Valente mentira para dizer a si mesmo.

Seu interlocutor assentiu e lhe deu alguns pequenos golpes nas costas para depois se afastar. E como se esse houvesse sido o sinal que o Duque precisava, este aproveitou para se aproximar.

— Boa noite, senhor Field.

— Excelência.

Dadas às circunstâncias, o duque de Dunham poderia ter permitido um tratamento mais próximo e ambos sabiam. Sem dúvida, para Sebastian pareceu que o rosto do homem mostrava uma suspeita que não augurava que isso chegasse a acontecer.

— Espero que tudo esteja indo bem.

— Não tem porque se preocupar. Sua sobrinha terminou por aceitar minha presença e temos chegado a um entendimento.

— Tomara que sim.

O homem o olhou nos olhos em silêncio durante alguns segundos e Sebastian sentiu que ele o estava julgando.

— Há algo com o qual não esteja de acordo? — Encarou.

— Absolutamente. — Seu tom não era frio, embora pouco cordial. — Sei que Phillipa pode chegar a ser difícil de tratar.

— Refere-se a propensão dela em se arriscar muito em seu afã por tratar de ajudar aos demais, sim, não é fácil. Sem

dúvida, deveria estar orgulhoso dela. Isso a torna autêntica.

Após alguns segundos mais de silêncio, o duque asseverou:

— Sempre estive orgulhoso dela, senhor Field. Phillipa, tal e como você declarou com tanta propriedade, é única. Por isso quero o melhor para ela; inclusive se for às custas de sua própria opinião. Um homem como eu cuida dos que ama. Entende o que tento lhe dizer?

— Sem a menor sombra de dúvida.

Só um néscio ignoraria a intencionalidade de suas palavras. Ou advertência, na realidade. Sabia com certeza que não fazia referência à sua presença no jantar. O duque de Dunham já havia formado uma opinião e estava atuando em consequência dela. O que o fez se perguntar o que viam nele quando dois homens tão poderosos sentiam a necessidade de preveni-lo.

Sem contar os beijos, seu comportamento havia sido inatacável. Ninguém podia colocar em dúvida seu profissionalismo. De fato, nem Phillipa nem ele, voltaram a mencioná-lo. Era quase como se não houvesse ocorrido. Se não recordasse tão bem o sabor da língua dela na sua, nem o calor do corpo feminino apertado ao seu, bem poderia afirmar que tudo fora um sonho fruto de uma alienação mental passageira.

— Alegro-me que nos entendamos tão bem, senhor Field. Se me desculpar...

O homem se afastou deixando-lhe a sensação de que havia sido examinado, julgado e sentenciado. A curta

conversa havia beirado a grosseria, mas suspeitava que, de que se estivesse no lugar dele, teria cobrado com a mesma mortífera precisão.

De fato, sentia-se como um pretendente que acabara de pedir a mão da mulher amada enquanto era avaliado pelos familiares. O que o levava a se perguntar se não era mais transparente do que gostaria.

— Está tudo bem?

Sebastian olhou para Phillipa, que havia se aproximado sem que ele o percebesse.

Seus ombros se relaxaram e sentiu a imperiosa necessidade de levá-la longe para poder dar-lhe o beijo que necessitava. Sim, não havia deixado de pensar nisso e nem queria fazê-lo. Desejava explorar o que essa mulher o fazia sentir, por mais advertências ou veladas ameaças que lhe fizessem. Queria descobrir, e o repentino desejo de fazê-lo lhe queimava na ponta da língua, mesmo sem ser o lugar mais indicado.

— Tudo de acordo com o esperado. — Do canto observava os demais convidados. Parecia que ninguém prestava atenção nele. Contudo, se a conversa mantida com os dois homens mais poderosos da nação indicasse algo, era que ninguém deixava nada ao azar.

— Não estarão pensando em mudá-lo para outro encargo?

Como nem tão sequer lhe havia passado pela mente algo tão descabido, olhou-a com interesse. Parecia que a perspectiva a alarmava.

— Por acaso lhe desgostaria que me substituíssem por outro?

Parecia surpreendida e pega em falta, mas soube reconduzir a resposta com habilidade.

— Bem, devo reconhecer que você é bom no seu trabalho. Não posso me permitir ao luxo de ir mudando de protetor a cada três meses.

— Obrigado, eu suponho.

Ele a viu perturbada por um instante, mas se recuperou com rapidez.

— E isso foi tudo? — perguntou novamente.

— Esperava algo mais?

— Não. Sim. Não sei. Senti uma inquietação quando os vi num canto conversando.

Sebastian deduziu sobre qual assunto concretamente esteve pensando Phillipa. Por acaso ela esperava que ele confessasse que a havia beijado em diversas ocasiões?

— Não precisa se preocupar. Meus lábios estão selados — disse intencionalmente. E em efeito, o olhar de Phillipa demorou poucos instante em se dirigir a seus lábios. Senhor, que vontade sentia de beijá-la. Arriscaria-se a falar? — Phillipa.

— Hummm.

De costas ao salão e ao resto dos convidados, parecia concentrada em outra coisa e Sebastian rezava para estar certo. Experimentou.

— Gostaria de voltar a beijá-la. — Sua voz era apenas um murmúrio. Queria se aproximar dela e susurrar ao ouvido,

mas era impossível e se conformou com o que possuía.

O olhar de Phillipa se focou novamente e o olhou desconcertada.

— Beijar-me...? — Deteve-se ruborizada no mesmo instante.

Por acaso uma mulher podia ser mais adorável?

— Abrir sua boca — ele continuou, — roçar sua língua, absorvê-la toda, perder-me em seu calor.

— Santo Céu! — disse ao fim de alguns instantes.

Começou a se abanar com a mão e deteve o delator movimento tão logo percebeu o que fazia.

— Sebastian! — elareclamou.

Ele quis simular inocência, mas havia caído preso de seu próprio e infantil jogo e desejava com toda a alma se apoderar da boca dessa mulher.

— Sinto muito — ele se desculpou, — mas é a verdade.

— Não está ajudando.

— Eu lhe facilitaria as coisas se fingisse? — Sentia verdadeira curiosidade.

— Sim. Não. Argg, não sei! A única coisa que sei é que este não é o lugar nem o momento.

Sebastian sabia. Suspeitava inclusive que, se não se controlasse, podia dar por terminada a noite e seu emprego.

— Tentarei me controlar, eu prometo.

Enquanto isso, no outro lado do salão, quatro amigas mantinham uma conversa, totalmente inconsequente, enquanto passavam o olhar entre os convidados.

— Bem, estou escutando, — anunciou a duquesa de Dunham aos três pares de olhos que tão bem conhecia.

— Seu tom foi pomposo — replicou Camile. — Verdade, senhoras?

As demais assentiram com uma ponta de malícia.

— Bem, pode ser que tenha me excedido, mas ainda espero que me expliquem o que aquele homem está fazendo em nosso jantar. Algo a dizer, Deirdre?

— Eu? Por que eu?

— Se pensar bem, resulta lógico — interveio Leonor com seu tom pausado e habitual. — Afinal você é a anfitriã.

— Ah, sim, é verdade — respondeu ela descuidadamente. — enfim, foi um ato de boa samaritana.

Edith, que não possuía uma ponta de tonta, mas sim de impaciente, bufou em resposta.

— Observe com atenção — pediu Camile.

Inquieta, a duquesa bateu o pé no chão com o sapato.

— Já o faço.

— Fíxe-se bem. Olhe para aquele canto do salão, por exemplo.

E seguiram falando à espera de que Edith o visse por si mesma. A idade e a experiência demostraram que algumas coisas, para acreditar, era melhor descobri-las.

Levou uns bons cinco minutos, mas ao fim endireitou as costas completamente, com os olhos arregalados.

— Oh! Oooh! — Afastou o olhar e o fixou em suas três amigas, com expressões ansiosas. — E todas sabiam? — Franziu o cenho quando assentiram. — e por que sou a última a saber?

— Jeremy — asseverou Deirdre.

— Sim — refletiu, — ele pode chegar a ser um problema, mas já me encarregarei eno caso de ser necessário. Então você o convidou com a intenção de...

— Comprovar que não nos havíamos equivocado — concluiu Leonor. — Só de vê-los juntos, nos bastou para perceber que existe algo.

Não tiraram o olho dela. Com discrição, as quatro observaram como o casal se incorporava a diferentes grupos e se lançavam olhares discretos. Às vezes não coincidiam, embora se demorassem olhando um ao outro. Quando se cruzavam, afastavam o olhar com rapidez ou, se fosse impossível fingir, esboçavam um sorriso, que o outro correspondia.

Deirdre olhou de canto de olho para Edith.

— Você se opõe?

— Absolutamente! — exclamou indignada. — Só estou surpreendida, isso é tudo. Parece tudo muito rápido.

— Rápido? — perguntou Leonor. — A que se refere?

— Há quanto tempo eles se conhecem? Um, dois meses? Olhe aquele rubor delator, a tensão que o senhor Field emana.

Camile entendeu o que ela pretendia dizer.

— Acredita que já transpassaram a linha?

— Se não o fizeram, não falta muito.

— São adultos — replicou Deirdre. — ela é viúva.

— Suponho — interveio Leonor, — que pense que é precipitado.

— Exato!

— Mas leve em conta, — ela continuou — que o contato deles é diário e constante. Não há comparação.

— E, além disso, — interveio Camile, — como sei que você sabe, nem todas as relações podem ser concebidas como as nossas, de longa duração.

— Sei isso. Sem dúvida, me preocupo com o senhor Field.

— Com o senhor Field, mas não com Phillipa? — perguntou Camile.

— Exato. Não estou segura de que ela queira voltar a se casar.

— Nós, melhor do que ninguém, sabemos o que o amor pode conseguir; inclusive arrancar as convicções mais arraigadas — apontou Deirdre.

Todas estiveram de acordo. Todavia, já não puderam continuar falando dele porque os mais jovens da família começaram a se queixar de fome, e a anfitriã e seu marido os acompanharam à sala de jantar.

Capítulo 17

O jantar foi, como sempre, dinâmico e jovial. Os convidados puderam se deliciar com a grande oratória de Jonathan Wells, que relatava perfeitamente as anedotas das viagens que realizava junto a sua esposa. Só Sebastian se surpreendeu, Phillipa sabia, quando o papagaio os acompanhou à mesa e se comportou com verdadeira educação.

Nesse momento, Odethe, tal como o seu tio Jeremy e sua tia Edith, estavam despedindo-se dos anfitriões. Enquanto isso ela permanecia num canto junto a Grace e Marian Elizabeth.

— Mamãe não está muito contente — comentou Grace, revirando os olhos.

— Diz isso por causa dos olhares acusadores que lança à nossa querida prima Phillipa? — Perguntou Marian Elizabeth, contendo o sorriso. — Se continuar com tanta intensidade conseguirá provocar um incêndio.

Phillipa contemplou a ambas e também conteve sua vontade de sorrir. Era óbvio que sua tia Odethe ficou

desgostosa com a presença de Sebastian no jantar; ou, melhor dizendo, o que podia chegar a significar.

— Sei muito bem o que está pensando. Todos o fazemos — enfatizou sem uma ponta de aflição na voz. — Embora tente se conter, a mãe de vocês não sabe muito bem como fingir. Creio seriamente que meu comportamento seja uma fonte de dor de cabeça para ela. Parece que nunca faço o que ela deseja.

— Quem dera nós também pudessemos ser tão independentes quanto você — disse Grace.

A garota lançou um suspiro dramático e sua irmã assentiu.

— Minha situação é bem diferente — argumentou Phillipa. — Sou muito mais velha e viúva. Vocês ainda tem muito que viver.

— Mas você já era assim em nossa idade — protestou Grace. — Lutou para ser enfermeira.

Phillipa franziu os lábios.

— E vocês desejam ser?

Ambas negaram ao mesmo tempo, com um movimento de cabeça.

— Eu quero me casar com um homem de boa posição e ter filhos, mas é difícil achar um com todas as virtudes que nossa mãe pretende, — argumentou Marian Elizabeth com humor, meditando sobre isso. — «Faça isto, se comporte assim, não olhe para quem não deve...» — declarou em voz baixa, tratando de imitar o tom de sua mãe.

— Eu desejava tocar o papagaio de Brandon. Há um par de anos que não os via, nem a ele, nem a Dolores. Sempre tive muito medo de acariciar sua plumagem, embora agora esteja disposta.

— Aquele par é fascinante. — Marian Elizabeth compartilhava dos mesmos pensamentos de sua irmã.

— Mamãe não me deixou.

— Deixe-me adivinhar — interrompeu Phillipa. — Não é próprio de uma dama?

As três explodiram em gargalhadas, atraindo a atenção dos demais durante alguns instantes. A frase foi repetida por Odethe centenas de vezes.

Por que sua tia era tão rígida? Perguntou para si mesmo. Não havia nada de mal em querer acariciar Dolores. Tratava-se de um animal bem educado e simpático, que fazia parte da família dos Wells. Devia recordar a amizade que existia entre Jonathan e seu tio Jeremy, ou talvez se tratasse de um caso perdido?

Odethe sempre havia sido muito apegada aos convencionalismos sociais. Nem sequer quando menina, Phillipa recordava-a como uma mulher dada às frivolidades. Mantinha a compostura, a seriedade e, por que não dizê-lo, severidade; traços que afastavam as pessoas ao seu redor. É claro, ela a amava; seus tios também. Porém, a atitude de Odethe tornava impossível que sua relação fosse mais profunda ou que houvesse mais sinceridade entre ambas. Com os anos, havia aprendido a calar as coisas que aborrecia sua tia. Só as contava quando sabia que seria impossível

escondê-las. Entretanto, Marian Elizabeth e Grace não haviam herdado seu amargo caráter. Pelo contrário, ambas eram joviais e com a mesma despreocupação que todas as jovens deveriam ter na idade delas.

— Oh!, Phillipa. Não permita que mamãe amargue a noite. Aquele seu acompanhante bem o merece — comentou Grace com uma ponta de malícia.

Phillipa levantou os olhos.

— Refere-se ao senhor Field? É somente meu protetor — respondeu de um modo espontâneo, porque dizer aquilo, sem levar em conta o que sentia por ele, havia se tornado um costume.

Suas primas trocaram um olhar risonho, sem acreditar nela.

— Poderia fazê-la engolir suas próprias mentiras. É inegável que há algo entre vocês.

Phillipa ficou tensa diante daquela resposta. Estava surpresa que suas primas, de apenas dezessei anos, fizessem aquele tipo de insinuações.

— Não estão pensando que...?

Deixou a pergunta no meio. Talvez não tivesse sido uma boa ideia que Sebastian fosse ao jantar.

— Pode estar tranquila. O que há entre vocês não é de nossa conta — esclareceu Marian Elizabeth. — E agora, Phillipa, nós também devemos nos despedir dos anfitriões — disse ao ver que sua mãe as chamava para ir. — Nós ficamos muito alegres em revê-la.

As três se deram alguns afetuosos beijos nas faces e Phillipa ficou sozinha e pensativa, enquanto diversas questões assaltavam sua mente.

Quantos convidados haviam percebido que a relação entre ela e Sebastian era mais íntima do que deveria ser?

Era por isso que seu tio e Edward conversaram a sós com ele? Sebastian não havia contado nada, mas bem poderia ser.

Acontecia o mesmo no hospital ou nas ruas? E se isso acontecia, por acaso possuía importância para ela? Por um lado, temia que isso repercutisse em rumores mal intencionados. Por outro, estava acostumada que seu nome ressoasse pelos bairros londrinos. Disse a si mesmo que enquanto essa situação não compromettesse seu trabalho como enfermeira, deixaria que sua relação com Sebastian evoluísse de forma natural. Então quando ele se aproximou, seus pensamentos se transformaram, dando passagem a outros muito mais prazerosos.

Phillipa conteve a vontade de comprovar se a carruagem de Sebastian de verdade a seguia. Ambos sabiam que não era necessário escoltá-la até sua casa. De outro modo, algum de seus parentes a teria acompanhado. Era uma mera desculpa e ela entendia como tal.

O que ele pretendia?

Talvez subisse na carruagem para poder beijá-la como lhe havia explicado com tantos detalhes. «Absorvê-la toda?». Tal como quando as disse, o calor que as palavras evocavam a percorreu inteira. Um formigamento a deixou um feixe de nervos. Esteve a ponto de se colocar em evidência. Como havia se atrevido a falar assim, quando não os separavam nem dez passos dos demais? E agora, até mesmo a capa parecia incomodá-la.

Era verdade o que diziam quando asseguravam que a mordida do desejo era tão efetiva quanto audaz. Ela jamais havia experimentado a sensação de se sentir tão nua e vulnerável em frente aos olhos de outro ser humano mesmo estando tão decente como sempre. Agora, depois daquele beijo e dos incidentes isolados aos quais não faria menção alguma, — mas, que ainda estavam presente como a espada de Damocles, — necessitava de mais.

Havia se sentido uma qualquer ao desejá-lo daquela forma tão pouco digna, mas sentir que ele padecia do mesmo mal, não só não a apaziguava, mas também aumentava a percepção que possuía de si mesmo, e incluía ele. Se não parasse de se ruborizar, a esse passo, ninguém duvidaria do desejo que a consumia. Durante o jantar havia feito um esforço hérculeo para que seu corpo não respondesse aos olhares insinuantes e cálidos dele. Em alguns momentos até mesmo havia fechado as pernas com força para deter o tremor interno que notava em suas partes mais íntimas. Havia se deitado com Charles e ele esteve em seu interior, mas nem de longe se assemelhava a esse terremoto interno que sentia.

Necessitava algo — não sabia bem o que — e começava a se desesperar por ele.

O peito quase explodiu quando a velocidade da carruagem começou a diminuir. Passou uma mão pelo rosto numa tentativa de refrear as batidas de seu coração.

— Santo Deus, foram apenas algumas palavras!

Mas havia sido o tom que lhes havia conferido e como a olhava o que a havia acendido completamente. Ela o desejava com tanto fervor que, se não recebesse um beijo, acreditava que enlouqueceria. Não podia comparar com quando regressaram do Savoy e soube que iria beijá-la. Jamais havia se sentido tão abandonada às suas emoções.

Desconhecia-se completamente.

Soube que acabaria se colocando em ridículo se não se refreasse. Temia dizer algo que terminasse envergonhando-a.

Devia evitar, então, que ele a encurralasse dentro do veículo? A consciência afirmava duramente que sim. Mesmo assim, só de pensar em se deitar sem ter sentido a boca dele novamente a fazia sentir um mal estar quase físico.

— Estou ficando louca — sussurrou no silencioso interior da carruagem. Eu não sou assim.

Mas então soube que não era verdade. Era suficientemente madura para se reconhecer como uma mulher apaixonada. Seu amor pela enfermagem o confirmava.

A porta foi aberta de repente e Phillipa se sobressaltou quando viu o cocheiro. Nem sequer havia se dado conta de que já haviam parado. Quase caiu em seu afã por saltar à calçada. De certo modo, encontrar-se ao amparo do ar

noturno londrino era muito melhor que se ver limitada e sucumbir à tentação.

Alcançou a porta de sua casa quando o veículo de Sebastian virava a esquina.

Durante alguns segundos concebeu a ideia de entrar e evitar algo que lhe provocava um sentimento contraditório. Sem hesitar, esperou alguns minutos. Ela o viu saltar com a mesma agilidade de um gato ao se aproximar dela. Phillipa sentiu um novo estremecimento. Deu um passo para dentro e deixou que ele fizesse o mesmo.

Não terminou de fechar a porta.

— Co... como vê, cheguei em casa sã e salva. — Ele a deixava nervosa porque a olhava com tanta intensidade. — Já é tarde e...

— Os serventes dormem?

— Uh... sim.

E de repente se viu assaltada pela boca dele e perdeu a pouca compostura que lhe sobrava.

Não lutou. Para quê. Desejava com todas as suas forças o que estava acontecendo. Sebastian a forçava a abrir a boca, mas ela queria fazê-lo e dar a ele tudo que pedisse a ela. Embora também pedisse. Imitando e seguindo seu instinto, Phillipa mordiscou, chupou e suspirou. O sabor do homem era como um elixir que a embriagava e que lhe impedia de raciocinar com clareza.

Uma euforia desconhecida a percorreu de cima abaixo e se agarrou com força a jaqueta de Sebastian. O beijo era

selvagem, e sentia que não era suficiente. Ela queria tudo ao mesmo tempo.

«Dê-me mais. Dê-me mais».

E justo quando sentia que era arrastada por um furacão, Sebastian afrouxou o seu abraço e, em vez de se sentir devorada, ele começou a lhe dar beijos mais lentos.

Gemeu em protesto.

Ele não lhe deu atenção e abandonou seus lábios, deslizando a boca pelo queixo dela e foi baixando até ao pescoço.

Sentiu um repentino estremecimento e abandonou seus ombros para agarrar e enredar os dedos no cabelo bem penteado.

— Peça-me que fique — murmurou assim justamente na pulsação que latejava descontrolada.

Phillipa ficou quieta, incapaz de reagir e sentindo que todo o sangue se acumulava num só lugar. Não fingiu não ter ouvido. Atreveria-se?

Sebastian esperou sem se mover, embora sua língua continuasse lambendo a pulsação irregular. Deixava-lhe a decisão. Sim ou não. Ceder à paixão, ou ser sensata.

Puxou ele para que visse em seus olhos a resposta antes de abrir a boca.

— Fique.

Recebeu um beijo demolidor que durou apenas alguns segundos, mas que a deixou com as pernas como se fossem gelatina.

Tratou de se recompor no breve lapso de tempo no qual Sebastian se assomou a rua e despachou o cocheiro. Ela arrumou o cabelo e lhe surpreendeu notá-lo intacto. Havia suposto que a paixão avassaladora que haviam mostrado teria sinais físicos evidentes.

Deixou-se apoiar na parede e olhou para Sebastian, que fechava a porta da rua com suavidade, mas com firmeza.

Não havia dúvida do que seus olhos expressavam.

— Phillipa... — Deteve o que queria dizer e passou os dedos pela testa num gesto nervoso. — Queria ir devagar, beijar como você merece, mas a vi e...

Parecia impotente, um vivo reflexo do estado que não a havia abandonado parte da noite e durante a volta para casa.

— Não se aflija. — Aproximou-se e lhe tocou o rosto. — Eu desejava o mesmo.

Ofereceu-lhe a mão enluvada e ele aceitou o oferecimento mudo. Quando seus dedos se entrelaçaram, Phillipa sentiu uma sacudida em seu ventre e soube, pela expressão que ele demonstrava, que Sebastian acabava de sentir algo muito parecido.

Na qualidade de viúva, Phillipa não era inocente nem virginal. Como enfermeira, não havia nada do ato sexual que considerasse um mistério. Ao seu parecer, era uma manobra de acoplamento que servia para dar vida e que alguns tantos românticos haviam conseguido moldar a sua vontade até fazer parecer um momento especial e mágico. Sem dúvida, quando Sebastian colocou um pé em sua espaçosa sala, sentiu que esta encolhia.

Com cuidado, deixou a lâmpada de gás na mesinha que havia atrás da porta e notou que sua mão não parecia muito estável. Quando se virou, Sebastian estava agachado, reavivando as brasas da lareira. Colocou um tronco e permaneceu alguns segundos assim, agachado, olhando o fogo, que pouco a pouco começava a se avivar enquanto a chama lambia a madeira; primeiro com suavidade, depois com mais força.

Apoiou-se num dos quatro postes que delimitavam a sua cama e sentiu seu frescor no pescoço ardente. Com as mãos ainda enluvadas, agarrou-se a ele e as deslizou pela suave madeira polida com uma sensação desconhecida que reverberava em seu próprio corpo sacudindo seu estômago.

Ele a olhou e se levantou devagar, sem destruir um ápice o contato visual. As chamas, que já haviam cobrado vida, se levantavam furiosas atrás dele, que, com seu traje escuro e branco, as tampava. Quanto mais o olhava, mais dolorosamente bonito lhe parecia.

Foi se aproximando pouco a pouco. Os tapetes de lã que protegiam o frio absorveram seus passos e ela sentiu em sua própria pele o silêncio de suas pisadas.

— Você é uma criatura esplêndida, — disse ele.

E, apesar de sua feiura, Phillipa não duvidou dele nem por um instante. De fato, ali, com ele, se sentia magnífica.

A sombra masculina se refletiu na parede. Elevava-se enorme e majestosa dançando sobre o papel pintado. Soltou um suspiro de prazer. Nunca poderia apagar de sua mente essa cena. De dia ou de noite, Sebastian se levantaria como

vencedor, dominando cada canto de seus aposentos privados com sua força e sua presença.

— Vire-se.

Ela obedeceu. Deixou-se seduzir pelo tom tranquilo e a falta de pressa. Para eles, o mundo não existia e possuíam um tempo ilimitado para se descobrirem.

Agora, olhando à coluna e apegada a ela, notava Sebastian. Havia se aproximado tanto que sentia seu fôlego na nuca e conseguia que seu próprio corpo se apertasse ansioso contra a madeira, esperando um alívio indefinível.

— Vou tirar sua roupa muito devagar — ele anunciou contra seu pescoço.

Um espasmo a sacudiu inteira e ela se sentiu envergonhada no mesmo instante por essa falta de controle. Não obstante, se deixou levar. De costas para Sebastian ficou com seus sentidos mais aguçados. Tremia e gemia conforme o homem ia desabotoando, soltando e deixando o vestido cair ao chão. Quando já estava somente com as luvas, as meias de seda e a camisa, ele se aproximou tanto que não lhe foi difícil notar a evidência de seu desejo, pelo qual quis se virar. Aquela passividade a estava matando. O que ela precisava era tocá-lo.

— Sebastian — ela protestou, frustrada, quando ele a impediu.

— Shhh, paciência.

Com a mesma suavidade, a mão masculina deslizou pela perna e escolheu o caminho ascendente que subiu e subiu e subiu... até que a tocou justamente ali, em seu núcleo, que

recebeu o seu dedo ansioso e se abriu gostoso para lhe dar as boas vindas.

— Deus bendito! — ouviu-o exclamar, mas Phillipa não fez caso. Só estava ciente da crescente sensação que a invadia a cada movimento do dedo, que saía e entrava acompanhado de uma delatora umidade.

Quando o ritmo cresceu, ela começou a balançar os quadris, quando um calor tão potente quanto inesperado surgiu em seu interior e alguns espasmos de prazer a acompanharam até quase desfalecer.

Virou-a e, desta vez sim, ela se apoiou nele, já que ele a sustentava. Jamais havia experimentado algo parecido mesmo tendo ouvido falar da pequena morte.

— Foi... — Sacudiu a cabeça tentando clarear as ideias, mas recebeu um beijo lento e profundo que a fez encolher os dedos dos pés.

De repente, a ânsia voltou a aparecer. A roupa que Sebastian usava atrapalhava e o separava dela. Com movimentos rápidos e frenéticos, ele tirou as luvas dela, sua jaqueta, o laço e a camisa. Quando finalmente percorreu o peito masculino com as mãos, ela se sentiu poderosa. A pele era suave e sentia um prazer imenso ao notar a tensão dos músculos por onde passava.

— Eu o desejo — sussurrou maravilhada. Sentia-se viva de um modo maravilhoso. Capaz de grandes ferocidades se o propusesse e cheia de uma energia e de uma percepção que não era habitual. Desejava tocá-lo e satisfazê-lo; dar-lhe o

mesmo prazer que ele lhe havia proporcionado. — Quero lhe dar o mesmo prazer.

— Já o faz. — Permanecia quieto, com os braços a cada lado do corpo, e deixando que ela o explorasse.

— Mas eu não fiz nada — ela protestou. Suas mãos buscaram as costas e suas unhas deslizaram com suavidade pelas omoplatas.

— Não precisa fazer nada em particular. — Lhe brilhavam os olhos. — Seu perfume, sua boca, o movimento dos quadris quando anda. Tudo em você me enloquece.

Phillipa se sentiu especial. As palavras de Sebastian eram um aliciante que emprestava vida ao seu próprio desejo.

— Beije-me! — ele ordenou, embora fosse ela própria quem abarcou o rosto dele com as mãos e o atraiu à sua boca.

A partir daí, os movimentos deixaram de ser coordenados.

Sebastian foi o primeiro a se ver livre de toda roupa e Phillipa o olhou maravilhada. Aparentava fortaleza e aqueles músculos davam fé disso. Sem dúvida, nunca havia visto algo mais simétrico e proporcionado. Sentia cócegas nas pontas dos dedos em seu afã por acariciar cada parte do corpo dele.

Quando ele se inclinou e tirou as meias dela, acompanhou o movimento com a boca e a língua. Phillipa fechou os olhos e se agarrou aos lençóis. Quando sentiu o fôlego dele em sua entrada, deu um pulo. Não se importou com a curta risada que ouviu, porque, uma vez que notou

como ele a abria e a lambia, o que veio depois a fez deixar de pertencer a si mesma.

Pouco depois, Sebastian voltou a aumentar o ritmo e dessa vez, esgotada, ela agradeceu. Recebia com gosto os beijos suaves que ele lhe dava em qualquer lugar que ele escolhesse. Aquilo mitigava as forças que lhe estiveram arrastando. Até que ele falou:

— Toque-me, Phillipa.

A voz rouca acariciou sua alma, mas quando ele tomou a sua mão e a guiou, sentiu que voava. Que dureza. Quanta suavidade. Que calor emanava.

Com Charles nunca sentiu a curiosidade e ele nunca lhe pediu que o tocasse. Só era um instrumento de penetração que agora a agradava como um capricho divino que se inchava e se transformava diante de seus olhos.

Tocou-o como ele pediu.

A cada gemido dele, Phillipa notava que a tensão aumentava. Gostou de vê-lo apertar os dentes enquanto se negava afastar o olhar do dela. Sentia-o vivo entre suas mãos. Era ela quem provocava aquela reação. Ele a desejava com loucura, podia vê-lo. E esse mesmo desejo aumentava o dela.

Quando um grave e prolongado gemido reverberou na garganta de Sebastian, Phillipa se sentiu possuída por uma pressa que surgia da necessidade imperiosa que a dominava.

— Sebastian...

Queria exigir dele, suplicar, mas as palavras morreram quando ele a tocou ali. ALI!

Arqueou-se tanto que por um instante soube que poderia se romper se ele continuasse.

— Não!

— Não?

— Não! Sim!, Deus!, sim!

Então ele a penetrou.

Não foi lento, nem cuidadoso, mas ela o quis assim. Apertando-se, os dois corpos foram se acoplando. Marcaram um compasso ligeiro que se descontrolou no mesmo instante e Phillipa se sentiu livre para marcá-lo; um ritmo louco.

Só precisaram de um empurrão a mais e, novamente, o mágico toque no lugar adequado para transbordar. Sebastian bebeu o grito que Phillipa foi incapaz de silenciar. Era um grito de glória, de liberdade. Recebeu com gosto os espasmos do próprio corpo, assim como os estremecimentos daquele homem que se mantinha em seu interior.

Por um único instante, ambos se derrubaram e as respirações seguiram o mesmo compasso em uma sala silenciosa.

Por um só instante, Phillipa desfrutou dos corpos suados e se negou a se afastar dele quando tentou.

Por um só instante, Phillipa entendeu tudo.

Por um só instante...

Capítulo 18

O quarto foi se iluminando enquanto Sebastian jogava o laço em cima de um banco. Apoiou-se na parede e olhou sem ver, sua sala.

Continuava comovido. Fazer amor com Phillipa foi uma experiência grandiosa que marcava o antes e o depois, não só em seu trabalho como protetor, mas também a sua vida.

Suspirou e se sentou na cama para tirar os sapatos.

Ficar incomodado de abandoná-la. De fato, ela não parecia muito contente quando lhe anunciou que era melhor para sua reputação que ele fosse embora. Porém, sabia que havia feito o mais conveniente. Apenas algumas horas antes, tanto o duque de Dunham quanto Hansberg lhe haviam advertido de forma, mais ou menos, velada que ele não brincasse com Phillipa. Não se tratava de que tivesse que jurar de pés juntos, mas o correto era o correto.

Descalço, colocou água limpa na bacia e lavou o rosto. Ao se secar olhou-se no espelho incrustado e não notou nenhuma mudança substancial, mas ele sabia que havia mudado. O que havia acontecido naquela noite havia mudado tudo.

Ela a desejara assim que a ajudou a descer da carruagem e seu desejo foi se intensificando durante toda a noite no lar dos McDougall. Sim, sua intenção ao acompanhá-la até em casa não havia sido por puro altruísmo. Pretendia roubar um beijo dela que confirmasse o que sentia. Por isso, quando comprovou em sua própria pele a entusiasmada resposta de Phillipa, seu embotado cérebro não soube conter a exigência.

Ela havia superado em muito, qualquer fantasia que houvesse concebido. A necessidade que havia percebido nela o havia aprumado e foi incapaz de responder de outro modo. Havia entregue a si mesmo.

E agora seguia aturdido. Enquanto o amanhecer se anunciava entre as cortinas e a rua regressava à vida, Sebastian se perguntou como Phillipa reagiria em plena luz do dia. De fato, em três horas voltaria a estar em frente a sua porta disposto a escoltá-la até St. George para permanecer com ela a cada minuto que o dia dispusesse.

O tempo passou tão veloz que seu coração quase se deteve quando a viu sair de casa. Ele a esperava em frente a carruagem e parecia uma típica tarefa diária deles. Phillipa vestia-se como sempre e Sebastian sentia que se afogaria diante da imperiosa necessidade de beijá-la que voltava a sentir.

Demônios!

— Bom dia — saudou ela.

Ela sorriu como se não houvesse acontecido nada, mas para Sebastian, até mesmo pegar a mão enluvada para ajudá-

la a subir lhe provocava calafrios.

Estava mal, muito mal.

— Bom dia.

Por sorte, não havia soado muito forçado. Mesmo assim, quando subiu após ela e fechou a porta, puxou Phillipa, que já estava sentada.

— Auch! — protestou a mulher quando o puxão, somado ao início da marcha, a precipitou aos seus braços com pouca delicadeza.

— Bom dia, — repetiu Sebastian com suavidade olhando-a nos olhos.

E a beijou.

Apesar da rudeza do trato, quis ser doce e dar-lhe espaço para reagir se ela assim desejasse. Lambeu e tateou até que sentiu que Phillipa enroscava seus braços atrás dele e que se abria por vontade própria; sem dúvidas, nem vacilações.

Não acelerou o ritmo. Brincaram e se saborearam como dois amantes que possuíam todo o tempo do mundo. Nunca havia beijado uma mulher numa carruagem e lhe parecia uma sensação pecaminosa. Gostava que sua primeira vez fosse com ela.

— Sebastian.

Seu nome em seus lábios lhe parecia perfeito. Aquele som rouco que lhe assegurava que ela não demoraria a perder o controle era único e incomparável. E ele não estava muito melhor.

Com um esforço titânico, afastou-se de seus lábios para passar a dar diminutos beijos na comissura da boca, na face,

nas pálpebras... até chegar à testa. Ali permaneceu alguns segundos, quieto, tentando reestabelecer as batidas de seu coração. Devia se acalmar. Ambos.

Ela foi a primeira a jogar o corpo para trás e olhá-lo.

— Muito bom dia, — soltou Phillipa com um meio sorriso.

Ele o devolveu.

— Era o menos que eu merecia.

Ela se levantou do colo dele e ficou a sua frente, arrumando a touca e alisando as possíveis rugas da roupa. Sebastian se sentiu órfão, embora não a deteve.

— Uma mulher poderia se acostumar com estas coisas.

Algo lhe tocou o peito ao ouvi-la. Coisa curiosa. Não esperava isso dela, nem que ele reagisse desse modo ansiando, como resposta.

Soube que seu rosto refletia parte das emoções que sentia, porque ela perguntou:

— Eu disse algo errado?

Havia dito?

— Absolutamente. Talvez eu esteja um pouco surpreso, só isso. — Não verbalizaria nada mais até que ele mesmo não houvesse analisado com cuidado.

— Esperava uma reação diferente, eu suponho.

— Não. Ou, talvez sim. Não sei. Não havia imaginado nada, embora talvez mais reticências por sua parte.

Ela pareceu refletir sobre aquilo e Sebastian lhe permitiu fazê-lo em silêncio.

— Evidentemente, não que eu vá me sentir muito cômoda falando disso, mas me considero uma mulher prática e não

vou me negar algo que desejo.

— E deseja a mim?

Phillipa o olhou apenas por alguns segundos e Sebastian sentiu uma repentina tensão em seu ventre.

Santo Deus, ele estava a mercê de suas emoções!

— Suponho que na noite passada não deixei tão claro, se ainda me pergunta.

A frase foi dita com desenvoltura, mas as incipientes marcas vermelhas de suas faces lhe indicavam que ela não se sentia tão a vontade quanto sugeria.

— Não poderia ser mais transparente, acredite. Passei as últimas horas rememorando seu fervor, o sabor de seu corpo e suas carícias.

O rubor aumentou. Ele gostou do que viu.

— Nesse caso...

— Nesse caso creio que voltarei a tentar que se repita.

O luminoso sorriso de Phillipa foi resposta suficiente. Precisou se conter para não abraçá-la ou fazer algo que comprometesse os dois. Olhou pela janela e soube que lhes faltavam apenas alguns minutos para chegar a seu destino. De momento conteria seu entusiasmo, mas não hesitaria em aproveitar qualquer oportunidade que se apresentasse no hospital. Agora não era o momento de se perguntar por que estava tão iludido quanto um jovem imberbe diante da primeira namorada. Não olharia mais além, apenas se limitaria a aproveitar o presente.

Com essa perspectiva otimista enfrentou mais um dia carregado de trabalho. Só uma vez pode beijá-la e apenas por

um minuto — mas valeu a pena, — no escritório de Phillipa. Sabia que não teria outra oportunidade, porque nesta tarde voltariam a sair. Phillipa teria algumas visitas rotineiras a domicílios e Sebastian precisou se endurecer novamente. Ficou atento quando a instruiu acerca das consequências sobre o excesso de confiança com o cliente ou, como era o caso, um grau maior de intimidade. De repente sentiu que não estava à altura e precisou se esforçar para não se preocupar muito e concentrar-se no que melhor sabia fazer: Proteger.

Por sorte, a saída daquele dia havia transcorrido sem incidentes. Pouco haviam se afastado de Sutton Street e as mulheres que os haviam recebido os trataram com respeito e amabilidade. Parecia que Phillipa voltava a ficar de bom humor, embora parecesse cansada.

— Estou desejando terminar minha jornada de trabalho — assegurou, como se houvesse feito eco de seus pensamentos. — No momento não desejo nada mais que um bom banho, uma refeição ligeira em minha sala e me meter na cama.

No mesmo instante, a palavra «cama» agitou o desejo que Sebastian havia conseguido controlar desde que saíram do hospital.

— Um dia duro — afirmou, em troca. Não era o momento nem o lugar.

Phillipa assentiu com tristeza.

— O pior foi a morte de uma das pacientes. Estava resignada.

— Sei o quanto gostaria de poder salvar todas. — Havia chegado a compreender a devoção com a qual realizava seu trabalho, embora não fosse única. A maior parte do pessoal do St. George estava ali por um verdadeiro desejo de ajudar aos demais.

— É uma quimera, não é verdade?

— Salvar a todos? Sim, é impossível. Ninguém pode conseguir isso, mas me parece bonito e nobre o que pessoas como você tentam fazer.

Phillipa pegou no braço dele e o apertou como um sinal que ele interpretou como de agradecimento. Ajudou-a a cruzar a rua reparando na satisfação que sentia de tê-la assim, tão perto dele. Não se tratava de uma novidade. O que acontecera na noite passada não havia mudado o que sentia, mas sim, havia intensificado.

— Gosto que você pense assim. De fato... — deixou as palavras flutuando no ar e se deteve de improviso.

O movimento inesperado o surpreendeu e Sebastian ficou tenso em resposta. Olhou a ambos os lados da rua — que nesse momento apresentava uma parte da calçada, coberta de terra — e não viu nada suspeito com exceção de um grupo de pessoas reunidas mais adiante.

Comprovou que Phillipa já não lhe prestava atenção e se concentrava nas pessoas reunidas perto da carroça de um ambulante.

— Que acontece? — Ele perguntou contrariado. É claro que a enfermeira não respondeu. Seria pedir muito.

Phillipa se desprendeu do braço de Sebastian E, em vez de continuar adiante, virou para o lado, onde se encontrava o ambulante.

Nem ela mesma sabia o motivo de sua curiosidade. Só tinha certeza de que ao ver aqueles homens e mulheres havia despertado uma chispa em seu cérebro. O pensamento, sem dúvida, havia sido muito rápido e efêmero para retê-lo e agora sentia a necessidade de que voltasse.

Aproximou-se com cautela. No mesmo centro se encontrava uma carreta pequena, das que não se precisava de um cavalo, somente a força de uma pessoa. Atrás dela, um vendedor ambulante vociferava e gesticulava excessivamente numa tentativa de atrair a atenção dos transeuntes.

Dentro da carreta havia três caixas de madeira cheias de frascos de tamanhos diferentes: alguns eram tão pequenos que cabiam na mão e outros, altos e esbeltos. O cristal também variava. Havia os de cor branca, verde, azul, ou até mesmo com letras incrustadas. E a tampa, do mesmo cristal que os frascos.

— Purgantes de cevada, tônicos de menta para as lombrigas, xaropes para as cólicas...! — gritava com esmero, ao mesmo tempo, que conseguia vender um par de frascos por um preço que ela não conseguiu entender, embora soubesse que não era muito.

Quando Phillipa se deu conta de que dispensavam produtos medicinais como remédio milagroso de duvidosa

qualidade, assegurando melhorias que nunca se davam, franziu o cenho, desgostosa. Aquele tipo de homens jogava por terra seu trabalho de enfermeira, assim como a dos médicos do mesmo hospital, pois se aproveitavam da desinformação e da ignorância daquelas pessoas.

Ia lançar uma réplica mordaz para deixá-lo em evidência diante dos demais, mas se deteve durante alguns segundos para observar como se desenvolvia. A voz do homem era forte e se dirigia aos potenciais clientes com segurança.

Por um momento, seus olhares se cruzaram e, ao captar o interesse em seus olhos, ele lhe dedicou toda sua atenção.

— Conhece os benefícios da menta? — Ele lhe perguntou, levantando uma sobrancelha. Embora ele olhasse para Phillipa, todos os congregados em frente da carreta o estavam escutando. Ela assentiu com cautela. — Ajuda durante a digestão e estimula o apetite dos enfermos.

Phillipa mordeu a língua e, esboçou um sorriso.

— Posso cheirá-lo?

Seu tom soou inocente. Porém, conseguiu que o vendedor se movesse nervoso. Quase imperceptivelmente.

— Por quê? — Ele replicou com demasiada estridência. Ao se dar conta, tratou de recuperar o tom cativante que usava com as pessoas da rua. — Este tônico, senhora, é o melhor que encontrará em Londres. Ademais, pode usar também com as crianças.

Ela se mostrou interessada.

— Ah, sim?

— É claro! Você tem filhos?

Phillipa voltou a assentir.

«Para você, os que for preciso».

— Cinco crianças — Ela declarou com total desfaçatez, apontando para Sebastian, que se encontrava logo atrás dela, desconcertado por seu comportamento. — Todo um orgulho para seu pai. — Phillipa fez uma pausa e se aproximou com tranquilidade à carreta, olhando os frascos um por um. Com os dedos foi acariciando-os até se deter nos que possuíam uma etiqueta na qual se podia ler «lombrigas». — Meu pequeno John tem lombrigas. Acredita você que isto o curará?

Phillipa procurou parecer uma mãe preocupada pelo bem estar de seu filho.

— Dou minha palavra — afirmou o vendedor, com o peito cheio de orgulho. — Cura garantida.

«Ora!», exclamou enfurecida sua voz interior. A palavra dele não valia nada. Sem dúvida, seguiu com sua estratégia.

— Eu... Meu John tem uma saúde delicada. Não posso dar-lhe qualquer remédio.

O homem cabeceou.

— Compreendo, compreendo. — Pegou o frasco e o mostrou para conseguir convencê-la. — Logo verá como isto o aliviará.

Ela franziu o cenho.

— Aliviará? Então não cura?

O vendedor soltou uma risada, contagiando às demais pessoas.

— É claro que sim, mulher! Só queria dizer que o garoto se sentirá muito melhor.

— Deixe-me cheirá-lo — ela pediu pela segunda vez e Phillipa se deu conta de que o homem resistia. — Há algum problema com ele? — Ela perguntou elevando a voz, ao mesmo tempo, que ambos acapanhavam todos os olhares.

Ela o viu engolir a saliva.

— Nenhum — ele disse, sem dúvidas.

Phillipa aproveitou a oportunidade para estender a mão, à espera de receber o frasco.

Novamente notou sua reticência.

— Não posso entregá-lo — declarou sério.

— Por quê? — Quis saber ela.

— Você poderia ser uma ladra que pretende me roubar o remédio.

— Uma ladra! — Exclamou ela com indignação.

— Eu também tenho bocas para alimentar — tratou de se defender. — Não a conheço. Quem diz que não está me enganando? — Ele disse aos demais ouvintes, que assentiram dando razão a ele.

Phillipa levantou os ombros. A ira bulia em seu interior cada vez com mais intensidade.

— Meu pequeno John é muito delicado. Não tomará se não gostar do cheiro.

Sem chegar a confiar totalmente, o homem abriu o frasco e, sem soltá-lo, o aproximou um pouco de Phillipa. Ela se inclinou à frente e tratou de cheirar a menta. Sem dúvida, não percebeu seu aroma.

Usou seu tempo para não se equivocar, se bem que estava convencida que aquela beberagem não era nada

recomendável.

— Por você ser tão bonita — ouviu ele dizer, enquanto isso, para tentar conseguir aquela venda difícil, — se comprar o remédio para as lombrigas, darei um unguento para irritação da pele.

Escutaram risadas debochadas ao fundo. Evidentemente, ninguém acreditava que Phillipa fosse bonita, muito pelo contrário. Só era um estratagema do vendedor.

Sebastian não reagiu como os demais. Apertou os punhos e enfrentou a todos.

— Algum problema?

Os homens emudeceram e algumas mulheres se retiraram com discrição. O vendedor, que não desejava nenhum tipo de confusão, fez o que pode para aplacá-lo.

— Eh!, amigo, acalme-se.

Sebastian lançou a ele e aos demais um olhar furioso.

— Ninguém ri dela na minha frente — advertiu-os. — Alguém tem algum problema com isso?

Desconcertada, ela o contemplou durante um instante sem saber o que fazer. Detestava que brigassem por ela, e muito mais se fosse devido a seu aspecto. Com o passar do tempo aquelas humilhações doíam menos.

— Sebastian — murmurou com voz tranquilizadora, — o senhor...

Olhou para o vendedor, esperando sua resposta.

— Marfleet — titubeou o homem.

— O senhor Marfleet não pretendia me ofender.

— Por todos os diabos, juro que não, — ele se apressou a responder antes que o esposo da mulher resolvesse usar os punhos.

— É seu modo de falar — ela explicou.

Sebastian estudou todos os rostos, que o olhavam com tensão. Quando Phillipa o puxou para trás com suavidade, se deixou levar, relaxando os músculos da mandíbula. Mesmo assim, apresentava um aspecto ameaçador.

O vendedor esfregou as mãos sobre a calça para se desfazer do excesso de suor. Debatia-se internamente sobre o que fazer em seguida: se seria melhor recolher suas coisas e abandonar o lugar. Após aquele incidente duvidava que muitos clientes se aproximassem. Pelo menos durante um bom tempo. Sem dúvida, a mulher feia que tentara comprar o tônico não parecia disposta a partir após ter apaziguado seu esposo.

Ao final, fez caso de seu afã mercantil.

— Senhora, já se decidiu pelo remédio? Faço um melhor preço, pelas moléstias causadas.

Sorriu com afabilidade, mas não tirava o olhardo esposo dela.

Phillipa duvidou. Sua primeira intenção havia sido desmascarar o vendedor e a farsa medicinal em frente aos demais. Não obstante, após a explosão de Sebastian, as pessoas estavam se dispersando e ninguém mais parecia interessado.

— Não sei — ele hesitou. — Não tem cheiro de menta — disse de um modo mais irritado do que pretendia.

O senhor Marfleet enrugou o a testa, aborrecido pela situação. Aquele casal havia espantado os clientes. Pelo menos devia assegurar aquela venda.

— Um xarope para clarear a garganta, então? Ou prefere um para a febre? As crianças sempre andam com febre e resulta que tenho um produto muito bom para combatê-la.

Se abaixou por um momento. De um saquinho tirou um frasco de cristal marrom escuro sem etiqueta.

Ao reconhecê-lo, Phillipa ficou sem folego.

«É o mesmo!», gritou sua voz interior, tratando de dissimular. Só dois dias antes, após falar com o senhor Helps, Martin havia confirmado que a medicação que comprou para sua esposa procedia de um vendedor ambulante. De fato, isso devia significar que não estava completamente louca e que todo o tempo esteve certa: as mortes de Lily e Tilly possuíam relação.

Com aquela idéia na mente, enfrentou o senhor Marfleet. Devia chegar de imediato ao fundo da questão.

— Onde pegou isso para vender? — perguntou com o olhar cravado nele e num tom acusatório. — Já vi isto antes.

Ela o viu ele dar um salto para trás e retirar o braço com brusquidão, retendo o frasco com sua mão fechada.

— Será melhor que partam. Estão me dando muita dor de cabeça.

Os olhos de Phillipa começaram a brilhar.

— Caramba, não penso fazê-lo! — protestou ela com intensidade. — Você não é um boticário, mas sim um charlatão que vende produtos fraudulentos.

— Como se atreve?

Durante um instante, o rosto do homem refletiu genuína indignação, mas um gesto sutil com os lábios convenceu Phillipa de que ele sabia da pouca efetividade de seus remédios. E se isso já era grave por si, teria que acrescentar que o xarope para febre provocava efeitos devastadores nas pessoas. A única coisa que não sabia com certeza era a quantidade de pessoas afetadas até então. Foi uma rara coincidência ela ter estado com Lily e Tilly, isso devia significar que não eram as únicas.

Agitou a cabeça e tirou algumas poucas moedas.

— Quero comprar um frasco.

O senhor Marfleet a examinou antes de retroceder, guardar o frasco no saquinho e fechá-lo com uma corda.

— Não. Primeiro me ofende e depois quer comprar um dos meus produtos?

Seus movimentos haviam ficado um pouco erráticos, até que começou a guardar todos os seus produtos nas caixas, disposto a partir o quanto antes.

Phillipa se inquietou. Precisava de uma mostra.

— Deveria sair correndo para denunciá-lo! Esse frasco é puro veneno. — Na realidade não sabia ao certo o que continha, só que o senhor Shaw havia se equivocado em suas conclusões. Pediria que voltasse a analisá-lo. Duas vezes, se fosse necessário. Ao perceber que o homem continuava recolhendo suas coisas, Phillipa colocou as mãos em uma das caixas de madeira, tentando retê-la. — Pelo que sei, esse xarope já causou duas mortes. Só Deus sabe quantas mais.

Por um momento, suas palavras fizeram efeito nele. Ela a olhou com a boca aberta e o rosto descontrolado. Suas mãos tremiam ligeiramente.

— Mente — eles sussurrou.

Tratou de recuperar a caixa puxando com força. Phillipa quis impedir, mas ele não a soltou.

— Posso provar. Tenho testemunhas que confirmarão que o compraram de você, — ela o ameaçou.

Na verdade, nem a mãe de Tilly nem o senhor Helps haviam dado uma descrição do vendedor. Mas, sem dúvida, estava convencida de que o reconheceriam.

— Phillipa — chamou Sebastian.

— O quê? — Ela respondeu enquanto sua mente tentava conseguir uma prova real, por pequena que fosse.

Ele se aproximou, pegou-a pelo braço e a afastou de ouvidos indiscretos.

— Phillipa, seria prudente que não o provocasse muito. Poderia ser perigoso e você está muito alterada.

Aquele comentário a fez franzir o cenho.

— Alterada, você disse? Não era eu quem parecia disposta a brigar por um tolo incidente.

— Para defender sua honra, não esqueça — replicou ele.

— Suas razões sempre são mais importantes do que as minhas não é verdade? — Ela perguntou com ironia. — Pois resulta que desta vez tenho razão. Viu o frasco? Viu?

Sebastian suspirou.

— Sim.

Ela pareceu decepcionada com sua resposta.

— É a única coisa que tem a dizer? Pelo menos poderia me ajudar a tentar convencer a... — Ia voltar a encarar o vendedor, mas ele havia se aproveitado da distração e estava a ponto de partir. Phillipa olhou a mercadoria. Os sacos e as cordas que, com toda probabilidade, estavam destinados a segurá-la e cobri-la, continuavam de um lado. Se os demais vendedores ambulantes tinham tão pouco empenho em proteger os artigos que lhes dava de comer, quanto este, duvidava do crescimento de seu negócio. Entendeu a pressa do homem. — Eh! Alto! — gritou ela, impedindo-o de ir e acusando-o com um dedo. — Você é você responsável do que está acontecendo. Não vou permitir que escape ileso.

Escutou o tilintar dos vidros e frascos, pois o homem lutava para manter o equilíbrio da carreta.

— Afaste-se!

— Sebastian, faça algo! — pediu Phillipa com um olhar implorante.

Mas este não teve tempo de intervir e o que aconteceu em seguida foi inevitável. O senhor Marfleet, nervoso, tratou de se esquivar para o outro lado, mas seus movimentos foram muito bruscos e torpes. Ademais, no puxão colocou suficiente força, que a carreta terminou tombando, assim como todo seu conteúdo.

O som do cristal rompendo-se em mil pedaços e o líquido se derramando pelo chão conseguiu que Phillipa ficasse estática. Ao contrário, o vendedor fugiu a toda pressa.

O saquinho com os frascos para febre havia ficado preso e amassado sob uma das rodas.

Capítulo 19

Os sentimentos de desânimo e amargo desgosto foram deslizando com rapidez por todo seu corpo, do mesmo modo que o faziam os líquidos vertidos acidentalmente sobre a terra. Phillipa era incapaz de mover os músculos, somente estudava detidamente o caos, observando em silêncio. A simples vista não havia nada para salvar. Todos os frascos estavam quebrados, no chão, assim como as suas esperanças. Agora, sem nada com que trabalhar, como averiguar o que havia acontecido a Lily Helps e a Tilly? Ela se perguntou. Como prosseguir com a investigação?

Passados alguns segundos se aproximou do desastre e com o pé foi remexendo entre os cacos.

— Tudo saiu mal — disse em voz alta, embora para si mesmo.

— Phillipa, assim só conseguirá se cortar.

A voz de Sebastian, que outras vezes lhe havia oferecido consolo, só conseguiu aumentar seu desgosto.

Deixou escapar um suspiro, tratando de relaxar, mas foi impossível.

— Poderia ter feito algo — reprovou sem sequer olhá-lo, — em vez de me deter.

Notou que ele se aproximava e se detinha justamente às suas costas.

— Está me jogando a culpa?

Quando sentiu o fôlego masculino acariciar seu pescoço, sua pele se eriçou. Por um momento rememorou o acontecido entre ambos na noite passada: as carícias, os beijos, o movimento dos corpos, o apetite saciado... precisou piscar os olhos algumas vezes para poder se concentrar no presente.

— Por que não me ajudou a detê-lo?

— Com base em quê? — replicou ele de imediato. — na semelhança dos frascos? Ademais, apesar de ter pretendido tive muito pouco tempo. Tudo foi muito rápido. Está se mostrando grosseira comigo sem motivo algum.

— Sabe que tenho razão.

— Não meteria a mão no fogo por isso. Você também não deveria.

— Oh!, Sebastian — ela se lamentou. — Gostaria que por um momento você deixasse a lógica de lado.

— Em meu trabalho é impossível fazê-lo. A lógica me salvou em muitas ocasiões.

— E o instinto não? — Ela replicou, certa.

— É possível, mas são circunstâncias diferentes. O que eu tento fazer, Phillipa, é que não se lance de cabeça em situações potencialmente perigosas.

— Aquele homem não era uma ameaça.

— Isso nós não sabemos. Quando se encurrala uma pessoa, suas reações podem resultar imprevisíveis. Prefiro que se mova em segurança. Ademais, com você parece que nunca faço as coisas bem. Não a vi muito agradecida quando fui defendê-la — replicou ele, sacudindo a cabeça. — Você é complicada, mulher.

Phillipa se virou e elevou os ombros.

— Não estou de acordo com o uso da violência — Ela declarou com um olhar que proclamava dignidade.

Sebastian revirou os olhos.

— Eu também não, a menos que seja necessário. — Exalou lentamente. — Phillipa, por Deus. Por minhas veias corre sangue, não barro. Não pode esperar que alguém a ofenda e que eu permaneça sereno.

Em parte, se sentia agradecida por Sebastian estar disposto a defendê-la ao menor agravo. Era como se a parte mais romântica de Phillipa saísse flutuando: o cavaleiro de armadura brilhante salvando a dama. Sem dúvida, se dava conta de que não ganhavam nada com isso.

— A mim não me importa. Aprendi a fazer caso omissos dos comentários.

Sebastian a olhou com uma expressão de incredulidade.

— Ninguém pode permanecer totalmente indiferente a um tratamento injusto — argumentou ele.

— É claro, às vezes me dói, — retificou ela, pensando um pouco melhor e sendo totalmente sincera. Cruzou os braços sobre o peito. — Por acaso acredita que na rua não exista quem ria de mim por causa do meu aspecto? Tanto homens

quanto mulheres. — Quando começou a pregar, Phillipa possuía bastante segurança em si mesma, se bem que cada palavra era como um dardo envenenado. — Aprendi com rapidez a não demonstrar debilidade nesse aspecto e atuava como se não me importasse. Com o tempo deixaram de fazê-lo e eu me senti mais forte.

— Malditos miseráveis — resmungou Sebastian baixinho.

— Não se ganha nada com os punhos.

— Não sabe nada da arte da guerra.

Phillipa encolheu os ombros.

— Talvez, mas agora posso contar isso a você com orgulho, pois no final me senti moralmente vitoriosa. Ainda há gente que quando passo vocifera insultos, é verdade. Mas já deve ter comprovado por você mesmo que me aceitam em muitos lares. Antes não era assim. — Esboçou um sorriso fugaz, que continha uma ponta de lamento e lançou um discurso que conhecia de memória: — eu prefiro lutar por outras causas, como o direito da mulher a não me deixar examinar e curar sem o consentimento de seu esposo ou até mesmo reafirmar a posição das enfermeiras dentro do hospital, sem se verem menosprezadas pelos médicos e cirurgiões. — Fez uma breve pausa e mudou de assunto. — É claro, também desejo averiguar o que esta acontecendo com o frasco marrom de xarope. Sebastian, devemos redobrar nossos esforços.

Sebastian a observou com intensidade, antes de dizer:

— Maldita mulher; teimosa até o final. — Era impossível resistir. — Bem, vou me render por hoje. Suponhamos que

esteja certa...

— Finalmente! — Exclamou ela com súbita alegria, interrompendo. Pendurou-se no pescoço dele e lhe deu um rápido beijo nos lábios, que Sebastian aceitou encantado. Quando Phillipa se deu conta de que estavam no meio da rua, sentiu como o rubor cobria suas faces. As amostras de afeto deviam ocorrer em particular. — Desculpe-me.

Sebastian lhe levantou o queixo com ternura.

— Jamais peça perdão por isto, — disse ele enquanto lhe correspondia de igual modo. Ou essa foi sua intenção.

O beijo pretendia ser ligeiro, como havia sido o dela, mas quando as bocas se juntaram nenhum dos dois pode se separar. Phillipa mordiscou com suavidade o carnudo lábio inferior dele e introduziu a língua com cautela. Diante de seu atrevimento, ele reagiu com ardor. Pegou-a pela cintura, a aproximou de seu corpo e sugou com sua língua, tocando-a e enredando-a.

— Sebastian... — protestou ao fim de alguns minutos. Por aqueles minutos pareceu estar no sétimo céu.

O desejo de Phillipa não era se afastar, sentia-se tão bem entre seus braços que não existia outro lugar onde quisesse estar nesse momento, mas a consciência lhe advertia que não era correto beijar à vista de todo mundo. Nem sequer para uma viúva como ela, era permitido.

Com reticência, ele a soltou, lançando um longo e sonoro suspiro, que conseguiu que Phillipa se compadecesse dele; Afinal, ambos ansiavam o mesmo.

— Está convidado a jantar em minha casa — anunciou com mais formalidade do que a necessária. É claro, não mencionou que esperava que ele ficasse para passar a noite.

Só de pensar nisso suas faces se inflamavam.

Sebastian pensou durante alguns segundos, enquanto tratava de afrouxar o nó da gravata.

Cravou o olhar em seus olhos.

— Acha que é prudente? — O significado da pergunta era mais do que evidente.

Embora não reclamou, ela tratou de dar pouca importância a questão.

— É só um jantar — ela tratou de dizer. Quando o viu esboçar um sorriso brincalhão, e se deu conta de que não havia soado muito convincente. Deixou de lado o orgulho e falou sem diretamente o que pensava. — Se for sincera, e apesar do que aconteceu com aquele tipo, o vendedor, me apetece a sua companhia.

Ele não confiou em suas palavras.

— Por que quer que busquemos um modo de descobrir a origem da morte de Tilly?

— Não seja néscio! — Exclamou surpreendida pela suspeita dele. — Sebastian Field, às vezes você se comporta como um autêntico mandão e, ademais, lhe encanta me contrariar. Sem dúvida, nos últimos meses realmente cheguei a me sentir muito a vontade com você.

Ele não pareceu gostar daquela escolha de palavras.

— Muito a vontade? Fala como se fossemos amigas do chá.

Phillipa achou engraçada a comparação, se bem que não pensava em dizer nada mais naquele aspecto.

— Conforme-se com isto.

Sebastian não insistiu e prosseguiu com o assunto que o preocupava.

— Sabe o que ocorrerá depois, se eu ficar — ele lhe advertiu.

Phillipa desejava retê-lo um pouco mais, embora isso não os conduzisse a cama, Então se viu obrigada a dizer:

— Creio que somos dois adultos sensatos. Poderemos nos controlar — embora ela não estivesse tão segura. O desejo por Sebastian ia aumentando e seu corpo e sua mente ansiava o mesmo: ele. — No caso de nos deixarmos levar... — prosseguiu — alguns beijos não fazem mal a ninguém.

Sebastian passou ambas as mãos pelo cabelo.

— Amanhã temos o desejo com os Lefont — lhe recordou. O jantar a que não puderam comparecer por causas maiores havia sido postergado trocando-o por um desejo.

Phillipa torceu os lábios. Alguns segundos antes era ele quem parecia não poder soltá-la, enquanto que naquele momento ele fazia esforços por buscar desculpas ridículas.

— E? O que tem a ver uma coisa com a outra?

— É melhor que estejamos descansados — replicou ele.

Phillipa bufou.

— Uff! Se tanto se preocupa com o descanso podemos nos deitar mais cedo.

O uso daquelas palavras, que podiam ter um duplo sentido, conseguiu fazer Sebastian tossir.

— Sim, é o que eu temia — ele disse quando se recuperou.

— O que é que o assusta realmente? — perguntou Phillipa com as mãos na cintura. — Diga claramente, porque estou acostumada a madrugar. Não vejo o quanto um desejo no Savoy seja um fato excepcional.

Sebastian vacilou durante um segundo, antes de dizer a verdade.

— Só pensava que talvez fosse muito para você, porque teve um dia duro. Há alguns instantes estava desejando ir para casa — lhe recordou. — Mas, para mim seria uma honra jantar com você, se é o que deseja.

— É claro que quero. De outro modo não o convidaria. — Phillipa deixou de lado aquela pequena discussão que não conduzia a nada e se permitiu sorrir. Tê-lo junto a ela a deixava de bom humor. Então, passar um par de horas mais em sua companhia, a sós, era como receber um prêmio. — Com respeito aos planos de amanhã... quando nos despedirmos dos Lefont iremos ao hospital e, antes de começar com minhas tarefas, farei uma visita ao senhor Shaw para relatar os últimos descobrimentos. Deve examinar minuciosamente suas análises do xarope e encontrar a falha.

Visivelmente relaxados, ambos empreenderam o regresso ao hospital. No dia seguinte falaria com Martin também, pois quatro mentes pensantes eram melhores do que duas. O ocorrido com o vendedor não precisava ser uma decepção, mas sim se converter em uma oportunidade que os levaria a

resolução do mistério. Sabiam seu nome e o modo como o xarope era distribuído entre os enfermos.

Pelo menos haviam avançado um pouco nesse sentido.

Com uma aguda dor no estômago, ele se movia inquieto pelo quartinho onde vivia. O aroma de pescado cozido inundava o local mas, uma vez pronto, ele o deixou de lado sem provar. Em troca, abriu uma garrafa de licor barato e o aproximou de seus lábios, dando um gole que conseguiu, momentaneamente, acalmar sua inquietação. Quando deixou de fazer efeito tomou outro, depois outro e outro mais.

A espera parecia eterna.

Na primeira vez que encontrou com Cornelius Monroe e ele lhe propôs um acordo de negócios, Ivor não hesitou nem um segundo. Nem sequer se incomodou em pensar porque ganhava a maior parte dos benefícios, enquanto que o homem não lucrava nada. Só sabia o que o senhor Monroe lhe contou: ele provinha de uma família de boticários e, embora já não se dedicasse para aquilo, continuava produzindo o xarope contra febre.

Ivor não questionou mais. Possuía diferentes provedores, Então não recusou este; menos ainda, quando o acordo era tão vantajoso. Ser vendedor ambulante nunca o tornaria rico, pensou ele, então devia aproveitar as oportunidades quando se apresentavam.

Mas agora já não estava tão seguro...

No dia da entrega do produto sempre havia mortes pela noite, perto da casa do próprio Ivor. Isso acontecera dois dias atrás, mas era urgente contatar com Monroe para contar o que acontecera com aquela mulher. O assunto não podia esperar até a semana seguinte. Necessitava de explicações. Por culpa dela estava sem mercadoria.

Maldita feia!

Continuou caminhando de um lado ao outro, até se deter um momento em frente à sua janela.

Ele viria? Perguntou-se. Não havia nenhuma garantia, se bem que devia falar com ele o quanto antes. Se conseguisse fazê-lo se sentir responsável pelo acontecido, embora realmente fosse em parte, talvez pudesse tirar algumas moedas para voltar a começar. Do contrário, estava perdido.

Após ocorrer o desastre na rua, Ivor havia corrido a uma taverna do norte de Londres para deixar uma mensagem para Cornelius Monroe. Era o único modo de contatar com ele fora nas segundas-feiras, e somente de forma excepcional. Contudo, nunca havia necessitado usá-lo, assim não sabia se resultaria efetivo. Só havia dito ao taverneiro que deviam se ver imediatamente, então esperava que ele chegasse o quanto antes.

E se não contatasse com ele até dentro de alguns dias? Seu estômago se encolheu. Assunto ruim.

Uma discreta chamada à porta o fez soltar o fôlego que estava retido. Aliviado, foi abrir para se encontrar com o rosto do homem que esperava.

— Maldição, o que aconteceu? — Ellehe perguntou, entrando com rapidez no interior do quartinho, como se temesse que os vissem juntos.

Ivor se fixou no tipo, que parecia aborrecido com ele.

— Precisamos falar — respondeu de forma brusca e um tanto incomodado, porque Monroe estava olhando-lhe como se fosse uma barata que o fazia perder tempo.

— E não podia esperar?

— Aconteceu algo. Estou sem mercadorias.

Cornelius Monroe elevou as sobrancelhas. De repente não parecia considerá-lo uma escória.

— Tão rápido? É melhor vendedor do que acreditei. Mas não trouxe nada comigo. Talvez amanhã...

— Não me entendeu bem — ele o interrompeu com brusquidão. Aproximou da mesa, pegou a garrafa de licor e bebeu mais um gole. — O que o xarope que estou vendendo contém?

A expressão de Monroe ficou cautelosa.

— A que vem a pergunta agora? A única coisa que você deve fazer é vendê-lo, — disse secamente.

— Vendê-lo, é claro — repetiu para si mesmo. Depois sacudiu a cabeça e o enfrentou. — Diga-me os ingredientes.

— É uma fórmula que pertence à família. Não pensa que vou revelá-la, não é verdade?

— Deveria, depois do problema que me causou hoje.

Os olhos de Monroe se tornaram mais escuros.

— O que quer dizer?

— Uma mulher que atendi nesta manhã — ele lhe explicou, recordando-se como havia se sucedido os fatos. — Ela era feia como o pecado, mas isso não é o importante. Um cliente é um cliente.

Monroe não fez caso de seu tom depreciativo.

— Vá ao ponto — lhe ordenou com aspereza. — Não tenho toda a noite.

— Está bem, está bem — murmurou Ivor, concentrando-se novamente. — Aquela mulher foi como ter um grão no cú desde a primeira vez que abriu a boca. Seu filho possui lombrigas nos intestinos e lhe ofereci um tônico, mas a desgraçada desejava cheirá-lo.

Só de pensar naquilo já lhe fervia o sangue. Quem ela pensava que era para duvidar de seus remédios? Ivor não era muito íntegro apesar de ser um vendedor excelente que estava há anos naquele negócio. Portanto, conhecia bem a tarefa. Embora sempre encontrasse gente reticente, normalmente falava de modo a cativá-los. Oferecer outro produto de brinde possuía o efeito de amansar as feras. Sem dúvida, aquela mulher caprichosa havia terminado estragando tudo.

Enervou-se ainda mais.

— E isso afeta a mim, porquê...? — Monroe deixou a pergunta no ar.

Ivor respirou profundamente, antes de soltar a frase devagar.

— Mostrei a ela o xarope para febre que você me deu para vender.

Monroe, que parecia aborrecido com aquela conversa sem sentido, desviou o olhar à porta para depois voltar o seu rosto.

— E?

— Quando ela viu o frasco ficou louca! — Ele exclamou, atento à resposta de seu interlocutor. — Disse que ele provocou duas mortes, que pode provar e que vai me denunciar às autoridades!

De repente, a expressão de Monroe pareceu tensa.

— Tem certeza?

— Claro que tenho? — balbuceou Ivor. — É claro que sim! Quando as coisas ficaram difíceis tratei de partir, mas a muito puta puxou a carreta até conseguir que a mercadoria caísse ao chão. — Os fatos relatados não eram totalmente verdade, se bem que Monroe não tinha por que saber. — Por culpa do xarope todo meu negócio está arruinado! Compreende? Todos os remédios caíram no chão — ele se lamentou, com as mãos na cabeça.

Monroe se aproximou.

— Baixe a voz — lhe aconselhou.

Ivor o olhou atentamente.

— Por quê?

— Seus vizinhos não precisam saber disso.

Não fez caso.

— Alguém tem que pagar os desperdícios. Foi por causa do seu xarope...

Monroe riu e agiu, dando-lhe toda atenção. Até mesmo se inclinou e colocou uma mão no ombro de Ivor para acalmá-

lo.

— Não se preocupe. Se for por isso, eu assumirei os gastos.

As pupilas do vendedor se dilataram.

— Sim? — Ora, a jogada estava saindo melhor do que ela planejava. Porém, ainda restava um assunto para tratar. — O que a mulher disse? — Ele perguntou. — Vai nos causar algum mal?

— Não — respondeu devagar. — Não são mais que bobagens. Por acaso não confia em mim?

Ivor esteve a ponto de revelar que não confiava nem em sua própria mãe, embora ao final evitou falar. Era a primeira vez que a presença daquele tipo lhe produzia calafrios. Nesse momento se dava conta. Não sabia ao certo de que se tratava, mas a forma de olhar e o modo tão frio como ele falava, estavam conseguindo deixá-lo inquieto. Ou talvez fosse a pressão que ele fazia em seu ombro, mais forte do que deveria.

«Consiga que lhe pague e que se vá de uma vez», lhe aconselhou sua voz interior. Depois veria se continuava vendendo aquele maravilhoso xarope.

— É claro que sim — declarou com hipocrisia. Ivor esperava que não notasse a falsidade em sua voz. — Vendi centenas de frascos. O que poderia sair mal? — Mas já não estava tão seguro.

Monroe assentiu com satisfação.

— Assim está melhor. Somos sócios, não podemos brigar não é verdade?

Ivor iria responder quando sentiu uma aguda dor no abdomen que o fez cambalear. Ele o pegara de surpresa por isso não opôs resistência. Nem sequer conseguiu gritar, pois o homem que o havia esfaqueado cobriu sua boca com uma mão enquanto que com a outra, cravava novamente a arma na carne até afundá-la em suas entranhas.

Repetiu as facadas por onze vezes.

Quando o corpo sem vida caiu sobre o piso de madeira, o homem nem sequer se incomodou em tirar a faca, que era o mais comum. Olhou ao seu redor e buscou um trapo com o qual limpar o sangue das mãos. O que havia salpicado na roupa lhe importava menos. Quando não viu nada, se aproximou da cama e esticou o lençol de algodão de má qualidade, para começar a limpar a sola de seus sapatos. Se limparia melhor em casa, mas pelo menos não deixaria rastro.

Quando terminou, virou sobre si mesmo e contemplou seu crime. Fizera bem trazendo uma faca consigo. Sorriu. Não estava de bom humor; a cliente do relato de Ivor havia se aproximado muito da verdade. Sem dúvida, acabava de se desfazer do único vínculo que o unia ao xarope. Ele não se chamava Cornelius Monroe e com Ivor morto ninguém saberia jamais quem o havia contratado. Foi discreto, visitando-o a noite. Também não existiam testemunhas que os houvessem visto juntos. Se os imbecis da polícia intervissem, ele estaria a salvo.

Isso lhe dava certa satisfação, embora agora devesse rever muitas coisas, como por exemplo, se devia seguir com seu plano.

Tinha tempo para meditar, pensou enquanto abandonava o quartinho e saia do edificio discretamente.

Capítulo 20

— Desculpem a ausência de meu esposo — pediu Annette Lefont enquanto os guiava a sala de refeição da suíte que ocupavam no Savoy. — Devia se encarregar de alguns negócios antes de partir. Por mais que gostasse, lhe foi impossível estar presente.

Phillipa sorriu com afabilidade, olhando a mesa bem disposta e o aparador com bandejas e bules para o desjejum. Uma donzela esperava em um canto para servi-los.

— Quando partirão para Liverpool?

— Na primeira hora da tarde, pois o barco que nos leva de regresso para Nova York zarpa amanhã. Os baús já estão preparados e prontos para carregar.

Phillipa sacudiu a cabeça.

— Deveríamos ter anulado o desjejum. Não estamos mais que atrapalhando.

Annette a contradisse.

— É claro que não! Seria incapaz de abandonar a Inglaterra sem ter a ocasião de agradecer o que fez por Claire. O que fizeram — se corrigiu de imediato, olhando para Sebastian.

— Tanto seu esposo quanto você foram muito generosos com sua doação. Ademais, gastaram seu tempo para visitar o St. George Women's Charity. Todos nós agradecemos profundamente.

— Gostei de ter regressado ao hospital — interveio Claire, entrando pela porta e parando.

Phillipa se virou e sorriu à garota, que usava um vestido branco bordado, com o cabelo escuro preso com uma fita rosa. Atrás dela, uma menina de rosto inquieto observava a todos. Chamava-se Jennifer e era a filha mais nova dos Lefont, à qual Phillipa havia conhecido três dias atrás, quando a família inteira fora até o St. George para se interessar pelo trabalho que realizavam.

É claro, só lhes mostraram os pavilhões com as doenças menos agudas e como estavam equipadas as salas de operações, enquanto que os mantiveram longe das enfermidades infecciosas. Apesar dos protestos do administrador, que achava aquele comportamento pouco ortodoxo, Phillipa também insistiu em que conversassem com algumas famílias humildes, cujas esposas e mães se recuperavam da intervenção dos médicos e recebiam os cuidados das enfermeiras. Ela também era parte da junta e, se os Lefont fariam uma doação, desejava que eles conhecessem como era essencial contar com novos recursos.

— Bom dia — saudou a ambas. Em seguida se dirigiu a Claire em particular. — Embora as tarefas fossem inumeráveis desta vez não havia tanto revoo, não acha?

Ela lhe devolveu o sorriso, pensando na primeira vez que pisou no hospital, terrivelmente assustada, cheio de feridos e policiais. Foi uma sorte sair sem ter recebido nem um rasgão na rua.

— De fato. Tudo estava mais tranquilo, embora eu tenha gostado da visita da mesma forma.

Com a segurança que o hotel lhe oferecia ela podia pensar naquilo como uma pequena travessura para contar para suas amigas. Morreriam de inveja ao saber que havia sido resgatada por um homem como o senhor Field, bonito e decidido. Se não fosse tão mais velho que ela, talvez Claire houvesse chegado a sentir um ligeiro enamoramento. A prova do quanto aquilo foi interessante era sua irmã pequena, Jennifer. Através do relato de Claire ela sentira tal emoção que afirmou que quando crescesse o suficiente ela viveria suas próprias aventuras.

Annette fez um ligeiro gesto com a mão à donzela para que começasse a servir o desejum e convidou todos para se sentarem.

Durante os próximos vinte e cinco minutos compartilharam uma agradável conversa sobre Nova York, a rapidez com que crescia a cidade, o caráter de seus habitantes e as obras de caridade nas quais Annette estava imersa.

— Admiro as mulheres como você — ela disse de repente para Phillipa, — tão entregue aos demais. No mundo em que vivo, nós as damas do lar, nos dedicamos no máximo a organizar diferentes atividades para ajudar aos mais

desfavorecidos. Suponho que seja para limpar nossas consciências — ela acrescentou com um traço de amargura.

Phillipa piscou.

— Mas formou uma formosa família — ela a fez ver. Annette devia ter somente alguns poucos anos mais que a própria Phillipa e já representava uma estampa idílica: era uma mulher na qual todos os cavalheiros reparavam, de grande beleza, educação e serenidade; seu esposo parecia amá-la, pelo que ela pode observar; ademais, suas duas filhas eram inteligentes e eram muito apegadas a sua mãe. — Simplesmente eu decidi priorizar outras coisas.

Ela também teve um esposo, se bem que sua relação não podia se comparar com a dos Lefont, já que seus sentimentos não passaram de carinho e de profunda admiração.

Annette sorriu.

— Você é mais corajosa.

Claire, impulsionada pelas palavras de sua mãe, levantou o queixo.

— Quando eu crescer também serei enfermeira — anunciou com decisão, conseguindo que a mesa ficasse em silêncio. Phillipa, que temia ter incitado a jovem, reteve o fôlego durante alguns segundos.

Apesar das palavras da senhora Lefont sobre a admiração que sentia por seu trabalho, duvidava que visse com bons olhos que sua filha seguisse seus passos, já que provinha de uma família endinheirada.

Esperou que Annette evidenciasse o seu desacordo. Para seu assombro, não se mostrou contrariada, embora tão pouco

o aceitasse completamente.

— É muito jovem e com a cabeça cheia de passarinhos para afirmar com certeza — ele começou dizendo. — A senhora Baker poderá lhe dizer que ser enfermeira é um trabalho duro.

Phillipa assentiu.

— Sim — afirmou com cautela. A última coisa que desejava era se posicionar entre mãe e filha. — Os turnos são longos e extenuantes. Às vezes continuo no hospital, até mesmo quando já deveria estar em casa.

Que Phillipa houvesse tomado um caminho diferente ao que se supunha que devia seguir uma dama de sua posição foi uma decisão pessoal. Claire não tinha porque imitá-la. Não obstante, se desejava ser enfermeira, devia saber tanto do lado bom quanto do ruim.

— Isso posso assegurar — disse Sebastian com o mesmo tato. — Sempre há algum assunto que requer sua atenção e que não se soluciona facilmente.

Annette dirigiu o olhar para sua filha com os olhos entrecerrados, estudando sua expressão, avaliando o quanto ela estava decidida.

— Precisa ter muita certeza.

A jovem não se desanimou.

— Quero ajudar aos demais, mamãe. E não mediante obras de caridade, mas sim fazendo algo útil.

Annette mostrou certa admiração.

— Isso é muito nobre, filha. Embora ainda falte muito.

— Mas se quando eu crescer quiser estudar para ser enfermeira, me deixaria? — Ela perguntou esperançosa.

Sua mãe assentiu, devagar.

— Se esse for o seu desejo, sim — ela respondeu. — Se comprovar que não é o que esperava, pode se dedicar a outra coisa. Ninguém a julgará.

Claire lançou um sorriso triunfante.

— Não o farei — proclamou aos presentes. — Senhora Baker, pode me dar algum conselho?

A pergunta provocou um mal estar em Phillipa. A senhora Lefont não parecia ter tido a mesma postura que sua tia Odethe no dia que ela explicou o que desejava estudar, se bem que ela podia estar fingindo. Sua oposição foi enfrentamento, ela se scandalizou e fez várias tentativas para convencer seu tio Jeremy, que por sorte não foram frutíferas.

Engoliu a saliva. O que dizer que contentasse a ambas, se esse fosse o caso?

Desculpou-se o melhor que pode.

— Oh!, não devo.

Disse a si mesmo que era melhor não se envolver. Os Lefont foram muito amáveis com ela e generosos com o hospital. É claro, se sentia feliz pela jovem de certo modo por querer seguir seus passos, se bem que naquele caso julgava prudente se manter de lado.

Claire não entendeu.

— Por quê? — Seu rosto havia se entristecido. — Não acredita que eu sirva para ser enfermeira?

Phillipa mordeu o lábio, indecisa.

— Estou convencida de que se se propuser será uma grande enfermeira, mas não é fácil para uma garota de classe acomodada — atreveu-se a dizer. — Primeiro, porque deverá renunciar a muitos atos sociais. Mesmo porque não terá tempo para isso e estará muito cansada para ir a um baile. Ademais, seu círculo de amizade não entenderá sua decisão.

— Com você ocorreu?

Como seu habitual modo de proceder, Phillipa não lhes havia revelado que seu tio era duque o que ela provinha de uma família de grande prestígio social. Não precisou fazê-lo para que elas soubessem que, sob o seu traje de enfermeira, existia uma mulher com educação.

— Sim, Claire, isso aconteceu comigo. Minhas amigas nunca entenderam e com o tempo terminei me distanciando delas. Então só posso lhe dar minha modesta opinião: pense bem antes de se lançar somente por pura teimosia. E se o desejar o suficiente, não se renda, nem sequer quando lhe disserem que uma senhorita não deve. Se for a sua vocação, lute.

Ora, ela se lamentou, voltara a fazer. Phillipa não conseguiu reprimir o discurso que costumava lançar às enfermeiras iniciantes, até mesmo as que procediam de famílias mais humildes.

Atreveu-se a olhar para Annette Lefont, esperando pelo menos um pouco de censura de sua parte. Sem dúvida, seus olhos estavam tranquilos.

— Viu? Já tem seu conselho e muito no que pensar — disse a mãe.

Passados alguns segundos, quando a conversa se dirigiu para assuntos menos polêmicos, Phillipa acreditou que poderia relaxar e aproveitar o jejum.

Quão equivocada ela estava!

— Senhor Field, senhora Baker, quando serão as bodas? — Perguntou de repente a caçula dos Lefont, que até então havia permanecido em silêncio.

Phillipa, que estava passando manteiga num pãozinho, ficou com a faca suspensa no ar.

Levantou o olhar, embaraçada, sem saber o que responder. Haviam deixado para trás uma conversa incômoda para submergir em outra muito pior.

— Jennifer! — Exclamou sua mãe, antes de chamar a atenção dela. — Essa não é uma pergunta que uma dama deva fazer. Peça perdão imediatamente.

A menina ficou olhando-a.

— Por quê? — Ela perguntou com os olhos arregalados, curiosos. — Eles possuem sobrenomes diferentes, então não estão casados, mas estão sempre juntos — argumentou com sua própria lógica. — Claire me contou que a acompanharam até o hotel e que os dois ficaram para falar com você e com papai. Hoje também vieram juntos, então eu creio que estão prometidos. Ademais, o senhor Field a olha como um namorado. Estão prometidos — ela sentenciou.

Os lábios de Phillipa formaram um «oh» silencioso, enquanto suas faces se cobriam levemente de cor escarlate.

Pensou que para ter somente dez anos ela era muito observadora, embora a menina houvesse confundido o amor com a paixão.

— Se estão ou não, diz respeito a intimidade deles, — reprovou-a Annette Lefont, com um olhar severo.

— Minha irmã sempre está metendo o nariz onde não a chamaram — interveio Claire com ar de suficiencia. Até mesmo sorriu.

Jennifer fez uma careta. Depois se inclinou à frente e lhe devolveu o sorriso. Com seu cabelo loiro trançado e seus olhos cinzentos ela parecia um anjinho.

— Mas eu não fui castigada por ter enganado nossos pais e ter escapado — ela disse com ar resolvido. — Tampouco chantagei nossa instrutora, nem terminei me metendo em problemas. Quando voltarmos para nova York, pode ir se esquecendo de ir à festa de aniversário de Lucy Jacobs. Escutei a mamãe dizer ao papai.

Claire pareceu insatisfeita com aquela notícia, Então terminou descontando sua frustração com a irmã menor.

— Você também, boba. Porque se eu não for, você também não irá.

— Boba? — Repetiu sua mãe. Seu rosto seguia refletindo serenidade, mas seu tom mostrava desagrado. — Esse é o modo correto de falar?

— Não — respondeu Claire prontamente, com a cabeça baixa.

— Meninas, esse são os modos que aprenderam? O que pensarão nossos convidados?

Sebastian e Phillipa trocaram um olhar. Após pensar, disse que apesar de ter sido surpreendida, a pergunta formulada por Jennifer era totalmente inocente, fruto da curiosidade infantil.

— Não se preocupe, senhora Lefont — declarou ela . — Não nos ofendemos em absoluto. São crianças.

— Tanto meu esposo quanto eu as educamos para que pensem por si mesmas e para que expressem seus desejos e suas opiniões, não para que fuxiquem, ou que briguem entre si. Devem aprender o que é certo e o que é errado — lhes explicou, fazendo uma breve pausa e bebendo um gole de café. — Para o futuro, espero mais delas; que se convertam em mulheres maduras, não em bonequinhas tolas e vazias por dentro que ferem os demais sem motivo algum. Claire, Jennifer, peçam perdão.

— Sinto muito, — disse sua filha mais velha, visivelmente envergonhada. Phillipa suspeitava que ela fazia, mais pela advertência de sua mãe do que por ter chamado sua irmã de boba.

Annette esperou que a caçula fizesse o mesmo.

— Senhora Baker, sinto ter mencionado as bodas. — Sua voz começou mansa, mas à medida que falava ficou mais viva. — Eu não creio que tenha algo de ruim em que duas pessoas estejam enamoradas, mas mamãe diz que não devo fazer perguntas a respeito.

Apesar da resposta, o olhar de Annette relaxou.

— Como desculpa, pode melhorar — indicou com benevolência. — Quero que entenda Jennifer, que não deve

mentonar um assunto assim a menos que a outra pessoa o faça primeiro. E muito menos se precipitar em suas conclusões.

— Nem sequer com amigos e família? — Ela quis saber.

— Assim pode — ela respondeu. — O grau de confiança é diferente.

Phillipa, já recuperada da pergunta, terminou de untar o pãozinho, deixou-o em seu prato e se dirigiu a menina, esperando satisfazer sua curiosidade.

— Entre o senhor Field e eu não há nenhum compromisso. Se sempre estamos juntos é porque... — vacilou um instante, antes de prosseguir. Buscava o modo adequado de dizer. — Bem, é que faz parte de seu trabalho.

As três Lefont a olharam com estranheza, se bem que somente Jennifer se atreveu a perguntar.

— Pagam ele para acompanhá-la?

Phillipa se dava bem com as crianças. Ou melhor, com os bebês. Sabia como limpá-los e dar de comer, possuía boa mão conseguindo que dormissem e detectava quando estavam enfermos. A conversa com Jennifer era diferente. Às vezes parecia um anjo e, outras, uma mulher adulta disfarçada de menina.

— Eh!... — Buscou a ajuda de Sebastian. entretanto, ele não saiu em seu resgate. — Se resumirmos todas as suas tarefas, posso afirmar que seu trabalho consiste em me proteger.

O olhar de Jennifer se iluminou.

— Você é alguém importante, ou está metida em alguma confusão? — A idéia de que Phillipa estivesse envolta em qualquer aventura fora do comum fascinava a pequena.

— Ela sempre está metida em confusão — murmurou Sebastian com sarcasmo.

— Isso não é verdade! — Protestou Phillipa com certa indignação. — Ser enfermeira é uma profissão muito formosa, mas às vezes atendo pacientes em suas casas que estão em bairros pouco recomendáveis — expôs de um modo simples. Nenhuma das Lefont, e menos as meninas, precisavam saber da sífilis. Não era um assunto muito agradável e menos ainda para falar durante o jejum. — O senhor Field se ocupa de que ninguém me roube ou me agrida.

Jennifer pareceu decepcionada com a resposta.

— Somente por isso? — Então, sua expressão voltou a cobrar força. — Deve ter muitos delinquentes nesses bairros. Tenho certeza de que sim, como ladrões ou enganadores; até mesmo assassinos. Você é da polícia, senhor Field? Por isso a protege?

Sebastian se remexeu na poltrona, divertido com a situação. Era a primeira vez que conhecia alguém tão pequena e curiosa.

— Isso não deve preocupá-la e nem tirar seu sono — recordou a sua mãe com suavidade.

— Não sou da polícia, — respondeu ele, enquanto esboçava um sorriso. — Estive no exército, a serviço de Vossa Majestade; agora me ocupo de mantê-la sã e salva.

— Então, só a protege porque é seu dever? Não estão enamorados?

— O que você poderia saber sobre estar enamorada — escutou dizer a sua irmã mais velha enquanto sua mãe reconduzia conversa.

Sebastian parou de escutar e ficou num estado de reflexão. Para todos estava ali, embora somente de corpo presente. Sua mente tratava de resolver parte das perguntas que Jennifer Lefont havia lançado: por que a protegia? Estava enamorado?

No começo, cuidar de Phillipa havia sido seu trabalho, outro encargo do qual se ocupar, embora ela o detestasse. Sem dúvida, depois começou a sentir admiração pela trabalho que ela desempenhava e que tão poucos pareciam agradecer. Suas qualidades como pessoa eram ótimas e fruto da objetividade. Sincera, leal, compassiva e entregue aos demais ou combativa com as injustiças, eram só uma parte de seus bonitos atributos interiores, embora Sebastian também fosse capaz de compreender que houvesse outros que iam a caminho de desequilibrá-la, como quando ignorava as ordens estabelecidas por sua própria segurança ou quando ficava teimosa como uma mula.

Imaginava que em algum ponto do caminho a relação mudara. Cada um estava mais tolerante com o outro e suas conversas eram sempre estimulantes, tornando muito agradáveis cada momento que passavam juntos. Até que chegou a paixão e tudo mudou.

O que sentia exatamente por Phillipa? Não se tratava de uma simples admiração, nem tão sequer de uma sólida amizade. Ele não a via como uma amiga; a queria, o que era bem diferente. Sebastian desejava se deitar pelas noites com ela e se levantar sem precisar fugir às escondidas, como havia feito naquela noite. Desejava, também, acompanhá-la a qualquer reunião sem que ninguém questionasse sua presença; que todos soubessem que se pertenciam. Sonhava em fazê-la rir e construir um futuro juntos...

Levantou o queixo e contemplou todos os rostos da mesa, sem vê-los realmente. De verdade havia pensado nisso, num futuro junto com ela? A verdade era que sim. Phillipa não era uma peça solta em sua vida, mas sim algo sério e profundo que fora nascendo e crescendo lentamente. Seus pensamentos sempre estavam com ela — e não devido ao seu trabalho, — ansiando fazê-la feliz, porque quando estavam juntos tudo fazia sentido. Era assim, simples e complicado ao mesmo tempo.

Nunca antes esteve enamorado de alguém, mas sentia que dela sim. Seu coração indicava.

Ainda havia muito no que pensar e em quais deviam ser seus próximos passos, pensou enquanto esboçava um sorriso de satisfação. Não obstante, aquele não era o lugar nem o momento apropriado para fazê-lo.

Pelo momento, se limitaria desfrutar do desejo, sabendo que Phillipa se surpreenderia muito se conhecesse seus sentimentos.

Capítulo 21

O trabalho a havia sobrecarregado. Desde que colocou um pé em St. George, por isso seus planos de falar com Martin ou com o senhor Shaw foram postergados. Era uma daquelas tardes nas quais parecia que todas as pacientes tivessem feito acordo de acudir ao hospital.

Sebastian, junto a ela, se mantinha em silêncio e se afastava, procurando incomodar o menos possível entre as idas e vindas dos médicos e das enfermeiras.

O caos no vestíbulo se desatou após uma hora. Phillipa havia esperado que não acontecesse, mas em momentos como aqueles, a possibilidade de acontecer estava na ordem do dia.

— O esposo de uma das pacientes, — anunciou uma companheira que entrava apressada com bandagens. — Ao que parece, ela veio sem seu consentimento e a seguiu até aqui. Está armando um bom alvoroço.

Os gritos e as vozes chegavam até a sala de atendimento.

— Senhora Baker — chamou Sebastian.

Mas Phillipa continuou prestando atenção ao tratamento das feridas. Sem levantar a cabeça, perguntou:

— Quem irá resolver o problema?

— O senhor Crouch tenta apaziguá-lo, mas vi os doutores Rafferty e Gillis correndo para lá.

Naquelas circunstancias, quando todas as mãos eram poucas, o hospital não podia se permitir que seus médicos deixassem o trabalho para apaziguar um marido irado. O administrador precisava de outro tipo de ajuda.

— Senhora Baker...

— Senhor Field...

Ambos falaram ao mesmo tempo.

Sebastian tomou a palavra.

— Se não se importar que eu vá...

— Ia pedir isso ao senhor, obrigada. Sua ajuda servirá melhor lá do que aqui.

Pouco depois, os gritos foram reduzidos de volume. Enquanto, Phillipa começou a colocar os curativos com a ajuda da outra enfermeira. Escutando com atenção, soube que a crise havia passado. Terminou sua tarefa e testou as bandagens.

— Venha dentro de duas semanas para troca do curativo — recordou à paciente — e não se esqueça de seguir as indicações. — Dirigiu-se a sua companheira: — Vou me assegurar de que tudo esteja resolvido. Se precisarem de mim, estarei em meu escritório.

Abandonou a sala e suspirou quando comprovou que os corredores haviam recuperado sua tranquilidade costumeira. Aproximou-se da entrada do hospital e não viu mais do que algumas mulheres conversando com a enfermeira que atendia

no balcão de entrada, assim deu meia volta se perguntando onde estaria Sebastian.

Só quando se aproximava de seu escritório, o mistério que a esteve assediando voltou com mais força. Devia encontrar um momento para falar com Martin, embora parecesse que este nunca chegava por uma ou outra razão.

Então ela pensou no assunto, sentiu que talvez não pudesse fazê-lo nesse momento, mas sim com o senhor Shaw, então se desviou de seu caminho original e foi a procura dele.

Como sempre, o encontrou em seu posto de trabalho habitual, rodeado de tinturas, remédios e aromas característicos próprios da confecção de medicamentos.

Bateu à porta.

— Ola, senhor Shaw. Importa-se que eu entre?

— Absolutamente. — Ele deixou o que estava entre as mãos, limpou-as e se aproximou. — Em que posso servi-la?

— Queria comentar algo curioso que me aconteceu ontem e que poderia dar uma nova direção ao assunto dos frascos.

— Oh!, de verdade?

— Sim. De fato, estive pensando que deveria repetir a análise daquele que lhe dei. É possível que tenha se equivocado. — Quando o viu entrecerrar os olhos e fazer uma expressão azeda, Phillipa se apressou em se explicar: — O que quero dizer com isso é que há indícios de que esse produto pode conter uma substância que pode ser letal, mas antes disso entra numa fase de ilusório bem estar, comum em todos os casos. Por isso queria que o examinasse novamente. Talvez, talvez por ser tão improvável, você pensou que estava

tudo correto e, por isso, não lhe deu maior importância a algum detalhe decisivo que nos escapa.

Quando fechou a boca em expectativa, o senhor Shaw a olhava de uma forma um tanto estranha, com os olhos mais brilhantes do que o usual. Phillipa não pode se desfazer da sensação de que estava sendo avaliada. O que era ridículo.

— Bem, bem, você me surpreende com seus dotes de detetives, enfermeira Baker.

Novamente, a mesma sensação, mas nessa ocasião intuía um deboche implícito que a deixou tensa. É claro, as mulheres não poderiam ser capazes de chegar a conclusões certas, ela pensou com ironia.

Sem dúvida, como não queria se inimizar com o senhor Shaw, — ao menos no momento, — deixou passar.

— É possível que acredite que me precipito em minhas conclusões, mas verá, ontem houve um certo vendedor ambulante que...

— Ah!, um vendedor ambulante. — Cabeceou satisfeito e lhe deu as costas, o que irritou Phillipa um pouco mais.

— Sim, suspeito dele.

— Como autor desses fatos tão fascinantes que me conta?

O senhor Shaw se aproximou de uma mesa com frascos etiquetados que, como estavam virados, ela não podia ler a etiqueta.

— Não, em absoluto — alegou Phillipa enquanto varria o local com o olhar de forma descuidada. — De fato, estive pensando detidamente e me inclino a pensar de que tudo se

trata de um plano bem elaborado. Esse vendedor não é a cabeça pensante de algo tão maquiavélico; talvez o braço executor, embora tão pouco feche com esse papel. Ele parecia realmente surpreendido quando o adverti sobre as mortes.

— Parece que há muito que você não sabe.

Destampou o frasco, pegou um pano de uma gaveta e o molhou. Phillipa só o olhou com curiosidade passageira.

— Eu penso que há muito para descobrir — ela respondeu. Passou para o lado contrário observando sem muito interesse os utensílios que haviam sido colocados de forma minuciosa. — Tudo é questão de perspectiva.

— É claro, é claro, perspectiva. Já comunicou suas suspeitas às autoridades?

Phillipa piscou pela pergunta inesperada. Era o passo mais lógico e racional, se bem que havia se negado a entregar o caso a polícia; talvez pela emoção da aventura.

— Não, a verdade é que não — respondeu contrita. — Não tenho provas concretas, somente...

— Sua intuição? — Ele perguntou sagaz.

— Sim, exato! — Proferiu, olhando-o. Ele havia se aproximado com o pano ficando muito próximo. — Pensei muito e a única conclusão que chego é que a pessoa atrás disso sabe muito sobre medicina e corpo humano. Seus conhecimentos devem abarcar muito mais. Você não conhece, por casualidade, alguém o suficiente desequilibrado para orquestrar esta rede de mortes, não é verdade?

A pergunta foi lançada sem pretender conseguir uma resposta clara embora, mais bem por casualidade, Phillipa

terminou acertando.

— Desequilibrado, você diz? Se suas suspeitas forem certas, creio que estamos diante um homem dotado de uma inteligência excepcional.

— Não resta dúvida — ela confirmou após pensar alguns segundos. As pontas de seus dedos percorriam, distraidamente, a borda da mesa. Em outras, roçavam o frio cristal dos recipientes. — Embora também possa se tratar de uma mulher.

A risada baixa do senhor Shaw não a agradou. Não só notava condescendência nela, mas também que esta parecia colar-se por debaixo de sua roupa eriçando sua pele. Uma sensação muito estranha.

— Lamento desinflar sua bolha, enfermeira Baker, mas na sociedade que vivemos, só os homens podem ascender a conhecimentos superiores.

— Por desgrça, na maior parte dos casos, é verdade. Mas voltamos ao assassino que provocou estas mortes. Eu lhe perguntava se você conhece...

— Não! Não conheço nenhum homem que seja capaz de criar um plano que ninguém detectou.

— Exceto eu.

Ele a olhou.

— Sim, exceto você, é claro.

— Ele deve ter estudado medicina ou algo parecido — refletiu em voz alta. — Também deve gozar de uma posição social cômoda.

— E o que a levou a deduzir isso?

— É questão de lógica. Necessita dispôr de recursos que, primeiro, não estão ao alcance de todos e, segundo, tem um custo que ninguém de uma classe social baixa poderia se permitir.

— Boa dedução. — Desta vez, Phillipa não notou o deboche. — Então temos um desconhecido com posição, dinheiro e estudos. Somente isso?

— Não é pouco, diria eu. Ademais, agora que o penso, deve trabalhar no mesmo setor que nós. — Deteve esse pensamento alguns segundos. — Sim, talvez tratar com pacientes, num hospício, ou num hosp... — Uma imagem repentina, quase brilhante, se formou por um canto de sua retina e Phillipa desviou o olhar para lá. Sob uma mesa pode descobrir, parcialmente coberto e reluzentes como prata recém polida, alguns frascos conhecidos.

Em sua mente surgiram muitos pensamentos variados que iam tomando forma. Phillipa olhou para o senhor Shaw. Ele havia parado no meio do local. Apoiava a cadeira em uma mesa de madeira num gesto que pretendia aparentar aborrecimento. A seu lado, o pano empapado.

«Clorofôrmio», ela adivinhou.

Lateralmente, voltou a olhar os frascos de cristal alinhados e quase fora da vista; iguais àqueles que estavam provocando as mortes.

«Pura coincidência».

Lamentavelmente, Phillipa não acreditava nelas.

Voltou sua atenção ao doutor Shaw, que a olhava expectante. E de repente, tudo se encaixou: o conhecimento, o

ego e a oportunidade. Só faltava o motivo, mas isso, agora, não a preocupava em absoluto. Necessitava sair dali.

Sorriu.

O doutor Shaw fez outro movimento.

E Phillipa compreendeu que ele já sabia que havia sido descoberto.

— Bem. — Era ela quem precisava mover as fichas. — Creio que será melhor que o deixe com o que estava fazendo. Só vim informá-lo. O trabalho nos espera.

A conversa fiada soou vazia e desesperada.

Ele concordou com a cabeça, como se assentisse, pelo que Phillipa se permitiu pensar que teria possibilidades.

Deu dois passos à porta.

O químico abandonou sua posição indolente.

«Corra!».

E não se permitiu pensar mais. Correu.

Phillipa era mais jovem e ágil, então, ao passar ao lado do senhor Shaw, ela levantou o braço para tentar impedir que ela a prendesse. Contudo, o químico possuía mais força e a pegou pelo cabelo, puxando-a para trás.

Quando o braço masculino a aprisionou e um pano empapado em clorofórmio lhe impediu de respirar com normalidade, soube que estava perdida.

Seu último pensamento lúcido foi:

«Sebastian!».

O escritório estava vazio.

Sem soltar a maçaneta da porta, Sebastian coçou a cabeça com a mão livre.

Uma enfermeira lhe havia informado que ela estaria ali, trabalhando, tal como a própria Phillipa lhe havia assegurado.

Com o caos extinto, a familiar ordem imperante havia voltado a se apoderar do hospital, pelo que sua ajuda deixou de ser necessária. Se bem não estavacerto, juraria que só esteve afastado de Phillipa pouco mais de meia hora desde que a deixou na sala de atendimento.

É claro, não havia nada com que se preocupar.

Sem dúvida, mas sentia-se intranquilo.

Fechou a porta com cuidado e decidiu dar uma volta geral pelo edifício. Quando não a viu por nenhum lugar, a intranquilidade subiu um grau. Lembrou-se do incidente que lhe haviam contado ao contratá-lo e sentiu que seria muita casualidade. Moveu a cabeça para se concentrar e agir como sabia.

Foi em busca do doutor Rafferty.

Meia hora depois, permanecia imóvel no vestibulo do hospital na companhia de Martin, o administrador e a enfermeira que a havia visto pela última vez.

— E tem certeza de que ela não saiu para fazer sua habitual ronda no exterior? — Perguntou o senhor Crouch.

— Pela terceira vez repito: é impossível. Sabe muito bem que não pode fazê-la sem mim.

Ele adquiriu uma expressão de sabetudo que Sebastian teve vontade de golpeá-lo. Tinha certeza. Phillipa não teria

saído sem ele.

— Precisava fazer algo? De verdade, ela não comentou nada? — Perguntou o amigo de Phillipa.

Sebastian negou com a cabeça.

— Tenho certeza. — Estava tão certo que já sentia o medo se instalando no corpo. «Que não tenha lhe acontecido nada».

— Agora me escutem. Vamos ser meticolosos. Cada trabalhador deste edificio vai ter que me dar contas. Quero ter certeza de que cada um está onde deveria estar.

— E quem você acha que é para fazer semelhante petição? — Explodiu o administrador. — Isso é competência exclusiva do duque de Dunham.

— Harvey... — interveio Martin.

— Não, deixe-o, é verdade. Enviem uma nota de caráter urgente imediatamente. Os demais, em marcha. E será melhor que obedeçam — enfatizou quando viu a boca do senhor Crouch se abrir novamente para protestar.

Com uma rapidez que, em outras circunstâncias, Sebastian teria sido capaz de valorizar, obteve um informe completo. O único que não havia sido localizado era o químico do hospital.

— Mas é frequente ele entrar e sair. — Novamente, o administrador quis palpitar.

— Pergunte quem o viu pela última vez e quando — pediu à enfermeira, que assentiu e desapareceu pelo corredor. — Acompanhe-me, Rafferty, por favor.

O administrador, parecendo um grão no cú, também os seguiu.

Quando entraram na ampla sala, Sebastian olhou tudo atentamente. Não parecia haver nada fora de seu lugar. Somente um pano dobrado cuidadosamente num canto.

— O que procuramos? — Perguntou Martin.

— Não sei — ele declarou. E era uma confissão que doía admitir. — Algo não está bem.

Entrou a enfermeira com uma evidente falta de ar.

— Acabo de saber, pela boca de um maqueiro e uma lavadeira que, eles... estavam tirando um descanso que não lhes correspondia, quando viram o senhor Shaw abandonando o hospital em uma carruagem.

— E? — Intuíu que havia algo mais.

— O maqueiro o reconheceu. Disse que se fixou mais por curiosidade. Saiu pela porta de trás e seus atos pareciam furtivos. Levava no braço uma mulher, vestida de enfermeira, que parecia não se sustentar de pé. Também comentou que a colocou no veículo e que partiram juntos.

— Phillipa — sussurrou Martin, de repente, visivelmente nervoso.

A funesta sensação que pendia sobre a cabeça de Sebastian ficou visível e compacta. Sem dúvida, se negou a exteriorizar o pânico.

Ficou revolvendo cada canto da sala enquanto calibrava o sentido de tudo aquilo. Quando descobriu os frasquinhos, o pânico se estendeu e a certeza o inundou. Começou a uniros fios e sentiu vergonha por não tê-la ouvido como ela merecia. Por não ter acreditado em sua intuição.

— Senhor Field — chamou Martin. Aproximou-se dele e franziu o cenho quando este lhe estendeu o pano que havia visto antes. — Cheire-o. — E ao fazê-lo seus piores medos se tornaram realidade.

A porta foi aberta novamente e o próprio duque de Dunham, com rosto grave, entrou por ela.

— Espero que sejam boas notícias. Lamentaria precisar matar alguém.

Sebastian soube que suas horas como protetor haviam chegado ao fim.

Phillipa foi recuperando a consciência lentamente. Sentia o estômago revoltado e uma sensação de peso que permanecia ainda nela, ia desaparecendo.

Os tremores apareceram quando começou a ter consciência do frio que transpassava seu uniforme. Demorou um pouco em se dar conta de que estava amarrada, — embora não amordaçada — e atirada no chão gelado que, a julgar pelo aroma fechado e mofo, era um sótão ou um lugar semelhante. O hospital, portanto, ficava descartado. Já não estava lá.

Em uma atitude infantil, se empenhou em não abrir os olhos. Talvez assim pudesse negar durante um pouco mais os fatos: fora sequestrada por um químico de seu próprio hospital; e assassino o que era pior. O mais inquietante, sem dúvida, era a certeza de que ninguém conhecia seu destino.

Tentando fazer com que o pânico não a dominasse — algo muito difícil, visto as circunstâncias, — procurou fingir inconsciência enquanto avaliava suas opções.

— Não seja tímida e abra os olhos, senhora Baker. Sei que está desperta. A respiração a delata.

«Maldição».

Enfrentando o inevitável, Phillipa obedeceu.

A luz era tão tenue que não lhe incomodou. Em alguns segundos, passou seu olhar frenético por todos os cantos, mas não havia nenhuma saída. Um pouco mais afastado, mas em sua linha de visão, o senhor Shaw colocava algo num recipiente.

— Lamento o incômodo, — voltou a falar o químico, — se bem que era necessário, eu temo. Sinto ter chegado a este ponto, embora isso seja o que ocorre às mulheres quando tentam seguir num plano superior aos homens e metem seus narizes onde não são chamadas.

— Onde estou?

— Em minha humilde morada, — respondeu, enquanto tirava algumas gotas da vasilha. — Mais precisamente, no sótão. Corresponde-lhe a honra de ser a primeira pessoa a pisá-lo, além de mim.

— Ora, que honra, — resmungou baixinho. Passou a utilizar a primeira tática. — Virão me buscar.

Ele deixou de mexer o conteúdo do que estava fazendo, olhou-a e sorriu.

Phillipa não gostou do espectáculo. Parecia um louco muito consciente, se é que existia algo parecido.

— Oh!, querida, não o farão, sabe tão bem quanto eu.

— Equivoca-se. Minha família, meu protetor e outro médico sabem o mesmo que eu.

— Conjecturas. Simples conjecturas. Enquanto não puder demonstrar que eu a levei e não a encontrem, não há provas sólidas que me condenem. Você mesma o disse.

Phillipa sentiu medo; medo de verdade. Estava sozinha e cada palavra era verdadeira. E o que quis dizer com «não a encontrem»?

— Não se aflija, — ele acrescentou como se soubesse de sua preocupação, — você não sentirá dor. Só precisará ingerir este preparado que, na verdade, não é simples de preparar.

— Não se dará bem — espetou com voz tremente.

— Ora — ele estalou a língua, — que comentário tão previsível. Decepçiona-me. É claro que me derei bem. De fato, eu estava fazendo muito bem. Talvez precise desaparecer por um tempo. Já sabe, por precaução, mas a você esquecerão logo. Quando não encontrarem o seu corpo, só ficará sua lembrança: ou a de uma triste e feia enfermeira, se me permite dizer.

Que fizesse troça de sua feiura num momento como esse fez com que Phillipa ficasse com raiva e soltasse a língua. Afinal, podia perder tudo.

— Não uma simples enfermeira, senhor Shaw. De fato, sou a dona do hospital onde trabalha.

Isso deteve todo o trabalho do químico.

— Você? Não sei o que tenta ganhar, mas sei com certeza que o dono e senhor é o duque de Dunham, e não uma

simples mulher trabalhadora.

— Oh!, não digo que ele não seja, mas sim que eu também. De fato, embora enfermeira, venho de uma família muito mais nobre do que a sua. O Duque é meu tio, e quando ele colocar suas mãos sobre você lamentará ter cruzado em nosso caminho.

Durante alguns segundos reinou tanto silêncio que Phillipa pensou que havia conseguido.

— Bom, não importa. Isso não muda o seu destino.

Phillipa espraguejou e olhou a ambos os lados com desespero.

«Ganhe tempo. Faça-o falar».

— Por que fez isto?

— Porque vou fazer.

— É assassinato.

— Sei que você vê assim, senhora Baker. Todavia, meus motivos estão acima de sua capacidade de entendimento.

— Prove — ela o provocou.

Ele a olhou e suspirou.

— Esta conversa insubstancial não servirá de nada, mas sentirei um grande prazer em não defraudá-la. Afinal sou um homem que soube ver e se valer do conhecimento para dar forma a um plano ambicioso, metódico, brilhante.

— Qual é esse plano?

— Encontrar uma fórmula química para administrar à população mais prescindível e assim começar uma eliminação sistemática que equilibre a balança.

«Está louco». Temia perguntar até mesmo que plano era aquele.

— E quem decide quem é prescindível?

— Malthus, querida enfermeira, o grande Malthus. Ele me deu a ideia desta batalha silenciosa que estou liderando. E logo, muito logo, todos conhecerão o meu nome e saberão do que sou capaz. Terão inveja de mim. Porque sei, como Malthus, quão preocupantes são as coisas.

«Ah!, o ego: um dos males da humanidade».

— E o que diz esse Malthus?

— Dizia senhora Baker, dizia. Morreu há anos, mas seus ensinamentos e conhecimentos continuam vigentes. Só um círculo reduzido de pessoas é capaz de apreciar a descompensação entre o aumento da população e os alimentos. Aquele grande gênio soube ver, a capacidade de crescimento da população e, conforme passa o tempo, maior que a capacidade da terra para produzir alimentos para o homem. Então ele soube possuir as mais elementais noções de números para poder valorizar a imensa diferença a favor da primeira destas duas forças.

»Estive em muitas palestras que tratavam dos ensinamentos de Thomas Malthus e estou de acordo que a evolução da ciência nas mãos de homens bons não ajudará a superar o grande problema da humanidade: a pobreza e a miséria. Entendo, também, que esse setor da população, até mesmo em condições de miséria, se deixa arrastar por uma falta de restrição moral e irresponsabilidade que os leva a ser presos de um instinto de reprodução insana que

descompensa a sociedade. E, como Malthus, tenho certeza de que chegará o dia em que não haverá comida para toda a população porque, justamente quando tentarem remediar, será muito tarde.

»Porém já sabe, isso está mudando. Eu mesmo mudarei. E tudo graças aos meus conhecimentos químicos.

— E se as pessoas não concordarem com você? — Ela perguntou preocupada. Todo aquele discurso lhe parecia uma loucura tão descabida que devia fazer um esforço para ficar consciente da realidade.

— Sei disso. Por acaso acredita que quando eu alcançar o êxito os ignorantes celebrarão meu triunfo? Sei bem que não. Já comprovei em minha própria pele que entre eles não precisam de uma voz discordante que lhes faça ver a verdade desta sociedade corrupta e desequilibrada. Mas oh!, Eles verão. Ora se verão. Eu os obrigarei a isso.

— E como...?

— Basta de conversa fiada! Já falei o bastante. Eu preparei e já está no ponto. Não serve de nada alongar a agonia. Renda-se ao inevitável.

«Jamais!».

— Certamente que estarão aqui? — Martin sussurrou no vestibulo da casa, aos pés de uma escada.

— É o mais lógico. É a sua casa, o seu refúgio. Ademais, não sabe que conseguimos identificá-lo.

Sebastian moveu a mão em completo silêncio e uma dezena de homens que esperavam seu sinal se abriram como leque.

A princípio, o tempo havia corrido contra eles, mas uma vez que entendeu, colocou cada peça em seu lugar, tratou de ter sangue frio e serenidade que o caracterizavam no campo de batalha e agiu da melhor forma que sabia. Hansberg respondeu imediatamente trazendo um dos seus: um antigo especialista em explosivos. O restante eram peritos na luta corpo a corpo e no manejo das armas mais variadas.

A casa do químico foi sua primeira e única opção. Com isso já teve o primeiro desacordo com o tio de Phillipa. Por sorte, Hansberg soube convencê-lo. Martin os havia seguido, alegando ser incapaz de permanecer esperando sem fazer nada e fazendo efetiva a melhor de suas armas: era médico. Talvez sua presença fosse necessária.

Sebastian esperava que não.

A casa parecia vazia, — o que era estranho, — embora não desabitada. A ausência anormal de serventes lhe indicava que o dono queria solidão. Esperava não estar equivocado, ou o duque em pessoa jogaria uma lança que lhe atravessasse o coração se ele falhasse.

Nesse caso, ele se ofereceria de bom grado.

— A onde? — Perguntou Hansberg sem falar.

Havia duas possibilidades: porão ou sótão. Que fosse químico o inclinava à primeira opção.

Indicou a três dos homens que subissem as escadas. Os outros examinaram a planta baixa com rapidez.

— Field — chamou em sussurros um deles, se aproximando, — na parte traseira há uma porta camuflada, justamente ao lado de um escritório. Por seu estado, parece ser usada com frequência, mas está fechada por dentro. Nós comprovamos.

Sebastian refletiu apenas por alguns segundos.

— Esta lá, vamos.

Em poucos minutos descobriram que era, com toda probabilidade, o aceso ao porão. Não podia entrar nele por nenhum outro lugar da casa, tanto por dentro quanto por fora.

— Precisamos voar — anunciou. O tempo passava muito depressa.

— Mas então ele saberá que estamos aqui — replicou o duque. — Pode fazer dano antes que consigamos chegar.

Esse era também o temor de Sebastian, mas não havia outra opção.

— Quero rapidez. Sem falhas.

Os profissionais assentiram. O Duque, o Marquês e o doutor se afastaram para o lado mais afastado do corredor enquanto o especialista preparava tudo. Os demais estavam próximos.

Prepararam-se para o caos.

Quando à primeira explosão ocorreu, Sebastian e os demais se lançaram sobre os escombros. As cegas devido à fumaça desceram por escadas que os levaram até o suposto acesso ao laboratório.

— Socorro!

— Phillipa! — Gritou ele através da porta.

Tratou de colocá-la abaixo, angustiado pelos sons de luta do interior.

Uniram-se os demais. Três. Juntos conseguiram arrombá-la.

A imagem o transtornou: Phillipa amarrada, presa pelo químico do hospital, enquanto fazia esforços para evitar ingerir algo de uma vasilha.

Não pensou, reagiu. Pegou a pistola carregada e, apesar do risco de acertar Phillipa, disparou.

Não falhou.

Capítulo 22

Phillipa despertou entre o quente abrigo dos braços de Sebastian. Ficou consciente dele até mesmo sem estar desperta ainda, e sem nem sequer abrir os olhos. Durante a noite, devido a todas as emoções vividas, os protetores braços masculinos não a soltaram e ela se encontrava aconchegada entre eles.

Um calafrio a percorreu ao evocar o acontecido, mas se recordou que já havia passado tudo. Estava a salvo.

Pensando nele, um sorriso involuntário se prendeu em seus lábios. Se pensasse bem, podia afirmar que poucas vezes havia se sentido tão bem. E embora fazer amor com ele fosse uma experiência excitante e maravilhosa, nada podia se comparar àquela intimidade. Tinha muito a ver com o que havia presenciado grande parte de sua vida entre seus entes queridos e amigos, mas a ela jamais havia acontecido antes e nem sequer havia imaginado que pudesse acontecer.

Se pudesse escolher, seguiria assim para o resto de suas vidas: Sebastian junto a ela enquanto trabalhava e lhe acompanhando no dia a dia, enquanto que, pelas noites, se mostraria encantada de se render ao desejo e à paixão com

ele. Insuperável. Naqueles momentos, desfrutaria de uma vida tão perfeita que não mudaria nem uma única vírgula, nem um único ponto.

Esticou a perna pouco a pouco para não despertá-lo e para continuar assim por tempo indefinido, queria sentir a respiração masculina na nuca e próxima da orelha, o que resultava tranquilizador. Sem dúvida, em seu afã por senti-lo, entrelaçou os dedos com os de Sebastian e, em poucos segundos, ele começou a se mover e a despertar.

— Mmmmm — murmurou ele enquanto a estreitava mais.

Phillipa notou como ele se espreguiçava e, também, a resposta daquele corpo que, além de ser imediata, não podia ser mais óbvia.

Sem soltar as mãos unidas, elas subiram até o seio de Phillipa e ela voltou a sorrir. Notou um suave beijo na nuca que fez disparar seu coração.

— Gosto muito disto. — A voz ainda rouca e espessa pelo sono não lhe impedia de tomar liberdades.

— Vou dizer que a mim também. — Com dificuldade, se virou para encará-lo. Não entrava suficiente luz através das cortinas fechadas, se bem que se distinguia um contorno.

— Alegra-me que estejamos de acordo.

Beijou-a e ela respondeu com fervor.

Os minutos passaram enquanto as bocas se uniam e se afastavam. Seus corpos cobraram vida e ambos sentiram que deviam satisfazer aquele desejo.

Phillipa notou uma pressão no baixo ventre, mas a ignorou. Enquanto as carícias se faziam mais ousadas e os

murmúrios de prazer enchiam a sala, a agora molesta sensação fez apaziguar o crescente desejo.

«Justamente agora não», protestou seu eu interior quando identificou o mal estar.

Sabendo que era inútil ignorá-lo porque lhe impediria continuar mais cedo ou tarde, lhe deu um sonoro beijo e se desprendeu dos confortáveis braços.

— O que está fazendo? Aonde vai? — Perguntou ele quando a viu sair desnuda da cama.

Phillipa recolheu com soltura a camisola que jazia atirada aos pés da cama, sobre o tapete, e a vestiu com rapidez, sem deixar de mover-se. Buscou a bata com o olhar.

— Phillipa, o que está fazendo, — repetiu Sebastian meio endiretado. — Volte.

— Agora não. Em seguida estarei de volta. — Calçou as sapatilhas e abriu uma das pesadas cortinas.

A repentina luz os fez piscar.

— Por Deus! — se queixou ele. — Phillipa!

— Sinto muito. — A pressão havia ficado insuportável e vestiu a bata com frenesi enquanto saía pela porta interior.

— Mas o que...?

— A bexiga não pode esperar — disse com o botão nas mãos.

Enquanto aliviava suas necessidades mais básicas e imperiosas, ouviu a risada dele com clareza.

Novamente, sorriu. Ah!, mas que bem se sentia.

Quando ela voltou ao quarto, o encontrou sentado na cama com as costas apoiadas na cabeceira da cama.

Phillipa se sentia um pouco envergonhada por ter priorizado suas funções vitais em detrimento do instante mágico.

Em uma demonstração própria da leitura de mentes, Sebastian disse:

— Pensei que os momentos entre um homem e uma mulher não pudesssen se ver interrompidos por problemas tão básicos.

— Oh!, não ria — soltou entre grunhido e risada. Ela foi abrir a totalidade das cortinas.

— Não me atrevera a fazê-lo. Acabo de comprovar em minha própria pele suas prioridades.

— Velhaco. — Tirou a bata e a jogou como vingança.

Sebastian se esquivou, sem problemas. A risada bailava em seus olhos brilhantes e Phillipa pensou durante alguns instantes que era impossível que conhecesse um homem mais bonito do que ele. A sensação que sentiu nesse momento no ventre não era devido a nada tão prosaico quanto fazer suas necessidades.

— Ande, volte à cama comigo. Creio que deverei me casar com você se não quiser vê-la desencaminhada.

O coração de Phillipa por pouco não parou. Até mesmo deteve o passo que a levaria à cama.

«Casar-se?».

Esteve a ponto de soltar um grito histérico, mas a surpresa que viu refletida no rosto de Sebastian lhe indicou que havia se tratado de um comentário sem premeditação. Não deveria dizer nada.

Prefiriu levar na brincadeira.

— Por sorte, não trouxe um anel com você.

Não gostou da repentina seriedade que viu no rosto de Sebastian e preferiu não se aproximar.

— Não, não o trouxe. Foi um impulso — ele confessou. — Sem dúvida, que eu não esteja preparado não implica que não tenha passado antes por minha cabeça, nem que me arrependa de tê-lo dito.

Phillipa piscou tratando clarear suas idéias. Ele estava insinuando o que pensou?

— Não está falando de verdade. — E no mesmo instante soube, por sua expressão, que o comentário não o agradou.

— É possível que pense assim, Phillipa, mas lhe asseguro que não costumo soltar afirmações de tanta importânciancia se não forem verdadeiras.

— Ma-mas...

— Mas o quê?

Tratando de ordenar suas idéias, Phillipa ficou consciente do delicado da situação. De certo modo se sentiu traída. Por que ele agia daquele modo agora? O que tinham era perfeito e ele acabava de estragá-lo totalmente.

— Estamos tão bem...

— Sim, estamos.

— Então?

Ele suspirou e se levantou da cama.

Sentiu que seu corpo traidor respondia a chamada do corpo masculino nu. Quando o viu colocar a roupa, Phillipa suspirou, agradecida, em silêncio.

Sebastian se aproximou.

— Talvez não tenha sido a melhor declaração, e lhe peço desculpas por isso, mas a finalidade é a mesma: quero me casar com você.

Phillipa deu um passo para trás, assimilando.

— Por quê?

Foi incapaz de calar-se. Nem sequer a expressão de dor que vislumbrou nos olhos de Sebastian a havia convencido para não formular a pergunta.

— Se isso é uma brincadeira, permita que lhe diga que não acho graça.

— Eu não...

— É o natural, Phillipa — disse ele. — Temos feito amor; não uma, nem duas, mas muitas vezes. Temos nos beijado, temos visto nossos corpos nus e temos nos lançado a descobri-los com grande entusiasmo. Por acaso não significa nada para você?

— É claro — ela protestou ofendida. — Não se trata disso.

— E de que se trata, se você tiver a gentileza de me explicar?

Phillipa foi incapaz de responder àquilo. As coisas se precipitavam para uma direção que não havia concebido e sentia que se afogava. Nesse momento teria dado o que fosse por estar vestida e em outro lugar. Enrolada em roupa de cama e em seu próprio quarto, não se sentia tão forte para poder fazer frente para um Sebastian desconhecido para ela.

— Olhe, Sebastian, talvez as coisas tenham saído de nossas mãos. Se nos tranquilizarmos e descermos para um

desejum, talvez vejamos as coisas de outra perspectiva.

«E assim eu terei mais tempo para pensar».

— Tomar um desejo. Assim, simples. Eu a peço em casamento, e você propõe que desçamos para o desejo. — Parecia perplexo. . — Vamos. Phillipa, sabe fazer melhor que isso. Entre nós há sentimentos. Ou negará isso?

— Sabe que não. Falei do afeto que sinto por você. Com você me sinto segura.

Ao ouvi-la, Sebastian se aproximou da janela e olhou para fora.

— Trata-se de algo mais que afeto — asseverou sem olhá-la. — Apesar do tempo que passamos juntos, continuamos nos procurando, até mesmo em nossos momentos livres. O que isso lhe indica?

— Que estamos bem um com o outro?

— Maldita seja, Phillipa! Não, não quis dizer isso! Quero dizer que a amo!

E se após a declaração seu coração quase havia se detido, essa confissão o havia arrancado do peito. Jamais pensou que lhe diriam aquelas palavras. Que ela despertaria amor suficiente para que um homem fosse confessá-lo.

Abalada por tantas emoções, Phillipa soltou a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Isso são palavras muito sérias. — E novamente, outro erro. Havia menosprezado sua proposição, mas desdenhar de seus sentimentos era uma canalhisse. Sem dúvida, sentia-se incapaz de fazer o que Sebastian desejava dela.

— Sinceramente, não esperava isso de você. — Parecia decepcionado. — Que o negue não o fará menos provável.

— Sinto muito, Sebastian. Não duvido que possa chegar a acreditar...

— Oh!, e até pretende arrebatr também o que sinto para que possa estar em paz com você mesmo, não é verdade? Pois não vou deixar. Sim, eu a amo. Ouviu? — Aproximou-se tanto dela e com tanta raiva que ficou tenso. — Eu a amo! Eu a amo!

Phillipa deixou passar um minuto em silêncio e quis fazê-lo entender.

— Sebastian...

Como se não pudesse suportar a compaixão que continha o nome em seus lábios, ele retrocedeu.

— Nunca havia pensado em meu futuro, e muito menos em uma mulher com a qual me assentar, — ele confessou. — Quando comecei a refletir, soube aceitar o que estava por vir. Por que você não?

Phillipa não possuía uma resposta para ele. O pensamento e as palavras de Sebastian eram bonitos e românticos. De fato, quando era bem jovem havia sonhado que alguém as dissesse para ela. Mas sua existência não havia seguido os caminhos estabelecidos, nem sua forma de ver a vida. Havia se limitado a ser somente esposa e mãe. Ela desejava mais. Necessitava muito mais.

E de repente, uma idéia começou a germinar e soube o porquê não conseguia aceitar.

— Creio que está equivocado, Sebastian. Oh!, não duvido que queira se casar comigo, — acrescentou ao ver a expressão irada e atormentada no rosto dele, — embora seja por razões equivocadas. Ou porque queira me proteger.

— É claro que quero protegê-la. Eu a amo.

— Não, não me refiro a algo tão abstrato, mas sim a detalhes concretos. Proteger-me de situações como as de ontem.

— Perdão?

— Sim, sim. — Conforme avançava, mais segura se sentia. — Entendo que é um instinto natural em você. Pensa que, se me casar com você, poderá evitar minhas saídas pelo East End e que me envolva em situações perigosas.

Sebastian a olhou como se ela delirasse e Phillipa sentiu certo incômodo.

— Se pensa semelhante sandice, é porque é mais insensata do que eu imaginava. Se lhe propus casamento, a você e somente a você, é por todas e cada uma das razões que estive nomeando antes. E nem uma mais.

— Não entende. Já vi antes. A mulher se casa e se converte em uma posse a mais do marido. Este passa a ter o controle sobre sua vida, submetendo-a. Pode exigir como deve viver sua vida enquanto coloca amarras de bom comportamento. ou outros absurdos que creia mais conveniente.

— E por acaso pensa que eu quero isso? Quando foi que eu disse semelhante absurdo?

— Não, é verdade, não disse e talvez ache que não dirá, mas não vai conseguir evitar; está em sua natureza.

Phillipa o via andar de um lado para o outro foribundo, como se tentasse não se aproximar.

— Em minha natureza? Cortar a liberdade das pessoas? Ora, não sabia que chegou a me conhecer tão profundamente. Então o que você vê em meu comportamento eu não sabia nem que possuía. De verdade acredita que eu seria capaz de semelhante baixeza?

— Não, não. Não queria dizer isso. — Apressou-se a responder. Em seu afã por fazê-lo entender sua postura, havia se equivocado na escolha de palavras e o havia insultado.

— E o que pretendia, então? Está me dizendo que quero me casar com você para controlá-la.

O que Sebastian parecia fazer, era um supremo esforço para se dominar. A rigidez de seu corpo estava marcada nos músculos de seus braços nus. As linhas do pescoço estavam estiradas e os ombros, jogados para trás. De tanto em tanto tensionava e abria os punhos, o que indicava sua falta de controle. Mas seus olhos, oh!, seus olhos. Neles se refletiam a dor que ela estava causando nele sem pretender.

Por acaso ela poderia retroceder no tempo e mudar as palavras que disse? Serviria de algo? Não sabia. A verdade era que estava lhepedindo algo que não se acreditava ser capaz de dar.

— Oh!, não sei. — Sentia-se cansada e impotente . — Por favor, Sebastian...

— Não, Phillipa. Sem desculpas e sem lamentos. Ainda não foi capaz de me dar um sim, ou um não — elepressionou. Sem dúvida, ambos sabiam que a resposta não era necessária . — Explique-me, o que sente por mim?

Phillipa abriu a boca para responder e voltou a fechá-la. Ficou em branco.

— E mais — continuou ele diante de seu mutismo, — tudo isto significou para você apenas um jogo? A evolução natural e a lógica final do que temos é o matrimônio. Se não pretendia se casar, até onde desejava chegar com tudo isto? — Apontou para ambos e depois abarcou o quarto com os braços.

— A nenhum lugar. — E essa era a pura verdade. — Limitava-me a saborear o momento, de sua companhia — ficou incerta, — e seus beijos e carícias.

— E nada mais — suspirou ele. — Segundo a sua explicação continuaríamos assim pelo resto de nossas vidas, mas não leva conta que tudo evoluiria e que é impossível se estancar. Este é um episódio a mais, como tudo. — Sentou-se na beirada da cama com as pernas abertas. Baixou a cabeça e Phillipa sentiu uma profunda tristeza ao vê-lo assim. — Você me ama? É de verdade o seu medo que a privem da liberdade, ou o único motivo é o medo do matrimônio?

— Quem dera você me entendesse — afirmou Phillipa. Sentou-se numa poltrona porque logo suas pernas não a sustentariam. — Quero estar com você, embora também deseje ser enfermeira e a liberdade que isso significa.

— E o que a impediria de ter essa liberdade?

— Por acaso não me escutou? O casamento me tiraria tudo isso. Tudo.

— O seu casamento não tirou isso de você. Ou acaso há algo que me esconde?

— Não — replicou frustrada. Queria fazer-se entender de toda a maneira. — O casamento com Charles foi bem porque era um acordo entre colegas e amigos. Ambos sabíamos o que esperar um do outro.

— Gostaria que me escutasse, Phillipa. Está tão equivocada. Seu casamento foi o que foi e você o descreve com muito horror. O que Charles queria era somente impor sua vontade, seu destino foi sentenciado, tal e como teme.

— Não, Charles não fez isso.

— Ah!, mas eu sim. Suponho que isso é o que tenta dizer com tanta dificuldade.

Incapaz de continuar suportando o tormento que via nele e o seu, Phillipa se aproximou e se sentou a seu lado.

Pegou suas mãos e ele a deixou fazer.

— Não pense isso, por favor.

— E o que quer que eu faça? Está obssediada com a dominação do homem sobre a mulher. O controle que os estivadores exercem sobre suas esposas, o comando dos médicos sobre as enfermeiras. E é verdade, não digo que não. Mas se agarra a isso sem ter consciência do que também viveu. Abra os olhos e olhe ao seu redor. Pense em seu tio, nas mulheres que compõem a junta diretiva e nas histórias que me contou sobre elas. Eles não servem de exemplo? Por acaso aqueles casamentos são como diz?

Phillipa se negou a pensar. Eram casos especiais.

— Nossa situação seria diferente. Seu instinto de proteção está muito desenvolvido e viveu comigo momentos difíceis que podem chegar a alterar as coisas. Talvez a princípio não acontecesse. Só eu sei que o preocuparia cada vez que saísse de casa. Sua intenção seria me armar com um exército que me protegesse de qualquer arranhão. Eu aceitaria para agradá-lo, mas não seria suficiente. Chegaria um dia em que me asfixiaria diante de tanto controle ou ocorreria um incidente que mudaria tudo. Primeiro me exigiria que abandonasse as ruas e depois, o hospital. Ao final esperaria o mesmo que os demais. Eu quero a felicidade que pssuíamos até agora. Não podemos continuar assim?

Com um puxão, Sebastian se soltou e se afastou num claro sinal de rechaço que lhe doeu. Ela o viu colocar a camisa com gestos furiosos e se sentiu miserável.

— Sebastian...

— Pare!!! Não diga uma palavra a mais ou me fará dizer algo que mais tarde lamentarei. Resulta-me impossível seguir escutando esses absurdos por mais tempo. Eu possuía uma opinião equivocada sobre você Phillipa, e parece que você de mim. Nenhum dos dois parece conhecer o outro visto que nunca pretendi nada do que me acusa.

— Não estou ofuscada! — ela protestou — Tento lhe explicar...

— Sei o que tenta fazer! Quer expor «sua verdade». Está tão agarrada a ela que não vê mais nada.

— Agora me ofende.

Enquanto Sebastian calçava as botas e terminava de se vestir, Phillipa se sentiu nua em todos os sentidos.

— De verdade, Phillipa? Só fez injúrias e suposições? — Cuspiu as palavras. — Eu só aponto os fatos. Pegue nosso acordo como exemplo. Talvez a princípio sim, fui autoritário, mas demonstrei que podia compreender seu trabalho e, apesar de tudo isso não me impediu de me preocupar com sua segurança, mas confiei em seu bom juízo e creio que não lhe «asfixiei» mais do que o devido, impondo a você algumas normas razoáveis. A vida não é um caminho de rosas, sabe tão bem quanto eu. Sempre encontraremos dificuldades. Sem dúvida, devemos ser suficientemente maduros para chegar a acordos, tal e qual, temos feito até agora. Negue se puder.

Phillipa não podia, mas foi impelida a continuar insistindo, e mantendo sua posição.

— E se isso não acontecer? O que acontecerá então com meu trabalho, com minha vida, com o que me identifica como mulher? Estarei presa.

Sebastian lançou um longo olhar e ela o sustentou. Cada um em pontos distintos da sala, como um simbolismo das posturas que os separavam.

— É um risco que devemos correr, — ele declarou com uma inesperada calma. — A questão é se acredita o suficiente em mim e se está disposta a tentar.

Por um momento, ela se sentiu dividida. Sebastian a empurrava a decidir e ela não estava preparada para isso.

— Quero estar com você — ela começou. A repentina luz que viu em seu olhar a levou a dizer o resto, — embora

também queira ser enfermeira e ter minha liberdade.

O brilho desapareceu.

— Entendo. Espero que compreenda também que não precisa escolher. Pode ter tudo. Não seria fácil e necessitaríamos fazer concessões, mas eu estaria disposto a tentar. Nunca pensou em ser esposa e mãe e continuar exercendo a profissão de enfermeira?

Não, nunca havia pensado.

— Não sei. O que faço exige grande parte de meu tempo.

— Mesmo assim, se pensar bem, Phillipa, poderíamos dar certo. Teríamos nosso espaço e momento. Por que não como todos os demais?

Esgotada de tantos requerimentos, passou as mãos pelo rosto e apertou levemente os olhos.

— Exige muito. Sou incapaz de me imaginar em outro cenário que não seja o que criei para mim.

— Está vendo? — Ele perguntou, aproximando-se e levantando seu queixo com uma delicadeza que lhe rompeu o coração. — Com isso só demonstra que tem se isolado fazendo da sua profissão o único alicerce da sua vida.

— E o que isso importa? Eu decidi assim — ela disse afastando-se irada ao se sentir atacada novamente.

Sem se aborrecer, Sebastian voltou a se aproximar. Pegou seu rosto com as mãos e a olhou nos olhos.

Phillipa estremeceu.

— Mas agora está em outro momento, — ele explicou com suavidade. — Arrisque-se por mim. Faça-o por nós, por favor. Podemos criar algo maravilhoso.

Ela era incapaz de permanecer indiferente à súplica e seu interior era um caos de sentimentos, mas não podia dar a ele o que pedia.

Após o seu silêncio, Sebastian intuiu que não havia nada a fazer e se afastou pouco a pouco, como se se afastar fosse muito doloroso.

Phillipa se obrigou a não piscar os olhos. Se o fizesse, inundaria o dormitório com as lágrimas.

— Está indo embora? — Ela perguntou a seu pesar quando o viu alcançar a porta. Odiou-se pela voz delatora.

Ele assentiu.

— Preciso pensar.

— Nos veremos amanhã cedo, então — ela se atreveu a dizer. Queria tirar de cima uma funesta sensação que não conseguia definir.

Sebastian permaneceu quieto alguns instantes e respondeu sem olhá-la.

— Sim, amanhã.

Capítulo 23

Era quase meio dia quando Sebastian saltou do cavalo.

Durante o trajeto de Londres até a Casa de treinamento, havia lamentado seu impulso a cada segundo. Ao invés de optar pela comodidade da carruagem como fazia sempre, havia alugado um cavalo, primando sua necessidade de ar livre e velocidade. Não suportara a ideia de se ver preso dentro do veículo a sós, com seus pensamentos, mas não levou em conta que seu método de transporte opcional não eliminava aquela possibilidade; talvez a reduzisse, sim, mas ela não desapareceria. Ademais, o tempo teve a ousadia de não ir de acordo com o seu estado de ânimo, tendo que lidar com o sol escaldante, que naquele preciso dia decidira se levantar radiante e poderoso bem acima de sua cabeça, logrando provocar nele uma dilacerante dor de cabeça.

Sem nem uma palavra de agradecimento ao moço que Hansberg contratara, dirigiu-se à casa a grandes passadas e com pisadas fortes sobre a grama que a rodeava. Nessa ocasião não encontrou prazer, nem consolo na abundante massa vegetal que florescia ao redor e que se estendia por várias dezenas de hectares, compondo a paisagem.

Olhou com frio desgosto a fachada que outrora lhe pareceu majestosa. Agora lhe parecia velha e sem vida; uma construção perfeitamente retangular e cinza que não conseguia despertar nada nele.

Evitou a porta principal e rodeou o edifício com uma idéia específica rondando sua mente. Os três andares de altura cortaram de repente a luz solar e sentiu que a sombra — apenas um friso de dois pés de largura devido à perpendicularidade do sol — estava mais em consonância com seus sentimentos. O cri-cri da grama abaixo de seus pés lhe crispou o nervos e desejou ter atravessado a casa por dentro, mas sabia que cruzaria com vários dos habitantes e que o reteriam com uma conversa fiada que seria incapaz de suportar.

A parte posterior estava cheia de enormes e baixas janelas, com marcos brancos que pretendiam dotar da máxima luz natural, o interior. No centro estava situada uma porta francesa que costumava ser fechada somente pela noite. Havia sido ideia dele derrubar as paredes de três salas que foram convertidas em um espaçoso recinto dedicado a um único e proveitoso fim. Hansberg o havia considerado inteligente e não havia hesitado em realizar a remodelação. Agora era seu objetivo: a sala de boxe.

Por quê?

A pergunta ressoou em seu cérebro, e Sebastian apertou os dentes quando a lembrança ameaçou inundá-lo, enquanto transpassava o umbral e passava ao interior.

Não queria pensar. Tão pouco recordar. Necessitava de uma ação que o ajudasse a mitigar a sensação de estar vivendo um pesadelo. Se golpeasse o suficiente ou recebesse uma considerável surra, talvez anestesiasse a dor que sentia em cada poro de sua pele.

O *ring* não estava livre, mas não se preocupava. Ocupava o centro e oito postes de madeira o rodeavam, unidos entre eles por duas linhas paralelas de cordas de boa qualidade — flexíveis, mas tensas — que suportavam o impacto de um corpo humano se fosse necessário. Aproximou-se e as tocou. Serviriam.

«E se não, duvido que se importe».

Com o resto da sala vazia, Sebastian se dirigiu a um canto e começou a tirar a roupa. Sua intenção não era treinar, mas sim disputar um combate de boxe em toda regra. Não era o habitual na Casa de treinamento, mas acontecia.

— Ei Sebastian!

Um jovem se dirigia até ele. Por seu aspecto suado deduziu que vinha de uma corrida. A enorme extensão da qual dispunham era utilizada para se manter em forma, uma qualidade necessária em seu trabalho.

— Alan.

— Supreende-me ver você por aqui a estas horas. Pensava... — Pareceu se dar conta nesse instante de que ele estava tirando a roupa. — O que está fazendo?

— O que você acha? — Perguntou por sua vez com sarcasmo e sem interromper sua tarefa. — Dashwood está por aqui?

Sebastian notou que Alan o estudava com o olhar; o que não dizia e o que fazia. Assentiu devagar.

— Posso encontrá-lo para você — ele se ofereceu. — Não deve estar muito longe.

— Agradeceria. — Nú da cintura para cima o olhou sem acrescentar mais nada. Soube que seus olhos lhe indicaram o que necessitava saber. Não se importava com nada.

Pouco mais de uma hora depois, a situação não era muito diferente de como imaginara antes de sair da cidade, embora bem diferente do cenário que havia encontrado ao chegar.

Derrubado por um contundente gancho de esquerda abriu os olhos e viu à maioria dos habitantes da casa congregados em torno do *ring*. Assombrado porque houvessem comparecido tantos num curto período de tempo, os via vociferar e animar em partes iguais. Sem dúvida, Sebastian só via Phillipa. Ela estava em todo o lado. Seu rosto era tudo o que via, até mesmo no de Dashwood. Quando este o golpeava sem piedade, não eram seus punhos os que sentia bater em sua carne e ossos, mas sim as palavras que lhe havia dito ou o silêncio que tanto lhe havia doído e que havia se estendido por sua alma como uma enfermidade incurável.

Levantou-se devagar e seu atacante teve a delicadeza de esperar que ficasse de pé. Isso deu vazão a raiva que levava dentro de si. Não queria piedade, nem misericórdia. Havia visto no olhar da mulher que amava e havia sentido como se arrancassem sua pele em tiras.

— O que está esperando, Dashwood? Não está com medo, não é? — Ele o provocou.

O levantamento das sobrancelhas do adversário se elevou tanto que esteve a ponto de tocar seu cabelo, mas não se moveu, nem uma polegada. Ou melhor, cruzou os braços e o olhou impassível enquanto o via se levantar lentamente.

«Maldito seja, não vou consentir!».

Não seria um rapazola, uma segunda versão melhorada do que costumava ser. Era um dos melhores, o mais rápido, o mais letal.

Com o corpo encolhido correu e arremeteu contra o outro, que se viu pego desprevinido perante o ataque.

Sebastian também se machucou e voltou a cair, embora desta vez levantou-se primeiro e com mais rapidez. De soslaio olhou as marcas roxas que já começavam a aparecer nos braços e no torso, mas pensou que se podia aguentar a frieza de Phillipa, seu corpo podia com tudo mais. Estava machucado, mas só se percebia o exterior. Sem dúvida, começava a duvidar se os demais — incluindo Dashwood — não viam um pouco mais além.

«E a quem importa?».

A ele, a ele importava.

Aproximou-se da corda e se apoiou nela. Os tendões e os músculos estavam tensos e doloridos e começava a suspeitar que sua impulsiva decisão não estava funcionando como deveria. Não podia tirar de cima dela aquele pesadelo que havia se instalado nele depois de abandonar a sala de Phillipa. Em seu apartamento, em Holborn, parecera uma boa

idéia. Melhor isso que se ver fechado entre quatro paredes para recordar a negativa de Phillipa e mascarar em solidão o medo que percebia nela. Medo de mudar, de se dar uma oportunidade, de ser feliz.

«Não fala sério».

Como, em nome do Senhor, podia não falar de verdade, se lhe havia oferecido seu coração? Que homem se atrevia a dar um passo tão importante se não fosse por amor? Se, dado o caso, a dificuldade houvesse radicado na desconfiança de que ela possuía uma posição e fortuna das quais ele carecia, lhe teria parecido até lógico. É claro, depois teria mitigado seus temores e teria consentido em firmar qualquer documento que a Phillipa ou a sua família lhes ocorresse para que isso ficasse fora de toda dúvida. Mas não era o caso. Não, não o era.

Não sabia como lutar contra um dragão assim. Não se considerava um mequetrefe, embora não fosse um cavalheiro de armadura brilhante que pudesse fazer frente a todos. Sim, era capaz de defendê-la e protegê-la, mas de coisas reais e tangíveis, não de medos (e menos ainda se ela não permitisse alguma ajuda).

Dashwood se levantou e Sebastian ficou em alerta. Aproximaram-se do centro com precaução.

— Aonde quer chegar? — Perguntou-lhe.

Não havia dúvida sobre a intencionalidade, embora se permitisse pensar. Afinal começava à compreender que só era um combate e que não solucionaria nada. Mesmo assim, a

sensação de dor física sufocava o restante dos padecimentos, pelo qual não demorou deixar claro.

— Até o final, — anunciou.

O clamor dos espectadores e gritos de satisfação os inundaram, assim como também o suor que impregnava o ambiente, que em outras ocasiões era um odor a mais que estava acostumado, mas que agora o enjoava. Firmou os pés no chão de madeira polida para evitar uma vergonhosa queda provocada pela falta de ar limpo e, novamente, foi estranho ao tato. Sabia que era impossível que uma farpa pudesse se cravar em seu pé, pois lhe constava que Hansberg fazia polir o chão com regularidade para evitar. Não obstante, o sentiu áspero e incômodo. Flexionou o pé e o adaptou ao piso e a sensação e continuou, sem se desvanecer. Por uma vez desejou que a luta de boxe tivesse se desenvolvido sob as premissas habituais das pessoas de bem. O marquês tentara ensiná-los a lutar como pessoas civilizadas e cada um dos presentes sabia como fazê-lo, mas a satisfação de fazê-lo com os punhos nus era incomparável. E não só isso. As lutas na Casa de treinamento, eram semelhantes àquela ou uma forma de adestramento, pretendiam ser cômodas, então se desfaziam dos sapatos, das meias de seda e das calças. A parte superior também desaparecia. Então se podia dizer que lutavam de calções. Era desse modo que conseguiam a liberdade de movimentos que uma luta com aquelas características requeria.

Lançou um gancho e no mesmo instante protegeu o rosto para evitar males maiores devido à réplica. Em seguida

pensou na inutilidade do ato. Quem se importaria se estivesse com os olhos roxos ou os lábios partidos?

«Phillipa não, é claro».

Talvez sugerisse que descessem para um desejo. Sim, ao que parece, era sua forma de solucionar as coisas. Ou ignorá-las. Talvez fizesse isso mesmo: fingir que seu corpo continuava intacto.

A raiva impulsionou seus movimentos, tornando-os mais rápidos e eficazes. Era inútil tentar visualizar o seu oponente. Só podia ver o pálido rosto de Phillipa, de pé, calada e incapaz de responder às suas expectativas.

Sentia afeto por ele e se encontrava segura, mas havia sido incapaz de falar de amor ou corresponder ao seu. Não havia se mostrado fria, embora sua incapacidade para reagir fizesse muito mais que exasperá-lo. Ela o havia magoado.

E se houvesse planejado? O que havia feito no caso de oferecer um anel também?

A cena teria sido a mesma, estava certo.

«Estamos bem um com o outro», essas foram suas palavras.

Pois não, ele não estava. De fato, se sentia destruído.

Por Deus, se quando lhe confessou que a amava só foi capaz de dizer que eram palavras lindas. Até mesmo depois de explicar a ela com todo luxo de detalhes porque a amava, ela havia se limitado a olhá-lo com compaixão.

E não contente com isso, como o gosto de um pastel imaginário que lhe amargava a boca, ela quis minimizar sua

declaração ao expôr que a história do químico era a única coisa que o motivava.

Queria protegê-la. É claro que queria. Mas essa não era a razão e Phillipa devia saber. Ademais, o acusou de querer controlá-la, de tirar sua liberdade. E quando expôs a ela que seria incapaz disso, afirmou que o bom Charles não o fez, tal como demonstrou, mas que ele sim, faria.

Havia sido tão cruel ao lhe dizer aquilo que ele sentiu que ela dizia propositalmente para magoá-lo. Era essa a Phillipa que o havia conquistado?

«E por que ela não me quer?», perguntou-se pela enésima vez.

Deu um murro certo, dois, três.

Percebeu o momento exato em que o sangue subia em seu cérebro e de esguelha percebeu a mudança de uma aposta; libras esterlinas que caíam ao chão e giravam e giravam fazendo com que seu mundo caísse com elas.

Recebeu um murro que o dobrou em dois, mas só pensava em Phillipa, em que não havia sido capaz de se arriscar por ele, nem mesmo pelo que possuíam, que não era pouco. Enquanto caía ao chão sentiu raiva porque ela não foi capaz de apreciá-lo. Ela deveria ter se comportado como a mulher valente que sabia que ela podia ser, mas se comportou como uma pessoa egoísta que afirmava que preferia satisfazer-se com seus beijos e companhia sem esperar algo mais forte e intrínseco. E acima de tudo se sentia machucado e desprezado porque saíra de seu quarto e, mesmo assim, ela não teve coragem para detê-lo.

Caído de boca para cima sentiu que não podia com aquilo. Ignorou Dashwood quando ele se aproximou para comprovar seu estado. Preferiu deixar que a cacofonia de vozes fosse se reduzindo e concentrar sua atenção em algo tão banal quanto o friso do teto e as pinturas campestres representadas em vivas cores que pareciam debochar dele. A pastora afastando os lobos, um grupo de jovens desfrutando de um picnic num dia ensolarado, um casal se amando.

Não, ele não aproveitaria de nada daquilo. Phillipa havia se encarregado de arrebatá-lo tudo dele. Então, ele fechou os olhos numa tentativa de se afastar do mundo e mal dizendo Hansberg por seu particular sentido do humor ao restaurar o piso em um local como esse.

— Está bem, Sebastian?

Reconheceu a voz de Alan, mas seu inconfundível aroma de charuto lhe produziu enjoo e se negou a deixar que ele o visse assim.

— Deixe-me só — soltou com aspereza, — por favor — acabou acrescentando. Ninguém merecia seus desgostos por ter se permitido iludir.

— Como quiser.

E quando finalmente o local ficou deserto, quando desapareceu até a última alma da sala, Sebastian sentiu a pressão de se ver sozinho de verdade. E era uma sensação perturbadora no pior sentido da palavra. Agora só devia decidir como continuar vivendo.

Tentou, de verdade que tentou.

Quis que tudo fosse como sempre, como Phillipa tinha turno à noite, passou para buscá-la na hora do chá.

Já desde o princípio a coisa não foi bem. Nenhum dos dois se comportou com naturalidade, mas se ela tivesse feito um esforço, Sebastian teria procurado corresponder.

O curto «boa tarde» que ela sussurrou com rapidez atingiu uma ferida que continuava aberta. O trêmulo sorriso lhe indicou que ela não entendera nada, exceto que ele podia estar aborrecido ou magoado. Então a viagem até o hospital foi feita sob um incômodo silêncio que Sebastian sentiu como uma corda ao redor do pescoço, sufocando-o, e que apertou mais o fino fio que o separava dela.

Sem dúvida, a chegada ao hospital mudou as coisas. E isso o desconcertou, embora não tenha gostado.

Quando começou a fazer a ronda, aproximou-se dele e o introduziu nas conversas, quando em geral se contentava em tê-lo ao lado e saber que estava atento. Não o fazia de propósito, mas a maior parte do tempo, lhe saiam monossílabos ou só assentia ou negava. Houve momentos em que o tocou como fruto da casualidade e ele ficou tenso, não só pelo inesperado, mas sim porque parecia uma carícia. Quando a olhou para confirmar e ela lhe sorriu com olhos brilhantes, Sebastian precisou morder a parte interna da boca para não gritar de frustração.

— Basta, Phillipa — resmungou em voz baixa quando sentiu que não podia suportar mais.

Não queria isso. Não desejava que ela agisse como se não houvesse acontecido nada entre eles. Que se arriscasse que alguém a visse só por um pensamento errôneo de que assim o manteria contente.

Como se fosse um cão.

Ao que parece, sua negativa foi ignorada por ela ou Phillipa se negava a se deixar afetar.

O término da ronda se produziu quando entraram no escritório e ela o rodeou com os braços no pescoço com uma naturalidade que lhe partia o coração.

Afastou-a quando tentou beijá-lo na boca. Foi um dos gestos mais dolorosos que teve que fazer na vida.

— O que aconteceu?

Parecia completamente desconsertada e Sebastian precisou se refrear para não dizer algo inapropriado.

— Nada — ele se limitou a dizer.

Ela se dirigiu a sua mesa e se preparou para reler alguns informes. Sebastian sentiu que não resistiria tantas horas a seu lado, mas se fez de forte.

— Não esperava que a ronda fosse tão bem, — anunciou ela, — os tratamentos funcionaram o que é ótimo, pois reforça a fé que as pacientes depositaram em nós.

— É lógico — respondeu, embora uma parte dele não mostrasse nenhum tipo de interesse em manter aquele tipo de conversa.

— Não sei se lhe contei, mas meu tio visitou o outro hospital. — Quando viu seu olhar perplexo tratou de explicar. — Aquele que convenci para que administrássemos. Disse que

tem muito trabalho, mas que pode ser viável. Deus — ela sorriu e só de vê-la assim conseguiu estremecê-lo por completo, — estou muito ansiosa. Sei que será muito trabalhoso...

— Estou lendo, — ele a interrompeu, incapaz de suportar uma conversa tão insubstancial e vazia.

Ela o olhou por um instante apenas, mas Sebastian se manteve firme e sustentou seu olhar sem pestanejar.

«Desde quando parece ter virado minha inimiga?».

— Oh!, sim, é claro. Desculpe-me — respondeu Phillipa por fim. E se envolveu nos informes.

Não sabia se fingia ou não. Ele sim o fez; e muito bem, por certo. Passou as páginas com calculada diligência fazendo ver que lia. O tempo pareceu eterno.

Uma dolorosa, longa e desesperante hora depois, uma alma misericordiosa veio romper a enervante e falsa calma que parecia ter se convertido numa pessoa a mais da sala de tão tangível que ficara.

Uma enfermeira entrou quando Phillipa deu permissão.

— Senhora Baker, o doutor Rafferty a chama com urgência.

Esboçou uma careta quando viu o entusiasmo com que ela se levantou da mesa. Qualquer um diria que estar sentada lhe havia parecido um suplício. Que até mesmo ele tenha sentido a interrupção como um maná caído do céu, não indicava nada de bom.

Acompanhou-a com decisão até a sala de tratamentos, onde o doutor Rafferty e outras duas enfermeiras atendiam

uma mulher.

— Preciso que me ajude a suturar, Phillipa — disse Martin tão logo a viu. — Ela perdeu muito sangue e lhe fizeram um torniquete não muito eficaz. Precisa ser feito rápido e as suas são as melhores.

Ambos se aproximaram e Sebastian contemplou a palidez excessiva da paciente e seu evidente estado sonolento. O doutor estava costurando o corte em um dos pulsos. As outras enfermeiras pressionavam e limpavam o corte ao mesmo tempo. Parecia que a mulher havia feito um bom trabalho em sua tentativa de tirar a vida.

Para não incomodar, Sebastian esperou lá fora enquanto se debatia entre sua própria miséria e a comparava com a dele, por exemplo, a mulher que havia dentro. Esteve se repetindo que, ao contrário da suicida, ele não morreria devido ao desamor.

Algun tempo depois, duas enfermeiras saíram e deixaram a porta aberta, e ele se assomou dentro. A mulher dormia relaxada e com os punhos enfaixados.

— Já terminamos — lhe indicou Phillipa ao vê-lo. — Salvamos sua vida.

— Embora não sei se nos agradecerá o suficiente para não voltar a tentar — disse Martin. — Demos o melhor de nós mesmos e são incapazes de valorizar.

— Não posso estar mais de acordo — ele confirmou. — Algumas podem chegar a ser ingratas, sim.

Com toda segurança, o doutor Rafferty falava de uma coisa muito específica, mas o comentário podia ser

interpretado com duplo sentido e Sebastian assim o fez. É claro, Phillipa se sentiu aludida.

— Isso só ocorre quando lhes oferecem coisas que não pediram.

Martin, surpreendido pela ácida resposta, levantou a cabeça e a observou.

— S-meupreendo que diga isso. Eu creio que seja uma combinação de teimosia e ignorância.

— E pânico — apontou Sebastian. — Um medo terrível de que possam derrubar suas defesas e que lhes demonstrem que estão equivocadas.

— Ou, talvez, um claro sinal de prepotência.

— Prepotência!? — exclamaram ambos os homens ao mesmo tempo.

— Desde quando lhe parece prepotente o que fazemos? — Perguntou o doutor em seguida, assombrado.

— Oh, não estou falando de nós, nem do que fazemos.

— É claro que não, doutor Rafferty. Ela nunca faria isso. Não é capaz de se ver em outro papel que não seja o de enfermeira, nem de salvadora dos desamparados.

— Isso não é verdade! Só trato de ajudar. Que você não seja capaz de aceitar uma negativa não lhe dá direito de fazer pouco caso do meu trabalho, nem ao dos que trabalham aqui.

Sebastian apertou os dentes diante do comentário. Que não sou capaz de aceitar uma negativa?

— Olhe... — começou.

— Por favor, me esclareçam — os interrompeu Martin olhando de um para o outro. — Do que exatamente estão

falando? Por que tenho a sensação de que o único que sobra nesta sala sou eu.

Sebastian se retraiu.

— Sinto muito. Não era minha intenção incomodá-lo.

— Oh!, a ele, não, mas, pelo visto, a mim sim — disse mais magoada do que furiosa.

— Bem, basta; os dois. Este não é lugar para tratar dos assuntos particulares que trazem entre as mãos. — Olhou para Phillipa. — Aqui viemos trabalhar, não para lavar roupa suja, nem desentendimentos. Se vocês possuem algo para solucionar, façam, mas não aqui.

Sebastian a viu ruborizar de vergonha e sentiu uma ponta de culpa. Só um pouco; até que recordou-se do desencanto e da passividade demonstrada após ter lhe dito que a amava e queria se casar com ela.

Seguiu-a de volta ao seu escritório com pior humor do que havia saído. Quando fechou a porta atrás dele, Phillipa o encarou.

— Será sempre assim?

— Assim como? — Ele perguntou se fazendo de desentendido.

— Como hoje. E se quiser eu posso ser mais específica. Na carruagem, durante a ronda, aqui no escritório. Ou na sala de tratamentos foi, foi... — Levantou as mãos, impotente.

— O que fui?

— Ridículo — sentenciou. — Nós dois somos por nos comportar assim.

Só lhe faltava isso, que ela o taxasse de: ridículo. Contou até dez e apertou os punhos para evitar dizer alguma barbaridade.

— Você pense o que quiser, mas eu não sou. Estou em meu direito de me sentir como me der vontade. E se for despeito o que sinto, não penso ocultá-lo para que você se sinta melhor.

— O que quer dizer com isso?

— Pois vi o que pretende. Quer me fazer ver que a noite passada não existiu e me nego a isso.

— Não faça isso. — Mas ambos sabiam que ele dizia da boca para fora.

Sebastian começava a sentir que poderia gritar a qualquer momento. Deu as costas e se aproximou da janela numa tentativa de apaziguar as emoções que começavam a dominá-lo. Não se comportaria como um néscio novamente.

— Isto não conduz a nenhuma parte, Phillipa.

— Por favor, Sebastian — ela se aproximou dele e parou próxima dele, — não seja tão teimoso. Eu, eu...

Colocou as mãos nas costas de Sebastian e ele ficou muito tenso, mas não fez nada para afastá-la. Quando sentiu que ela apoiava a cabeça também, apertou os dentes para evitar o que seu corpo e mente gritassem com desespero: que se virasse para abraçá-la e beijá-la sem importar nada mais.

Mas importava. Sim importava.

— Você o quê, Phillipa? — a pressionou.

— Eu o quero.

Era um passo enorme e ele sabia, mas para Sebastian soou forçado e já não lhe parecia suficiente.

— O que está tentando me dizer?

— Que ceda — ela disse após um silêncio. — Está parecendo muito conservador e tradicional. O que temos é maravilhoso. Não o estraguemos exigindo mais.

Finalmente ele se virou, embora a afastasse.

— O que você não está disposta a dar, você me dirá. — Suspirou, frustrado. — Phillipa, não faz sentido dar mais voltas. Você tem medo e entendo. Não podemos retroceder nem tão pouco estancar. Só avançar. Contudo, nossas posturas são contraditórias. Então a única coisa que obterá de mim é proteção.

Ela o olhou, desolada, e esteve a ponto de fraquejar. Seria sempre assim? Não poderia resistir.

— Nada mais? — perguntou Phillipa com um fio de voz.

Sebastian respirou fundo e respondeu resolvido:

— Nada mais.

Capítulo 24

Sebastian seguiu ao sonolento serviçal enquanto percorria o corredor suavemente iluminado. Novamente, voltava à casa de Hansberg numa hora inadequada, mas os fins justificam os meios. Postergar para uma hora decente não era uma opção. É claro, não se tratava de uma visita social, nem podia ser comparada à primeira. Se essa constituía um princípio era o de marcar um final que lhe doía levar a término, mas era necessário.

Em vez de deixá-lo sozinho, o criado se aproximou da lareira para acendê-la enquanto esperava. Faltava pouco para amanhecer mas, por desgrça para o marquês, Sebastian necessitava falar com ele imediatamente.

— Obrigado.

O homem inclinou a cabeça depois de lhe entregar um copo de licor e o deixou sozinho.

Ficou de pé em frente à lareira que cobrava vida e que afastava as sombras para os cantos escuros do escritório.

Não queria ficar sozinho por muito tempo. Isso significava momentos de sobra para pensar. Se o fizesse em

excesso, poderia chegar a se arrepender de sua decisão. A mais difícil de sua vida.

A inesperada dança das chamadas lhe indicou que a silenciosa porta era aberta às suas costas. Supôs, sem precisar se virar, que Hansberg estava lá dentro.

— Não tenho mais remédio que perguntar se esta nova sua aflição para se apresentar em minha casa em horas intempestivas irá durar muito. — Estava de roupão e mostrava o cabelo despenteado.

— Temo que não — respondeu em saudação.

Edward Fillon, marquês de Hansberg, olhou-o daquela forma tão sua, que parecia estar vendo dentro da alma do sujeito que estivesse diante dele.

— Bem. Deixe que também me sirva algo forte. Suspeito que necessitarei. — Afastou-se da mesinha onde descansava o licor que lhe haviam servido e o viu se dirigir para um móvel adjacente a escrivaninha. Com a palma da mão tocou o lado direito e o painel de madeira se abriu. Tirou de dentro um copo junto com um recipiente de cristal contendo um líquido quase tão escuro quanto o vinho. Serviu-se. — Como vejo que está servido...

— Com este tenho mais do que suficiente. — Levantou seu copo e o moveu. — Obrigado de toda a maneira.

O marquês se sentou na cadeira e o convidou a fazer o mesmo.

— Por nada, Helen lhe manda saudações.

Sebastian sentiu certos remorsos por tê-lo despertado.

— Devolva os meus e lhe peça desculpas por mim.

— Oh!, tranquilo. Ela é muito compreensiva — assegurou com um meio sorriso que ele não foi capaz de interpretar. — Adiante, estou lhe escutando.

— Deixo o trabalho — soltou de golpe e sem acrescentar nada mais. O silêncio foi ensurdecador durante alguns instantes. Hansberg não pareceu reagir a seu anúncio e se limitava a olhar para ele. — Eu disse que...

— Sim, sim, já o ouvi. Não preciso que me repitam as coisas duas vezes, por mais sonolento que eu esteja. Estou digerindo a notícia, parece muito inesperada e insólita. Esperava uma mudança de direção, não um afastamento completo.

Agora foi Sebastian o surpreendido.

— Não o entendo. Uma mudança de direção?

— Sim, isso mesmo. — Deu conta de sua bebida e prosseguiu. — É o que costuma acontecer quando um homem se estabelece e pensa em formar uma família.

Por um instante, Sebastian ficou sem respiração e os olhos ficaram nublados. Hansberg havia somado dois mais dois e o resultado havia sido o esperado: quatro. Uma lástima que em seu mundo as matemáticas não fossem exatas.

— Refere-se a Phillipa.

— Ora, agora você voltou a me surpreende. Há alguma outra?

— Não, só ela. Mas está equivocado. Não há nada para formalizar.

— Acredito que estou desconcertado, pois numa hora tão cedo você parece falar em código. Faria o imenso favor de

falar sem meias palavras? — Ela pediu. — Por que quer abandonar uma profissão que se dá tão bem se não há um anúncio para fazer com a senhora Baker?

— Abandonar? Quem falou em abandonar? Referia-me ao meu atual trabalho, não a profissão com a qual eu ganho a vida.

— Bem, é um alívio saber. Teria jurado...

Sebastian sabia os motivos que levaram às deduções do marquês. Pensar nelas lhe provocava uma dor lacerante.

— Necessito colocar distância, Hansberg.

— E com isso se referes a algo temporal ou definitivo?

— Definitivo — sentenciou com rapidez. Quem dera pudesse ser de outro modo.

— E suponho que não irá me dizer o motivo.

— Supõe bem. É algo que só concerne a nós dois. A única coisa que deve saber é que me é impossível protegê-la de forma eficaz.

Hansberg suspirou e Sebastian se sentiu mal por colocá-lo nessa situação.

— Deixa-me entre a crua e a espada, Sebastian. Pede algo sem me oferecer um motivo. Deixe-me fazer uma pergunta: se o duque de Dunham perguntar, o que devo dizer? Por que tenha por certo que as razões que não diz só lhe parecerão desculpas. Pode ser que ele até me peça sua cabeça em uma bandeja de prata.

— Pois entregue a ele. Talvez seja mais fácil assim.

— Oh!, estupendo. Agora se faz de mártir. Magnífico, simplesmente magnífico. — Levantou-se e passeou pela sala

consumido em seus pensamentos. Sebastian lhe deixou fazê-lo. — Tem certeza de que não há nada que se possa fazer para conseguir que reconsidere sua postura? — Perguntou após alguns minutos.

— Não, Hansberg. Não é algo que eu tenha decidido alegremente.

— E o que pretende que eu faça com a senhora Baker?

— O que tem feito até agora: protegê-la.

— É muito fácil falar, mas se aceitar essa decisão terei que dar resposta para perguntas incômodas. Minha reputação ficará em xeque. Assegurei ao Duque que você seria a melhor opção para salvaguardar a integridade física da senhora Baker. O que você acha que ele irá me dizer ao explicar isso?

Sebastian também se levantou, frustrado. Já levava em conta todas as possibilidades. Seu coração já estava quebrado. Não podia ficar. O risco seria morrer em vida.

— Sei que ele não gostará, mas é o melhor para todos, inclusive Phillipa.

— Se quer que lhe diga a verdade, Field, tudo isto me resulta muito frio. Não é próprio de você.

E Sebastian sabia. Ninguém era mais consciente disso do que ele. Era algo que esteve pensando todo o dia. Não se tratava de despeito. Nesse dia havia sido uma pequena mostra do que se avizinhava. Seria incapaz de saber que ela estava ali e que não podia tocá-la, nem se deixar acariciar. Que se fizesse ela o interpretaria de forma errônea e retornariam ao início. Também estava seguro de que haveria

brigas, indiretas que minguariam o mútuo respeito que por enquanto ainda mantinham. Não, melhor arrancá-lo pela raiz.

— Não posso fazer nada para evitar.

— E você? Acredita que estará mais tranquilo se não for você quem estará ao lado dela, velando por sua segurança?

Deu um sorriso amargo e dolorido. Só de pensar seu estômago ficava embrulhado. Imaginava-a percorrendo os portos e aquelas ruas miseráveis cheias de pessoas que não a queriam e para quem não importaria que ela desaparecesse. Ou talvez gente — aparentemente, próxima — que não se deteria diante de nada para machucá-la.

— Não, será impossível estar. Mas, não existe outro remédio.

— Sempre existe — replicou Hansberg no mesmo instante.

— Talvez sim, embora eu seja incapaz de vê-lo.

O marquês o observou detidamente com uma ponta de pena, podia vê-lo, mas não se meteu.

— Gostaria de não precisar dar razão a você, mas sei por experiência que o amor e a dor combinados nos cegam. Também sei que nem sempre é melhor o que nós acreditamos que seja.

— Se pretende me convencer...

— Oh!, não, nem me atreveria. Só ponho meus dotes diplomáticos ao serviço daqueles que me pedem. Ou, pagam por ele — acrescentou. — E como não quero alongar isto mais que o devido, suponho que terá pensado em seu substituto.

— Supõe bem. — Estive meditando bastante. Não queria outro Frank protegendo-a.

— E visto que você é o melhor neste trabalho, ou ao menos, o mais experiente, diga-me, em quem pensou.

— Deduzo que Wallart não seja possível — tentou Sebastian.

— É meu segundo melhor homem e o primeiro em seu campo. Impossível. Esta em uma missão.

— Já faz um ano.

— É uma missão longa e complexa. Escolha outro.

Sebastian o supunha, mas precisava experimentar a sorte.

— Terão que ser Eggles e Baton.

Combinados, ambos seriam o que Phillipa necessitava.

— Por que será que não me estranha. Esta pequena reunião está me dando dor de cabeça a passos gigantescos e suspeito que: o dia que se avizinha será muito longo. — Aproximou-se da mesinha onde havia deixado o copo de licor pela metade e bebeu o resto de um gole. — Quando pensa em se demitir?

Ambos se olharam e o marquês passou a mão pela cabeça em sinal de aborrecimento.

— Sim, é claro. Por que pensei, por um momento, que você me facilitaria?

O radiante sol da manhã se levantava por cima dos telhados dos edifícios da cidade. Sem dúvida, não era um panorama suficientemente bonito como para se deleitar nele. Sua cabeça e seu coração se agarravam a outra imagen muito mais comovedora: Phillipa.

Phillipa sorrindo, concentrada em suas tarefas, franzindo o cenho. Phillipa olhando-o com os olhos nublados de desejo. Phillipa brincando, aborrecendo-se ou enfrentando a quem fosse. Phillipa com medo, agarrada as suas convicções, fechando-lhe a porta da sua vida.

Amava-a por cada detalhe, embora alguns fossem a causa de seu afastamento.

Chamaram à porta com discrição.

Eleesperava.

Levantou-se de uma das duas únicas poltronas de seu apartamento com a mesma roupa do dia anterior. Também não havia dormido nada. Teria sido incapaz.

— O senhor Field? — perguntou um jovem anódino. Hansberg gostavam que fossem assim, que não chamassem a atenção.

— O próprio. — Aceitou uma pequena nota e fechou a porta depois de dar-lhe algumas moedas em troca.

Abriu e leu o conteúdo. Ali estava a informação de seu novo trabalho. Não era muito longe. Ele esperara que fosse.

Olhou a pequena bolsa em cima da cama. Continha alguns escassos pertences que levaria consigo. Só precisava pedir um coche de aluguel e pronto; afastaria-se da tentação que Phillipa representava. Não valia a pena se despedir. Fazê-

lo seria mais dolorido e talvez, uma cena que não desejava. Melhor um corte limpo.

É claro, era uma medida desesperada. Por mais longe que estivesse, ela continuaria residindo dentro do seu coração, num lugar que nem ele poderia arrancá-la. Nem queria. Esquecê-la não era uma opção e se negava ater esperança; ele havia deixado muito claro. Talvez o tempo diminuísse a dor e a decepção. Ele pouco mais podia fazer exceto seguir sua rotina.

Voltaram a chamar quando Sebastian se aseava antes de sair pela porta à nova missão. Com as mangas da camisa meia dobradas, esfregou a toalha pelo rosto e a pendurou sobre o ombro.

Sua surpresa foi enorme quando abriu novamente. Do outro lado estava o duque de Dunham.

Hansberg não havia perdido tempo.

— Posso entrar? — Ele perguntou após alguns segundos de silêncio nos quais nenhum dos dois disse nada. Só se mediram com o olhar.

— Adiante, Excelência. — Apesar de sua própria corpulência, a presença do homem diminuía ainda mais seu quarto. — Estava a ponto de partir — anunciou Sebastian. — O Duque deu uma olhada superficial pelas quatro paredes e reparou na bolsa em cima da cama. Não disse nada. — Se quiser sentar...

— Permanecerei de pé, se não lhe parecer ruim.

Não se importava. Se alguém havia de dominar, que fosse ele com seu físico.

— Como preferir. — Apoiou-se na parede fingindo desinteresse. Se o homem queria briga, não seria ele quem negaria.

— Suponho que já imaginou o motivo de minha visita — começou o Duque.

— Faço certa ideia.

— Tiraram-me da cama há pouco mais de duas horas para me dar algumas notícias que não foram do meu agrado. Vim para pedir explicações.

— Imagino que sim, mas não preciso dá-las, Excelência. Isso é entre Phillipa e eu.

— Não gosto que a chame assim com tanta intimidade. É a senhora Baker.

— Ela me deu permissão para fazê-lo, assim que, com sua permissão ou sem ela, continuarei chamando-a de Phillipa.

Se a conversa seguisse esse rumo, Sebastian sabia que não demoraria a chegar às mãos.

O homem entrecerrou os olhos.

— Já vejo. — Fez uma pausa. — Se não me recordo mal, em certa ocasião disse a você que queria o melhor para ela.

— Assim foi. Não esqueci.

— E você continua sendo o melhor.

Sebastian não teve dúvida da intencionalidade das palavras. O melhor para ela era tê-lo a seu lado, embora só desempenhando um trabalho.

— Eu sou. Mas as circunstâncias mudaram.

— Tenha a bondade de me esclarecer, porque até onde eu vejo, minha sobrinha continua exercendo a profissão de enfermeira num ambiente hostil.

— Não a deixarão sozinha. Hansberg colocará dois homens inatacáveis a sua disposição. De outro modo...

— De outro modo, senhor Field — ele o cortou, — você fez o mesmo: deixá-la abandonada a sua sorte enquanto foge.

Sebastian se afastou da parede no mesmo instante. Por mais Duque que ele fosse, não o deixaria insultá-lo.

— Não fujo, Excelência. Faço o que tenho que fazer. E não só por mim, mas também por ela. Dada nossa última conversa, qualquer um pensaria que estaria radiante de felicidade por ver-me longe.

Ele o olhou com acritude.

— Você não sabe nada de nada. Não pretenda me dizer como me sinto ou deixaria de me sentir.

— Pois então não faça suposições infundadas a meu respeito ou das minhas intenções.

Cada um num lado do apartamento, mediram-se como rivais.

— Nesse caso, pouco mais posso dizer — asseverou o duque. — Espero que recorde, sem dúvida, que não me seria difícil encontrá-lo no caso de que haja consequências.

Primeiro, Sebastian franziu o cenho, mas começou a ruborizar enquanto se deu conta a que ele se referia. Que ele estivesse tão certo o irritou. As suposições não se afastavam da verdade e compreendeu o afã daquele homem por tentar

protegê-la. E, embora lhe desse raiva precisar fazê-lo, disse a única coisa que deteria as reclamações daquele homem.

— Não precisaria você me procurar, visto que eu não demoraria a regressar. Porém, talvez fosse Phillipa quem não estivesse tão feliz de me ter de volta. Então, se tanta curiosidade tem, rogo que pergunte-lhe. E agora, se me desculpar, devo terminar de me assear antes que venham me recolher.

Phillipa abandonou o St. George e parou na calçada, indiferente ao buliço familiar da rua, onde pessoas de todo tipo aproveitavam o inesperado dia de sol, após outro de chuva intensa; dois dias que pareciam eco de seu estado de ânimo e a acompanharam tal qual uma morta.

E agora, pela segunda vez em sua vida, ela mentira para poder deixar o trabalho. Dera a desculpa diante dos outros alegando uma forte dor de cabeça que lhe impedia se concentrar e fazer bem seu trabalho. O aspecto abatido que aparentava reforçara o engano, então ninguém duvidara de sua veracidade. Até lhe haviam recomendado repouso.

Por ela, sua jornada de trabalho quase havia terminado antes de começar.

Começou a andar à sua direita até que uma voz que não queria escutar a chamou.

— Senhora Baker, senhora Baker. Deveria tomar uma carruagem. — Ela o ignorou e continuou andando. — Senhora

Baker, por favor, tenha a gentileza de nos esperar ou, ao menos, nos dizer para onde se dirige.

Phillipa olhou o braço que a havia detido e em seguida aos olhos azuis daquele homem. Não eram da mesma cor que ela desejava ver. Nem sua altura, embora sim sua envergadura. Deslocou o olhar ao outro. Uma decepção a mais. Dois homens no lugar de um. Cabelos escuros em vez do dourado, e não eram curtos como deveria ser. Não era ele. Não era Sebastian.

Por um momento pensou que eles não tinham culpa de nada e a sensatez regressou.

— Não sei ainda. A verdade é que não sei.

Ignorou o cruzar de olhares masculinos enquanto media o alcance de suas palavras. Se nem sequer lhe apetecia trabalhar, o que lhe sobraria?

«O que você fez comigo, Sebastian?».

Precisa de algo ao que se agarrar enquanto notava que ia a deriva. Jamais havia se sentido, assim, tão indefesa. Em vez de uma mulher segura de si mesmo e da vida que levava, se identificava mais com uma menina orfã que recém perdeu seus pais.

Planejou regressar para casa e dormir, dormir muito. Talvez quando despertasse teria recobrado o juízo e tudo estaria em seu lugar. Sem dúvida, a solidão de seu lar pareceria uma prisão que a impedia de respirar. Ademais, ali havia imagens do que teve e não conseguiu reter. Sua sala era a pior. Em cada canto via todos os bons momentos

compartilhados com ele, mas também os ruins. Ou ao menos o último e definitivo.

Para onde ir? O que fazer para tirar aquele arrependimento?

A palavra surgiu de repente: a família.

Sim, a família. As pessoas que melhor a conheciam e que tanto a amavam. Eles lhe dariam abrigo se pedisse. Talvez mostrassem estranheza, mas se rogasse a eles discrição, não se mostrariam muito intrometidos.

Com exceção da tia Odethe.

Mas até mesmo aquilo ela suportaria. Aguentaria qualquer coisa para não se sentir assim. Com suas risadas e suas conversas minguarda o volume da insidiosa consciência, que lhe exigia, sem trégua, uma reflexão madura e sincera.

— Detenham uma carruagem, por favor — elas lhes pediu.

Subiram com ela, sabendo que enquanto ela estivesse na carruagem, eles saberiam o seu destino. Sebastian havia criado um precedente que não teve ânimo de batalhar. Atrás ficava o proceder de Frank, um que só a acompanhava até que ela estivesse bem acomodada num veículo disposto a levá-la para casa.

Atenta ao balanceio e fingindo que olhava pela janela, lembrou o momento exato em que ambos fizeram sua aparição na porta de sua casa. Foi difícil e tiveram que explicar-lhe várias vezes: Sebastian havia renunciado a ser seu protetor. Não voltaria. Eles o substituíram.

Sentiu arder seu coração naquele momento. A pontada de dor que calcinava tudo a seu passo. Ela se sentira traída, humilhada, ferida, infeliz; tudo ao mesmo tempo. Nem sequer teve a coragem de falr. Uma carta teria bastado.

«Não, sabia que não era verdade».

Bem, não era. Mas por acaso não dar o que ele queria o obrigava a tratá-la com tanta frieza? Ele lhe havia dito que só obteria proteção, mas havia sido uma mentira. Se tivesse falado com ela teriam encontrado uma solução que não seria esse passo tão drástico para ambos.

«Recorde como foi o dia seguinte».

Não! Negava-se a lembrar. Não era só culpa dela.

Ademais, ela lhe havia dito que o queria. Não lhe bastou?

— Está bem, senhora Baker?

A pergunta fez com que afastasse o olhar da rua, sobressaltada. Por que lhe havia perguntado isso?

Passou a mão pelo rosto e descobriu um rastro de lágrimas que a envergonhou. Nem sequer havia percebido

— Não muito, senhor Eggles.

Não demoraram a chegar. O senhor Warton desceu para ajudá-la a descer.

— Procure descansar, — ele lhe disse antes de voltar a subir e fechar a porta.

Recuperou a compostura antes de tranpassar a porta de entrada dos Gibson. No vestíbulo se encontrou com sua tia Odethe e suas primas, que demoraram apenas alguns segundos para reparar em seu mau aspecto. Tranquilizou-as

como pode e desestimulou a tentativa de cancelarem a saída para cavalgar pelo Hyde Park.

— Encontrará Edith na sala de música com seu professor. Está há meses tentando aprender a tocar piano e duvido que, a estas alturas, ela consiga. Jeremy está fechado em seu escritório desde bem cedo — informou Odethe.

A sós novamente, Phillipa resistiu a incomodar às aulas de Edith, então se decidiu a ir para o solário. Lá esperaria que alguém deixasse de ter algo a fazer e fosse oferecer companhia.

Precisou suportar quase uma hora de angustiosa solidão, até que Jeremy, interrompido pelo mordomo, foi alertado de sua presença.

— Phillipa! — Ele a saudou. Seu aspecto infeliz e choroso o preocupou, mas o inesperado abraço do qual foi objeto o preocupou mais ainda. Phillipa sempre havia sido muito carinhosa, mas foi o modo quase desesperado com o qual havia se agarrado a ele o que terminou inquietando-o. — Como está?

— Bem.

Seu corajoso sorriso não o enganou e se ele se perguntou se não deveria ter ido visitá-la com qualquer pretexto após a partida de Field. Parecia muito mais afetada do que ele esperava.

— Pois acompanhe-me ao escritório. Tenho uma tonelada de trabalho acumulado.

— Não queria incomodar.

— Você nunca incomoda. Hoje não trabalha? — Ele lhe perguntou enquanto lhe cedia a passagem diante da porta.

— Eu não me encontro muito bem.

E com aquela desculpa, Jeremy se preocupou de verdade.

— Tem a ver com Field? — perguntou ele a queima roupa.

E para seu completo assombro, Phillipa desmoronou: um pranto desolador inundou as estantes e cada canto do seu lugar privado. Vendo-a, só restava pensar nas semelhanças de sua própria história de amor, por isso compreendeu no mesmo instante sua dor e se sentiu um estúpido ao ter querido se interpôr.

Abraçou-a e a deixou chorar. Quando se acalmasse, poderia falar com ela.

— Devo estar horrível — afirmou Phillipa tempo depois. — Ou um pouco mais que o habitual.

Jeremy não riu. Ela lhe pareceu adorável.

— Explique-me, Phillipa. Deixe-me ver como posso ajudá-la.

— Não pode — se lamentou.

— Phillipa...

— Sebastian foi embora — disse ela destruída.

— Eu sei.

— Como...?

Seu olhar bastou para que ela compreendesse.

— É claro. Nem sequer me ocorreu. O que ele fez para conseguir?

— Só que não podia continuar, que era o melhor para ambos. Que as verdadeiras razões só diziam respeito a ambos.

Phillipa suspirou e assentiu. Levantou-se do sofá, ficou diante da lareira, e Jeremy a imitou, aproximando-se, deu a ela um lenço de seda com o distintivo ducal bordado nele.

— Me dói sua ausência — confessou, finalmente.

Jeremy se sentiu muito identificado. O passado se repetia. Por sorte, ele teve um final feliz. Precisava conseguir o mesmo para ela.

— O que aconteceu?

— Suponho que ficou aterrorizado se ver amarrado a mim sem obter o que mais desejava.

Uma repentina fúria o invadiu e se ergueu.

— Acaso insinua que ele atuou de forma desonrosa?

— Não, não! Expressei-me mal. O que quero dizer é que devia ser impossível para ele continuar como meu protector quando eu havia rechaçado seu amor e seu pedido de casamento.

Jeremy emudeceu. Isso era mais do que havia se atrevido a esperar. Sua mente começou a dar voltas quando Phillipa lhe contou sua história. Ele, que teria apostado que o canalha fosse Field, agora devia se corrigir. O homem estava sem dúvida, apaixonado, mas Phillipa também, embora ela negasse. Devia abrir-lhe os olhos.

— Phillipa, você está rodeada de amor. Sua tia e eu, Camile e Garrett, Deirdre com Liam ou Leonor com Jonathan. Deveria reconhecer. Pegue-nos como exemplo.

— Mas é diferente.

— Não, não é. Recorda-se de nossas histórias. Já as ouviu centenas de vezes. Cada um de nós cometeu erros. Aprenda com eles.

— Não é tão fácil — protestou.

— Vai dizer isto para mim. Minha cegueira esteve a ponto de me custar o amor de Edith. Aqui a cega é você. Raciocine!

— Mas é que...

— Nada de mas! Limite-se a se lembrar de como se sentia antes de que tudo desmoronasse.

Capítulo 25

E Phillipa se recordou. Recordou de tudo: a complicidade, as risadas, a felicidade, a plenitude.

Deixou que aqueles sentimentos a inundassem novamente, tal como seu tio a aconselhava. Assim começou a se sentir mais inteira, mais ela mesmo; melhor até.

— Apesar da fortaleza que você é, e da clareza das suas ideias, deixou que os medos a dominassem — afirmou Jeremy.

— Mas ser enfermeira é minha vida.

— Não, não é; só é um trabalho, uma parte de você. Talvez antes pensasse assim, mas se pergunte: o que será de sua paixão por ela se não tiver Sebastian para compartilhar o bom e também o momento ruim?

— Se pude exercer a enfermagem até que ele apareceu, posso continuar fazendo — ela protestou ao ver até onde se dirigiam suas palavras.

— Não duvido. A questão é se o fará com a mesma intensidade ou se lhe faltará algo. Por favor, Phillipa, se renda aos fatos: tê-lo protegendo-a e cooperando com você faz alguma diferença? Se for não, diga-o já.

O silêncio inundou o escritório enquanto Phillipa pensava. Queria ser sincera.

— Embora no início fosse pior, depois foi melhorando. Ele me nimou, compreendia o que eu fazia sem me limitar, exceto quando minha segurança estava em jogo.

— Ai está! — ele exclamou satisfeito.

— Mas e depois? Se eu aceitar me casar com ele, o que acontecerá?

Seu tio a observou com tristeza.

— Não sei. Ninguém poderá assegurar; nem sequer eu. — Ele esboçou uma careta, como se estivesse zombando de si mesmo, que enterneceu Phillipa. — E entendo o que quer dizer. As mulheres não são nada fáceis, sobretudo as que saem dos padrões sociais estabelecidos. Sem dúvida, creio que tanto você, quanto eu sabemos que isso não é verdadeiramente importante, mas sim seu medo de que esse amor não esteja à altura do que sempre sonhou. E como em tudo, há um risco que se deve correr. — Tomou sua mão e a estreitou. Phillipa se sentiu reconfortada. — Seja sincera. Ama ele?

— Eu... — Novamente, notou uma conhecida pressão na boca do estômago.

— Experimentemos novamente. O que vê nele e quais sentimentos ele desperta em você?

— Ele me confunde.

Viu-o levantar as sobrancelhas masculinas.

— Isso não precisa ser ruim. O que mais?

— É bonito e bem arrumado. E sei que há outros que são muito mais, mas ele me deixa sem fala cada vez que o tenho à minha frente.

Phillipa se lembrou de cada detalhe, de como se sentia viva tê-lo junto a ela quando trabalhava, e de como se assombrava com a sinceridade dele ao adulá-la.

Estava certa de que ele era verdadeiro e que sabia apreciar virtudes onde a própria Phillipa só via atos comuns. Ele a protegia até mesmo de si mesmo, e somente quando era necessário. Era estranho, mas gostava dessa responsabilidade que a princípio aborrecia-a.

«Tão pouco corta minha liberdade», pensou de repente. Veio assim, sem pressões e sem que ninguém dissesse para ela. Arregalou os olhos.

— Pode acreditar, tio, que, além de tudo, ele me adora tanto no aspecto físico quanto no intelectual? — Ruborizou um pouco quando seu tio pigarreou.

— É claro. Caso contrário seria um néscio.

— É absurda essa necessidade que tenho de estar com ele na maior parte do tempo. Sinto tanto a falta dele quando não está... Como agora. Eu o amo tanto. Disse pasma.

No mesmo instante abriu a boca, assombrada, e viu Jeremy sorrir com cumplicidade.

— Assim é, pequena. Diga bem alto.

— Eu o amo — murmurou. — Eu o amo. — Desta vez, um pouco mais alto. — Eu o amo! — exclamou entre assombrada e extasiada.

— E se ele a pedisse em casamento... — falou o duque de Dunham.

— Eu... Oh! — Levou as mãos à boca. — Eu o rechacei.

— Sim, é verdade, mas agora a resposta não seria a mesma, não é verdade?

— E se ele não me perdoar? — Ela perguntou aterrorizada. Dava-se conta de quanto o havia ferido.

— Você o perdoaria?

É claro, não foi necessário responder. A resposta estava escrita em seu rosto.

— Agora devo fazê-lo voltar. Duvido que o marquês de Hansberg me facilite com docilidade a informação que necessito.

— Ah!, querida, com docilidade ou sem ela, eu averiguaria para você.

Phillipa sorriu feliz.

— Nunca duvidei. Agora só devo idealizar como fazer com que tudo acabe bem.

— Algo lhe ocorrerá. Não desanime.

Nos dias que seguiram, sua vida se converteu num caos infernal no qual Phillipa entrou em pânico mais de uma vez.

A primeira tarefa foi escrever uma nota para Sebastian que o fizesse regressar. Como bem suspeitavam ela e seu tio, o marquês de Hansberg se negou a proporcionar-lhes algum tipo de indicação sobre seu paradeiro — de fato, ele a

considerava pessoa *non grata*. — Graças aos dotes de persuassão do Duque, conseguiram, ao menos, uma pequena indulgência: podia escrever uma carta a ele que Hansberg faria chegar ao destinatário. Nada mais.

Ao final, só lhe ocorreu escrever uma brevíssima nota que esperava que fosse bastante convincente.

A espera posterior e a incerteza eram o mais custoso de assumir. Phillipa não conseguia ser produtiva no trabalho e, na solidão de seu lar, não fazia mais do que gastar a sola dos sapatos e o tapete, passeando daqui para lá e vice-versa. Pela primeira vez em sua vida havia roído as unhas da mão e estava consternada.

E se ele não entendia o pedido? E o que era muito pior: e se decidisse que não valia a pena?

«Não, Sebastian me ama».

Essa era a frase constante que se repetia uma e outra vez para não sucumbir ao desalento e ao desespero. Ele não era tão mesquinho para mantê-la na miséria somente pelo simples prazer de saber que ela estava sofrendo. Mas mesmo assim, a dúvida corroía. Havia magoado-o e era algo que não podia mudar embora quisesse. Somente podia tentar reparar.

Assim a única coisa que poderia fazer era esperar. Um fato que era francamente ruim.

Seu tio a havia ajudado de mil formas distintas. Uma delas havia sido contratar homens cuja missão era específica: detectar a chegada de Sebastian e informá-lo imediatamente. Segundo ele havia lhe informado, colocou dezenas deles esperando nas pousadas das imediações de Londres. Deduzia

que, viesse de onde viesse e viajasse como viajasse Sebastian deveria fazer alguma parada; embora só fosse para mudar de veículo, refrescar-se ou esvaziar a bexiga.

Certeiro como sempre, a várias milhas da cidade, Sebastian saltava do cavalo para trocar por outro descansado.

Um homem qualquer que fumava ao descuido sentado ao sol, o reconheceu pela descrição que haviam feito dele. Sem perder um segundo, pegou seu cavalo e cavalgou para Londres.

Quando Phillipa lhe abriu a porta, só foram necessárias poucas palavras para que seus nervos ficassem um pouco mais tensos; mistura de alívio e ansiedade.

— Chegará a Londres em uma hora — anunciou o homem.

E ela soube que tudo estava ponto de se resolver.

«Preciso de você».

Phillipa só precisou de duas palavras e cinco dias para fazer Sebastian reagir. Sua urgência já dizia tudo. Ela não precisou dizer nada mais.

Escondida atrás da cortina de seu dormitório e com o coração encolhido, ela o viu descer com rapidez de uma carruagem de aluguel para alcançar a porta de sua casa com mais pressa ainda.

Seus joelhos tremiam, mas se obrigou a manter a calma e esperar em vez de correr escadas abaixo para se lançar em

seus braços suplicando perdão. Os serventes estavam com as ordens claras: quando ele se apresentasse, deviam levá-lo a seu dormitório, por mais estranho que parecesse.

O informante estava certo: Sebastian havia demorado apenas uma hora a pisar em Londres. Com esse tempo ela havia se preparado para o encontro.

Arrumou o coque e se olhou no espelho de pé, de perfil. Pelo bem de ambos, esperava que isso funcionasse. Ele vira, não?

O discreto golpe na porta a sobressaltou. Olhou a porta com ansiedade.

— Entre. — Sua voz saiu mais rouca do que pretendia, mas não podia evitar.

— O senhor Field está aqui, senhora Baker — anunciou a servente.

Phillipa só teve olhos para a imponente figura que permanecia atrás da jovem donzela, que saiu tão logo viu que sua presença já não era necessária.

Com um nó na garganta, Phillipa olhou o homem silencioso que seguia imóvel na porta. Absorveu sua imagem e o viu mais magro.

Quis dizer algo que aliviasse a súbita tensão, embora ele tivesse entrado.

— O que acontece, Phillipa? Por que me fez vir? Não pode pretender que eu venha sempre que me peça. Meu trabalho também é importante.

Phillipa assentiu sem saber o que dizer em seguida. Todas as palavras ficaram presas em sua garganta. Havia

planejado mil formas de abordá-lo, e bem no momento da verdade, se via incapacitada para fazê-lo.

— Mas veio de todas as formas — disse, finalmente.

— E pensa em se aproveitar disso?

Ela negou, mal dizendo sua falta de objetividade. Era capaz de deixar perder a oportunidade! Não teria muitas oportunidades mais!

— Qu-queria lhe pedir perdão. Estou muito arrependida da forma como o tratei.

O olhar duro e silencioso que ela lhe lançou a deixou mais nervosa ainda.

— Uma carta de desculpas teria bastado, Phillipa. Não era necessário me fazer vir como se a vida dependesse disso.

— A sobrancelha perguntava se estava equivocado.

— Não se trata somente disso. Sei que o decepcionei naquele dia.

Sebastian afastou o olhar e Phillipa soube que ele se recordava cada palavra dita entre aquelas quatro paredes.

— Isso é água passada.

— Espero que não — as palavras escaparam.

— O que está tentando dizer, Phillipa?

Ela respirou fundo, insuflando-se de coragem, e perguntou o que tanto temia:

— É muito tarde?

— Tarde para quê?

Que ele deixasse a sua estudada pose para prestar completa atenção lhe deu esperanças. Agora captava toda a rigidez que tão bem conhecia.

— Para o perdão — explodiu. Mas soube que não era o que ele desejava ouvir.

— Isso é o que você precisa? — Ele perguntou aludindo à missiva que havia recebido dela.

— Não. Necessito de você. Quero que me deixe consertar o que fiz; meus erros e minha cegueira.

— Phillipa...

— Quero uma nova oportunidade para me redimir diante de seus olhos. Para que saiba o muito que senti a sua falta. Compreendi tantas coisas. Oh! — Se frustrou . — Não sou muito boa nisto. A eloquência não é minha aliada.

Sebastian se aproximou com um olhar intenso que Phillipa sentiu que a acendia.

— Não estou pedindo isso. De você, só espero uma coisa.

— Que o ame? — Ela aventurou.

— Que não tenha medo. — Fez uma careta. — Embora sim, que me ame não estaria nada mal. Acredita que pode conseguir isso?

Phillipa deixou escapar uma solitária lágrima.

— Continua me parecendo assombroso que mantenha essa infinita esperança em mim.

Ele se aproximou mais e recolheu a lágrima com o polegar.

— Infinita não, Phillipa — rebateu com suavidade. — mas por você, me nego a perdê-la, embora pareça o contrário. Fez eu sofrer muito.

— Eu sei. Se lhe consola, eu também. Posso abraçá-lo?

Que fosse ela quem o perguntasse pareceu-lhe gracioso, porque ele sorriu.

— Façamos juntos.

E se lançaram aos braços um do outro enquanto os lábios se buscavam e tratavam de abarcar o rosto do outro numa tentativa de recuperar o tempo perdido, muito precioso. O riso se mesclava com o pranto, igual ao alívio e a expectativa. Enquanto os dois só pensavam em se amar.

Sem dúvida, no meio de todo aquele frenesi, Sebastian reduziu a pressão e a olhou.

— Não se esqueceu de um pequeno detalhe, Phillipa?

Ela levantou o olhar e viu nos olhos dele sentimentos parecidos aos seus. Pela primeira vez, não lhe importou a interrupção. Sorriu. Sebastian não merecia menos.

— Eu o amo, Sebastian. Já quero tudo. Tudo.

Sebastian, satisfeito pela veracidade de suas palavras, retomou com novo entusiasmo o que havia deixado pela metade.

E no resto do dia, as portas daquele dormitório permaneceram fechadas.

Epilogo

Stanbury Manor, Surrey. Dois anos depois.

Olivia o olhava com olhos grandes e brilhantes enquanto a tentava com seu meio sorriso preguiçoso. Não podia se sentir mais apaixonado. De fato, era o ser feminino mais bonito da face do planeta; que o preenchia de felicidade e plenitude.

Levantou o olhar das portas francesas que davam acesso aos suntuosos jardins de Stanbury Manor e viu o seu outro amor. Ela, diferente do bebê que levava nos braços — e do qual parecia não conseguir se soltar, — era de um calibre diferente. Sua esposa não era agraciada com a beleza, mas isso era um pequeníssimo detalhe comparado com todas suas outras virtudes. O enchia de felicidade de mil formas diferentes e o complementava de um modo que parecia impossível até mesmo quando se viu apaixonado. O tempo passado a seu lado ia melhorando ao mesmo ritmo que seu amor por ela.

Phillipa, seu amor, sua outra metade.

— Pensa em monopolizá-la muito tempo mais, Sebastian?

O duque de Dunham se posicionou ao seu lado e o olhou com cara de poucos amigos.

Sebastian precisou fazer um esforço descomunal para não sorrir. Jeremy Gibson também havia caído preso dos encantos da pequena Olivia. Edith não parava de fazer brincadeiras a respeito. Dizia que era uma sorte que já fosse mais velho. Do contrário, Jeremy seria capaz de repetir a paternidade com a finalidade de conseguir uma filha como aquela.

— Tudo o que fosse possível. Foi um milagre que tenha conseguido arrancá-la dos braços daquelas mulheres.

Por mulheres se referia a um nutrido grupo que nesse mesmo instante descansava sob a sombra de um carvalho junto a Phillipa e que conversavam sem parar nem um só segundo, nem para respirar. Não muito longe, a babá se aborrecia sem nada para fazer. Todos brigavam para ter Olivia nos braços e enchê-la de mimos e beijos. Afinal, hoje ela era a protagonista, pois se celebrava seu batizado.

— São piores do que uma praga — grunhiu o Duque, que havia oferecido sua Casa de treinamento a todos os amigos e familiares convidados ao evento. Agora parecia se arrepender.

— Mas as amamos igual.

— A quem amamos? — Perguntou Jonathan, aproximando-se, com Liam a seu lado.

— As nossas esposas — respondeu Sebastian enquanto cantarolava para sua filha.

— Sim — confirmou Liam, — as amamos.

— São únicas.

— Insostituíveis.

— Perfeitas — sentenciou Bostoniano.

Garrett e Hansberg abandonaram os negócios e se aproximaram também.

— Estão aí amontoados para falar delas, suponho — adivinhou o Marquês.

— Qual outro motivo seria? — Jeremy suspirou melodramático. — Elas são a engrenagem de nossa existência.

— Sem elas, nada seria igual. — Garrett contemplou o objeto de seu comentário.

— Feias ou formosas, o fato é que nos tem proporcionado uma vida magnífica. — Jonathan parecia feliz de corroborar.

Todos assentiram, olhando-as.

— Suponho e espero que a minha seja igual — desejou Sebastian.

— Certamente que sim, rapaz. Só precisa saber amá-las — sorriu Hansberg, conhecedor de um segredo que compartilhava com os demais.

— Isso é fácil. — Olhando sua filha, não lhe restava dúvida. — Todo o resto se estabelece por si só.

— É como tem que ser — decretou Jonathan.

Todos permaneceram em silêncio alguns segundos, valorizando suas vidas e pensando no futuro que estava por vir.

— Acham que elas estão falando de nós? — Perguntou Sebastian quando percebeu que todas lançavam olhares para eles.

Os homens deram uma risadinha e alguns lhe deram palmadas nas costas.

— Sempre, rapaz, sempre.

— Estão falando de nós, não é verdade? — Phillipa olhou para Sebastian com sua filha nos braços e, como sempre acontecia, se enterneceu.

— Por acaso duvida? — Deirdre parecia satisfeita. — Querem nos fazer acreditar que passam o dia falando de trabalho, mas nós mulheres sabemos da verdade.

— Os maridos são um assunto muito interessante — concordou Deirdre. — Digno de estudo.

— São exasperantes.

— Teimosos.

— Autoritários.

— Mas adoráveis, meninas, reconheçam. — Leonor, sempre tão razoável, sorriu.

— É claro — aceitou Helen, marquesa de Hansberg. — Que vida mais aborrecida levaríamos sem eles ao nosso lado.

— O aborrecimento está muito valorizado, querida Helen — interveio Edith. — Sem dúvida, não posso negar que, sem eles ao nosso lado, nada seria o mesmo.

Todas assentiram e sorriram para os maridos que se aproximavam com passo resolvido.

— Senhoras espero que não se incomodem por eu roubar minha esposa durante algumas horas.

Sebastian não esperou resposta e puxou Phillipa com a mão livre. Elanão resistiu. Pendurada em seu braço, foram dar um passeio tranquilo. Depois de dois dias de festa, agradecia ter seu marido e filha só para ela.

Suspirou e ele a olhou de relance.

— Cansada?

— Não. Bom, talvez um pouco — ela confessou. — Amo-os, mas bem sabe o quanto aprecio minha rotina.

— Sim. Eu sei.

— Nossa, devo parecer uma desconsiderada. Todo o ano me lamentando do pouco que os vejo e agora me queixo.

— A junta anual foi intensa. — Mas do que uma pergunta era a constatação de um fato.

— Sim. Mas, finalmente, a direção de ambos os hospitais está solucionada. Embora a possibilidade de dirigi-los fosse tentadora, compreenderam quando expliquei que preferia continuar sendo enfermeira no St. George Women's Charity. O que desejo é seguir com contato com as pessoas e as mulheres em particular. Então deixamos a pessoas de confiança encarregadas do St. Catherine's. — Soltou-se quando Olivia se remexeu nos braços paternos e Phillipa a pegou no colo. — Parece mentira que tivemos que aproveitar a junta anual para celebrar o batizado.

— Era o único modo de tê-los com você.

— De fato.

Decidiu que não estava em sua mão pedir mais. Já tinha muito — talvez muito — pelo que agradecer. Sua família e amigos se mantinham intactos. Também seu trabalho como enfermeira, tão importante e necessário. Continuava saindo às ruas, embora com menos frequência. Mesmo assim, quando o fazia, sempre contava com a presença de um protetor. Seu protetor. Seu marido, que agora gozava de outros privilégios. Hansberg o havia promovido. Sebastian estava encarregado dos recém-contratados. Seu trabalho consistia em introduzi-los nesse trabalho em particular. Ele era paciente, flexível e tolerante, pelo que ela lhe correspondia obedecendo em questões de segurança ou quando lhe recordava que se excedia em seus turnos.

Olhou-o nos olhos e ele fez o mesmo. Aquele brilho lhe confirmou, uma vez mais, que não havia se equivocado em suas decisões. Sebastian e Olivia eram sua outra paixão, a outra metade que fechava um círculo perfeito. Possuía tudo ao seu alcance. Não poderia estar mais plena e feliz.

— Você me ama? — Ela lhe perguntou de forma inesperada.

— Por acaso duvida?

Sebastian se deteve e lhe deu um suave beijo na testa para passar depois aos lábios, onde foi de tudo menos doce.

— Não — respondeu Phillipa alguns segundos depois com a voz um pouco rouca, — mas gosto de ouvi-lo dizer de vez em quando. — Sua filha se inquietou, talvez consciente da emoção que a embargava. — Talvez possamos deixá-la

algumas horas com essa família que tanto a ama e desaparecer.

Sebastian sorriu para ela daquele modo tão dele que fazia seu estômago apertar.

— Com você? — Ele lhe disse. — Sempre.

Agradecimentos.

A Carla, por ter compartilhado um pouco do tempo de seus sábados à tarde e muitas coisas mais. Foi fantástica.

A Noemí, quem parece não ter se importado de resolver algumas quantas dúvidas sobre medicina.

E também a vocês, leitoras, porque as feias — como, Phillipa — não seriam nada sem vocês. Agradeço uma vez mais por demonstrar-nos que as feias também se apaixonam.